BIBLIOTECA CENTR
SEÇÃO CIRCULANT

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O CORPO URBANO NAS TRILHAS DA NATUREZA

JOÃO FERNANDO CHRISTOFOLETTI

CAMPINAS - 1999

UNICAMP

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

JOÃO FERNANDO CHRISTOFOLETTI

O CORPO URBANO NAS TRILHAS DA NATUREZA

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Venâncio

CAMPINAS - 1999

000343

VIDADE BC
* CHAMADA :
UNICAMP
C465c
Ex.
TOMBO BC/ 40668
PROC. 278/00
C D X
PREÇO $11,00
DATA 23/03/00
N.º CPD

CM-00139006-4

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF UNICAMP

C465c

Christofoletti, João Fernando
O corpo urbano nas trilhas da natureza/ João Fernando Christofoletti. - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: Silvana Venâncio
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Corpo humano. 2. Lazer. 3. Sociologia urbana. 4. Trilhas. I. Venâncio, Silvana. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENT.
SEÇÃO CIRCULANT.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por JOÃO FERNANDO CHRISTOFOLETTI e aprovada pela Comissão Julgadora em 14 de dezembro de 1999.

Data: 22 / 02 / 2000

Assinatura: Silvana Venâncio

Profa. Dra. Silvana Venâncio

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTR
SEÇÃO CIRCULANT

AGRADECIMENTOS

Dizer obrigado é fácil e bom, o difícil é ser justo não esquecendo das muitas pessoas que trilharam comigo todo o percurso dessa dissertação, ou ao menos parte dele. Há quem andou longos trechos e há aqueles que deram apenas alguns poucos passos ao meu lado, mas que foram simplesmente imprescindíveis para que eu pudesse chegar ao fim deste caminhar aproveitando tudo que se passou em seu transcorrer. Muitos foram os amigos que fiz e reencontrei nesse caminhar que, com pequenas ou grandes contribuições, acabaram por deixar, de alguma forma, suas marcas em mim e nesta obra.

Como toda trilha, esta também se iniciou antes mesmo de se chegar ao local em que é realizada, antes de entrar no programa de pós-graduação da FEF-UNICAMP. Tudo começa com o apoio dado pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – que, juntamente com a CAPES, financiaram este trabalho, dando-me então a oportunidade de realizá-lo da melhor forma possível. Sou muito grato por isso.

Ainda sobre o iniciar, deixo aqui registrado o meu muito obrigado aos professores José Carlos, Davi e Beatriz do Departamento de História da UNIOESTE no Paraná, pelo incentivo e por lerem e relerem o projeto inicial, além da carona dada por essa última para pegar o correio aberto; sem sua habilidade no volante, não poderia ter participado da seleção para o mestrado.

À Profa. Dra. Silvana Venâncio, que aceitou o desafio de orientar este trabalho e que hoje tenho o prazer de chamar de amiga, muitíssimo obrigado por todas as lições que foram bem além deste texto.

Ao Pablo Vitale e ao Ademir Schmidt, por dividirem o espaço da casa, o tempo com tantas conversas ao redor da mesa, por suportarem o mau humor, pelo carinho, pela atenção e até pelos "miojos" emprestados, enfim, por conviver, meu muito obrigado. Valeu.

À toda galera da casa da Roxo Moreira que topou me hospedar nesses últimos meses; apesar da cachorrinha pela sala, vocês foram demais: Mili, Fred, Belém, Fernando, Rodrigo, Priscila, Renato, Mineiro, Tathy – que bando!! – Valeu também.

Aos amigos de estudos, festas e choradeiras: Larissa pelo carinho; Éden, que perguntava sempre se acabei; os inseparáveis Sandoval e Giuliano; Cidão, que é amigo desde há muito tempo; Alessandro, vulgo "Benzinho", que já não suportava me ver escrevendo; Gustavo, que sabe de atletismo e violão para muita conversa e cantoria; Gina,

que nunca sei por onde anda; Maria Victória, que veio da Colômbia e reclamou e me ensinou muito; Sílvia, que é uma das novas amigas que esse tempo de estudos me trouxe; e também Birigui, Fátima, Luli, Marquinhos, Carolzinha, Luciana, Carnevale... Obrigado por tudo. Adoro vocês. E o Vitinho, amigo de tantas trilhas e viagens – as baladas como diz –, que me ajudou, me inspirou e esteve presente de várias maneiras, em muitos momentos deste trabalho, meu muito obrigado e minha eterna amizade.

Aos professores da FEF, com os quais pude conviver nesse período e com os quais pude aprender não só sobre trabalho mas, principalmente, sobre carinho e amizade (vinho e cervejas também): Joãozinho e Jocimar, pelas muitas conversas conselhos e sugestões e, em especial, ao professor Nelson, vulgo Marcellino, pelo apoio em muitos momentos marcantes desses anos. Agradeço muito.

A todos os trilheiros que me concederam o prazer de caminhar junto por lugares maravilhosos e também por me emprestarem suas vozes e seus saberes para que este trabalho também pudesse cumprir seu caminho. Vocês foram fantásticos. Sou muito grato.

Tem também o pessoal da biblioteca: Dulce e Gonzaga; obrigado pela paciência nesses três anos. Ah! E desculpa os livros atrasados. E também, falando de papelada, um obrigado ao Seu Zézinho e todo o seu pessoal do xerox da FEF, a quem dei muito trabalho até bem além de seus horários.

Sobre as pequenas e imprescindíveis ajudas, às vezes de emergência: Wilson e Zé, amigos baianos, e Bixinho, que deram a maior força para imprimir a versão para a qualificação, emprestando tempo, computadores e impressoras; no último minuto, algum de vocês apareceu para me ajudar. Valeu mesmo.

Há ainda aqueles que estiveram presentes todo o tempo no desenrolar deste estudo, que de uma forma ou de outra me acompanharam e já estavam comigo antes e continuarão ainda após a conclusão deste.

À grande amiga Ana Claudia Meira, pelo incentivo, pelas idéias, pelo carinho, pela companhia em tantos caminhos, por acreditar que eu seria capaz... por tanta coisa! Te agradeço, de todo coração.

À outra Claudia, a Claudinha, colega de trabalho, parceira de aventuras, conselheira, amiga. Pela paciência em ler tudo que escrevi e por todas as dicas, as tais simples e absolutamente necessárias, sou muito, muito grato.

BIBLIOTECA CENTR
SEÇÃO CIRCULANTE

Aos meus pais, Elyzeu e Benedita, que não possuem título algum e são verdadeiros mestres na arte de ensinar sobre a terra, o trabalho, o conviver, a esperança, o amor... enfim, sobre a vida. Aos meus irmãos, Bete e Nilson, que apesar da grande distância geográfica estiveram tão próximos como nunca. Minha eterna gratidão!! Amo vocês.

E como toda trilha termina em algum momento e lugar, agradeço à Natalie, amiga, conselheira, confidente, namorada, mulher... Por me acompanhar todo esse tempo, lado a lado, ouvindo, ajudando... Por compreender o mau humor, as ausências, as faltas... Por me fazer acreditar, me dar forças, me inspirar. À minha companheira, meu muito obrigado e meu amor.

RESUMO

O presente estudo faz uma reflexão sobre os habitantes dos grandes centros urbanos de nossa sociedade atual a partir das questões referentes ao corpo e ao lúdico, o que tornou perceptível, em muitas das vezes, o abandono de elementos como a sensibilidade, a solidariedade, o valor do ócio, entre outras coisas, e a incorporação de atitudes estereotipadas, compulsivas, alienadas... pela população; havendo grande valorização de certos aspectos da vida e a desvalorização de outros, os quais também tomam parte no ser e no existir do homem. Ou seja, há a perda da totalidade humana, segundo o referencial teórico pesquisado. Tais aspectos são discutidos a partir de suas relações com as trilhas, as caminhadas realizadas em meio a ambientes naturais minimamente alterados pela ação humana, prática essa já comum de muitas das pessoas que vivem nas grandes cidades. Ao fazer este estudo, apresento tais elementos como sendo fatores importantes para o resgate de valores humanos em nosso meio e coloco as trilhas, também chamadas de caminhadas ecológicas, como uma possibilidade interessante para esse repensar, para esse reencontro do homem consigo mesmo. Isso é feito através da discussão sobre as caminhadas, relacionando-as com o corpo, o lúdico, a socialização, o ecologismo, a partir de depoimentos dos próprios trilheiros, os quais, em seus dizeres, reforçam a importância dessa prática para esse processo.

ABSTRACT

This text presents a reflection on the big urban centres' inhabitants of our current society, considering the aspects regarding body and play (this one understood as a joyful component experienced in human activities), which allowed us to notice, several times, the abandon of elements such like sensibility, sympathy and the value of spare time, among others, and the incorporation of stereotyped, compulsive, abstracted attitudes in the population; existing huge increase in the value of some life aspects and depreciation of others, which also take part in the being and existing of Man. In other words, there is the loss of human totality, according to the theoretical references researched. These aspects are discussed concerning their relations with the tracks – the strolls had in natural environments subtlety modified by human action – a practice already common to many people who live in big cities. In this study I introduce these elements as important factors to the rescue of human values in our environment and place the tracks, also called ecological strolls, as an interesting possibility to this reconsideration, to this meeting of Man with himself. Therefore, all of this is done by discussing the strolls, its relations with body, play, socialization, ecology, considering the trackers' statements of their own, which strengthen this practice's importance to this process.

BIBLIOTECA CENTR
SEÇÃO CIRCULANT

SUMÁRIO

Introdução..... 01.

CAPÍTULO I – SOB O OLHAR: O URBANO..... 06.
1.1 – O corpo na metrópole..... 06.
1.2 – Transformação ou perda dos referenciais?..... 26.
1.3 – O desejo do ausente..... 35.

CAPÍTULO II – SOB O OLHAR: O HUMANO..... 42.
2.1 – Corpo e essência..... 42.
2.2 – Os mitos sobre o corpo ou o corpo que queremos ser..... 52.
2.3 – O corpo possível..... 75.

CAPÍTULO III – SOB O OLHAR: A TRILHA..... 89.
3.1 – Caminhando..... 89.
3.2 – Trilhas e ecoturismo: caminhadas, viagens e natureza..... 106.

CAPÍTULO IV – SOB O OLHAR: O MÉTODO.....118.
4.1 – Na trilha dos trilheiros: os caminhos desta pesquisa.....118.
4.1.1 – A questão..... 128.
4.1.2 – Os trilheiros.....131.
4.1.3 – Sobre a interpretação dos discursos.....133.

CAPÍTULO V – SOB O OLHAR: AS FALAS DOS TRILHEIROS.....135.
5.1 – Quadro nomotético..... 176.

CAPÍTULO VI – DISCUTINDO OS DISCURSOS.....183.
6.1 – O espaço e a trilha.....183.
6.2 – Trilhar: uma aventura.....189.
6.3 – Os saberes no trilhar.....193.
6.4 – O convívio entre as pessoas nos caminhos da natureza.....197.
6.5 – O sentir quando do trilhar.....202.
6.6 – Exercitar-se.....205.

Finalizando.....208.

Referências Bibliográficas.....213.

INTRODUÇÃO.

Trilha: caminhar na natureza. Aparentemente, trata-se apenas de deslocar o ato simples e rotineiro de andar para um meio ambiente específico: a natureza, subentendida como os espaços que preservam a própria autonomia e integridade em relação às muitas formas de intervenção humana já realizadas nos mais variados ecossistemas de todo o planeta. É um caminhar que exige um certo planejamento ou preparação. Afinal, adentra-se em locais diferentes do que se vive cotidianamente, lugares que não se conhece bem, que possuem a característica de presentear quem se arrisca a penetrá-los com as mais inesperadas surpresas, sejam elas agradáveis como suas paisagens, ou não, como é o caso de algum incidente. Além do mais, neles fica-se sem ter à mão, a maioria dos benefícios e confortos existentes na civilização. Em princípio, é uma atividade física semelhante a qualquer outro exercício de caminhada, em que as mesmas estruturas orgânicas são solicitadas e estimuladas.

A trilha, entretanto, acaba por envolver e ser envolvida por muitos outros aspectos, fazendo dela um fenômeno amplo e complexo, que extrapola o apenas percorrer a natureza ambiental em que está o sujeito, torna-se o percorrer da própria natureza humana: a natureza das relações sociais, da sensibilidade, da subjetividade, da motricidade.

Ela acaba por ter significados específicos para o trilheiro que a percebe e a entende em função dos espaços naturais e urbanos, de seu cotidiano, dos companheiros de viagem, de suas sensações, de seus saberes, da própria atividade corporal. Assim, a trilha é uma prática própria de um tempo e de uma sociedade, para a qual possuí um sentido particular; necessita, para seu entendimento, um olhar sobre o contexto em que surge, o contexto de nossa sociedade atual, sua estrutura, seus valores, suas necessidades e perspectivas, bem como do papel do homem em meio a isso tudo, suas funções, seus desejos, seus sonhos e esperanças, seu sentir... sua forma de ser.

Numa rápida análise da situação de nosso mundo, encontramos a informática e a robótica agilizando os processos de produção em muitos setores industriais. A cada dia tudo acontece cada vez mais rapidamente e o que hoje é novo, em pouco tempo estará superado, quando não obsoleto. O domínio e o acesso rápido e fácil às informações tornam-se uma necessidade e, graças à tecnologia, uma realidade. Nesse ciclo acelerado de produção, é

perceptível uma intensificação do consumo de bens e serviços que contribuem para uma valorização do "ter" em detrimento do "ser", do possuir ao invés do experenciar. Uma posse não implica em um vivenciar; algumas vezes, "temos" coisas para alegria mas não nos alegramos, "temos" amor mas não amamos, "temos" um corpo, não somos... Há uma compulsividade em adquirir!!

Também neste momento histórico, a natureza torna-se um dos principais temas em destaque na sociedade. Questões referentes à degradação, poluição e esgotamento dos recursos naturais causados pelo gigantesco volume de resíduos tóxicos lançados nas águas e no ar, uma crescente e predatória exploração dos recursos ambientais entre tantas outras coisas, passam a ter uma maior atenção por parte de autoridades e instituições do mundo todo, como também da população em geral. Isso tem colaborado para gerar manifestações, das mais diferentes formas e níveis, com o intuito da preservação e restauração do meio ambiente. Nesse debate insere-se ainda o surgimento de Ong's, mudanças de posturas e comportamentos coletivos ou individualizados e até mesmo os Partidos Verdes, orientados por propostas de um restabelecimento do equilíbrio entre o ser humano e a natureza.

Diante de todo esse processo, a cotidianidade é profundamente marcada por práticas normativas; em muitos casos, o homem que se faz presente tem seu estilo de vida e seu modo de pensar e agir influenciados pelas várias fontes de discursos, especialmente pelos meios de comunicação de massas. Com isso, muitas pessoas mostram-se céticas e individualistas, demonstrando uma grande decepção para com o mundo, para com o homem, para consigo mesmas. Por outro lado, vários são os sujeitos e as concepções de vida que eles representam e significam no embate do viver nesse mesmo tempo, havendo também a busca pelo prazer e a alegria de novas experiências. A ordem, para esses últimos, é viver o presente, o agora, o instante; uma espécie de busca desenfreada por sensações, de uma forma caleidoscópica, negando-se completamente a atenção com o futuro e o porvir; troca-se tudo por uma embriaguez do já.

Há, ainda, toda uma preocupação em descobrir e aprender sobre si e tudo o mais a sua volta, o que chega a colaborar para vivências mais intensas nas mais diferentes dimensões do ser humano. Muitas dessas experiências, até mesmo como conseqüência da preocupação ambiental há pouco referida, relacionam-se às práticas realizadas em meios naturais. Não é por acaso que atividades como o ecoturismo, rafting, canyoning,

montanhismo, as trilha e outras mais, espalharam-se ganhando muitos adeptos justamente nesse momento. Em meados desta década tornou-se mesmo uma moda para muitas pessoas. Elas desejam experenciar o momento vivido, saboreando-o sem pressa e intensamente, a partir de atividades que exigem, para que isso se torne possível, posturas responsáveis sobre o próprio indivíduo e sobre o meio em que são realizadas.

Um reflexo disso pode ser percebido no aumento de publicações que tem como tema o turismo e suas relações com a natureza. Livros, coleções, revistas, suplementos de jornais com melhor qualidade, começam a tomar as estantes e prateleiras das lojas e a ser encontradas com facilidade em qualquer lugar. Além de convidar para possíveis viagens pelo Brasil e o mundo, essas publicações ainda orientam para a execução de atividades como caminhadas, escaladas, mergulhos etc., propiciando experiências corporais voltadas para realizações e conquistas sobre a natureza e o próprio indivíduo. É a possibilidade de participar de aventuras em nosso tempo de modernidade e conforto, o que é perceptível, inclusive, nas propagandas das empresas especializadas nesse tipo de prestação de serviços e também em seus próprios nomes. Por exemplo: Aventuras no Xingu programadas pela "Conexão Verde Turismo Ecológico", de Belo Horizonte – MG; "Trilhas Brasil/Turismo de Aventura", São Paulo – SP; "Altas Viagens" também de São Paulo – SP; "Aventura Club" São Paulo - SP... A maioria delas está sediada em grandes centros urbanos, o que vem mostrar que se trata de manifestações, principalmente, dos cidadãos urbanos que acabam por se indignarem contra o dia a dia, marcado pelo concreto, pelo estresse, pela poluição, pelo trabalho, pelo cotidiano cinzento de onde residem.

Também a publicação e a exposição pela TV das histórias das experiências de viagens e aventuras de algumas pessoas, famosas ou não, influenciam o surgimento de novos adeptos dessas práticas. É claro que não é de hoje que existem aventureiros: os primeiros navegantes a chegarem à América, bem como os exploradores do mundo novo e os conquistadores dos Pólos Norte e Sul não poderiam ser chamados por outro nome. Isso fascina o homem já há muito tempo. A diferença está no fato de que hoje, cada vez mais pessoas se propõem a realizar viagens aventureiras pelo prazer de explorar um mundo, não desconhecido, mas ainda estranho para cada uma delas, que oferece em suas matas, rios, montanhas... infinitas possibilidades de emoções, sensações, conhecimento...

Algumas das já tão comuns caminhadas e corridas feitas aos finais de tarde nas

praças, clubes, parques e bosques das grandes cidades, de certa forma, passam a ser "transferidas" para ambientes mais rústicos e "selvagens". A realização de percursos de alguns quilômetros pelo meio natural, as trilhas, ou "trekking", como preferem alguns, onde se toma contato com rios, cachoeiras, paisagens, pessoas... são cada vez mais procuradas por essa população, o que, aliás, estimula o surgimento de um grande número de empresas especializadas em oferece-las, em comercializá-las. Estão vinculadas ao turismo, um dos empreendimentos que mais cresce atualmente, e também à "redescoberta" e à "revalorização" do corpo, além, não esquecendo, também da natureza.

Caminhar na natureza é algo que mistura, de diferentes maneiras, pois cada trilha é única, atividade física, interesse ambiental e viagem. Isso permitiria fazer uma análise a partir do lazer, da preocupação com a saúde, do desejo de natureza e sociabilização... Ou ainda, a partir do corpo que, segundo meu entendimento, é a unidade que permite compreender o significado dessa ação e de suas relações com todos esses elementos que estão ligados à vida humana.

Entendo que é pelo corpo, na interação entre homem e meio, na experiência perceptiva, que tomamos consciência do mundo, dos outros, de nós. Mais do que ser "dono" e "possuidor" de um corpo forte, saudável e obediente, pronto a suportar dificuldades e se transportar por qualquer trilha, é preciso **ser um corpo sensível**, pois o que se busca não é simplesmente cumprir um caminho, mas sim saboreá-lo, desfrutá-lo, entendê-lo através do contato com a rocha, a água, plantas, pessoas... através do movimento de pernas, mãos, olhos... do vivenciar intensamente tal experiência.

Será que as praças, bosques e demais áreas verdes das cidades simplesmente já não satisfazem mais a essas pessoas? Ou será que, mais do que apenas realizar uma atividade para a manutenção da saúde ou da forma física, o que se busca é algo diferente, relacionado ao prazer da experiência em um novo ambiente, muitas vezes desconhecido do cosmopolita? O que valeria dizer, uma nova experiência, que pode até estimular outras atitudes quanto às pessoas, a si, ao meio. Talvez, por uma certa insegurança ou medo, a solidariedade seja uma constante entre os membros dos grupos desse tipo de atividade. Talvez – porque não?! – devido a um maior respeito ao mundo e ao homem.

Quero conhecer os valores e significados que a trilha possui para essas pessoas, e isso, a partir do corpo. **Que é este corpo que caminha na natureza?** Será que é cultuado e

cultivado, não como um ídolo de adoração como se faz numa corpolatria, mas como ser humano que é sensível, que pensa, que se movimenta, que cria, que se relaciona? Será que esse caminhar é apenas mais um produto de consumo e não uma experiência autêntica?

Já se fez tanto com o corpo humano. Já foi dissecado de tantas formas, usado de tantas formas, partido em tantos pedaços, transformado em tantas coisas para ser explicado. Quero apenas compreendê-lo nesse trilhar pela natureza, da qual também faz parte, embora muitos até tentem negá-lo e outros nem se lembrem disso. Ou é pura matéria orgânica ou é puro fruto cultural, nem sempre é visto ou aceito em sua complexidade.

Mas para entender esse corpo trilheiro, é preciso olhar também a trilha, um não há sem o outro; existem somente nesse encontro, no realizar, no processo. Por isso, resolvi acompanhar os trilheiros – desde o início de percurso, desde as cidades. A trilha é, ao mesmo tempo, um fenômeno que se insere no desejo de se deixar, até mesmo fugir, do ambiente e todo o contexto urbano, pela busca do corpo pela natureza e tudo que compõe o caminhar por ela. Assim, no primeiro capítulo deste trabalho, abordo as grandes cidades, o ponto de partida dos trilheiros que deixam atrás de si a correria e a agitação dos grandes centros. Na confusão, não apenas das ruas, mas também da dinâmica dos valores em constante transformação das pessoas; no desejo do ausente – seja de relações mais humanitárias ou de natureza – acompanho o corpo metropolitano, corpo humano. Este corpo, sua essência, seus desejos, suas possibilidades..., é comentado no segundo capítulo; para, finalmente, chegar ao meio ambiente natural em que se desenvolvem as trilhas, que são feitas com os gestos simples de caminhar, olhar, mostrar, falar, sorrir... Isso, no terceiro capítulo, em que também apresento todo o processo deste estudo feito a partir do depoimento dos próprios protagonistas desta aventura: os trilheiros.

A exemplo de algumas trilhas, este também é um caminho um pouco longo. Mas se for como elas, será também prazeroso.

CAPÍTULO I – SOB O OLHAR: O URBANO.

1.1 – O corpo na metrópole.

> *"Alice começava a enfadar-se de estar sentada no barranco junto à irmã e não ter nada que fazer [...] quando de súbito um Coelho Branco de olhos róseos passou perto dela. Não havia nada de* ***tão*** *notável nisso; nem Alice achou* ***tão*** *extraordinário ouvir o Coelho murmurar para si mesmo; - Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Vou chegar muito atrasado!"*[1]

É impressionante como as pessoas estão, o tempo todo, indo de um lado para o outro, de um lugar para o outro; cada vez mais rápido, cada vez mais apressadas, cada vez mais com um ar de preocupação. Trazem o rosto sisudo de quem se diz sério, "de quem sabe dos problemas do mundo". Sempre em movimento, parece que não estão satisfeitas ou felizes onde se encontram no momento. Dão a impressão de querer sempre estar em outro lugar. Não necessariamente um novo lugar, diferente, desconhecido ou mais belo, mas apenas outro lugar.

Pensava nisso enquanto esperava por uma amiga em uma das muitas Faculdades de Educação Física existentes em nosso país. Eu era o único que estava quieto, imóvel. Tornei-me, por acaso, um observador da pressa daquelas pessoas que trocavam de posição a cada pouco. Não, apesar de ser uma instituição que estuda e trabalha com as atividades corporais, aquelas pessoas não estavam praticando qualquer esporte, nem era algum tipo de jogo; estavam apenas "cuidando de suas vidas". Mais parecia uma corrida para se alcançar alguma coisa, talvez o futuro, o que está por vir. Pensei comigo: quando é que a vida deixa de ser "o que virá" para ser apenas "o que é"?

Lembrei-me então de uma frase do professor João Batista Freire: *"...chega-se a constatação de que o presente, o real, o que existe, não existe, não é para ser vivido; o passado é aquilo que se deixou de viver e o futuro é o que nunca chegará"*[2]. Ocorreu-me

---

[1] CARROLL, Lewis [Charles Lutwidge Dodgson]. Aventuras de Alice no país das maravilhas. In: _____. *Aventuras de Alice*. 3. ed. São Paulo : Summus, 1980, p. 41.

[2] FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*: teoria e prática de uma educação física. São Paulo : Scipione, 1989, p. 17.

também a história contada por Rubem Alves[3] sobre um pai que planejava a vida de seu filho, ainda criança, de maneira a fazer com que ele estivesse sempre preparado – ou melhor dizendo, preparando-se – para o amanhã: iria à pré-escola para preparar-se para estudar na escola, na escola preparando-se para o trabalho, no trabalho preparando-se para a aposentadoria... nunca se está pronto. Quando é que se vive, quando é que se experimenta o momento para o qual tanto se dedicou? Será que nunca? Não sei. E estando ainda quieto em meu canto achei que começava a entender um pouco mais sobre o que o mesmo João Freire disse da necessidade de se ensinar – e aprender – não apenas "o fazer", mas também o "não fazer."[4]

Vivemos num mundo onde o importante é o fazer, o produzir, o acumular, o guardar para um futuro – afinal "nunca se sabe o dia de amanhã". Falar em "não fazer" soa estranho aos nossos ouvidos, é como um convite à vagabundagem – algo que é desprezível em nossos dias, apesar do desejo muitas vezes explícito pelo fim do expediente, pelo fim de semana, pelas férias e assim por diante.[5] Mesmo sendo proclamado que "o trabalho dignifica o homem", cada vez mais é comum se buscar o descanso, o fazer o que se quer quando se quer ou mesmo fazer absolutamente nada, que é o que João Freire diz com o seu "não fazer". Considero importante explicar o que pensei sobre este "não fazer" enquanto observava a correria, aparentemente triste, daquelas pessoas – uma vez que ele, mesmo diferindo um tanto do significado originalmente atribuído pelo autor acima mencionado, levou-me às reflexões que se seguem.

Não digo, com este "não fazer", que devemos passar a uma imobilidade ou então dormir mais, não é nada disso; mesmo porque, é impossível se fazer nada ao "pé da letra". Ainda que parados, continuamos respirando, o coração continua pulsando, pensamos, vemos, ouvimos... Falo aqui de um fazer "diferente", de práticas que não estejam presas à alienação e ao utilitarismo que muitas vezes estão vinculados aos padrões do trabalho e do

---

[3] ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*: o fim dos vestibulares. São Paulo : Ars Poetica : Speculum, 1995.

[4] FREIRE, *op. cit.*

[5] O convite à vagabundagem, ou ao ócio, embora atualmente possua um certo impacto em nossa sociedade, não é algo recente. Já em meados do século passado – 1848 mais especificamente – Paul Lafargue publicava seu *O direito à preguiça*, em que fazia uma crítica ao trabalho, já então "venerado", e convocava os operários às "virtudes da preguiça", à "vida boa": a boa mesa, a boa casa, festas, danças, música, descanso... o próprio lazer.
LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo : Hucitec : Unesp, 1999.

mercado pelo qual nos pautamos. Penso em possibilidades que priorizem um maior relaxamento, a contemplação, o prazer e mesmo o ócio – este último, entendido enquanto uma opção de lazer que está relacionada à observação, à percepção e à reflexão sobre o mundo que nos cerca e sobre nós mesmos. Afinal, nós, os corpos, não somos apenas músculos, mas também olhos, boca, ouvidos, nariz, pele. Isto não exclui, necessariamente, as atividades agonísticas marcadas pela ação e pelo deslocamento ou o suor dos corpos. Exclui sim, aquelas marcadas pelo atarefamento do dia-a-dia, do ritmo frenético de nossas cidades; aquelas que tratam de um estar sempre ocupado que impossibilita o compreender a si mesmo, as próprias ações, o perceber o próprio mundo.

Estamos tão presos ao conceito de sermos produtivos, que muita gente simplesmente não sabe como agir quando se tem tempo e espaço para tanto, comumente conseguindo apenas reproduzir as atividades e o jeito de ser do cotidiano e do trabalho. Um exemplo muito claro disto ocorre quando se deixa de ser "produtivo". Para muitos ainda, a terceira idade, a aposentadoria, acabam se transformando num tempo de depressão, de um simples esperar pela morte. Daí o aprender a "não fazer" se tornar fundamental.

Esclareço isso para que o papel e a importância do que até aqui tenho chamado de "não fazer", não seja confundido com a valorização de uma postura contemplativa em oposição a uma ação motora, de maneira similar à valoração inscrita nos conceitos de *vita contemplativa* e *vita activa* utilizados na antigüidade grega.[6] Pelo contrário, trata-se de ser ativo no sentido de uma ação consciente em que não se está "sujeito a", mas se é o sujeito realizador, em que se reconheça em seu próprio agir, em suas próprias atitudes. O "não fazer" é desprender-se da correria do cotidiano – em que muitas vezes se é apenas um instrumento agindo sob forças externas ou internas – para ser o agente de sua história pessoal. É algo que se relaciona não apenas com o comportamento em si, mas com a pessoa que está "por trás" dele; relaciona-se com a forma e com a atitude em que se está a "não fazer".

Aquelas pessoas apressadas – como tantas outras e como eu também, em momentos que não aquele –, apesar de toda a movimentação que executavam, pareceram-me "passivas" quanto aos porquês de suas tarefas, aos seus reais desejos, ao uso de seu tempo. Elas lembravam-me o apressado coelho da história de Alice, pois os relógios delas também

[6] ARENDT, Hannah. *A condição humana.* Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1983.

lhes diziam somente o quanto estavam atrasadas, o quanto precisavam correr.

O dia-a-dia das grandes cidades está cheio de exemplos de situações como essa, e não é preciso ser um grande observador para notá-los. Passei a prestar atenção numa das ruas mais adiante, mais especificamente na calçada que alguns chamam de passeio público, mas onde as pessoas já não "passeiam". Vi apenas andantes apressados para seus compromissos, para ir de casa ao trabalho e/ou do trabalho para a casa... Um vai-e-vem constante, repetitivo como o movimento do pêndulo dos relógios – instrumento que tanto domina nossas vidas. Elas raramente se detinham ou se permitiam ver o que se passava a sua volta, pois, provavelmente não deviam ter tempo para futilidades desse tipo em nossa sociedade do trabalho. Não há tempo para olhar outros rostos que passam, para outras pessoas e notar algum conhecido, talvez um amigo que há muito não vê, uma nova paisagem, alguma mudança no cenário, alguém que precise de auxilio – algo simples, como um cego que espera por um "olho" amigo para atravessar uma rua movimentada.

Parece-me, que nossas cidades, os grandes centros urbanos, são os espaços onde se faz presente a pressa, a correria, a agitação. O tempo parece ser sempre limitado nas fábricas e nos escritórios, mas, mesmo nesses espaços, ele dá a impressão de demorar a passar. Mal concluímos uma tarefa e já devemos começar outra e mais outra, e assim por diante. Sempre sob a pressão das datas, dos prazos e horários; estamos sob a tensão do tempo que se esvai e que já não parece suficiente para se fazer tudo que é preciso. Já ouvi muitas vezes frases do tipo: "meu dia precisava ter vinte e cinco horas", ou "o que você faz da meia noite às seis?", aludindo ironicamente que esse é o horário que resta para mais uma atividade a ser cumprida.

Apesar das menções sobre a malandragem e a preguiça de nossa gente, ou de que este é o país do "oba-oba", nossas cidades vivem em prol da produtividade, que é o quanto conseguimos fazer em nosso trabalho num determinado período de tempo. O trabalho é o que de fato importa, o tempo fora dele é ainda marginal. Por isso estamos sob o ritmo frenético ditado pelas máquinas, porque elas possuem uma regularidade, um ciclo que se mantém inalterado e que não é interrompido enquanto a energia que as movimenta não se extingue. A máquina automática é precisa, de maneira distinta de outras ferramentas e instrumentos, cuja força motriz era – ou ainda é – o próprio homem. Ela possibilita uma produção regular e constante, permite quantificar o que é feito e então acelerar ou não todo

o processo: ela é exata. Já o homem é diferente, seu ritmo oscila, não mantém uma sincronia tão precisa por tanto tempo; nos cansamos, erramos, desviamos nossa atenção, ficamos mais agitados ou mais lentos por razões emocionais, físicas... Por isso há as linhas de produção, para que o homem se adeqüe a uma velocidade constante e produza o máximo possível. Não é por um mero acaso que os acidentes durante o trabalho são uma rotina dentro desse modelo: entramos no ritmo, mas não agüentamos por muito tempo, não somos máquinas.

A Revolução Industrial, que teve na máquina a vapor o "primeiro motor", colaborou para fazer do homem uma "ferramenta" para o trabalho, ao torná-lo parte do mecanismo. Mas é o relógio, a máquina que transformou o tempo de uma sucessão de experiências para uma sucessão de horas, o instrumento que tomou o controle da produção em todos os setores: *"hoje, nenhuma máquina é tão onipresente como o relógio"*[7]. Ele não serve apenas para bater o ponto do operário que entra ou sai do serviço, ou ainda para dar o ritmo da produção; ele está nas paredes das lojas, em nossas casas, nas mãos de técnicos esportivos, em nossos bolsos, pulsos, em nós mesmos – nosso "relógio" biológico "funciona" segundo o cronológico. Com a possibilidade de ser medido matematicamente, o tempo ganha uma nova conotação, vincula-se à produção material, ao acúmulo, à riqueza: o "tempo é dinheiro".

Mais do que orientar nossas atividades no decorrer do dia, o relógio passou a dominar nossas ações. Recordo-me aqui do final de uma conferência proferida pelo professor Milton Santos, em que o coordenador da mesa, para encerrar os trabalhos, que já passavam do horário previsto, disse algo assim: "embora tudo seja muito interessante, o tempo não nos permite continuar", ao que Milton Santos retrucou: "o tempo nos permite, quem não nos permite é o relógio".[8] Talvez seja por isso que muitas pessoas, ao saírem de férias, procuram tirar e esconder seus relógios de pulso; talvez para retomarem o controle de seu tempo, para mais uma vez poder agir segundo suas vontades e seus ritmos, para não ficarem sujeitas a uma determinação externa. Assim, comem quando sentem fome, descansam quando estão cansadas, não precisam interromper uma atividade ou algo

---

[7] MUMFORD, Lewis, apud GONÇALVES, Carlos W. Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente.* 5. ed. São Paulo : Contexto, 1996, p. 105.

[8] Esta passagem se refere ao final da Conferência: "A cidade e o espaço para o lazer do cidadão", proferida pelo Prof. Dr. Milton Santos no VIII ENAREL, realizado em Porto Alegre – RS, entre 30/10 a 02/11 de 1996.

prazeroso porque o tempo acabou – ou melhor, porque o relógio indicou isto –, muito menos permanecerem numa outra que seja enfadonha ou desinteressante porque ainda não se cumpriu os prazos estabelecidos. A meu ver, nas cidades – não apenas, mas principalmente nelas – vivemos sob a pressão dos instantes contados, ou seja, não fazemos ou deixamos de fazer por que assim queremos, mas porque chegou a hora.

O tempo está sempre fugindo e as pessoas parecem tentar correr atrás dele, deixando de viver a beleza única que existe em cada momento e que nunca mais se repetirá. É certo que sempre há e sempre haverá novos belos instantes o tempo todo, mas enquanto não se escapar dessa "roda viva" em que muitos – ou todos nós – se encontram, talvez ele continue sempre fugindo.

Esse tempo matemático, ditado pela máquina que o mede, nos faz considerá-lo apenas enquanto passado, presente ou futuro, e assim deixamos de perceber as experiências por nós vividas como algo dotado de significados e sempre presente. Algo vivo não apenas na memória, mas em nós mesmos, como parte de nossa corporalidade, de nossa existência. O tempo, ao meu ver, parece que deixou de ser, para muitos, o senhor amigo tão bonito que Caetano cantou certa vez em uma de suas músicas. Tornou-se um adversário a ser vencido.

Dessa forma, o que existe é um dia atrás do outro, segundo o ritmo regular – ou seria melhor dizer pendular? – do relógio que dita nossa rotina diária, que se expande para uma rotina semanal e daí por diante. É o nosso cotidiano, o qual quase sempre significa a somatória de todas as coisas tidas como negativas de nossa vida: trabalho, escola, correria, tumulto, trânsito... É curioso perceber, que ao se tentar adjetivar o cotidiano, é comum o uso de palavras que representam coisas tristes, tais como: monótono, chato, tedioso, cansativo. [9] É claro que existem as noites, os finais de semana, feriados... para mudar, variar, aventurar-se. Aliás, é comum o desejo desses momentos que se traduzem em maior liberdade e alegria, como está expresso em letras de músicas como esta de Cazuza, por exemplo:

> *"... No escritório sonham*
> *que já é de tarde*
> *todas as manhãs"*[10]

---

[9] KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo:* para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.

[10] CAZUZA, apud MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da animação.* Campinas : Papirus, 1990, p. 29.

BIBLIOTECA CENTRA
SEÇÃO CIRCULANTE

E assim, muitas pessoas passam o dia esperando pela noite, as segundas pelas sextas-feiras, o ano pelas férias, a vida pela aposentadoria. Não é preciso ser muito bom em matemática para constatar que há mais dias comuns – úteis – do que feriados em nossas vidas, apesar de todas as conquistas obtidas para a redução das horas de trabalho em prol de um tempo maior para si mesmo. O que fazer então? Viver esperando? Como fazer do dia-a-dia do trabalho algo mais humano e alegre?

O cotidiano e a rotina nos falam de momentos nos quais tudo já está mais ou menos previsto, em que não há surpresas, em que não há coisas novas e inesperadas por acontecer. É como se não tivéssemos a possibilidade de direcionar nossas ações, de decidir o que iremos fazer ou o que irá nos acontecer; como se fosse inútil traçar planos, porque estaríamos seguindo um roteiro já estabelecido. É como se assumíssemos o papel de uma engrenagem da grande máquina que é a cidade, para darmos movimento ao seu dia; como se não fossemos donos de nós mesmos, nos perdendo, deixando de ser agente de nosso fazer, de nossos desejos, de nossa própria história. O cotidiano talvez possa nos fazer acreditar que tudo já está pré-determinado, que nossos papéis já estão prontos e que não podemos mudá-lo, no máximo, improvisar um pouco.

> " *'A aceitação passiva e incontestada do próprio conceito de mundo previamente determinado do início ao fim já elimina* a priori *qualquer liberdade do homem', limitando-o ao comportamento de um veículo sobre trilhos, que obrigatoriamente seguirá o seu destino. Tal concepção significa a negação absoluta do homem como um ser dotado de responsabilidade."*[11]

Atuando mecanicamente no processo de geração de bens através do trabalho, comumente aprendemos a ser apenas produtíveis e úteis ao sistema; o qual a princípio deveria servir-nos, mas cujos papéis se inverteram. Não trabalhamos mais para nós, para produzir bens para o próprio usufruto mas para a troca, para mantermos esse processo em funcionamento, para fazermos a economia crescer, para produzirmos mais e termos

[11] LORENZ, Konrad. *A demolição do homem*: crítica à falsa religião do progresso. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986, p. 22.

mais, e assim consumirmos mais e produzirmos mais ainda... entrando num círculo vicioso no qual o homem se perde.

Neste ciclo acelerado de produção, percebo uma intensificação do consumo de bens e serviços, o que contribui para uma valorização do "ter" em detrimento do "ser", do possuir ao invés do experenciar.

A economia tem uma posição de destaque em nosso mundo atual, assumindo o papel de meio e fim – processo e objetivo – de todas as nossas atividades e não apenas do trabalho. Todas as esferas de manifestação da existência humana passam por um processo de mercantilização; do nascimento a morte, tudo está sujeito a ser literalmente comercializado.[12] Mas não desconsidero, em momento algum, o fato referente a questões de uma produtividade necessária, não apenas a um mínimo indispensável para o sobreviver, mas também para uma real condição de bem estar das pessoas. Tampouco desprezo a importância que o próprio ato de produzir possui para o homem através de seu trabalho, fato que permeia nossa própria condição humana.

O trabalho, que era próprio apenas dos humildes, tido como servil e por isso mesmo desprezado, passou a assumir uma posição de destaque na sociedade moderna, embora essa valoração não se estenda a todos os trabalhos porque existem muitos serviços e profissões tidos como menores, especialmente os que envolvem a ação corporal. Da mesma maneira que se considera a alma como sendo "melhor" que o corpo, a atividade intelectual também é "melhor" que a manual. Mesmo esportistas e artistas, "trabalhadores corporais" que atualmente vêm tendo um certo status, ainda são marginais em muitos casos. Esta ascensão aliás, se deve, basicamente, às grandes somas em dinheiro que os principais destaques/"ídolos" dessas áreas estão recebendo, ou seja, o que é reconhecido é o retorno financeiro e não a atividade em si. Nobres ainda são a advocacia, a medicina... Parece-me, infelizmente, que a distância entre uma bailarina e a prostituta ou entre um jogador e o preguiçoso ainda é muito pequena ao olhar de muitos. Mas, apesar de tudo que aqui coloco quanto aos aspectos negativos, quero deixar claro que o trabalho não é algo ruim em si: ele é fonte de riqueza, de propriedade e também expressão da própria humanidade, uma vez que é através dele que o homem transforma a natureza, ou seja, torna-se também um criador, diferente de qualquer outro animal.

---

[12] KRIPPENDORF, op. cit.

Também o cristianismo colaborou para a exaltação do trabalho através do sentido de esforço e sofrimento que carrega em si. Tem sua origem na palavra latina "tripaliare", que significa torturar e deriva de "tripaliun", um instrumento de tortura semelhante a um tridente. Com o tempo, a idéia inicial de "sofrer" modificou-se para "esforçar", até chegar ao trabalho. Devido à depreciação do prazer, do corpo e da carne, que possuem uma conotação ligada ao que é pecaminoso, toda atividade em que ocorra a "flagelação"/ "mortificação" do corpo foi tida como valiosa para a purificação dos pecados.

A tecnologia desenvolvida pelo progresso científico, primeiramente dentro do ambiente industrial e depois em outros setores, possibilitou um aumento da produção, mas passou a exigir um maior volume de trabalho, apesar das máquinas executarem parte das tarefas. É curioso perceber que a maquinaria, ao realizar parte das atividades humanas, contribuiu para que um mesmo volume de produtos fosse feito num período de tempo menor que aquele quando era exclusivamente produzido pelo homem e que, ao invés de usar este tempo ganho ou economizado para outras coisas de interesse dos trabalhadores, ele foi utilizado para mais trabalho. Hoje, apesar das conquistas sindicais e trabalhistas quanto a diminuição da jornada de trabalho, trabalha-se mais do que os artesãos e os camponeses do passado. Ao invés da máquina liberar o homem, ela o aprisiona ainda mais para suprir as necessidades de consumo – também construída socialmente – que estão cada vez maiores nos dias atuais. É o sistema engolindo o próprio homem que o criou.[13]

O computador, o telefone celular, o fax, entre outros equipamentos da moderna tecnologia, permitiram que as pessoas pudessem trabalhar mais em casa e com horários mais flexíveis para, dessa forma, aproveitar melhor o tempo de lazer. Mas isso não passa de ilusão, uma vez que a tecnologia coloca o indivíduo ligado ininterruptamente com seus compromissos e tarefas. [14] A cada dia que passa são mais comuns os *workaholic*, pessoas que não conseguem se desvencilhar de seu trabalho em momento algum.

---

[13] Ainda sobre as questões referentes ao trabalho, produtividade e consumo, alguns autores como Robert Kurz (1992) e Guy Aznar (1995) entre outros, defendem a teoria de que, dentro em breve, existirá a necessidade de uma real diminuição da carga temporal de trabalho devido aos problemas do desemprego para que num novo sistema possa haver trabalho para todos; este tempo disponível seria então direcionado para o desenvolvimento pessoal através das práticas de lazer. É a idéia de uma "sociedade para o lazer" que, embora apareça como uma proposta ilusória por parte de uns e bastante consistente em outros, não será aprofundada neste texto.

[14] KURZ, Robert. *O colapso da modernização*: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo : Paz e Terra, 1992.

O problema, obviamente, não está em possuir ou não tais equipamentos, mas em como são usados, quais são as nossas atitudes em face deles, devido às pressões sociais e profissionais existentes. O computador doméstico deixa de ser uma possibilidade de várias formas de lazer para ser uma peça de um trabalho perpétuo devido a nós, seus usuários, e não porque fora feito maldosamente para esse fim. Precisamos assumir nossa culpa nesse processo.

Embora estejamos condicionados por muitos elementos existentes no contexto sociocultural em que vivemos, não somos determinados por eles, não somos dirigidos cegamente em nosso viver. Não podemos nos isentar, somos cúmplices de tudo aquilo que nos esmaga, assim como, somos responsáveis por possíveis soluções para mudanças e transformações que resultem em melhores condições para nossa existência. As relações estabelecidas entre o indivíduo, os grupos sociais e o meio não são de mão única, um influi mutuamente no outro. Tanto é assim, que o homem não se rende e atitudes como tirar o relógio, o desejo por mais tempo, por outros espaços e pelo novo; a busca pelo outro, seja nos bares, nas praças, via internet ou nas trilhas – objeto que instiga toda esta reflexão –, demonstram isto. Por mais "ameaçados" que estejamos – e peço que me perdoem o peso do termo aqui empregado – o ser humano ainda possui "pernas próprias" para direcionar seu caminhar, ainda possui sonhos e desejos, ainda somos mais que apenas isso.

Vivemos em um momento histórico caracterizado por vários pesquisadores – principalmente os que defendem a tese da pós-modernidade[15] – como pós-industrial, é marcado por um crescimento constante do setor terciário, de prestações de serviços, além de uma importância cada vez maior quanto ao domínio e ao acesso rápido e fácil às informações – tão necessárias para a competitividade no mercado – e também pela presença da mídia e dos meios de comunicação de massa, essenciais para a divulgação de produtos – tanto bens quanto serviços – e para chamar e cativar o público em geral, os clientes em

[15] Pós-modernidade é a denominação dada por estudiosos como Lyotard (1986), Harvey (1993), Featherstone (1995), Maffesoli (1996) entre outros, sobre o atual momento cultural de nossa sociedade. Estaria pautada *numa forma de produção que prioriza o setor terciário, o que influenciaria novas formas de relações sociais* que difeririam da modernidade instituída a partir da Revolução Industrial. No entanto, o termo não é consensual dentro da sociologia, sendo tema de muitos debates. Para muitos, vige ainda a estrutura da modernidade apenas com alguns novos elementos, os quais não são suficientes para estabelecer um novo período histórico da sociedade humana. Portanto, este não será aqui discutido em termos de sua validade ou não. Interessa neste estudo, o fato de que possuímos, ou melhor, vivemos, um mundo que tem aspectos particulares, os quais obviamente, são diferentes em certos pontos dos vividos ao início do período industrial.

potencial.[16] O atual momento social foi possível graças aos muitos avanços tecnológicos nos campos da informática, computação, comunicação, engenharias. São avanços que, juntamente com a robótica e a cibernética entre outros, mudam e intensificam, quantitativa e qualitativamente, não apenas as fábricas em seus parques industriais, o campo com a agroindústria ou os setores de prestação de serviços, como é o caso do mercado de entretenimento, mas também toda a relação para com o mundo do trabalho.

É importante perceber que, assim como a Revolução Industrial, a chamada Revolução da Informação alterou não apenas a organização do trabalho e o ritmo das cidades, mas a própria estrutura delas. O espaço habitado é também um condicionante do ser humano, embora não de forma restrita. Inclusive, no que tange à busca pela natureza: pois os trilheiros deste estudo são, em sua maioria, oriundos de nossas grandes cidades. Daí a importância de se compreender também sobre nossos centros urbanos.

É através da experiência sobre os espaços vividos que acabamos por conhecer e construir a nossa própria realidade. Apoiados nos sentidos, mediados por nossos sentimentos e pensamentos, é que colocamos significados às atitudes vinculadas a determinados locais e ao próprio meio. Cada localidade pode ser profundamente marcada por um acontecimento, fazendo dela o lugar mais adequado – até mesmo o único possível – para a realização de determinada atividade.[17]

Diferente de todos os outros animais, o homem dá sentido a tudo que se encontra à sua volta: objetos, comportamentos, lugares... Significar é uma prerrogativa humana. Assim, comumente acabamos por associar liberdade a espaços amplos, relacionamos a sensação de sufocamento a lugares apinhados de gente. Ou ainda, numa questão mais atual, vinculamos muitas vezes, a alegria e a satisfação apenas ao lazer e não mais ao trabalho ou outras obrigações. Lazer este que, devido à compartimentalização das cidades, "não pode" ser realizado onde se trabalha nem mesmo na própria habitação, em certas situações, uma vez que cada manifestação humana termina por ser considerada passível de ser realizada apenas em "seu" lugar e "seu" tempo certos.

É por isso que a racionalização dos espaços ocorrida em várias cidades brasileiras, principalmente a partir das décadas de vinte e trinta, e fundamentada no paradigma da

---

[16] HARVEY, David. *Condição pós-moderna.* São Paulo : Loyola, 1993.
[17] TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo : Difel, 1983.

cientificidade – o que permitiu, além do conhecimento, também a manipulação do objeto estudado – fez com que os primeiros urbanistas e reformadores passassem a agir sobre elas para, a partir de uma reordenação do espaço, interferir na própria sociedade. Houve nisso o desejo de adequar o cidadão, através da adequação da cidade, a um novo processo de produção: o industrial, que viria a suceder, em pouco tempo, a estrutura agrária que fora o setor dominante na economia até então. No intuito da otimização, acabou-se por fragmentar em áreas específicas as atividades humanas, segundo quatro funções básicas: morar, trabalhar, descontrair-se e mover-se. Assim, o trabalho industrial se transferiu para locais reservados, fora do perímetro urbano, enquanto o comércio e as principais atividades financeiras se concentraram no centro das cidades.

As zonas centrais ficam praticamente "mortas" ao final do expediente – nem sempre é bom caminhar ali nestes horários –, uma vez que também a habitação ganhou seu ponto certo e delimitado nos bairros residenciais: os subúrbios das periferias para as classes baixas ou o "fenômeno" dos condomínios fechados para as classes altas. Estes são, certamente, os pontos extremos. É também o caso das áreas de lazer. Elas estão passando por um processo migratório, transferindo-se para bolsões específicos: os shopping centers, por exemplo, que possuem hoje talvez as melhores praças de lazer de muitos municípios, contando com academias, lanchonetes, parques, danceterias, cinemas etc.

> *"Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o quotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc."*[18]

Muitas das cidades tornam-se – quando já não são diretamente construídas para tanto – um instrumento, uma engrenagem, um "setor" "dentro" da indústria que privilegia o trabalho e a produção, esquecendo o próprio homem, a não ser quando isso passa a interferir nesse processo. Os modelos de urbanismo para as cidades brasileiras,

[18] CORRÊA, Roberto L. *O espaço urbano.* São Paulo : Ática, 1989, p. 09.

principalmente aquelas que foram planejadas desde seu início, foram muitas vezes importados de outros países e se pautaram por uma...

> *"...concepção de uma cidade fechada, definida pelo desenho, sem considerar outros fatores que a própria idealização da cidade. A preocupação central era a concretização de uma cidade projetada, utópica, cujo processo de ocupação se orientaria por princípios da racionalidade técnica, sem levar em conta, no entanto, a dinâmica das forças sociais..."*[19]

Desde há muito tempo, várias críticas têm sido feitas às questões referentes a todo esse tipo de organização de nossos espaços citadinos, que condicionam o homem a uma única modalidade de atividade para cada local específico. Isto já demonstra uma nova visão, não apenas sobre o espaço, mas também sobre o próprio homem.

Atualmente, há uma maior atenção sobre a necessidade de mais áreas verdes, de contato com o natural, de mais espaços para o lazer, para a liberdade, para a coexistência. Mas as grandes cidades ainda são frutos de uma racionalidade voltada somente para o pragmatismo do fazer. A cidade, para muitas pessoas, acaba por se tornar o lugar...

> *"...em que predomina a poluição nas suas variadas formas; onde cotidianamente o homem usa máscaras cada vez mais pesadas, que escondem seu rosto para caracterizar personagens sobre os quais não tem controle; palco de representações que buscam o sucesso, mas na esmagadora maioria só conseguem o anonimato."*[20]

Em meio a tudo isso, o homem deixa de ser um habitante para ser um usuário da cidade. Seus sonhos e desejos estão muitas vezes em lugares distantes e ele começa a buscar em outros locais o que não encontra ali. Não é por mero acaso que a vontade de

---

[19] GUIMARÃES, Berenice M. A concepção e o projeto de Belo Horizonte: a utopia de Aarão Reis. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz; PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996, p. 129.

[20] MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. 2. ed. Campinas : Papirus, 1995, p. 12.

viajar se faz tão marcante hoje em dia. Mais do que conhecer novas paisagens, culturas e pessoas, o que se deseja é "fugir". Krippendorf,[21] comenta que o número de excursões dos habitantes de arranha-céus é 30% superior ao das pessoas que moram em casas; e as pessoas que moram em metrópoles viajam mais do que aqueles que vivem nas pequenas cidades. Segundo o autor, quanto piores as condições de moradia, mais se procura evadir.[22]

De maneira semelhante a que muitas pessoas anseiam "pelos tempos" fora do trabalho, o desejo pelo campo e todos os elementos do imaginário que o acompanham – paz, tranqüilidade, sossego, segurança etc. – se fazem cada vez mais presentes. A revista ISTOÉ de 24 de fevereiro de 1999, mostra numa de suas reportagens que muitas pessoas estão deixando, "fugindo" dos grandes centros para o interior, para as pequenas cidades litorâneas ou mesmo para as zonas rurais. Frases como: "um dia eu largo tudo e monto uma pousada ou um quiosque na praia", não são estranhas para muitas pessoas das cidades grandes. O que está por trás desses sonhos não é o desejo de acumular mais bens, e sim uma nova e possivelmente melhor forma de viver, segundo o seu olhar, a partir do estar longe da correria e do estresse dos grandes aglomerados urbanos. [23] Esse desejo não é algo recente, já faz tempo que Elis Regina cantava querer uma casa no campo, do tamanho da paz.

O problema não é, especificamente, a cidade grande em si, mas o aspecto desagradável, até mesmo "feroz" arrisco dizer, que ela apresenta ao olhar de parte de seus habitantes, colaborando para criar um cotidiano indesejável e temido por eles. Alguns vão embora para viver em outros lugares. Outros saem, quando possível, para se "recuperarem" e assim poder voltarem para ela e continuarem vivendo, muitas vezes por gostarem dela e amarem-na por tudo o que ela representa. Mas há também quem retorne à cidade apenas para suportá-la.

O volume de carros nas estradas nos finais de semana ilustra bem tal fenômeno de "fuga": às sextas um grande fluxo saindo de cidades como São Paulo; aos domingos o

---

[21] KRIPPENDORF, op. cit.

[22] Não é minha intenção traçar uma relação direta entre apartamentos e casas em que se apontaria os primeiros como piores que os segundos, pois há uma série de aspectos a serem considerados para tanto, embora algo já tenha sido comentado aqui. Desejo apenas deixar claro que ocorre tal evasão, o que pode sugerir que uma melhor qualidade de vida talvez não esteja necessariamente nos edifícios.

[23] FERRAZ, Janete Leão. Projeto sossego: a boa-vida de quem deixou a confusão das grandes cidades para montar pousadas no campo ou na praia. *ISTOÉ*, São Paulo, n. 1534, p. 54-55, 24 fev. 1999.

tráfego é intenso em sentido contrário, para retornar. Os espaços internos para o divertimento tornaram-se, muitas vezes, inviáveis, quer seja pela segurança, pelo aspecto estético ou por outros motivos; a fuga para outros lugares externos, sempre que possível, tornou-se uma importante opção de lazer, o que acentua ainda mais as zonas estanques que caracterizam a segmentação urbana, marcada pelo morar aqui, trabalhar ali e descansar lá.

Não se pode esquecer que o meio urbano não é uma entidade simplesmente autônoma que rege a vida de seus moradores: ele é fruto da ação do próprio ser humano estabelecendo, assim, uma relação de mútua interferência. No início as cidades representavam um local de segurança para o homem, que não precisaria mais habitar o meio inóspito, isolado e selvagem que eram – são? – os bosques e as florestas.[24] As cidades também contribuíam para a aproximação das pessoas e, dessa forma, melhorava e intensificava a produção e o convívio social. Mais do que transformar, o homem criou seu "próprio habitat", seu mundo, um conjunto formado pelas casas, oficinas, ruas, praças, áreas públicas e privadas onde homem e arquitetura deveriam se harmonizar, objetivando maior proteção e melhores condições para morar, trabalhar, entreter-se. Nas cidades haveria espaços nos quais suas mais variadas ações se mesclariam: moradia e divertimento, trabalho e descanso... formando um *continuum*, não linear, e que se aproximaria da imagem de uma teia tecida pelas várias esferas da manifestação humana e onde o indivíduo estaria inserido. Isto de fato se deu e ainda ocorre em muitos lugares e para muitas pessoas, embora não em sua totalidade.

Assim, se as metrópoles, locais onde as pessoas estão cercadas de seus semelhantes, são um espaço privilegiado para o encontro com o outro nas muitas formas de relações sociais e onde ocorre sua aproximação com vistas ao trabalho e a geração de bens e mercadorias, aquelas acabam, muitas vezes, sendo também o local em que se efetiva o distanciamento de uns para com os outros, consigo mesmos e para com a natureza; como se já não se agüentasse mais o contato com outras pessoas, como se houvesse um

[24] No início da formação das vilas e pequenas cidades no período medieval, a natureza era considerada ameaçadora e muitos aspectos da paisagem natural, como as montanhas por exemplo, eram tidas como *deformações da terra, havendo nisto uma valorização de tudo que tivesse intervenção humana*. Isto se dá, inclusive, pelo pouco que se conhecia do mundo natural, então. Nesse sentido, as cidades – sobre o que melhor se sabia – representavam muito mais o homem do que natureza, a qual passava a ser negada, desconsiderando-se como parte dela. É uma visão culturalista. A contradição, a supremacia da cultura frente a natureza.

esgotamento, uma saturação. Se isto ocorre, é o reflexo de nossa própria atuação sobre os espaços – dentro e fora da cidade – sobre as pessoas, sobre nós mesmos e quem está à nossa volta, ainda que não se saiba, mesmo quando nos deixamos levar pelo fluxo do dia-a-dia.

Todo o progresso do conhecimento científico, bem como de sua aplicação através da tecnologia, colaborou em muito no processo referente à organização urbana e também foi responsável por lançar nossa sociedade nessa trajetória. Mais do que fornecer instrumental na forma de máquinas, ferramentas, possibilitando a produção em massa e em série e também a troca de bens em nível mundial, a ciência – principalmente a positivista – transformou a visão de mundo do homem moderno, emprestou a ele seus valores e princípios. Buscamos o entendimento e agimos através de uma perspectiva reducionista, fragmentada como as linhas de montagem, descartando uma abordagem a partir do todo e privilegiando as partes – o átomo, a célula, a rua. Separamos elementos complementares como sendo totalmente opostos e independentes um do outro, como é o caso da cisão: homem e natureza, trabalho e lazer, corpo e alma. Passou-se a valorizar um aspecto a partir da negação do outro: o trabalho intelectual possui mais status do que o braçal; reclama-se por mais tempo e espaço para o lazer, mas é o trabalho que possui méritos.

O homem, porém, não está conformado com essa situação. Sair dos grandes centros em busca do que lhe falta é um reflexo disso. Hoje, fala-se muito em "qualidade de vida" ou em "qualidade total", mas até que ponto estes conceitos não são apenas mais um dado estatisticamente estabelecido, uma avaliação puramente mensurada acerca do "número" de experiências por que se passou, o "número" de horas livres, do "quanto" de área verde está disponível no município, do "quanto" uma pessoa pode comprar ou consumir ao invés de se prestar atenção também ao valor, ao significado e à intensidade que esses fatos possuem para as pessoas que os vivenciam? Afinal, o que esses números representam? Parece-me que, muitas vezes, o que se faz é quantificar a qualidade reduzindo uma à outra, reforçando ainda mais o caráter que valoriza somente a mensuração – um dos ideais do cientificismo positivista – desqualificando outras formas de ver e refletir sobre nossa realidade. Assim, uma avaliação qualitativa acaba por ser considerada algo falseável e não confiável, até mesmo inútil, pois é permeada por aspectos da subjetividade.

"...lorde Kelvin ousou dizer que realmente não conhecemos algo a não ser que possamos

medi-lo. Entretanto é difícil articular boa parte da experiência humana, e estamos longe de encontrar artefatos que meçam satisfatoriamente a qualidade de um sentimento ou a resposta estética. Aquilo que não conseguimos expressar em uma linguagem científica aceitável, tendemos a negar ou esquecer."[25]

Mas será que tudo que diz respeito ao homem pode ser medido? Talvez sim, mas apenas de forma indireta em muitos dos casos, através de algum dos muitos modelos que a ciência cria para explicar a natureza, o que não necessariamente possa se eqüivaler ao real.

Essa simpatia para com a quantidade apenas reforça o seu caráter fragmentário e acabamos por não perceber que quantidade e qualidade são partes de um único todo, faces de uma mesma realidade da vida. Desconsiderar uma delas é tornar manca a possibilidade de compreendê-la, uma vez que a quantidade é base e condição para a qualidade.[26]

Embora possua grande força, a verdade científica que fundamenta a estruturação do modelo urbano anteriormente mencionado, não é a única que está presente em nosso mundo moderno e industrializado; também o pensamento mágico-religioso é cada vez mais marcante nesse final de século, sendo facilmente perceptível nos movimentos místicos, esotéricos e demais seitas e religiões que continuamente ganham mais força e novos adeptos. Mas, assim como o pensamento mágico-religioso é aceito sem contestação por se tratar de ato de fé, também os dogmas científicos já foram – e ainda são – muitas vezes assumidos como absolutos e irrefutáveis. Isto pode se estender a tal ponto, que a opinião técnica do especialista não é posta em dúvida. É como se o homem não precisasse pensar sobre suas ações, uma vez que existe alguém pago para isso, para informá-lo sobre como agir em todos os setores de sua vida.

"...o pensamento tecnomorfo nos impõe, de maneira quase taxativamente neurotizante, a idéia de que se confundem a mera possibilidade técnica de se realizar determinado processo e o compromisso obrigatório de se efetivamente levá-lo a cabo.

---

[25] TUAN, op. cit., p. 222.
[26] DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. 2. ed. Campinas : Papirus, 1995.

Esta imposição já se tornou um verdadeiro mandamento da religião tecnocrática: – Tudo o que de qualquer modo puderes fazer, farás."[27]

O que se iniciou como um processo de busca do saber sobre o mundo e o homem para compreendê-los, passa a ser a busca do saber para transformar segundo nossos interesses e para dominar segundo nossas vontades. A tecnologia fez do conhecimento algo útil. O que não é assim, não possui razão de ser. É a exaltação da produção que se liga à idéia de progresso, que se traduz em uma noção linear e cumulativa. Acreditamos que o crescimento econômico traz o desenvolvimento social e, com ele, uma melhor qualidade de vida. A tudo isto chamamos progresso. Mas, hoje, já é possível perceber que uma maior quantidade de bens não significa, obrigatoriamente, melhores condições de existência. Esta forma de crescimento traz benefícios, mas pode trazer também prejuízos.

Apesar de toda a crítica que realizo sobre o saber científico, não posso me furtar a reconhecer que muitas áreas do conhecimento já se dedicam a romper ou não se apoiar inteiramente nesse modelo. Também não é minha intenção desconsiderar a importância que todo saber proporcionado pela ciência possui, no que se refere às muitas respostas dadas aos nossos questionamentos e aos muitos benefícios de que hoje nossa sociedade desfruta, mas entendo que se faz necessário um repensar sobre essa forma do conhecimento humano, pois, se num dado momento foi preciso que se renunciasse ao nosso mundo dos sentidos para se firmar e contribuir em tudo o que já favoreceu o homem, atualmente esse modelo talvez não seja mais tão adequado. Não se trata de negá-lo, mas de chamar atenção para possíveis mudanças que, ao meu ver, são necessárias e que já estão em andamento. Mesmo assim, penso que os questionamentos que coloco continuam sendo pertinentes, pois, há ainda o que se caminhar para que tantos outros homens da ciência reavaliem suas atuações, apesar de todo processo que já se desenrola, como bem coloca Levi-Strauss: *"...não estou seguro de que, no tipo de mundo em que vivemos e com o tipo de pensamento científico a que estamos sujeitos, possamos reconquistar tais coisas como se nunca tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância."*[28]

---

[27] LORENZ, op. cit., p. 21.
[28] LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa : Edições 70, 1981, p. 17.

As cidades modernas são gigantescas, com um número elevadíssimo de habitantes, de opções de lazer, de conforto, mas também de problemas como a violência, o trânsito, entre tantos outros. Cegos pela doutrina do crescimento, não percebemos os custos que ela cobra ou, quando percebemos, conseguimos considerá-los irrisórios através das estatísticas. Mas, mesmo assim, torna-se cada vez mais onerosa a eliminação dos crescentes volumes de detritos, eleva-se o número das doenças tidas como típicas do homem moderno como o estresse ou a depressão, cresce o volume de poluição liberada no ar, nas águas e no solo. A humanidade está em constante evolução, está sempre aprendendo, criando, dominando..., mas parece-me, às vezes, que já não sabe bem ao certo por quê ou para quê. Desenvolvemos tecnologia para trabalharmos menos e termos mais tempo livre para nós mesmos, mas já não sabemos o que fazer com ele. O homem moderno parece não definir mais seus próprios objetivos, parece não se perguntar "o que eu quero?", mas "como me vendo?"; o tempo ganho pelas máquinas na produção já não é usado em benefício das pessoas, mas em mais produção. Vivemos sob a idéia do quanto maior melhor, e as grandes cidades são o modelo de melhor lugar para viver, enquanto existe uma verdadeira fuga em massa de seus cidadãos em todos os finais de semana. As cidades são o referencial quanto à possibilidade de maiores e melhores opções de trabalho, mas o que se vê são mendigos e centenas de pessoas em subempregos amontoando-se nos barracos das favelas da periferia e nos cortiços das áreas centrais, também conhecidos como "cabeças-de-porco". Elas são tidas como os locais que possuem "infinitas" opções para o lazer, embora seu custo as limite a poucos, além do medo existente quanto à violência, principalmente à noite.

Sei que toda a descrição acima chega a ser um tanto apocalíptica mas, se nos permitirmos olhar para o mundo sem tentarmos ficar procurando justificativas para os problemas, na tentativa de constatar os fatos que estão à nossa volta, poderemos ver que, de fato, tais questões são pertinentes. Sei ainda que é muito simples criticar o ritmo, a organização do trabalho, a estrutura espacial, social de nossas cidades quando se está sob o conforto e a proteção das conquistas tecnológicas permitidas pelos avanços da ciência. É fácil falar de problemas ecológicos, como o buraco na camada de ozônio causado pela emissão de gases na atmosfera, estando dentro de uma sala climatizada por aparelhos que colaboram para o aumento desse mesmo buraco; ou falar sobre os problemas da fome estando bem alimentado. A ciência solucionou muitos enigmas e problemas, permitiu

satisfazer muitas de nossas necessidades. Os benefícios que temos à nossa disposição pelos avanços científicos são enormes em muitos setores – saúde, habitação, transporte, informação... – sendo impossível negá-los. Por isso, não proponho abandonar o mundo em que vivemos e do qual gostamos, para retornarmos às cavernas, mesmo porque isto apenas traria novos e velhos problemas; a questão não é essa. Nem tenho aqui o desejo de impedir que mais pessoas adquiram melhores condições de vida, possíveis por essa mesma tecnologia. Mas desejo chamar a atenção para o contexto em que vivemos, o qual, sob o culto ao crescimento desenfreado, deixa de ser apenas positivo para ter também aspectos negativos. Torna-se necessário refletir sobre tais problemas, procurar alternativas. Se elas virão ou não de novas tecnologias é difícil saber – há quem defenda tal posicionamento. Mas seja como for, não é sensato apenas cruzar os braços e esperar para ver o que o tempo dirá, temos a responsabilidade de nossas ações, de nosso futuro.

Rubem Alves,[29] diz que somos vítimas de nosso próprio gigantismo. Comparando nossa crescente sociedade com os dinossauros, ele comenta que as lagartixas sobreviveram ao tempo – não apesar de seu tamanho e fragilidade, mas sim por estas razões – enquanto seus primos, maiores, fortes e aparentemente invencíveis, desapareceram. É preciso avaliar até onde nossa sociedade não segue rumo similar. É preciso refletir sobre nossos valores, para podermos compreender como as trilhas – e os trilheiros – se inserem em todo este contexto.

[29] ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. 2. ed. Campinas : Papirus, 1987.

1.2 – Transformação ou perda dos referenciais?

> *"Já há alguns anos me preocupam os rumos seguidos pela opulenta sociedade do bem-estar no Ocidente [...]. É nessa sociedade, em certa medida, doente que emerge o homem moderno [...]. Um indivíduo assim se parece muito com os chamados produtos light de nossos dias: alimento sem calorias e sem gorduras, cerveja sem álcool, açúcar sem glicose, cigarro sem nicotina, Coca-Cola sem cafeína e sem açúcar, manteiga sem gordura – um homem sem substância, sem conteúdo, entregue ao dinheiro, ao poder, ao sucesso e ao gozo ilimitado, sem restrições."*[30]

Até agora falei do cotidiano urbano, seu espaço, seu ritmo, descrevi o que normalmente está presente no dia-a-dia de boa parte das pessoas que vivem nas grandes cidades.

Algumas referências já foram dadas, mas gostaria aqui de complementar o até então exposto, reunir mais elementos para uma melhor compreensão sobre uma atividade que é típica do indivíduo urbano e que será abordada mais adiante: as trilhas e seus praticantes, objeto de minha investigação, uma das atuais práticas corporais que envolve vários dos aspectos aqui tratados. São caminhadas que pessoas oriundas de grandes centros realizam em áreas de preservação natural, praticadas no tempo liberado delas e caracterizando-se por uma grande aproximação com o meio natural e com os demais participantes, o que já sugere, de início, sua ligação às questões do corpo, da socialização e do ecologismo, possuindo ainda, acredito, grande importância quanto ao seu aspecto lúdico.

Sei que essa atividade corre o risco de possuir um caráter alienante apenas, devido a todo consumismo que pode envolvê-la. Mas sei também que ela pode ser extremamente relevante, reveladora para essas pessoas quanto a si mesmas e ao seu mundo. Talvez seja uma resposta à sensação de sufocamento, à correria, ao eterno preparar-se para o amanhã, entre tantas outras coisas que permeiam não apenas a estrutura de grandes cidades, mas que estão marcadamente presentes, no agir e no ser das próprias pessoas, dos habitantes.

---

[30] ROJAS, Enrique. *O homem moderno*: a luta contra o vazio. São Paulo : Mandarim, 1996, p. 11.

Entretanto, frente a tal possibilidade, não entendo as trilhas como o extremo oposto a um constante esperar pelo amanhã, uma espécie de busca por prazeres ou satisfações hedonistas e imediatistas que pouco marcam o viver. Pois, isto também se encontra em nossos dias, a indicar uma das múltiplas facetas possíveis com que a sociedade se mostra. As trilhas, como fenômeno desse meio, podem tanto moldar-se, como também não, por estas características atuais, em que há uma espécie de satisfação em receber doses homeopáticas de contentamento o tempo todo. Atualmente a regra acaba sendo a busca de um prazer imediato, ou melhor dizendo, de sensações imediatas. O ritmo alucinante das danceterias que martelam a cabeça das pessoas a noite inteira, o consumo maior de drogas, o "ficar" nas relações afetivas, os "esportes" chamados de radicais que surgem a todo instante (o bungee-jump – salto de corda elástica – ou o rope-swing – pêndulos em pontes) entre outras coisas, refletem essa busca de prazer numa espécie de "caleidoscópio" de sensações. Este hedonismo era percebido por Erich Fromm[31] já em 1976, que apontava para a necessidade de uma mudança no paradigma moderno, de uma valorização do "ter" para o "ser". Assim como vários outros autores, entre eles Silvino Santin, Enrique Rojas, Rollo May, Konrad Lorenz,[32] que mesmo partindo de diferentes referenciais teóricos, falam de maneira semelhante desse homem moderno, concordando em muitos pontos.

Essa pressa em experenciar tudo, embora sem profundidade, poderia ser entendida pela analogia entre a pessoa que degusta cada prato que lhe é apresentado – sentindo os aromas, os gostos, as variações possíveis com os diversos acompanhamentos, desfrutando da companhia com quem é partilhada a refeição – e aquela outra que tenta ingerir tudo desesperadamente, com todos os temperos disponíveis – tudo acaba ficando com o mesmo gosto, não se sente o sabor do prato porque está oculto sob muito sal ou pimenta. Embora critique o viver por um futuro por vir, também não sou partidário desta embriaguez pelo já; acredito que há uma diferença entre saborear os momentos da vida e o frenesi de uma espécie de estimulação constante em busca de prazer. O saborear exige o aqui e o agora, mas sem pressa.

---

[31] FROMM, Erich. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro : Zahar, 1980.

[32] MAY, Rollo. *O homem a procura de si mesmo.* 13. ed. Petrópolis : Vozes, 1987;
SANTIN, Silvino. *Educação física*: ética, estética, saúde. Porto Alegre : Edições EST, 1995;
LORENZ, op. cit.,
ROJAS, op. cit.

Konrad Lorenz,[33] afirma que, entre os possíveis fatores que colaboram para a atual situação social, está a grande velocidade das transformações tecnológicas e culturais de nossa sociedade, o que tornaria impossível sua assimilação pelo corpo social. Desde o Renascimento, o homem não parou de triunfar sobre todos os limites que se fizeram à sua frente, chegando ao ponto de se questionar sobre o que haverá para além daqueles que acaba de conhecer. Os grandes avanços alcançados pelo ser humano graças ao conhecimento acumulado e passado de geração em geração, a ciência e suas aplicações tecnológicas, chegaram a tal ponto que, de certa forma, tomaram vida própria. A ciência, ao produzir conhecimento e formas de intervenção, não transforma apenas a natureza, mas também toda a sociedade, as formas de agir, da produção, de ser do homem. No entanto, a própria ciência não possui métodos para saber sobre seu papel social. *"O conhecimento científico é um conhecimento que não se conhece"*.[34]

Os grandes centros urbanos – São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Campinas –, onde se passava a cena inicial descrita neste trabalho, parecem exemplificar bem essa atual condição que atravessamos hoje, e que alguns autores chamam de "desumanização" do próprio homem. Com quase tudo tomado pelo concreto, as ruas totalmente ocupadas pelos carros e praticamente proibitivas aos pedestres, os problemas de criminalidade, de violência e a falta de solidariedade acabam por deixar poucos lugares para as pessoas se movimentarem sem que estejam a serviço do trabalho, da produção, da obrigação. Sobram poucos espaços para o homem caminhar sem pressa, ao encontro do outro; para que seja possível contemplar as paisagens e as belezas de onde se vive, embora a arquitetura de muitos lugares seja bela. É fato ainda que as áreas verdes tornam-se restritas ou distantes e a poluição uma constante. Os comportamentos são muitas vezes compulsivos, manifestando-se uma massificação dos gostos e um consumismo, gerados, em grande parte, pela mídia. Há ainda a insensibilidade, a agressividade – que alguns chamam, para se justificar, de "falta de paciência" – para com os outros. É uma espécie de saturação das relações sociais causada, talvez, pelo superpovoamento, pela doutrinação dos meios de comunicação de massa, pela devastação dos espaços vitais, pela morte dos valores

---

[33] LORENZ, Konrad. *Os oito pecados mortais do homem civilizado*. São Paulo : Brasiliense, 1988.
[34] MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1996, p. 20.

humanos. Todos esses sintomas retroagem sobre si mesmos, influenciando de maneira a acentuar ainda mais tal situação.[35]

Rollo May[36] fala ainda da sensação de solidão do homem moderno na busca de aceitação social, modelando-se segundo a expectativa das outras pessoas ao invés de se apresentar como de fato é. Em nossos locais de trabalho, em nossas instituições e cidades, o comum é aceitar quem a nós é semelhante, simplesmente rejeitando-se aqueles que não são tidos como iguais. Esse autor, chega a usar o termo "homem-radar", para nomear o indivíduo que está sempre buscando se adaptar:

> *"...vive como se tivesse um radar preso à cabeça, orientando-o e perpetuamente dizendo o que é que os outros dele esperam. Este tipo aceita dos demais as motivações e orientação; como o homem que se descreve como um jogo de espelhos, é capaz de reagir, mas não de optar; não possui um centro próprio de motivação eficaz."*[37]

E assim, segundo a moda, molda-se não apenas a personalidade, mas com ela o próprio corpo, para ser aceito, pois é nele que se expressa a aceitação – ou a adesão – aos valores e ideais de determinado grupo. Além do uso das palavras para confirmar suas posições, mostra-se isso nos gestos, nas roupas, nos adornos, até mesmo na própria estrutura corporal – sendo magros através de pesadas dietas, por exemplo.

Entendo que muitos dos homens de nossas grandes cidades de hoje, vivem um momento de grande apatia e passividade, absorvendo um grande volume de informações que lhes ditará qual a nova e mais adequada forma de ser e agir segundo a opinião pública; esperando o novo "mito", lançado e anunciado a todo momento pela mídia como o novo modelo a ser seguido. Assim, poderiam trilhar os mesmos passos que deu destaque ao modelo, na expectativa de conseguir fama, dinheiro, prestígio para, eles também, serem vencedores. Qual será o próximo: um esportista, um músico, um empresário? Seja qual for, nenhum deles dura muito.

---

[35] LORENZ, *Os oito pecados...*
[36] MAY, op. cit.
[37] Ibid., p. 18.

Considerar que o quadro acima referido está ligado à perda de referenciais pelos indivíduos, ou seja, dizer que hoje as pessoas não tem referenciais é fazer uma espécie de simplificação do momento atual. O que existe são novos valores e eles, segundo a forma que aqui os estou descrevendo, são: o hedonismo, a permissividade, o relativismo absoluto, o consumismo, o que Rojas[38] chama de "tetralogia niilista". Os autores mencionados[39] e tantos outros mais, reconhecem nas características aqui identificadas, uma mudança – perda?! – de importantes valores humanos pelo próprio homem e levantam a necessidade de se resgatar as dimensões humanas que tratam da solidariedade, da sensibilidade, dos sentimentos, das emoções, da corporalidade, da aproximação com o meio natural, de viver em um cotidiano menos cinza.

É possível ver que em muitos momentos já ocorrem "insatisfações" diante de tal quadro social: os movimentos que voltam a valorizar o corpo, a redescoberta de práticas que envolvam um maior sensualismo, os movimentos ecologistas e preservacionistas que pregam tanto um respeito ao meio ambiente como um "retorno" à natureza, entre outros, dão provas disso. Entretanto, o mundo é composto de uma grande complexidade, não sendo, portanto, apenas a adesão às práticas de vida mais saudáveis e prazerosas – como as trilhas – que irá mudar tudo. Mas, como todos os aspectos estão entrelaçados, acredito que qualquer ponto dessa "rede" sociocultural em que vivemos pode começar um movimento que se refletirá para os demais.

Michel Maffesoli, [40] entre outros, entende que uma sociedade sob um paradigma estético já se faz presente. Essa busca pelo prazer a qualquer preço e sem questionamentos pode ser entendida como uma inversão dos modelos estabelecidos sobre a razão e a posse, para se pautarem, agora, pelo sensível e pela vivência. Ele vê nisso, o surgimento de um novo paradigma a se impor nas condutas das pessoas, principalmente dos grandes centros urbanos, e que por ele é chamado de: "ética da estética". Seria o surgimento, ou melhor, o ressurgimento do *homo aestheticus*.

---

[38] ROJAS, op. cit.
[39] MAY, op. cit.,
SANTIN, op. cit.,
LORENZ, *A demolição do homem,*
_____, *Os oito pecados,*
FROMM, op. cit.
[40] MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências.* Petrópolis : Vozes, 1996.

O autor acima considera que nossas vidas já não estão mais orientadas por atitudes simplesmente racionais, de maneira que passaria a existir um rompimento, tanto com o princípio regido pela produtividade – pautado no cálculo e na racionalização –, como também com a separação que fora criada entre natureza e cultura, a qual passou a existir de forma mais marcante e acentuada a partir do início da era moderna. Maffesoli[41] coloca que o novo estatuto que rege o "estar junto" contemporâneo, as relações sociais, diz respeito a uma nova ligação entre ética e estética, na qual se atribuiria um grande peso aos aspectos emocionais como a estética, que se dilatou, expandiu-se e mesclou-se em todas as esferas de nossas vidas: a política, a comunicação, a vida privada. O que colaboraria – ou até mesmo determinaria – para que tudo passe a assumir um caráter de criação, fazendo da vida uma espécie de "obra de arte". Ele diz também que passamos a ser envolvidos em um profundo sensualismo que estimula o presentismo, o imediatismo... Sendo que, nesses "novos" procedimentos, elementos triviais do dia-a-dia e as pequenas práticas do cotidiano ultrapassariam o simples papel de funcionalidade para se tornarem o terreno onde se estabelece a cultura e a civilização, uma vez que exprimem as emoções de uma coletividade. Esse experimentar em comum suscitaria um valor que pode estar ligado à todas as esferas do viver: aos modos de vida, ao ambiente, à produção entre outras. Assim, a ênfase recairia no processo – a experiência – e não mais no objeto em si – o produto. Os elementos considerados menores do cotidiano, tidos sempre como secundários, passariam a construir a complexidade de nossos dias atuais, numa grande multiplicidade, numa heterogeneidade de elementos, num politeísmo de valores, causados pela volta do olhar social sobre aquilo mesmo que o criou, sua potência intrínseca, que não é homogênea, como o era – ou ainda é – a categoria de progresso. Seria assumido, portanto, o plural, e nele o contraditório, até mesmo os opostos, se interagiriam num mesmo espaço existencial, e onde o estar junto se desfaria da sociabilidade. Ou seja, caminharia de uma relação profunda e marcante entre as pessoas para ser um agregar-se desordenado, versátil e volátil, que favorece, concomitantemente, uma união e uma desvinculação em muitos grupos diferentes de interesse, as chamadas "tribos" urbanas ou grupos culturais.

"...organizam-se tribos mais ou menos

[41] Ibid.

efêmeras que comungam valores minúsculos, e que, em um bale sem fim, entrechocam-se, atraem-se, repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos."[42]

Nessa perspectiva ético-estética que o autor acima apresenta, é o hedonismo que passa a tecer o cotidiano, fazendo do prazer uma forma a ser vivida *"como um modo de apropriar-se do mundo, em oposição às doutrinas ascéticas, para as quais ele só pode ser medido pela produção"*.[43] Isto demonstraria uma nova concepção de vida, de desengajamento político – ou de uma nova forma deste –, de desilusão e/ou saturação para com os ideais utópicos longínquos, um enfraquecimento de uma "moral universal" em que os indivíduos deixam de se caracterizar como seres autônomos, donos e senhores de suas ações, passando a assumir as múltiplas máscaras dos vários sistemas com os quais interagem, segundo sua identificação com eles. É uma nova relação do homem consigo mesmo, com o outro e com o meio. Ela se manifesta no vestir, no comer, na qualidade de vida, havendo mesmo uma espécie de naturismo: um posicionamento contra as separações dicotômicas entre natureza e cultura, bem como o favorecimento da valorização da natureza – a culturalização da natureza ou naturalização da cultura –, que passa de objeto de exploração a parceira obrigatória, um ecologismo.[44] Manifesta-se, ainda, em uma nova cognição, que Maffesoli chama de "razão sensível", a qual permitiria essa aproximação, ao fazer a interlocução entre esses elementos.[45] Tudo isso estaria no desejo crescente de comunicação, de estar junto, cujo suporte está posto numa estrutura emocional, e não em algo estritamente racional, o que permitiria a imersão em um ambiente afetuoso, no qual a análise feita unilateralmente, apoiada unicamente na razão não se faz possível. Este ambiente permite ainda a presença do lúdico – elemento também ausente nos modelos clássicos da modernidade –, enquanto aspecto necessariamente componente de todas as esferas sociais.

Maffesoli considera que nossa sociedade já se encontra num estágio em que a estética é o paradigma que traça as linhas da atual história humana.

---

[42] Ibid. pp. 32-33.
[43] Ibid., p. 17.
[44] FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica*: a árvore, o animal e o homem. São Paulo : Ensaio, 1994.
[45] MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis : Vozes, 1998.

> *"Isso pode parecer um pouco idealista ou espiritualista, irritante até para nós que estamos habituados a medir tudo pelo padrão da eficiência racionalista, mas a efervescência contemporânea, até nos seus aspectos mais chocantes, é uma realidade que é inútil querer negar. Por isso, é melhor compreende-la. A geopolítica não basta para compreender as revoluções islâmicas. A crise econômica não explica por si só a falência de uma certa moral do trabalho. O marketing turístico não basta para justificar as loucuras das multidões estivais. O desenvolvimento das seitas, o sucesso da astrologia e outras manifestações da mesma fonte não poderiam ser reduzidos a esse chavão que é a escalada do irracionalismo. Do mesmo modo, os sincretismos políticos ou ideológicos não saíram do evidente charlatanismo dos profissionais da política ou dos formadores de opinião. Enfim, a fome canina da comunicação não remete simplesmente ao desenvolvimento tecnológico."*[46]

Concordo com o autor acima referido quanto a presença, nas grandes cidades, dos vários fatos que ele menciona – uma "nova" afeição à natureza, a vontade de se estar junto a outros, reunidos por grupos de interesses mínimos que se volatilizam e se dispersam... Mas penso que isso tudo não ocorre apenas por que estamos entrando em uma era em que as pessoas são mais sensíveis do que há tempos atrás. Há, de fato, uma certa expansão de um sensualismo em muitas pessoas, a produtividade sofre muitas críticas, há dúvidas sobre o valor do trabalho como máxima humana e embora muitos dos fenômenos perceptíveis ocorram pela maior importância atribuída a aspectos estéticos, tudo isso está presente em apenas uma parcela da população. Afinal, não somos homogêneos, não somos todos iguais – ainda bem. Mesmo assim, se Maffesoli[47] está certo, essa parcela da população vive numa perspectiva que está no extremo oposto das que vivem – ou viviam? – sob a "doutrina" da produção e consumo. Lembrando a "conhecida" história da "teoria da curvatura da vara", diria que esta se vergou até o outro ponto limite do lado oposto, não atingindo um

[46] MAFFESOLI, *No fundo das aparências*., p. 30.
[47] Ibid.

equilíbrio. Considero que pela forma como esta teoria foi apresentada, o sensível e o inteligível continuam separados: apenas afastou-se completamente de um destes para, tão somente, se agarrar, também apenas, ao outro e nada mais. Se concordasse com esta teoria, teria de considerar que os aspectos sensíveis do homem realmente são separados da razão; que um empresário é apenas um frio calculista sem afeto ou que um artista chega próximo ao irracional. Entendo, contudo, que esses dois aspectos fazem parte, juntos, do ser humano. O que há, são preponderâncias, com maior força de um deles se manifestando em cada um dos muitos momentos do viver.

Às vezes a busca do prazer, de um bombardeamento de sensações, ocorre por um ideal estético, mas também, por tudo que fora apresentado e comentado aqui, há a busca por muitos grupos, mais pelo medo de se ficar só do que pelos interesses e valores que eles carregam; alguns olhares sobre o corpo ocorrem mais por causa de uma vulgarização do erótico e da sexualidade do que simplesmente pela beleza que há nele; fala-se do valor da natureza mais por um modismo do que com conhecimento de causa; a sociedade "operária" que existe dentro de cada um de nós vislumbra o lazer, o tempo fora das obrigações profissionais como uma possibilidade de desenvolvimento humano, mas *"a sociedade que está para ser libertada dos grilhões do trabalho é uma sociedade de trabalhadores, uma sociedade que já não conhece aquelas outras atividades superiores em benefício das quais valeria a pena conquistar essa liberdade."*[48]

Apesar de tudo que fora exposto acima, não deixo de reconhecer o desejo de novas perspectivas, a vontade de mudanças em muitas pessoas – nas quais me incluo – a despeito de que ainda não saibamos ao certo como atingi-las.

> *"Não percamos de vista, porém, que toda a rebelião da atual juventude demonstra, se bem que em parte irrefletida ou irracionalmente, o pressentimento de uma verdade: o espírito humano tornou-se, através dos caminhos percorridos pela tecnocracia, o antagonista da vida em si e, portanto, o antagonista da alma humana."*[49]

[48] ARENDT, op. cit., p. 12.
[49] LORENZ, *A demolição do homem.*, p. 117.

1.3 – O desejo do ausente.

"Com o tempo,
passa-nos a vontade
de sonhar
todo dia
com a noite,
toda semana
com a sexta-feira,
todo ano
com as férias –
com uma vida
que não seja apenas
a metade da vida."[50]

Por natureza, o homem é um ser carente!

Não há nada de novo nessa frase; é sabido que precisamos, carecemos, de alimentos, de ar, abrigo, calor, afeto e, talvez, também de natureza.

Pode parecer um tanto simplório, romântico ou mesmo irrelevante pensar assim, uma vez que nosso mundo, artificialmente construído, sempre deu conta de manter e proteger a vida humana, embora, depois de tudo que fora apresentado até aqui, me fiquem dúvidas. Se somos carentes, somos carentes do que nos falta. Uma das ausências dos grandes centros urbanos são espaços onde realmente possamos nos integrar ao meio natural de maneira a nos sentirmos partes dessa grande complexidade que é o mundo em que vivemos. Os parques públicos não dão conta dessa ausência, seja pelo seu tamanho, pela paisagem ou por se localizarem dentro do perímetro urbano, o que lhes confere outro significado se comparados às áreas de reservas. Mas não é só disto que sinto falta; sinto falta de respeito às diferenças – étnicas, sexuais, etárias, entre outras. Sinto falta de calma, de tempo para o próprio indivíduo, de segurança, solidariedade, de respeito à vida.

Na busca dessas ausências, é perceptível a evasão das grandes cidades em todos os momentos em que as pessoas se liberam das obrigações a que estão sujeitos. Constato o desejo cada vez maior de um tempo livre no qual possam exercer seu direito de escolher o que fazer ou o que não fazer. Além das viagens, há a procura por novos hábitos de vida que restaurem o contato com a terra, tais como: formas alternativas de alimentação ou de

[50] STRÖSSL, P. E. apud. KRIPPENDORF, op. cit., p. 20.

tratamentos e cuidados com o corpo, na esperança de uma melhor saúde e mais qualidade de vida.[51]

Acredito que são esses movimentos que envolvem as viagens, a ecologia, o lazer, as preocupações com o corpo, os quais podem contribuir também para uma mudança nos valores sociais e para um novo ser humano. As ciências humanas, até o momento, quase sempre tiveram em conta que é nos tempos vinculados à produção material que se formam as subjetividades do homem, em que se criam e se fortalecem seus valores. O processo ocorre dessa maneira, porque, tanto as subjetividades como os valores estão ligados ao fato de sanarem as necessidades humanas – alimento, abrigo e outras mais. Ora, precisamos de muito mais do que isto apenas. Se a arte, como a entendo, diz dos sonhos e desejos humanos, vale a pena citar aqui, a letra de mais uma música para ilustrar o que falo:

"A gente não quer só comida,
A gente quer comida diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer. [...]
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade."[52]

A música acima não apenas ilustra, mas é a essência mesmo daquilo que penso. O homem, ou melhor, a gente quer uma vida mais digna, procurada não só através da atividade profissional, mas também no que nos falta em nosso dia-a-dia.

Há quem defenda atualmente, que é no tempo liberado das obrigações que se forja

---

[51] SERRANO, Célia M. de Toledo. Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente. In: SERRANO, C. M. T., BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.) *Viagens à natureza*: turismo, cultura e ambiente. Campinas : Papirus, 1997.

[52] ANTUNES, A., FROMER, M., BRITTO, S. *Comida.* Paulo Miklos. Rio de Janeiro : Acústico MTV/WEA, 1997. 1 disco compacto (68 min) : digital, estéreo. 5511 852.6295/883.0505.

grande parte das mentalidades de nossa sociedade. Uma pesquisa realizada por Joffre Dumazedier[53] aponta que parte dos trabalhadores, 51%, esquece ou tenta se afastar de seus trabalhos a tal ponto que, quando terminam suas jornadas, sequer mantém relações com seus colegas fora do trabalho. Acredita-se na idéia de que é no espaço de tempo disponível para si, que se fazem possíveis formas de relacionamento social que sejam mais espontâneas, maior vivência e contemplação da natureza, a afirmação de individualidades – não confundida aqui com individualismo – entre outras, uma vez que são visíveis nos movimentos há pouco referidos e que vão em busca do belo, dos cuidados com o corpo, de conhecer o novo, de intensificar a sensibilidade...

Em algumas situações, o lazer tem assumido o papel de resistir às atividades conformistas e padronizadas de nossa sociedade, podendo ser entendido como uma busca pelas necessidades autênticas das pessoas, indo, em certos casos, contra os controles restritos de instituições como a escola, a família, o trabalho, entre outras.

A relação entre os tempos de obrigação e o tempo liberado destas, é muito profunda, não apenas no que tange à remuneração e ao poder de compra – uma vez que viagens, saídas para bares e restaurantes, entre outras coisas, são dispendiosos e poucos são aqueles que podem arcar com tais gastos. Além disso, há o fato de que ambos os tempos influenciam na construção de hábitos, necessidades, desejos, sonhos. O trabalho acaba implicando de tal forma no lazer das pessoas, que muitas, simplesmente, reproduzem nele as suas atividades profissionais, embora de maneira informal; e essa informalidade assume o caráter de um simples fazer, sem prestar atenção ou tomar consciência desses seus atos, numa forma tão alienada quanto o é seu trabalho.[54] Tais pessoas participam em seu lazer de forma mecânica, em nada sendo acrescentadas. Mas é claro que, em outros casos, há quem se dedique a ações em que possa exercer sua criatividade, sua criticidade... Sendo que, desta forma, o lazer atua como gerador de valores sociais.

Mas é preciso que fique claro que a relação de influências entre trabalho e lazer ocorre também no sentido contrário: as apreensões ocorridas no lazer podem favorecer um novo olhar das pessoas sobre suas funções, um repensar de seus desejos. Afinal, é o mesmo homem que trabalha e que vive outros momentos. Mas, não se deve ter uma visão

---

[53] DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre.* São Paulo : Studio Nobel : SESC, 1994.
[54] MARCELLINO, *Lazer e humanização.*

mecânica, de que um trabalho alienado leve à uma prática alienada ou conformista, assim como uma profissão que envolva maior criatividade possibilite um lazer mais crítico e criativo. Existe, naturalmente, uma maior tendência para que ocorra dessa forma, mas isso não determina totalmente a forma de agir. É preciso se ter claro, que estamos sujeitos a diversos condicionamentos, somos frutos do meio em que vivemos, mas somos também pessoas dotadas de autonomia para ampliar nossos horizontes e optar, exercer o poder decisório que possuímos enquanto pessoas, enquanto individualidades, enquanto seres humanos. Somos condicionados, mas não determinados.

Surge, portanto, a necessidade de fazer com que trabalho e lazer não sejam ações estanques em mundos diferentes, onde tenta-se fazer com que a pessoa seja uma em cada momento. Dessa possibilidade de interferência mútua, é que talvez decorra esse desejo cada vez maior de mais tempo para si, apesar de todos os problemas relacionados às áreas profissionais, ao desemprego...

Quando muitas pessoas vão realizar passeio em meio à natureza nos, parques e áreas preservadas, não estão fugindo simplesmente da cidade grande, estão a procura de algo: da natureza, do outro, delas próprios. Do oposto ao que já possuem, do que carecem.

Certamente, nem todos os estudiosos dessas áreas pensam dessa maneira. O lazer é tido por muitos, apenas como uma fuga ou uma atividade compensatória em relação ao trabalho, ou seja, o lazer seria apenas uma forma de se restabelecer as forças –sejam elas físicas ou psíquicas – para então retornar às atividades produtivas de maneira a se conseguir um rendimento melhor, uma vez que se está descansado. Dessa forma, "seria obrigatório" que um operário braçal procurasse em seu tempo livre, atividades como a leitura, o cinema... Em contrapartida, profissões que exigissem maior atividade intelectual deveriam levar as pessoas às academias e às atividades manuais.

Existe, de fato, um componente de repouso e de recuperação implícito no lazer, o que não significa limitá-lo apenas a isso. Tão pouco considerar que o lazer se dê somente em função do trabalho, ou seja, para voltar a este. Visto por essa ótica, o lazer seria apenas um instrumento do trabalho e para o trabalho, quando na verdade, a relação que se estabelece é de mão dupla, influenciando-se mutuamente, em que um cria e recria o outro continuamente. Ao assistir a um espetáculo, tocar um instrumento ou cuidar de um jardim, mais do que descansar, as pessoas estão adquirindo ou aprimorando conhecimentos,

habilidades, mesmo que não necessariamente tenham relevância para suas atuações profissionais. Na verdade, seria interessante possibilitar um processo educativo, formal ou informal, em que as pessoas tomassem contato com o maior número possível de todos os gêneros de interesses de nossa cultura – esportiva, artística, intelectual... – para, dessa maneira, ampliar seu leque de possibilidades quanto ao seu tempo livre.

O lazer hoje, é cada vez mais apropriado pelo mercado, tornando-se um produto comercial para nossa sociedade de consumo adquirir, sem maiores envolvimentos Quando assumido dessa maneira, tal fenômeno perde em muito sua possibilidade de intervir na formação ou reforço de valores mais humanos e, em muitos casos, acaba servindo apenas como elemento para prazer e relaxamento. Isso se deve ao fato de que seu valor não está apenas nas atividades – "o que" se faz – mas também em sua forma – em "como" se dá o envolvimento da pessoa com ele. É preciso que o lazer seja vivenciado, experenciado intensamente, o que não impede a existência de orientação profissional quanto à sua prática. O problema é que, ao tornar-se um produto de consumo, pode-se perder a relação direta entre o agente e a ação. Ao se comprar, deixa-se de ser o realizador. O consumidor apenas consome, não é um participante efetivamente. Não falo aqui da influência – ou participação – que o consumidor de fato exerce sobre a oferta e procura no mercado, mas de suas atitudes no que diz respeito às experiências vividas no lazer, as quais podem ir, para além do consumismo e do conformismo, para um nível crítico e criativo.[55]

O profissional do lazer, preocupado apenas em vender, acaba muitas vezes servindo de censor. Ao "cuidar" de seus clientes, pode impedir manifestações ou envolvimentos que enriqueceriam a vivência das pessoas; seja por não estar preparado, por desconsiderá-la de suas preferências ou mesmo por estar fora do programado – é o continuar-se preso ao rigor dos relógios e os pacotes fechados de turismo podem ser um bom exemplo ilustrativo disso. Vivemos sob a pressão do consumir, sob o signo da pasteurização, do descartável – tudo passa rápido demais. Nem sempre se buscam experiências autênticas, profundas e expressivas e, como já comentado, é comum para muitos deles a satisfação com o superficial e com o agradável. Privam-se de grandes prazeres, poupando-se grandes esforços.

O lazer tem seu papel quanto ao descanso, quanto ao divertimento e também quanto

[55] MARCELINO, Nelson C. *Estudos do lazer*: uma introdução. Campinas : Autores Associados, 1996.

ao desenvolvimento sociocultural das pessoas. É importante ainda acrescentar, que isso é possível a partir de uma diminuição dos controles institucionais, o que pode-se dar através de um menor tempo de trabalho – ao menos, oficialmente – ou de tantas outras formas.

Há quem considere que esse tipo de desejo, é algo apenas para os grupos com uma melhor situação econômica, uma vez que outros aspectos da vida humana estão tão a frente disso, que o lazer seria tão somente um luxo e nada mais. Engana-se quem pensa assim. Mais uma vez, aproveito-me da música para me explicar. Racionais MC's dão o recado quanto a vontade e a necessidade de formas diferentes ou mais intensas de viver esse tempo, por parte das parcelas mais carentes da população:

> *"[...]Automaticamente eu imagino:*
> *A molecada lá da área como é que tá?*
> *Provavelmente correndo para lá e para cá,*
> *jogando bola, descalços nas ruas de terra. É!!*
> *Brincam do jeito que dá.*
> *Gritando palavrão, é esse o jeito deles.*
> *Eles não tem vídeo game, as vezes nem televisão [...]*
> *Eles também gostariam de ter bicicleta.*
> *De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta.*
> *Gostariam de ir ao parque e se divertir, e que alguém os ensinassem a dirigir [...]*
> *Aqui não vejo nenhum clube poli esportivo pra a molecada freqüentar, nenhum incentivo.*
> *O investimento no lazer é muito escasso,*
> *o centro comunitário é um fracasso*
> *Mas ai!! Se quiser se destruir, está no lugar certo.*
> *Tem bebida e cocaína sempre por perto.*
> *A cada cem, duzentos metros.*
> *Vamos passear no parque [...]*
> *Eu vou rezar para esse domingo não chover."*[56]

As mudanças relacionadas à estrutura simbólica do tempo, e principalmente à expressão de si mesmo, vêm ocorrendo lentamente na dinâmica da história do trabalho. Acredito que seu desenrolar se dê a partir da carência que o homem contemporâneo sente

[56] Transcrição da música interpretada pelo grupo de Rap Racionais MC's: "Fim de semana no parque", a partir do CD que leva o mesmo nome da banda.

no que tange ao encontro com o outro, com a natureza – uma vez que somos parte dela – e consigo mesmo. Nesse encontro, os movimentos relativos ao lazer, ecologia e corpo, nele estão envolvidos nela. Assim, vou aqui tratar de uma das atuais práticas que acabam por envolver os aspectos referidos: as trilhas, mais especificamente, os seus praticantes. Ao realizar este estudo, pretendo fazê-lo a partir de dois conceitos caros à Educação Física: o lúdico e, principalmente, o corpo, os quais serão abordados a seguir. Passemos à eles.

CAPÍTULO II – SOB O OLHAR: O HUMANO.

2.1 – Corpo e essência.

> *"O corpo não é apenas a sede do sensível; é também a do inteligível. O inteligível se embebeda de sangue, suor e lágrimas tanto quanto o sensível. O ser que pensa é o mesmo que sente. O ser que pensa, sem o ser que sente, já não é o ser. Se um dos dois faltar, é o mesmo que faltar tudo."*[1]

Diante de tudo o que foi dito e pensado até aqui, sobre essa possível humanização de nós mesmos, levanto a questão – já estudada por vários autores,: Silvino Santin, Wagner Wey Moreira e Konrad Lorenz,[2] entre eles – da necessidade de não sermos mais apenas tão racionais, mas também sensíveis. Ou seja, falo de um entendimento sobre o homem que, além de ser racional, também seja sensível, também possua sonhos, desejos, esperanças... sem que cada uma dessas muitas faces se anule mutuamente. Ao contrário, se complementam, se fundem, se materializam em corpo. Corpo este que não é apenas o "corpo-objeto" dos anatomistas e fisiologistas – não quero aqui desconsiderar esse aspecto, afinal, é inegável o fato de que o homem é um ser biológico – mas também é um corpo cultural, político, social e afetivo, pois carrega os hábitos de sua sociedade, as marcas de sua história, vivida no envolver-se com o mundo, onde há outros corpos humanos, outros objetos, outras vidas que acabam por ser incorporadas, encarnadas, passando a fazer parte desse indivíduo. Este corpo, este ser humano, está em constante transformação, um ininterrupto e sempre inacabado construir-se e reconstruir-se, em relação ao tempo e ao espaço no qual está inserido, participando das infinitas possibilidades de interações e vivências a que se está sujeito. Esse novo olhar sobre o corpo humano, que traz a perspectiva da corporeidade, deve ser compreendido, acredito, não apenas conceitualmente,

---

[1] FREIRE, João Batista. *De corpo e alma:* o discurso da motricidade. São Paulo : Summus, 1991, p. 35.

[2] SANTIN, Silvino. *Educação Física*: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST : ESEF-EFRGS, 1994;

MOREIRA, Wagner Wey. Corpo presente num olhar panorâmico. In: _____. (Org.) *Corpo pressente.* Campinas : Papirus, 1995;

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem*: crítica à falsa religião do progresso. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

mas no seu fazer, enquanto um processo que é constante, o qual se *"...parece com uma sinfonia: ela precisa ser executada para ser vivida. Não é uma idéia intelectualizada que nos dá a compreensão da sinfonia. Ela não foi criada para se tornar conceito, mas para ser vivenciada mediante sua execução"*.[3]

O que observamos em nosso cotidiano sobre nós mesmos, sobre nossas relações, sobre nossas vivências, acredito, poderia nos fazer perceber o corpo de que falo aqui. Mas estamos acostumados, fomos ensinados a acreditar, não em nossos sentidos e percepções, mas no que nos é passado como conhecimento verdadeiro, elaborado por especialistas, pelos métodos científicos – os únicos aceitos como verdades – nos quais tudo foi estudado, avaliado, aferido, mensurado...

> *" 'A imagem fisicalista do positivismo empobreceu o mundo humano e, em seu absoluto exclusivismo, deformou a realidade: reduziu o mundo real a uma única dimensão e sob um único aspecto, a dimensão da extensão e das relações quantitativas.' A redução do universo físico a elementos mensuráveis, predominante no pensamento científico, 'fechou progressivamente a compreensão dos homens aos elementos qualitativos e sensíveis do mundo natural'."*[4]

Mas o que vejo é um corpo que está o tempo todo aprendendo, ensinando, transformando-se a si mesmo e a tudo o mais a sua volta: outros corpos e todo meio ambiente; que está apreendendo novos movimentos e aprimorando outros, recombinando-os; descobrindo sobre os sentidos e as emoções, tanto alegres quanto tristes; descobrindo-se capaz de agir sobre o mundo, construindo e desfazendo coisas; crescendo, desenvolvendo-se, degenerando-se; reconhecendo e impondo suas vontades e estando sujeito às vontades dos outros e de sua própria natureza... Assim é que entendo o corpo humano; mas não é assim que aprendemos sobre ele nas escolas, no trabalho etc. Pelo menos, como disse há pouco, não é assim que nos é ensinado.

---

[3] SANTIN, op. cit., p. 87.

[4] GONÇALVES, Maria A. Salim. *Sentir, pensar e agir*: corporeidade e educação. Campinas : Papirus, 1994, p. 20.

Olhando as ruas, a TV, ao nosso redor, é possível reconhecer corpos tímidos, felizes, desgastados, preocupados... É possível também, ao escutá-los, saber que para algumas pessoas o corpo é apenas um organismo, percebido tão somente em sua dimensão anatômica, um instrumento. Um conjunto de células, tecidos, órgãos e sistemas organizados logicamente, de maneira a permitir a existência de vida, ou melhor dizendo, de vida inteligente. Inteligência esta que seria a razão, considerada o maior e mais precioso dom do espírito, o qual, além desta faculdade superior, possuiria também um corpo para poder se transportar e executar tarefas segundo seus desejos e necessidades. Infelizmente, nem todos possuem bons corpos, alguns não são fortes e hábeis o suficiente para cumprir o que fora solicitado; outros, são frágeis e adoecem facilmente, o que também atrapalha tudo; outros ainda, são rebeldes e querem realizar seus próprios desejos ao invés dos da alma... É, as vezes os corpos são um problema!!

É assim que aprendemos a olhar o ser humano, em corpo e alma. Corpo que é biológico, concreto, que possui necessidades, que é pecador, mortal. Alma que é etérea, invisível, divina, imortal.

Pensamento e inteligência seriam coisas da mente, não do corpo, e se ela está ligada a algo material, seria apenas ao cérebro, pois o resto não passaria de uma espécie de suporte. Mas, hoje, já se começa a reconhecer que a mente está, ou melhor, a mente é presente em todo o organismo. Ela não é apenas o resultado de um processo neuro-cerebral, mas do conjunto de todas as ações de todo um corpo inteiro.[5] Não somos apenas cérebro, mãos, pés ou mente, somos tudo isso ao mesmo tempo, inseparavelmente. Cada um desses elementos, é como uma linha que se entrelaça a outras numa malha única: o ser humano. Se um fio se rompe, é esticado, retirado ou posto fora de seu lugar, perde-se a beleza do todo, unicamente possível pelo conjunto que forma. Não basta amontoar, alinhar ou somar essas linhas, a malha só surge pelos incontáveis entrelaçamentos em que cada fio é responsável em relação aos demais. Semelhante é o homem: não basta juntar as partes, é preciso que elas se fundam, se inter-relacionem, a tal ponto, que seja impossível dizer onde começa um "fio" e onde está o término de outro, onde termina uma ação motora e começa uma cognição, onde termina esta e começa a afeição a algo.

---

[5] DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes*: razão, emoção e o cérebro humano. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

Nenhum movimento humano é ausente de desejos, afetos, pensamentos, cálculos... e vice versa. Mas esse ainda é um pensamento um tanto quanto marginal em nossos meios científicos que publicam o que é a "verdade", o que é válido e certo. Se fosse aceito que mãos e bocas são inteligentes, teria que se aceitar também que são importantes para o desenvolvimento do homem; teria que se reconhecer, ainda, o valor dos sentidos para o humano – e é fato que não há como "alcançar" e compreender o mundo sem que isto se dê pelo que é detectado por nossos sentidos, os quais até podem ser melhorados pelos microscópios, telescópios, estetoscópios ou outros aparelhos, mas é impossível saber o que há, o que são as coisas para além deles. *"Os sentidos definem os limites da consciência."*[6]

Ainda que lentamente, embora a afirmação acima já venha sendo aceito por alguns estudiosos, para muitos outros, chega a soar quase como uma ofensa, uma vez que ela acabaria por colocar a sensibilidade no mesmo patamar de importância e valor que é dada à razão. Para muita gente isso pode parecer algo simples de ser percebido, até mesmo óbvio, mas ao lembrarmos que sempre se considerou a racionalidade como grande diferenciador entre os homens e os animais, aceitar tal fato, seria "rebaixar" a espécie humana à qualidade de animal. Ora, mas não somos também uma espécie animal? Claro que uma espécie diferente das demais, com peculiaridades que nenhuma outra possui. O homem busca sempre a sua superação, transcender a todo instante.

Mas ainda nos limitamos ao corpo, apenas em seu aspecto motor e biológico, não aprendemos a pensar o homem enquanto corpo sensível, criativo, aprendiz; não reconhecemos o corpo como forma de existirmos, de sermos e estarmos vivos; não percebemos o corpo como possibilidade para o encontro com o outro, para o encontro com a natureza, com o mundo. Não conhecemos o corpo que somos, simplesmente não conhecemos a nós mesmos.

> *"...sempre foi, e sempre será, impossível compreender o homem a partir dos reducionismos.* [...] *a idéia simples de compreender cada pedaço para compreender o todo em seguida terá que ser enterrada. Se se quiser compreender o homem, velhas tradições dualistas precisam ser superadas."*[7]

---

[6] ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos.* Bertrand Brasil : Rio de Janeiro, 1992, p. 15.
[7] FREIRE, op. cit., pp. 18-19.

Mas os corpos que somos, não são frutos apenas dessa herança dualista de pensar o homem, fragmentando-o e desvalorizando-o do espírito/alma/mente. Também os valores de nossa sociedade, que se apoiam basicamente no cientificismo, privilegiando a produtividade, a competição exacerbada, o consumo, o utilitarismo, o "ter" em detrimento do "ser" são condicionantes de nosso agir.

Gonçalves[8] nos coloca, que decorrente de um processo de civilização apoiado na expansão do sistema capitalista, na evolução contínua da racionalização, no controle social, na exploração ilimitada do homem e do meio ambiente para obter o máximo de produtividade, continuamos passando por "um processo de 'descorporalização' do homem". Esse processo torna comum, em nossos dias, uma ênfase em vivências e experiências nas quais o contato com outros é cada vez menor e em que o envolvimento corporal ocorre dentro de um nível mínimo possível. Ora, navegando pelo ciberespaço com os atuais computadores domésticos, é possível conhecer pessoas, viajar pelo mundo, visitar museus, fazer compras e muito mais sem sair de casa. Pode-se estar conectado a tudo e a todos sem encontrar algo ou alguém. Pode-se ver e se informar sobre muita coisa, mas não conhecer seus cheiros, suas texturas e temperaturas. Pode-se ver uma paisagem, mas não pisar descalço na grama ou tocar uma árvore mostrada por ela, sentir a brisa ou mesmo ver o todo, pois essa cena está descolada da totalidade que colabora em compor, apenas parte nos é dada, apenas parte é que nos chega e, como sempre, os sentidos são mais uma vez desconsiderados, ficando em segundo plano.

Fico a me perguntar, se esse tipo de coisa estimularia – ou estimulará – as pessoas, a partir do "pouco" ou das partes que lhes chegam, a buscarem o que não é possível sem o "estar presente"? Ou seja, a partir do ver e saber sobre um lugar, desejar estar lá para sentí-lo e saber um pouco mais. Ou será que apenas as partes bastarão, e de novo se desconsiderará o que o corpo oferece? Os aparelhos de TV já seguram bastante as pessoas em seu isolamento doméstico e não sei até que ponto este mundo virtual – que oferece também algo a mais: a interatividade – não segue o mesmo caminho.

Pode-se argumentar que muitos estão saindo de seus isolamentos, pois nunca se viajou tanto quanto hoje em dia. Mas o que pensar, quando se vê na maioria dessas viagens, apenas uma troca: troca-se a reclusão da casa pela do hotel. Muitos turistas mantêm contato

[8] GONÇALVES, M. A. S. op. cit.

somente com os elementos "pasteurizados" das localidades visitadas, apesar delas possuírem sempre, em maior ou menor escala, diferenças e particularidades que poderiam contribuir em muito para o prazer da viagem e para o crescimento pessoal do viajante. As danças, paisagens, artesanatos e outras coisas mais que são "consumidas" pelo turista, acabam sendo apenas aquelas especificamente preparadas e estipuladas em roteiros para fim de consumo. Elas perdem o significado próprio que realmente lhes é – ou era?! – dado pelas pessoas locais. Já não representam de "fato" tal grupo ou cultura, apesar dos turistas dizerem que é isto o que procuram conhecer. Aparece, assim, mais um reflexo da sociedade de consumo que se contenta em obter, esquecendo-se do viver e abandonando as experiências mais profundas que seriam possíveis pelo contato, pelas conversas, por uma viagem mais autônoma e autêntica. Delegam a outros a possibilidade de decidir o destino, o roteiro; deixam que agenciadores e outros profissionais decidam e os levem a conhecer, não a cultura visitada, mas somente o "teatro" que a encena.

Mesmo as pessoas com quem se relacionam nessas viagens, muitas vezes se limitam apenas àquelas que estão juntas, realizando o passeio, ou aos que têm a mesma origem – é curioso ver como as pessoas, quando estão em outros lugares, procuram saber se há ali alguém de sua terra natal. "Protegidos" pelos aparatos da indústria turística, é possível sentir-se em casa – aliás isto é o que muitas agências oferecem: chegar a um lugar novo e diferente e sentir-se em casa. Se é para se sentir em casa, por que sair dela? Não quero generalizar, sei que nem todos são assim, porém é fato que muitos o são. O relato de um turista em férias talvez ilustre melhor o que digo:

> *"Onde afina, passei minhas férias? Teria sido na Grécia? Não: os riachos as montanhas, os picos, os vilarejos, os burricos, os carneiros e as tavernas da Grécia ficavam no exterior, muito longe de mim. Teria eu partido de férias? Sim e não. Porque havia sol, mar, calma e muito repouso. Não, quando penso que sair sozinho descobrindo as coisas, travar conhecimento com o país e ir além das aparências foram insignificantes. Onde fui eu? Duas semanas no maior espetáculo de férias do mundo, feito de*

bufês, de esportes e de diversões, de brincadeiras, de brilhos e paetês."[9]

Conforto e segurança são muito importantes para o prazer de uma viagem, mas será que ao se recolher ao extremo nisto, "temendo" correr os riscos de confrontar os elementos de sua cultura, seus conhecimentos e valores, tais pessoas não acabam se limitando apenas ao que é estipulado pela mídia, pela moda, pelo consumo privando-se de experiências mais autênticas com os outros corpos com que interage e com o mundo, tanto o que se está visitando como o de seu cotidiano?

Mais do que esse "desencontro" corporal, que poderia ter ainda outros tantos exemplos – como é o caso de alguns serviços telefônicos que vão desde um disk-amizade a um disk-sexo –, tal processo diz respeito também ao controle da expressão e das manifestações de nossos sentimentos, os quais passam a ser enquadrados dentro de padrões e formas tidos como aceitáveis socialmente.

A descorporalização trata ainda da inibição da espontaneidade corporal, não apenas quanto aos afetos, mas também no que diz respeito ao criar, ao fazer, ao construir; trata da alienação do homem em relação ao seu trabalho, devido ao distanciamento entre ele e seu produto; trata da alienação de si mesmo, do corpo, aceitando passivamente cargas e esforços que muitas vezes são grandes demais, em nome da superação, do vencer, da produção, do desenvolvimento, do progresso, do futuro... valores supremos em nossa sociedade. É quase deixar de ser um "ser", para ser um instrumento. *"Nas sociedades mais estruturadas, em que a divisão do trabalho é acentuada, são menores a espontaneidade e a expressividade corporal, e maior a instrumentalização do corpo."*[10]

A valorização da alma sobre a corporalidade humana, pode residir ainda na esperança da imortalidade da primeira. Como corpo, possuímos uma finitude: nascemos, crescemos, criamos coisas, geramos filhos... e morremos. No entanto, os projetos, planos, metas a que o homem se propõe vão além, uma só vida não basta para cumprir todo um destino que se traçou, daí a esperança em algo que supere a morte. O espírito, sua concepção, representa essa possibilidade de sobrevivência sobre tal "tragédia" humana e se

---

[9] RIGER, Paul apud. KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo*: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989, p. 75.

[10] GONÇALVES, M. A. S. op. cit., p. 15.

isso é possível, deve-se preparar para o que virá além – a "verdadeira vida" – e por isso ainda, abandonar o corpo, não apenas porque ele somente serve a este "eterno" preparar-se para o depois, mas também, porque ele está sempre lembrado dos limites do viver, ele é a constante denúncia da inevitável mortalidade de que somos sujeitos.[11] João Batista Freire diz acreditar *"realmente, que todas as tentativas do homem de escapar aos seus limites corporais nasceram de sua consciência da morte"*.[12] Diz, ainda, que é por isso que há tanto investimento em todas as práticas e idéias que se propõem a enfrentar a morte: religiões, ciências – em especial à medicina, que sempre lutou contra a morte, e à genética que alimenta os sonhos de superar essa finitude a partir de um ser humano "melhorado". Mais "perfeito"? Ironicamente, os que estão nessa busca parecem esquecer que se conseguirem modificar algo no homem por meio da manipulação dos genes, seja para aumentar a longevidade e/ou as possibilidades de suas ações, o que se estará aprimorando, não será o que comumente se chama de alma, mas sim, de corpo.

Pode-se tentar esquecer ou esconder o corpo, mas é impossível abandona-lo. Não deixamos o corpo em casa quando vamos à escola, não podemos deixar a nós mesmos onde não estamos. Pode-se pensar em outras coisas, abandonar o espaço e o momento presente com divagações de nossa imaginação, mas o corpo está ali, acompanhando tudo: sentindo, sofrendo, alegrando-se... Ora querendo trazer a atenção de volta para o que acontece ao nosso redor, ora desejando também fugir, procurando um meio para que vivamos estes sonhos mais intensamente, de corpo inteiro.

Ao se tentar oprimir o corpo, o homem, seus sonhos; ao se tentar fazer dele uma máquina, impor-lhe ritmos, pressões, tensões em demasia; ao se esquecer ou desconsiderar alguma das "partes" do homem, o que eqüivale a esquecer o todo, o corpo "grita", não fica impassível, chama a atenção porque algo está errado, algo não vai bem. As chamadas doenças da modernidade – estresse, depressão, pânicos... – é o corpo a gritar, avisando sobre esse agir humano com o qual não concorda, e não suporta.

> *"A tensão e a paixão, que antes eram descarregadas imediatamente na luta corporal, foram colocadas para dentro do indivíduo, transformando-se em tensão interna*

[11] FREIRE, op. cit.
[12] Ibid., p. 22.

constante, que aparece, no homem moderno, em forma de ansiedade difusa, insatisfação e doenças psicossomáticas. Suas tendências e seus impulsos, muitas vezes, encontram satisfação somente na forma de fantasia alienada, ou em ver e ouvir passivamente, em vez de participar"[13]

Ao se desprezar o corpo, lança-se fora também tudo que a ele está diretamente vinculado: as situações que nos emocionam fazendo rir ou chorar; o prazer da ação motora num jogo, no caminhar em um bosque ou no brincar na água; o prazer das experiências com os perfumes, sabores, abraços, sussurros, luzes, cores e suas infinitas combinações possíveis pelos nossos sentidos, parecem não ter mérito – não produzem bens, não geram lucros. Se bem que já tenha quem esteja conseguindo arranjar formas de explorar tudo isso comercialmente. Atualmente, nádegas, seios, pernas entre outras partes, são um excelente instrumental para se vender os mais inusitados produtos.

Rubem Alves nos lembra que tudo que é improdutivo economicamente é, simplesmente, inútil. Gerar prazer não conta, a não ser que seja vendido.

"Reconheçamos: as crianças são inúteis...[...]
Uma sonata de Scarlatti é útil? E um poema?
E um jogo de xadrez? Ou empinar papagaios?
Inúteis.
Ninguém fica mais rico.
Nenhuma dívida é paga."[14]

Parece-me, portanto, haver pouca valorização na vivência do prazer pelo prazer, no usufruir algo pela simples busca da alegria, para amar outros corpos, para expressar o "eu". Sei que aqui apresento apenas uma parte do todo, a mais feia eu diria. A realidade que se apresenta não é somente essa. Sei que não posso generalizar e estender toda a crítica a tudo e a todos, a liberdade e a alegria para criar, sentir e aprender sobre nós e o mundo, o prazer, o amor e a solidariedade também estão presentes em nossas vidas. Entretanto, não podemos fechar os olhos para o fato de que muitas vezes nossa sociedade considera importante o que

[13] GONÇALVES, M. A. S. op. cit., p. 23.
[14] ALVES, *Estórias de quem gosta de ensinar*: o fim dos vestibulares. São Paulo : Ars Poética : Speculum, 1995, p. 48.

é somente produtivo, o que é somente lucrativo.

Em nossas escolas, em casa, no trabalho somos educados – ou estaria mais correto dizer treinados? – para aceitar, sem questionamentos, todos esses princípios. Aprendemos a ver a vida através da lógica da racionalidade, priorizando o trabalho e as coisas "sérias" do mundo em detrimento do prazer da contemplação; do prazer do ócio, já que afinal, não se pode gastar tempo à toa, tempo é dinheiro; do brincar, pois isto é coisa de criança; do viver as paixões, pois, para isso, temos poetas e sonhadores desocupados.

Assim, os corpos que fomos e somos – ou seria mais correto dizer tivemos e temos, uma vez que é tratado enquanto posse? –, como resultado de todo esse caminhar, não poderiam ser outros.

Sei que muitas pessoas já falaram e escreveram sobre isso que acabo de apresentar, mas ainda é preciso que se continue a falar e a escrever porque não é tão simples mudar, ou mesmo avaliar, uma visão de homem e de mundo com raizes tão profundas na história de nossa civilização. Mudar o olhar sobre o corpo implica até mesmo um repensar dos valores de nossa sociedade. Enquanto privilegiarmos a produtividade, a competição exacerbada, o consumo, o utilitarismo, talvez não seja possível fazer com que o corpo deixe de ser negado, incompreendido, reprimido, sufocado. Ele ainda é um "mistério".

Mas sabemos que o corpo existe, se faz presente, é ele que toca, se relaciona, convive, quer, sonha, sente fome, frio, sede, faltas e excessos. Um corpo que é natureza e cultura, carne e espírito que "começa" a desejar ser tratado enquanto tal. Já não é um corpo silencioso, ele começa a "gritar", não apenas com sua "voz", mas com suas atitudes, para chamar a atenção. "Ele quer ser ouvido."

Vivemos, hoje, um período de descoberta – ou redescoberta – do corpo. Não necessariamente porque passou-se a vê-lo como elemento de nossa existência, de nosso "ser" humano, mas também e – percebo ainda – principalmente, porque se encontrou o seu valor no mercado, como produto, como material de marketing e como consumidor.

2.2 – Os mitos sobre o corpo ou o corpo que queremos ser.

> *"Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas."*[15]

Corpos modelados para serem belos, corpos construídos cientificamente para serem campeões, corpos insensíveis para serem masculinos, corpos na moda para serem aceitos, e também que brincam para serem felizes, que amam para serem amados, corpos, corpos e mais corpos. Em cada momento da história humana, em cada uma das muitas culturas, o homem apresentou e apresenta diferentes maneiras de ser corpo. Corpo, que é "construído", biológica e culturalmente, segundo os interesses e necessidades que cada sociedade possui, segundo os desejos dela e do próprio indivíduo.

O corpo é moldado e condicionado pelo metabolismo, por reações bioquímicas, por processos fisiológicos que são ditados pelas suas potencialidades genéticas que, no entanto, estão sob a influência das diferentes esferas culturais da sociedade em que se encontra, ao mesmo tempo em que as influenciam também. Ou seja, ele também é moldado e condicionado pelos tipos de atividades físicas que realiza, pelas formas de trabalhos que lhe são impostas, pelos apelos do consumo que o atingem, pelas formas de tratamento nele usadas a partir do entendimento que se tem de saúde, pela maneira que as crenças religiosas o concebem, pelos controles e tabus que lhes são ditados...

Isso não quer dizer que se trata apenas de um organismo que aprendeu a executar certos gestos e comportamentos próprios do meio sociocultural em que está inserido, como poderiam interpretar alguns, é mais do que isso. É, um ser que se faz presença através da trama que é tecida por aspectos físicos, fisiológicos, psíquicos, sociais, os quais,

---

[15] DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo.* Campinas : Papirus, 1995, pp. 36-37.

normalmente, teima-se em separar na intenção de compreender o ser humano. No entanto, tal entendimento somente será possível na medida em que se aceitar o fato de que somos a integração desses encarnados em uma experiência individual que é partilhada, estendida a outros, de maneira que a história individual se insira em uma história coletiva, também de múltiplas estruturas – isto inclusive pela forma por nós utilizada para interpretá-la – que formam um grande sistema. O corpo humano é a fusão de natureza e cultura, de tal forma que se torna impossível – ou até desnecessário – querer saber até onde algo é cultural ou natural. Seria possível se apresentar com exatidão que porcentagem do desempenho de um atleta é conseqüência de suas características inatas e quanto se deve ao que adquiriu em seu viver? Penso que não. Poder-se-ia falar, talvez, que a cor dos olhos de alguém é fruto, unicamente, de seus genes. Mas se pensarmos que o relacionamento dos indivíduos que o geraram ocorreu segundo normas sociais, que muitas vezes determinam a aproximação ou o afastamento entre as pessoas devido à critérios referentes à características físicas, ideológicas, de classe – basta lembrarmos dos tantos preconceitos existentes quanto a credo, cor, nacionalidade – percebemos que há influências culturais, mesmo na formação do genótipo que levaria a uma determinada cor dos olhos. Corro o risco de dizer que esta mistura entre natureza e cultura presente nos corpos humanos, ocorre antes do nascimento, antes da gestação, antes mesmo da concepção. É um enovelamento sempre presente no homem, aliás, é isso que também colabora para fazê-lo humano.

Somos corpos "bio-culturais". E isto implica num ser que possui consciência de suas ações, de seus desejos e de todo o contexto ao seu redor, que se reconhece enquanto individualidade, que é fruto de uma história que continua ainda a se desenrolar e que busca o entendimento sobre si mesmo, sobre seu agir, sobre os outros, sobre todo o ambiente, dando significados e sentido a todos, a tudo e a si. Torna-se, dessa forma, significante, ao mesmo tempo em que passa a ter inscrito em si próprio os significados de tudo que diz respeito ao homem e ao mundo que, de alguma maneira, toca-o e por ele é tocado. Mas não é só. Ao ser capaz de refletir sobre o pensar, o sentir e o agir do homem enquanto individualidade que compõe e pertence a um grupo social, quando o corpo humano passa a ser e a trazer em si a representação de toda a natureza humana que, como já dito, não se limita ao seu genoma mas também a tudo que é adquirido e orientado pela sua sociedade, o corpo passa, não apenas a dar e carregar os signos de seu tempo e de seu grupo social, ele

mesmo se torna signo.

O corpo humano expressa toda uma cultura. Cultura esta que não se limita somente às condutas e formas de agir aceitas, mas às formas de ser, de como os corpos são ou devem ser, de quais os corpos que são desejados para si.

Sobre as formas de agir, um dos primeiros estudiosos a perceber as diferenças nos gestos corporais das diferentes sociedades foi Marcel Mauss.[16] Em seus textos sobre as "técnicas corporais," coloca que cada sociedade possui hábitos próprios, suas especificidades, não apenas no que diz respeito às tradições religiosas, à moral, à produção material entre outras coisas, mas também no que se refere aos tratamentos para com o corpo e aos movimentos corporais. Chega a dizer de certas pessoas que são capazes de diferenciar um francês de um inglês a partir da maneira como cada um deles anda. Não é difícil de se perceber a existência de certas peculiaridades, mesmo nos atos simples das pessoas de diferentes lugares. Basta olhar para o gingado, o rebolado, no andar das mulheres brasileiras e compará-lo ao de pessoas de outras culturas – mesmo de nossos vizinhos da América do Sul, como a Argentina, por exemplo – para perceber as diferenças nos gestos. Essas diferenças são mutáveis, uma vez que toda estrutura sociocultural que a influencia, é altamente dinâmica, sendo que a grande velocidade de troca de informações que hoje ocorre em nosso mundo pode acentuá-las ou, ao contrário, eliminá-las ao tornarem muitos aspectos semelhantes.

Certa vez, ouvi alguém comentando que o Brasil seria o país dos pés, enquanto os EUA o das mãos. Ou seja, que nossos hábitos corporais estariam, de alguma forma, muito relacionados com os movimentos dos pés, pernas e quadris. Essa pessoa dizia que nosso esporte é com os pés, o futebol, e nossa forma de lutar também, a capoeira, sem falar do samba enquanto dança. Já na terra do "Tio Sam," tem-se o basquete, o boxe e estilos de danças mais rígidas quanto aos movimentos do quadril. Possuímos conteúdos próprios da cultura corporal, além de todos os nossos "maneirismos", temos nosso jeito de nos expressar corporalmente. É claro que importamos e exportamos influências – através do cinema, TV, viagens etc – o que vem modificar, tanto as nossas formas de manifestação corporal como as de outras culturas também. Mas não podemos nos furtar a perceber que,

[16] MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia.* São Paulo : EDUSP, v. 2, 1974.

mesmo quanto às atividades originárias de outros lugares, como é o caso do futebol, ao serem incorporadas pelas pessoas de nossa cultura, essas atividades acabam sendo realizadas com um "tempero" que é todo nosso, adaptadas a nossa forma de ser. Basta assistir a um campeonato internacional de alguma modalidade esportiva, para se notar que são diferentes as formas de jogar de cada país, apesar de todos estarem sujeitos às mesmas regras.

As pequenas singularidades de cada grupo social, fazedoras das diferenças nas formas de agir das pessoas, são apreendidas pela observação e pela imitação do que lhes aparece, de alguma maneira, como eficiente ou belo. Ora, muitas crianças ao jogarem bola, tentam copiar os dribles e as comemorações de seus ídolos. Mas isso não se dá de maneira sempre consciente, pelo contrário, muito do que se aprende, ocorre quase sem se perceber e é feito a partir de coisas triviais, até mesmo banais do dia a dia, o que acaba determinando o aspecto de familiaridade para com o mundo em que se vive. Mais do que existir diferenças nas formas de expressão dos corpos que representam diferentes culturas e/ou diferentes momentos históricos – Taiguara já dizia em uma de suas canções, trazer em seu corpo as marcas de seu tempo – esses gestos carregam ou são os símbolos culturais de uma determinada sociedade.[17]

Entretanto, o que mais interessa aqui nesse momento, é mais do que o aprendizado do corpo quanto às formas de ação; é também as formas de ser, uma vez que o próprio corpo torna-se signo; sendo que cada cultura vive, é – "possui" – determinados corpos, estipulados a partir de modelos que são tidos como ideais para cada sociedade. Há corpos a serem "copiados" ou imitados. Cada grupo tem para si seu parâmetro do que seja ideal, a partir dos valores que ele defende, em nosso caso, como já comentado anteriormente, é a produção, o consumo, o utilitarismo...

Ao analisar esses corpos, a corporalidade que é vivida atualmente, Wagner Wey Moreira,[18] utilizando-se do auxílio de Michel Foucault[19] e Hugo Assmann,[20] expõe, através de metáforas, os corpos que somos impelidos a ser, ajudando-nos um pouco mais a vermos e entendermos os corpos que somos, de que maneira somos.

---

[17] DAOLIO, op. cit.
[18] MOREIRA, op. cit.
[19] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 13. ed. Petrópolis : Vozes, 1996.
[20] ASSMANN, Hugo. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3. ed. Piracicaba : UNIMEP, 1995.

O aumento constante da produtividade pelo trabalho, mais do que uma necessidade em nossos dias, coloca-se como uma imposição. Assim, temos em nosso meio um corpo que Assmann[21] denomina de "ajustável ao que se precisa", o qual se assume enquanto pura força de trabalho, tornando-se valor de troca, sendo uma mercadoria – a única que muitas pessoas possuem – para ser vendida, trocada, comercializada. Para tanto, esse corpo deve estar atento às necessidades do mercado para poder se enquadrar nas funções que a máquina econômica necessita, por isso ele é totalmente flexível, maleável, moldável. Esse corpo chega a perder sua autonomia enquanto senhor de si, até mesmo sua identidade; já não é o que deseja ou desejou um dia, mas o que é preciso ou possível. Quantos sonhos e esperanças será que foram deixados para trás, deitados por terra devido às opressões que as necessidades e os ritmos da vida urbano-industrial colocaram sobre as pessoas? Pode-se pensar que esse é um corpo próprio das pessoas mais humildes, as menos abastadas que se vêem encurraladas pelo sistema, praticamente sem possibilidades de opção quanto aos rumos de suas vidas. Mas não é bem assim. São muitos os que se encontram em boa situação financeira, mas que no desejo de galgar melhores cargos, salários e status, também agem dessa forma; não procuram se realizar pelo seu trabalho, não traçam objetivos próprios, apenas atendem às exigências do mercado para melhor poder se vender.

Nessa mesma linha estão os "corpos dóceis" de que fala Foucault,[22] já tão comentados por vários estudiosos. É o corpo disciplinado, aquele que aceita tranqüilamente, sem revoltas, reclamações ou questionamentos as limitações, proibições ou obrigações. É obediente e útil, nascido da arte de sujeitar o corpo, de sujeitar o homem, fazendo-o forte no que diz respeito à sua utilidade e fraco para aceitar as coerções que lhe são colocadas. É um corpo desejado, não pelo próprio indivíduo – tenho dúvidas, sobre o fato desse indivíduo ainda poder realmente desejar algo por si mesmo ou apenas o que lhe é ditado –, mas é um corpo querido por aqueles que o têm sob seu controle. Talvez seja o corpo de desejo para o sobreviver a que muitos se vêem obrigados, nesse nosso mundo e nesse nosso tempo em que estamos vivendo.

Isso me faz lembrar o apólogo do "camelo, do leão e da criança" que Nietzsche[23]

---

[21] Ibid.
[22] FOUCAULT, op. cit.
[23] NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. 7. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1994.

conta pela voz de Zaratustra. Trata das metamorfoses pelas quais o homem deverá passar para transcender a si mesmo na caminhada em direção ao sobre-humano, passando de camelo para leão e deste para criança. Estas metamorfoses representariam a transformação do homem que deixa de ser submisso e conquista sua liberdade, criando e alcançando novos valores, e também um novo viver. O corpo dócil parece com o camelo, que é a própria sujeição. O camelo se ajoelha e pede o que há de mais pesado para carregar; é aquele que se humilha, que ama os que o desprezam, que agüenta os sofrimentos, que suporta.

Mas Nietzsche diz de uma possível mudança. Quando o homem deixa de, simplesmente, aceitar qualquer coisa que lhe seja imposto, passando a desejar e lutar pela sua liberdade é então que se dá uma das metamorfoses anunciadas: passa a ser o leão, aquele que quer enfrentar e vencer quem o domina, *"quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto."*[24] Já não atende ao: "tu deves", mas retruca: "eu quero"!

A última transformação ocorre quando o homem se faz criança. Nós podemos nos surpreender com isso – uma criança?!! – e, mesmo Zaratustra pergunta-se: *"que poderá ainda fazer uma criança, que nem sequer pôde o leão?"*[25] De que são capazes esses pequenos seres que apenas brincam, que não conhecem as coisas sérias do mundo, que se deslumbram frente a tudo, que a tudo vêem como que pela primeira vez como sendo novo? Justamente isto: aceitar e criar o novo, ser um novo começo, um novo e diferente início, coisa difícil de ser aceita pelos adultos que já "conhecem" e "sabem como as coisas são" ou "devem ser", relutantes em aceitar a possibilidade do que possa ser diferente do que já estão acostumados. Sabemos como é difícil a aceitação de novas idéias que vão contra o que sempre se acreditou. "Apenas" as crianças conseguem aceitar uma nova lógica em sua existência, porque não estão ainda "viciadas" pelos padrões a que já nos habituamos e que acabam sendo tidos como os únicos possíveis.

Encontro muitos "corpos dóceis" pelas ruas, mas poucos "leões" e, menos ainda, "crianças" – continuamos com nossas verdades: que podem elas nos ensinar? Nós, sábios e experientes é que as ensinamos, imobilizando-as nas carteiras das escolas e doutrinando-as.

---

[24] Ibid., p. 14.
[25] Ibid., p. 14.

Hoje, já existem vários adultos que defendem os direitos das crianças, mas é incrível como normalmente se esquece do que é ser criança quando se cresce. Os seus corpos alegres são abafados com o tempo, devem aprender a ser e a desejar outros, quase sempre mais tristes.

Ouço, quase sempre sendo dito "pelos cantos", quase como se fosse um "segredo", do desejo de alegria que muitas pessoas têm, de serem mais felizes, mas, normalmente, isso fica apenas em palavras. Para tanto, é preciso que o corpo aja.. Será que se esquecem que as ações se dão pelos corpos?! Talvez, por isso, é que são poucos os corpos alegres com que me encontro, quase sempre vejo apenas os "camelos". Mesmo assim, há que ser lembrado que o ser humano não é impassível a tudo que o oprime e, por mais leis que sejam ditadas, o corpo sempre procurará, e achará, formas de transgredi-las e superar-se.

Há quem diga, no entanto, já ser possível perceber algumas mudanças quanto a esse quadro que apresento. Ou seja, não são apenas os corpos úteis e produtivos que são desejados e procurados hoje em dia como sendo talvez os mais "adequados" ao sistema. Também os corpos belos passam a ser alvos do desejo, a beleza passa a ser procurada. Entretanto, tenho cá minhas dúvidas.

Qual o por quê do desejo de corpos belos, esbeltos, musculosos, bronzeados? Para se usar como meio de propaganda para a venda de quase tudo: cigarros, carros, cervejas, músicas, viagens, comidas, remédios e sei lá o quê mais? Por que são uma exigência para serem aceitos, melhor aceitos ou melhor "vistos" por certos grupos sociais, pela turma, pelos "amigos"? Por que são um exigência profissional, não apenas para modelos e manequins, mas para professores de Educação Física, de ginástica, de musculação, para atores, recepcionistas e tantos outros? Ou por que são uma moda, até mesmo obsessiva e compulsiva, em que existe uma auto-contemplação, uma auto-adoração das formas exteriores do corpo, a partir de um "design" instituído como o ideal e perseguido a qualquer preço – às vezes pondo-se em risco a própria saúde? Ou ainda, por que o corpo belo, estipulado segundo os atuais padrões sociais de beleza, confunde-se com o modelo do que é tido como um corpo saudável?

Sei que essa pode ser apenas uma das muitas maneiras de se ver o mundo, através da imagem. Mas se esses são os corpos belos desejados hoje, não sei localizar onde deixaram de ser úteis e produtivos, de maneira que o corpo, e especialmente o belo, sejam assumidos sobre novos valores. Valores estes, que não estejam vinculados a um conceito

reduzido e empobrecido de estética, limitada somente às formas externas do corpo onde, através do olhar, procura-se reconhecer a beleza a partir da mediação de conceituações, de um pensar sobre ela.

A beleza, nos casos citados acima, é tratada como uma qualidade possuída pelos corpos, possível de ser considerada objetivamente, até mesmo isolada e quantificada. Embora possa parecer um tanto estranho tal frase – uma vez que, aparentemente, não seria possível mensurá-la – arrisco-me a dizer, que alguns chegam a medi-la através dos centímetros que possuem de bíceps, coxas e cintura; outros, pelo número de pessoas em que despertam "amores" e "paixões", pelo número de pessoas com que "ficam"; outros, ainda, conseguem saber o quanto são belos devido aos dividendos que conseguem lucrar, expondo-se para a propaganda de outros produtos ou de si mesmos. É suficiente andar pelos parques e shopping centers, entrar nas academias de ginástica, assistir aos programas de televisão para encontrar muitos exemplos do que digo. Essa beleza, quase sempre vista apenas como mais um instrumento para alcançar outros fins, continua sendo um meio a ser utilizado em função da lucratividade financeira, do ganho de status social, do mostrar-se ou exibir-se como um símbolo – um objeto – sexual e nada mais. Banalizada e vulgarizada, é tratada numa relação "prática", numa lógica que coloca um sujeito frente a um objeto a ser observado, para que este seja compreendido intelectualmente e não pela sensibilidade. O belo torna-se uma "coisa" hierarquicamente subordinada a uma consciência que quer "dissecá-lo", não sendo captado pelos sentimentos, sem a intermediação da razão.

Não se dá, dessa forma, uma verdadeira experiência estética que segundo João-Francisco Duarte Júnior, é...

> *"...uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a* ***percepção*** *global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação"*[26]

Tal experiência, se faz numa interação na qual o que contempla e o que é contemplado se assumem como dois pólos de uma única totalidade. Na qual o conhecer não

---

[26] DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Fundamentos estéticos da educação.* 2. ed. Campinas : Papirus, 1988, p. 91.

se dá por uma percepção ordinária, orientada em função de causas, efeitos, usos, leis etc., mas num envolver-se com o outro, em como ele lhe aparece, incorporando-se a ele. Nessa interação o indivíduo é uma presença *total* – pensamento, movimento, sentimento – frente ao outro.

Os dizeres de Claudia Guedes,[27] quanto a superação da dicotomia entre homem-mundo pelo "habitar a corporeidade", embora não tratem da questão estética diretamente, parecem-me pertinentes para melhor compreender essa relação necessária nessa experiência, tornando-se possível tentar resgatar o conceito de estética, em seu sentido etmológico: *"o costume da sensação e do sentimento"*,[28] ou seja, um juízo que aprecia as formas em seu mostrar-se, em seu "aparecer", de modo a se obter um sentimento de prazer, não condicionado nem à sua utilidade e nem à a priores. A autora diz, sobre o envolver do homem com o mundo numa perspectiva que passa a considerar também o corpo como participante e não ausente:

> *"O objeto é uma das formas de apresentação do mundo. Ele nos observa, independentemente das observações que fazemos dele, ou das interpretações, perspectivas ou do uso. Ele existe antes de qualquer pensamento determinante. Porque, antes de nos dirigirmos a ele, temos uma idéia (traduzida em nossa liberdade de imaginação) da sua existência. Se ele nos atrai, dirigimo-nos a ele; neste momento, confundimo-nos com ele, esmagando nossas intenções práticas e perceptivas. Assim, as nossas idéias (pensamento, imaginação) igualam-se à experiência, pois o objeto está disponível para minhas investigações, manipulações e focos dirigidos pelos meus sentidos. Ele não existe mais em si, mas em mim. Nós o incorporamos, porque somente poderemos conhecê-lo se o habitarmos, por meio de nosso corpo, arraigando seus sentidos, observando seus ângulos, tocando-o e sendo tocado por ele. Ele*

[27] GUEDES, Cláudia Maria. O corpo desvelado. In: MOREIRA, op. cit.

[28] SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.) *Educação física & esportes*: perspectivas para o século XXI. Campinas : Papirus, 1993, p. 61.

nos toca porque nos atrai; nós o tocamos porque somos atraídos por ele."[29]

É nessa relação não dicotomizada entre homem e mundo que a "experiência estética" se faz possível, em que, além do intelecto, também o corpo com os seus sentidos, afetos, emoções se faz participante nesse processo.

É assim, segundo meu entendimento, que o belo dos corpos deveria ser visto: numa experiência estética. Como uma qualidade a ser apreendida diretamente na esfera dos sentimentos, sem ser subordinado pela intervenção da lógica racional; numa relação antipredicativa, anterior a qualquer conceituação, lei ou fim, causando prazer ao indivíduo pela mera contemplação, simplesmente pela forma que a ele, o corpo aparece. Numa relação em que o sujeito se coloca frente à outra pessoa, não de um modo investigativo, em que se faz do outro um objeto a ser interrogado, mas de maneira a estar aberto, de todas as formas possíveis, para apreender o que se faz presença a si mesmo.

É um simples permitir-se sentir!! Talvez o que diz o poeta Fernando Pessoa – quando da vez que "foi" Alberto Caieiro – poderá facilitar a compreensão do papel do sensível na apreciação do mundo, do belo:

"[...] Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar não é compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...
[...]"[30]

Konrad Lorenz[31] diz ser justamente na percepção de harmonias que o homem

---

[29] GUEDES, op. cit., p. 46.
[30] PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos II – 207. In: _____. *Obra poética.* Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1997, pp. 204-205.
[31] LORENZ, op. cit.

encontra o belo, embora o que seja bonito para uma pessoa, pode não ser para outra e vice-versa, pois estamos sujeitos aos muitos condicionamentos de nossa existência: gostos, preconceitos, tendências... Nossa sensibilidade também é educada culturalmente, cada um procurará ver harmonias a partir de seus valores sociais. Coloca-se, portanto, a necessidade de se estar de corpo inteiro nesse processo em que se aprecia e busca o corpo belo, porque a beleza não está nem no corpo que se olha – seria, então, apenas mais um dado objetivo, como já foi dito – nem está na mente de quem o faz – nesse caso não seriam necessárias interações, bastando apenas lembranças. Ela está nesse relacionar-se, ela habita a relação. O ser humano, sendo capaz de sentir as muitas e diferentes inter-relações nas mais complexas harmonias; percebendo também seus distúrbios e distorções, ainda que sutis; impressionando-se, quando se permite, pelas muitas sensações, imagens, sentimentos que o envolvem, participa de um completar o outro com sua carga cultural. A beleza nasce quando morre a separação entre sujeito e objeto, entre homem e mundo.

Penso, que o corpo belo deve ser cultuado e cultivado neste tempo histórico em que vivemos – de um "redescobrir" do corpo –, mas não de forma compulsiva e banal como vem acontecendo em certos casos.

Há ainda um outro corpo tido como belo – por ser forte, modelado, "torneado", possuindo formas próximas ao considerado "perfeito" – que está em evidência em nossos dias. Não pela sua aparência – esta é uma simples conseqüência dos esforços despendidos com vistas a outros objetivos –, e sim por suas realizações e conquistas. Ou seja, é mais um corpo produtivo – além de belo. No entanto, ele não constrói casas nem carros, não cuida de plantas ou de animais, não se move nas fábricas; não produz bens materiais – pelo menos, não diretamente – embora gere muitos lucros. Produz emoções, realizando 'gols', pontos, movimentos deslumbrantes, conquistando títulos, estabelecendo recordes, superando barreiras... Falo do corpo atleta.

Talvez fosse mais correto dizer corpo campeão. Afinal, quem gostaria de ser um atleta perdedor? Quantos se contentam em ser o segundo lugar? Os louros da vitória são sempre e somente para os primeiros. Dessa forma, é também um corpo para poucos. Poucos são os que jogam excepcionalmente bem, que correm cem metros em menos de dez segundos, que fazem duplos mortais com perfeição... Na verdade, poderia dizer que é para apenas "um" – ao menos de cada vez – pois o que se busca é ser "único" no que se faz; ou

"único" com a eficiência com que faz. Na disputa de todos contra todos, apenas um pode ser o melhor, apenas um é o vencedor; a todos os outros, resta apenas serem os vencidos. Raros, são os que percebem suas evoluções e colocações como conquistas relevantes também.

Para mim, o corpo atleta, poderia ser não apenas o que acabo de mencionar, mas também aquele que participa das peladas nas ruas e várzeas, que está nos esportes das aulas de Educação Física, que compete nos torneios de bairros ou de empresas, que corre nos finais de tarde... Mas não é bem assim que ocorre e, normalmente, considera-se como atleta de "verdade", aquele que está inserido no esporte de "verdade". Explico-me: quando se fala em esporte, é comum se ter em mente aquele que é exibido pela mídia, o chamado esporte de rendimento. Para muitos, este é o único válido. Ao assumir características específicas enquanto lazer e dentro da escola, estas duas formas são entendidas como "adaptações". Por isso é que o corpo atleta é identificado apenas com aquele que participa dos grandes jogos e campeonatos, que é capaz de performances "sobre humanas", que recebe salários vultosos; que possui todo um suporte técnico e científico para que suas potencialidades sejam desenvolvidas ao máximo possível.

Considerar as manifestações esportivas das "pessoas comuns" como uma espécie de "cópia mal feita" do alto nível, é fazer uma redução de tal fenômeno, pois grande parte dos esportes surgiram de jogos, brincadeiras e mesmo de outros elementos pertencentes à vida das pessoas, antes feitos das mais variadas formas e com os mais inusitados equipamentos. Eles surgem a partir de atividades permeadas pela ludicidade, aspecto este que acredito ainda existir, também no esporte de alto nível, mesmo não sendo o lúdico a mola mestra do esporte de rendimento atualmente, e sim, como o próprio nome diz, o "rendimento".

> *"Há momentos em que nos parece que esporte e rendimento são duas realidades inseparáveis. [...] Em outras palavras, o rendimento seria a característica fundamental, a essência, o valor supremo do esporte e do perfil de um atleta"*[32]

Esse substantivo, rendimento, derivado do verbo render, pode ter dois sentidos,

[32] SANTIN, *Educação física:* da alegria do lúdico..., p. 38.

estando ambos presentes no esporte de alto nível. Um deles se refere à capacidade de desempenho, de produção, de gerar resultados; o outro sentido está vinculado à idéia de submissão, de dominação. O atleta, tanto tem que produzir algo como superar seus oponentes, tem que render resultados e render os outros. O rendimento, no entanto, não é uma exclusividade do esporte, está presente em quase todas as ações do homem, possuindo valores e significados de acordo com a sociedade em que está inserido.

O corpo atleta se prende ao conceito de rendimento de nossa sociedade. Ela se pauta em um projeto urbano-industrial sustentado pela lógica da ciência e da tecnologia, tendo na idéia de rendimento uma ação eficiente e produtiva, fazendo dele, um de seus princípios fundamentais; de tal maneira, que qualquer coisa que não resulte em ganhos e produtividade não é considerada viável para investimentos. Nesse modelo, nem mesmo a saúde, a educação ou o lazer são desenvolvidos a não ser em função de suas rentabilidades. *"O rendimento que inspira o esporte é o mesmo que sustenta todo o sistema econômico e produtivo da sociedade industrial."*[33]

O rendimento é mecânico e quantitativo, forçando o atleta a moldar-se segundo princípios que o tornam especializado, alienado. O desportista, muitas vezes, acaba sendo dirigido de maneira a se enquadrar em um modelo que tende a reduzir a existência humana a uma única de suas dimensões, à uma unidimensionalidade, enquanto, na verdade, ele é um ser "plural". Deixa-se, mais uma vez, de se considerar o ser humano em todas as suas muitas possibilidades existenciais, atuando apenas em uma delas. Faz-se do homem pura cognição, ou puramente movimento, ou apenas emoção... Mas o indivíduo que corre, também se emociona, pensa, sente...

Normalmente, os que aceitam o fardo de serem atletas não têm tempo ou energia para outras coisas que não o seu esporte, não conseguindo se empenhar em outras atividades; sejam elas para o seu desenvolvimento pessoal em outros setores ou que simplesmente sejam de seu interesse – isto, quando não se podou, por uma quase reclusão ao mundo esportivo, a possibilidade de conhecer outras tantas coisas que poderiam lhes ser atraentes. Ou ainda, quando essa possibilidade existe, ocorre de terem de abster-se para não atrapalhar o treinamento ou para não correrem o risco de uma lesão que os afaste das competições.

---

[33] Ibid., p. 51.

O caminho que se percorre quando se deseja esse corpo atleta pode levar o indivíduo para próximo de ser um "super-herói", mas também para longe da vida comum de um simples cidadão. A vida pessoal já não mais interessará, mas apenas a conquista de vitórias, títulos e medalhas, ao preço de muitas renúncias, sacrifícios e esforços. Em muitos casos, entrega-se toda uma vida para um único momento de glória a ser desfrutado.

Hugo Assmann,[34] ao falar de algumas metáforas sobre os corpos humanos inventados pelas ideologias e instituições, diz de uma que denomina corpo "jardim fechado". Corpo que é templo do sagrado, vivendo no aguardo de um futuro melhor e mais feliz – talvez sem o corpo – uma vez que ao viver em função de um espírito etéreo, o homem pode, até deve, flagelar-se, proibir-se ao prazer da carne. Até que ponto alguns não fazem do esporte uma "religião", mortificando-se, abrindo mão de uma série de momentos e atividades prazerosas em nome de uma alegria futura que virá com uma grande conquista: um título mundial, uma medalha olímpica? O "céu divino" pode ser para todos, mas o "céu do pódio" é para apenas um. Muitos não alcançarão esse "nirvana", apesar de todo seu esforço. Ou porque não foram tão bons, talvez devido a um descuido mínimo na hora errada ou ainda, por um machucado qualquer justamente naquele dia especial, tão aguardado – uma final olímpica ocorre a cada quatro anos, talvez numa próxima oportunidade já não se esteja no ápice da forma física que possibilitaria a vitória. É justamente nisso que reside parte da beleza do esporte, e também de sua tragédia.

Digo beleza do esporte, porque realmente é algo belo e louvável a opção que muitos realizam no desejo de se superarem, de tornarem-se melhores, empenhando-se o máximo possível. Valorizamos esse tipo de atitude, eu inclusive. O que critico não é essa opção de abrir mão de muitas coisas por uma meta a qual tanto se busca, mas sim o fato da ausência de um real optar que, no limite, diz respeito a tolher a própria liberdade, pois para muitas pessoas, ou para muitos atletas, são fechadas as portas para, de fato, decidirem se querem ou não se entregarem a tal mundo, a tal forma de viver.

Ora, a vida é feita o tempo todo de opções, e eleger para si a vida esportiva é apenas umas das muitas delas. Estamos sempre abrindo mão de possibilidades, ou de um desejo por outro; quanto maior e mais difícil o que se busca, maiores e mais difíceis são as escolhas a serem tomadas. Mas, como é possível se escolher qual o sabor que se deseja para

[34] ASSMANN, op. cit.

um sorvete se o único que se conhece é o de limão? Como fazer do esporte uma opção, se tantas outras possibilidades estão ou foram descartadas pelo meio social e por outros que não o próprio esportista, que, às vezes, foi privado de conhecer o que há para além do esporte? O mundo e a vida são muito maiores do que uma quadra ou um campo.

Entendo que os problemas sociais que permeiam nosso mundo, muitas vezes, apresentam o esporte como a melhor saída para tantas pessoas. Mas voltando a analogia do sorvete, é apenas abrir a possibilidade de escolha entre o limão e o sabor de uva, mas a vida tem muito mais a oferecer do que apenas isso. Além disso, penso que o rigor da dedicação esportiva e tudo que nele implica, todas as abstenções necessárias e suas conseqüências devem ser tornados claros e não ocultados a quem o deseja. E volto a frisar, "a quem o deseja", o que é diferente do que "apenas lhes resta". Por isso é que não se justifica um silêncio frente ao fenômeno esportivo, devendo, sim, chamar para uma reflexão sobre seu papel, seu significado, sua estrutura, o que não significa desconsiderar sua importância e sua beleza, mas, pelo contrário, destacá-la.

Na forma como o esporte de alto nível é hoje praticado – ou produzido – o atleta deve se entregar aos cuidados dos conhecimentos e das técnicas elaborados em laboratórios para poder se conseguir maiores desempenhos, mesmo a preços altos. O uso de substâncias proibidas como é o caso do doping – tão criticado e ao mesmo tempo tão usado – é apenas um dos exemplos de como as pessoas se sujeitam ao poder do conhecimento científico e das forças socioeconômicas para a glória esportiva. Será que isto tudo é motivado pelo status de campeão ou pelos ganhos vultosos que alguns alcançam? Será que em muitos, há ainda o prazer do competir e isso os levaria a esses extremos? O esporte é um produto vendido aos espectadores e se há meios de melhorar sua qualidade nas apresentações, por que não fazê-lo? O show não pode parar.

Esse entregar-se para ser estudado pela ciência, esse submeter-se a ela para melhorar resultados, lembra-me ainda outra metáfora de Assmann:[35] o "corpo 'aberto' e devassável". O corpo que a ciência invade, dessacraliza, "desmonta" na busca frenética do saber, conseguindo obter informações às custas de perder, talvez, a chance de conhecê-lo enquanto humano, em toda sua extensão. Atletas são medidos em altura, peso, dobras cutâneas e numa infinidade de outras formas. Esquadrinha-se o indivíduo, passa-se a saber

[35] Ibid.

quantas vezes seu coração bate por minuto, qual seria seu peso ideal, seu consumo de oxigênio em diversos níveis de esforço, etc., mas já não sabem o que ele deseja ou desejou, o que sente, o que o levou a ser um atleta, quais foram ou ainda são seus sonhos quanto ao seu envolver-se com o esporte. Muitos técnicos, treinadores, preparadores se esquecem que seus atletas são seres humanos, lembram-no apenas como os homens máquinas. Mais uma vez o homem passa a ser instrumento de sua própria criação, existindo para o esporte e não para si próprio.

Mesmo o público espectador esquece que são pessoas que estão em campo, nas pistas, quadras, ringues... Os novos heróis que surgem a cada dia no mundo esportivo já não competem mais para si ou para se superarem. Além de toda a estrutura socioeconômica que lhes dá suporte, da qual passam a depender para manter seu nível de "rendimento" e para a qual têm sempre que prestar contas através de suas conquistas, eles também passam a representar um número gigantesco de pessoas, torcedores – algumas vezes fanáticos – dos quais eles são os "enviados" para correr, fazer 'gols' e cestas, nadar, lutar... São eles que devem se esforçar e vencer, superar os limites que os homens comuns não superaram, esmagar as frustrações vindas das tantas perdas que ocorrem no cotidiano. *"Estes super-heróis tornam-se um alter-ego de muitas pessoas. O super-herói é o realizador de seus sonhos, o vingador das injustiças sofridas e o superador de todas as desilusões"*[36] Os super atletas, são, ou representam, aquilo que muitos desejaram e não conseguiram ser; por isso se imaginam neles, esperando que vençam a todos, que rendam a todos. E aqui pode acontecer – e muitas vezes acontece – de se fazer das praças de esporte um campo de guerra, onde não se deseja a disputa e a vitória, mas a humilhação, a inferiorização do adversário. Muitas vezes, as lutas chegam às arquibancadas, toma-se a "justiça nas próprias mãos", já que seus "enviados" não foram aptos o suficiente no cumprimento de seus papéis, ou então porque foram "roubados" pela arbitragem.

Os atletas que representam essas pessoas não podem fraquejar, devem ser sempre os melhores para serem aceitos. Esses heróis não podem errar, não podem falhar, sendo trocados sempre que preciso, afinal, não são pessoas que são descartadas, apenas "peças"! Máquinas não falham, quando quebram são trocadas e jogadas fora. Já não são mais humanos, podem ser vistos até como super-homens ou semi-deuses... mas não mais como

[36] SANTIN, *Educação física*: da alegria do lúdico..., p. 43.

seres humanos. Quando termina seu tempo produtivo, são quase sempre esquecidos, lembrados como eram e pelo que fizeram, mas não pelo que são hoje.

"Citius", "Altius" e "Fortius": mais rápido, mais alto, mais forte. Talvez a este tão conhecido ideário olímpico, poderia se acrescentar hoje também: mais rico, mais famoso, mais lesionado, mais alienado, mais desgastado... Penso que o nobre motivo de auto-perfeição, tão propalado por Pierre de Coubertin, o "pai" dos Jogos Olímpicos modernos, já não exista mais em tantos desportistas.

Esse é o corpo atleta que nos é oferecido todos os dias para ser consumido enquanto parte de um espetáculo ou como modelo a ser copiado – até mesmo clonado, quem sabe, nos futuros laboratórios. Mas ao dizer tudo isso, penso na possibilidade de um outro tipo de corpo atleta, que não tenha como rendimento um modelo mecânico e quantitativo, que se limita a desenvolver tarefas para chegar ao máximo desempenho possível, com esforços que utilizam todas as capacidades do organismo, até mesmo para além de seus limites. Penso; sim, num outro corpo atleta que esteja vinculado à dinâmica do viver, em que se busque aperfeiçoar e fortalecer as funções orgânicas, as habilidades motoras, o conhecimento sobre o esporte, de maneira a superar-se sem que isso represente uma agressão ao ser humano. Sempre de maneira a preservar o equilíbrio e a harmonia da vida. Um rendimento inspirado na ordem vital e não na mecânica, que se preocupe com o ser vivente e não apenas com os fenômenos físico-químicos da matéria orgânica.

Acredito, assim, num corpo atleta que se respeita, tendo em vista os limites a que está sujeito e valorizando-se pelas conquistas que obtém, não apenas as dos astros esportivos, que são os modelos desse fenômeno. É um corpo que procura reconhecer e compreender as mudanças qualitativas que ocorrem no interior do organismo, as quais colaboram para melhorar a própria qualidade de vida. Torna-se possível, desta forma, também a valorização do processo que se percorre e não apenas os produtos a que se chega, rompendo com a lógica quantitativa de nossa sociedade que se prende apenas ao objeto final, à produtividade. O caminho realizado passaria a ser valorizado pelo que é, e não como um simples meio para se chegar a um fim. É o que Santin[37] chama de "rendimento vital e qualitativo".

Isso não significa renunciar aos conhecimentos da ciência e da tecnologia, mas

[37] Ibid.

utilizá-los sem "abandonar" o próprio viver. É fazer com que o esporte se insira na vida das pessoas sem que se precise deixar ou afastar-se de outras atividades ou possibilidades de sua existência. É fazer da ciência um instrumento para o homem esportista, não para o sistema esportivo.

O homem comum torna-se, então, um atleta, ou melhor dizendo, um "atleta humano", que assume o esporte como mais uma esfera de sua existência e não a única, cujo rendimento esportivo está a serviço do organismo vivo e não o contrário, apoiando-se nos princípios da vida, não da máquina. O rendimento torna-se um compromisso, não uma obsessão; relacionado-se às necessidades existenciais e não às imposições do sistema de produção de nossa sociedade; estando vinculado aos desejos e à intencionalidade do desportista, não ao sistema que o envolve e tenta dominá-lo. Um rendimento que é fruto de uma história de vida que não se fez metade, que não foi reduzida a uma única dimensão humana. O corpo "atleta humano" estaria, dessa maneira, cultuando e cultivando a vida.

Esse corpo atleta estaria, ainda, colaborando, com a saúde do indivíduo – entendida aqui enquanto bem estar psíquico, físico e social que permite a superação de adversidades do dia-a-dia, e não apenas a ausência de doenças[38] – sem estar preso aos modelos de corpos saudáveis que muitas vezes são apresentados, induzidos ou vendidos pela mídia.

Hoje, o corpo saudável – e aqui é possível ver ainda ligado ao belo outro dos modelos de corpo de desejo da atualidade – é aquele que aparenta uma boa forma física, muito valorizada como meio de se obter "sucesso" e destaque em nossa sociedade. Boa aparência, muitas vezes, é tudo que se precisa para "subir na vida".[39]

Até onde a possibilidade de trabalho e de fama está associada à aparência externa das pessoas? Os meios de comunicação, em geral, empenham-se muito para reforçar essa relação. Aliás, cumprem muito bem seu papel através da exposição de belas imagens corporais, muitas vezes "manipuladas" com o auxílio de maquilagem e outras tecnologias de aplicação visual, com as quais se "adultera", "retoca-se", "aprimora-se" as pessoas, os corpos que se vê nas fotos de revistas, na TV etc. A realidade dá lugar a uma "simulação", um efeito, o corpo real é substituído por sua versão visual, um fetiche.

---

[38] GONÇALVES, Aguinaldo. (Org.) *Saúde coletiva e urgência em educação física.* Campinas : Papirus, 1997.

[39] CARVALHO, Yara Maria de. *O "mito" da atividade física e saúde.* São Paulo : Hucitec, 1995.

> *"Se no fetichismo mercantil as coisas tendem a comandar as pessoas, no* ***fetichismo mercantil imagético****, a realidade simulada na imagem devora a realidade das coisas e das pessoas, e sua relação recíproca fica transposta ao simulacro imagético."*[40]

É comum modelos e pessoas bonitas, às vezes caçadas nas ruas, transformarem-se em atores, cantores, apresentadores, repórteres... ganhando evidência e importância. Às vezes, vale mais os rostos ou outras partes do corpo que são mostradas, do que propriamente as atuações na tentativa de se obter reconhecimento. Assim, cuidar da saúde passa a ser cuidar da aparência, que, de certa forma, acaba sendo também cuidar da vida.

Também o desportista é um símbolo de saúde, o exemplo de pessoa saudável, o padrão exposto para ser seguido. Mas quase sempre também se esquece – ou se encobre, não sei – as muitas lesões, estresses, fraturas, desgastes... pelos quais passa, devido ao rigor dos treinos e competições.

Mas até onde o esporte é saúde? Há centenas de casos, mais ou menos graves, que permitem tal questionamento. A maioria das pessoas envolvidas com o esporte rendimento, consegue enumerar casos sobre hérnias, fraturas, dores crônicas entre outros, que têm no esporte uma causa ou um agravante para suas manifestações. Até onde uma boa forma física se traduz em saúde? Pouco se fala, de maneira séria e profunda, sobre as relações de proximidade e de distanciamento entre atividade física e saúde, entre a boa forma e a boa aparência com a saúde. Quantos atletas se entregam à dependência do álcool ou de outras drogas e vícios quando do esquecimento de seu público, ou pela frustração de não chegarem ao topo? Apenas Garrincha e João do Pulo? Se isso está relacionado à falta de uma estrutura socioeconômica ou de formação pessoal, até onde o esporte não possui parte da responsabilidade por dificultar, ou mesmo impedir, o envolvimento em outros campos da vida?

O importante nisso tudo, acaba sendo convencer o público em geral de que o sucesso é a conseqüência de uma boa aparência, a qual é possível através de um corpo saudável que, por sua vez, para ser conquistado exige uma série de cuidados e produtos – atividade física, complementos alimentares, dietas, vitaminas e outros mais – que estão

[40] ASMANN, op. cit., p. 74.

disponíveis para serem adquiridos em farmácias, academias e "boas lojas do ramo". Isso, sem mencionar os demais apetrechos que se "fazem necessários" para cada tipo de atividade. Existe, para cada uma, um tipo de tênis apropriado, que deve ser trocado, sempre que possível, pelo novo modelo aperfeiçoado pelos laboratórios das empresas: novos sistemas de amortecimento, formas de amarrá-lo mais eficientes, design mais adequado. Há também os trajes, bolsas, óculos e muito mais, mas sempre altamente específicos para cada coisa. Já ouvi comentários sobre o fato de um mesmo shorts não ser próprio para diferentes práticas. Claro que nem todas as pessoas seguem isso a risca, umas por não estarem tão cegas pelo consumismo, outras porque, simplesmente, não possuem dinheiro ou informação para tanto.

O importante é fazer desse corpo mais que um consumidor, é fazê-lo um produto comercializável quando de seu enquadramento nos valores da cultura de consumo em que vivemos. Ainda não se conseguiu "industrializar o corpo", mas já se criou alguns subterfúgios para tanto. Ancorados no tema da atividade física, a grande "vedete" nessa caçada à qualidade de vida através da saúde e aparência, todos os dias são criados novos produtos – muitas vezes pela reciclagem do que já existe. O tempo todo aparecem no mercado, não apenas equipamentos, mas também novas técnicas e atividades, como os programas de exercícios que duram poucos minutos e podem ser feitos em casa ou mesmo no escritório, equipamentos de ginástica domésticos ou portáteis, livros sobre exercícios, dietas, novas "aeróbicas" e similares – lamba aeróbica, cardio funk, step, aquafight, yoga power... – sempre com nomes "estrangeirados", a moda pega mais fácil assim. Afinal, o que vem de fora é sempre melhor!

Em nome da busca de um corpo saudável, mais uma vez fazem dele ser um instrumento e também uma mercadoria em nossa sociedade de consumo. Passa-se a fazer a "manutenção" do corpo com o intuito de se ter uma boa forma física, o que basta para demonstrar a todos e a si mesmo que se está bem, "de bem com a vida" – não são só os carros, motos, computadores... é que precisam de manutenção hoje em dia! É preciso que o corpo esteja o mais próximo possível da imagem de juventude, de saúde e da boa forma que é veiculado pela mídia como a ideal, para se aumentar o próprio valor de troca. Por isso, um corpo saudável é desejado a qualquer custo, não mais como um fator para uma melhor qualidade de vida, mas para fins de melhorar o marketing pessoal, de ascender no trabalho,

de produzir mais. *"Esta é uma época 'neurotizada' pela idéia da atividade física como saúde associada à beleza estética como único caminho para o sucesso, para a felicidade e para o dinheiro."*[41] Muitos já não fazem caminhadas para se sentirem melhor ou pelo prazer que nela há, mas pelo bem que possa causar na busca de mais esta metáfora corporal, ou então, apenas por que é mais um produto lançado no mercado.

As pessoas que têm o corpo saudável por referencial, vêem-se obrigadas a estarem o tempo todo observando os outros e a si mesmas para poderem se corrigir e saber o que têm que consumir. Mais uma vez é uma corrida em busca de ser aquilo que não é, mas que é apresentado como o ideal. É mais do que um desejo de se copiar o corpo alheio, mostrado pela mídia quando de seus muitos apelos a um corpo bonito e saudável, é uma imposição. Pois quem não o faz é tido como preguiçoso e sem força de vontade, estará desenquadrado e fora do sistema. É responsabilidade do indivíduo melhorar, fazendo a "manutenção" deste objeto que é seu corpo. É por isso que as áreas de caminhadas e academias continuam com seu sucesso, são elas que vendem beleza, alegria e saúde. Parece que a hipocondria, atualmente, não se limita mais apenas ao consumo de remédios alopáticos ou homeopáticos, incluindo também a atividade física; há um corpo ideal a ser buscado.

Dessa forma, estabelecendo-se o "mito" de que é a atividade física a grande – e principal! – responsável pela saúde das pessoas, faz-se do profissional de educação física um "vendedor", prometendo saúde. E quando a encontrarem, acharão também beleza e prosperidade. Não é a primeira vez que isso acontece: a atividade física e os cuidados com o corpo sempre estiveram ligados, de alguma forma, ao conceito de corpo saudável. A educação física já teve seu papel higienista no começo do século XX; há alguns anos atrás, o correr e depois a caminhada – devido à diminuição do impacto com o solo – ganharam notoriedade por todos seus benefícios aos sistemas circulatório e cardio-respiratório, através dos trabalhos de Kenneth Cooper; com os problemas das grandes cidades, que exigiram espaços fechados e mais seguros, veio a musculação e a ginástica aeróbica – que também evoluiu para formas adaptadas para baixo impacto e mais uma infinidade de variações a partir de temas e ritmos; acompanhando movimentos de contracultura, também as práticas ditas alternativas conquistaram seu nicho ou seu público: a anti-ginástica, o yoga e afins. No momento, estamos no "período das águas": natação, hidroginástica, watsu...

[41] CARVALHO, op. cit., p. 121.

Mas quase sempre essas atividades vêm e vão ao sabor dos modismos, não são apreendidas e incorporadas pelas pessoas, são compradas e consumidas.

Não sou contra uma lógica que se relaciona ao conceito de medicina preventiva e da qual a atividade corporal faz parte, mas considero necessário refletir como apenas se induz as pessoas ao consumo, ao consumo de corpos, um modelo alienado de ser. Essas modas estão presas a idéias cristalizadas que não explicam o porquê ou para quê, apenas ditam o quê fazer, o quê comprar, auxiliando mais uma vez para afastar a atenção para longe da realidade na qual se encontra, da qual se faz parte. *"Uma vez que o 'mito' compõe o nosso cotidiano, sinalizando determinada compreensão da realidade – 'sem necessidade de provas' –, ele assume a função de 'modelar' o indivíduo e não de explicar os fatos."*[42]

Isso tudo não quer dizer que a atividade física não possua importância para o bom funcionamento orgânico, para tratamentos ou para a prevenção de certos males; ou ainda, que não tenha ou cumpra um papel significativo para o bem-estar, a qualidade de vida e a aparência pessoal. Mesmo as práticas que se prendem a modismos possuem sua relevância, quando bem orientadas, para o fortalecimento das muitas funções vitais do homem. A questão não se encontra nos exercícios aeróbios, de força ou coordenação que são realizados em casa, nas praças, bosques e academias, mas, sim, no que está por trás deles.

Aprendemos que o corpo é belo apenas "em" algumas pessoas, que já nasceram assim ou que se dedicam a esculpi-lo com muito tempo e esforço. No mais, são todos feios e devem ser ocultados sob roupas, paredes, "máscaras". Estereotipados e carregados de preconceitos, esses corpos são, muitas vezes, privados do prazer do movimentar-se. Quantas pessoas não encaram de maneira vexatória o "gordinho" que se dispõe a correr?

Aprendemos também que existe idade certa para cada coisa na vida. Brincar é para as crianças e namorar para os jovens e adultos, cujos corpos são ainda belos e saudáveis. Quantos de nós não recriminam ou fazem comentários maldosos a respeito de idosos que buscam relacionamentos sociais e amorosos mais intensos ou adotam posturas mais alegres e extrovertidas?

Aprendemos que a mente sã está no corpo são e esta é uma boa razão para cuidarmos da saúde do corpo: para pensar melhor, para trabalhar melhor. Não pensamos a saúde como forma de melhor viver a não ser quando sofremos as dores e as privações

---

[42] Ibid., p. 127.

impostas pelas doenças.

Aprendemos a ter vergonha da sexualidade, quando não, medo. Pregamos a virgindade e o pudor quando, na verdade, o que se deseja é viver a experiência do prazer nas relações. Marginalizamos, num país de corpos seminus, a sensualidade, o erotismo, o ato sexual. Ou, então, agimos de maneira oposta, explorando, supervalorizando, expondo o máximo possível na mídia, usando do erótico e do sensual de tal forma que acabamos por fazê-lo mais um produto a ser vendido ou para vender qualquer outra coisa, vulgarizando, debochando, tornando fútil o corpo, a sexualidade, a sensualidade. Banalizando algo que é tão belo.

Penso que existem muitos mitos sobre o corpo. Quando se procura olhá-lo, pode-se perceber que há uma infinidade de significações sociais que envolve cada uma das muitas dimensões humanas de que participa, cada uma das muitas manifestações de que toma parte: namoros, trabalhos, hábitos, criações, higiene, brincadeiras, orações... O mesmo corpo humano já foi alvo de tabus e liberações, de idolatrias e desprezos, de preocupações e esquecimentos... Assume papéis e recebe signos, dá sentido a si e ao mundo à sua volta, segundo a cultura a que pertence, segundo sua intervenção nesta. Quando se mitifica o corpo, faz-se dele apenas efeito, esquece-se que é também um agente gerador de sua sociedade. Não é apenas um carregador dos signos sociais – às vezes marcados concretamente na pele – ele também os cria, e, ao fazê-lo, cria a si mesmo. É preciso retomá-lo como tal, um humano por inteiro!

2.3 - O corpo possível.

> *"Será preciso deixar que o corpo fale do corpo. A razão já falou muito tempo do corpo, segundo as regras da racionalidade. Conseguimos, por esse caminho, obter a corporeidade racional. Precisamos encontrar o caminho que nos leve à corporeidade corporal."*[43]

Corporeidade, palavra um tanto desconhecida para a maioria, um pouco menos estranha para os profissionais que se utilizam, pensam sobre ou trabalham com as práticas corporais. Palavra, íntima de poucos, talvez.

Corporeidade, termo de difícil definição, indefinível melhor dizendo. Expressão cujo entendimento não está preso a explicações precisas, fechadas ou delimitadas por certezas. Buscar sua compreensão, é refletir sobre o corpo, mas não o corpo delimitado em suas características físicas, sociais ou biológicas, é ir além, é pensar sobre o corpo que se alegra, que caminha, que contempla, que conhece, que encontra outros corpos... É pensar sobre o corpo que vive, que é sensível e inteligível, que é humano, que mais do que pertencer a alguém é esse próprio alguém.

Pensar sobre a corporeidade é refletir sobre nossa existência – que só é possível por sermos corpos – sobre a vida, o humano e até mesmo sobre nossa felicidade.

Sempre que se tentou definir o corpo, este foi tido em oposição a uma realidade não corpórea, racional e superior chamada ora de alma, ora de mente... Entendendo sua funcionalidade segundo modelos de uma lógica formal puramente intelectualizada, foi tratado como máquina, desconsiderando-se o fato de ser um ser vivo dotado de desejos, de sonhos, de intencionalidade... de humanidade.

O discurso da corporeidade busca um novo olhar sobre o corpo, sobre o homem, sobre o humano. Diferente de muito do que apresentei aqui até agora.

Reconhecendo-se como corpo, o homem, ao contrário do que quase sempre aconteceu em sua história – a valorização da razão, da mente, do espírito, em detrimento do sensível, do movimento, do corpo – não pode mais negar a presença de seus sentimentos,

---

[43] SANTIN, *educação física*: da alegria do lúdico..., p. 94.

de seus sentidos, de sua motricidade. Não mais como possuidores de um corpo, mas sendo um corpo. Corpo sensível, que se movimenta, que conhece, que está aberto ao lúdico, ao prazer, à criatividade, à participação. Corpo que não está "solto no espaço-tempo", mas que é presença concreta num mundo repleto de objetos e de outras pessoas que nos colocam, a todo instante, possibilidades infinitas de interações e vivências em um constante transformar e transformar-se, é o que nos propõem os estudos sobre a corpo de que trato agora.

É ao que nos convida a metáfora do corpo presente-pressente, proposta por Wagner Wey Moreira – talvez um novo modelo de desejo a ser usado pela sociedade de consumo?! – a qual se concretiza ao darmos...

> *"...atenção ao nosso mundo da percepção, em que chamamos de mundo o que se percebe e de pessoa aquilo que se ama; percepção essa que se realiza no fundo de minha subjetividade, quando vejo aparecer uma outra subjetividade investida de direitos iguais porque no meu campo perceptivo esboça-se a conduta do outro."*[44]

Essa metáfora nos fala de um corpo uno, ou melhor, de um ser humano indivisível, o qual é mais do que a simples somatória de carne e espírito ou quaisquer outras partes que se poderia pensar como componentes do homem; não desconsiderando nem privilegiando uma única das dimensões do ser humano, entende-o em "pluridimensionalidade", aceitando como partes integrantes e importantes do homem e seu viver, tudo o que de alguma forma lhe diz respeito, mesmo quando elas ainda sejam incompreensíveis, não calculáveis ou imprevisíveis. Pois assim é o homem. Um ser que planeja, decide, age, muda os planos quanto a si e a todo o meio, segundo sua intencionalidade, segundo seus valores que também estão sempre a se transformar ou a se reforçar, mas que nunca chegam a estar rígida e finalmente estabelecidos, cristalizados, acabados. É um ser que participa ativamente do construir de sua história, a qual se entrelaça a tantas outras, tomando parte e envolvendo outros seres e o mundo – social e natural – de que é integrante em seu

[44] MOREIRA, op. cit., p. 27.

UNICAMP BIBLIOTECA

"constituir", e que dialeticamente "o constitui". Uma história que não é linear ou simétrica, e muito menos estática, pois também o homem não é assim. Uma história que não é feita só, pois em cada um ficam as marcas – e estas existem de tantas formas – de tudo que se passou, de todos com quem se encontrou.

Essa metáfora chama a atenção para o fato – "ainda novo" – de que o sensível e o inteligível do homem são coabitantes, mais do que em um mesmo corpo, mas de si mesmos, um habitando o outro. Nenhuma ação é puramente sensível ou inteligível. Um não é a ausência do outro, ao contrário, um faz parte do outro, um só é possível pelo outro e no outro, misturam-se, fundem-se, "con-fundem-se". O sensível não é um instinto irracional que é assumido como se fosse a própria corporalidade caótica, e onde o inteligível seria um agente controlador e ordenador, hierarquicamente superior, que possibilitaria o existir da vida e do homem; estas são compreensões que devem ser superadas. A carne é também inteligente e não apenas sensível, o cérebro é também emotivo e não apenas racional. É o que conclui João Freire,[45] ao observar e analisar, de várias maneiras e em diferentes formas de ações motoras – movimentos de capoeira, de futebol, de pular corda – as inumeráveis manifestações da inteligência e da sensibilidade que ocorrem, concomitantemente, nos corpos. Em suas próprias palavras:

> *"Sou sempre mais tentado a acreditar que, se mente e corpo não fossem uma só coisa, a mente de tal forma se agarrou ao corpo para estar nesse mundo que nunca se poderá vê-la fora do corpo. Mas prefiro dizer que corpo e mente são* ***as mesmas coisas diferentes de um só todo****"*[46]

Nesse olhar sobre o corpo – sobre o humano – ele simplesmente é pensado e vivido como um todo indissociável, capaz de *"...considerar a vida humana, nas suas mais diversas manifestações, nas realizações concretas, para além de todas as previsões e cálculos"*,[47] sendo a consciência desse fato dada através da experiência perceptiva.

---

[45] FREIRE, op. cit.
[46] Ibid., p. 147. Grifo meu.
[47] FEITOSO, A. M. apud. VENÂNCIO, Silvana. *Educação física para portadores de HIV*. Campinas, 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 39.

A consciência perceptiva, no interagir e no conhecer o mundo, colabora, segundo Merleau-Ponty[48], para a compreensão da unidade do homem, uma vez que a integração dos sentidos na experiência perceptiva necessita de um único organismo, que ao mesmo tempo em que o conhece, possa abrir-se a ele de maneira a ser também conhecido; um organismo que seja conjuntamente: interioridade e exterioridade, subjetividade e objetividade, "corpo e espírito". O filósofo nos aponta para uma unidade de experiência corporal que somente pode ser compreendida claramente quando é superada a cisão entre sujeito e objeto, consolidando, dessa maneira, uma integração entre homem e mundo, na qual ambos deixam de existir como elementos totalmente separados e passam a ser um no outro, numa relação dialética em que cada um cria e é criado, conjuntamente, pelo outro. O fenômeno da percepção é entendido como o meio pelo qual o indivíduo, por ser corpo, interage com o mundo, tocando-o e "absorvendo-o", ao mesmo tempo em que é tocado e "absorvido" por ele, gerando assim uma ambigüidade que se faz presente pelo fato de ser, num mesmo instante, tocante e tocado, "sujeito e objeto", "visível e vidente".

Portanto, é através do corpo que tomamos consciência do mundo, e é ainda através deste "estar no mundo", desta interação entre homem e meio, que tomamos consciência do próprio corpo.

> *"O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é para uma pessoa viva juntar-se a um meio definido, confundir-se com alguns projetos e engajar-se continuamente neles. [...] se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo inapercebido para o qual todos voltam a face, é verdade, pela mesma razão, que meu corpo é o 'pivot' do mundo; sei que os objetos têm várias faces porque poderia fazer a volta ao redor deles, e neste sentido tenho consciência do mundo pelo meu corpo."*[49]

O homem é compreendido dessa forma, como existência e essência manifestas no

---

[48] MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção.* Rio de Janeiro : Livraria Freitas Bastos, 1971.

[49] Ibid., pp. 94-95.

mundo em uma concretude que Merleau-Ponty[50] denomina de "Corpo Próprio". O corpo é o meio de comunicação com o mundo, o qual se revela em sua interação com este, apropriando-se e carregando os signos e os símbolos de seu meio, de sua cultura; ele é o próprio existir que nos permite os diferentes olhares sobre a realidade e seus sentidos, de modo a conhecermos o que nos cerca, o que percebemos. Refere-se ao ser individual, à integração entre uma idéia e uma existência.

Fritjof Capra[51] chama a atenção para o fato de que estamos atravessando, hoje, uma "crise de percepção", uma crise única mas "complexa e multidimensional", que aborda as relações sociais, a saúde, a qualidade do meio ambiente e muito mais. Ele diz que deveremos sair dessa crise a partir de novos paradigmas que melhor expressem a nossa realidade, o nosso olhar sobre o mundo, o nosso viver. Acredito que também as questões referentes ao corpo, tão discutidas em nossos meios acadêmicos, dizem respeito à busca de novos modelos que guiem o nosso existir.

Precisamos de novos modelos que extrapolem uma forma de pensar acoplada a uma lógica mecanicista que procura compreender a existência, o corpo, a vida a partir de estruturas reduzidas e descoladas do próprio contexto; novos modelos que possam aceitar a possibilidade de que essência e existência estejam mais do que unidas num simples momento de adição entre ambas, indo-se além de uma somatória complexa mas "simplista"; novos modelos, em que vida e corpo sejam tidos como decorrentes de interações e cooperações complexas entre todas as suas partes, identificáveis ou não, como um processo ininterrupto e inacabado, fazendo-se, então, resultado e instrumento de si mesmo.

Precisamos que o corpo seja reconhecido como possuidor de uma identidade sistêmica; que, apesar de todo o envolvimento que possa ter com seu entorno e estando estruturalmente ligado a toda pluralidade espacial, temporal e cinética que o cerca, ele seja um "em si mesmo", seja "auto-referencial" enquanto "eu" e "mundo", sendo, entretanto, sempre um no outro de maneira inseparável, mas não como um dado objetivo passível de ser compreendido como alheio a este; que se busque compreender a impossibilidade de autonomia do cérebro e/ou mente/espírito em relação ao corpo, uma vez que compõem uma

---

[50] Ibid.
[51] CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação.* 18. ed. São Paulo : Cultrix, 1996.

totalidade corporal, estando um a serviço do outro – se é que se pode dizer assim, sem se retornar a uma postura dicotômica – de maneira que cognições, emoções, motricidade emerjam do sistema inteiro, como um único todo; que este corpo vivo seja, ou "possua", uma plasticidade adaptativa ao mundo e ao viver, orientando e sendo orientado pela interatividade do próprio existir, sem se prender ao desejo de um equilíbrio que seja entendido como algo que seja – ou esteja – estático em algum momento, mas sim dinâmico, com oscilações constantes que envolvam todos os seus níveis – molecular, celular, comportamental... – uma vez que todos intervêm em todos, em todos os momentos, de formas não ordenadas ou ordenáveis.

Um novo modelo que resulte em um novo olhar sobre corpo – a corporeidade; que inclua, necessariamente: ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio, simetria e dissimetria, continuidade e descontinuidade, coordenação e descoordenação, controle e descontrole. Aspectos estes, já considerados impossíveis de coexistirem mutuamente, embora sejam o que realmente tece esta misteriosa e fascinante teia que é a vida humana.

Assmann[52] aponta possíveis teorias, algumas recentes outras já mais antigas. Apesar de ainda serem um tanto marginais em relação às demais já estruturadas, de ordem mecanicista, e embora não tragam respostas extremamente sólidas, são provocadoras no que tange à busca de novos paradigmas sobre o corpo humano, colaborando para superar o que ele chama de a "insatisfatória falácia mecanicista". Cita a autopoiése, a homocinética, a sinergética, a teoria do caos entre outras, que corroboram o que foi dito aqui. Teorias estas, que surgem inclusive no interior de áreas do conhecimento já consolidadas, mas que colocam em dúvida a veracidade de muito do que essas mesmas áreas já produziram e/ou ainda aceitam.

Mesmo sobre à separação corpo e mente, já existem estudos, inclusive dentro das chamadas "ciências duras", nos quais se reconhece essa impossível dissociação. Ou seja, isso não está limitado mais apenas a estudos e áreas "menos" nobres do conhecimento, comumente marginalizadas ou menosprezadas.

António Damásio é um dos que rompem com esse modelo existente dentro de tais meios acadêmicos, em que não é...

---

[52] ASSMANN, op. cit.

> *"...habitual falar de organismos quando se fala sobre cérebro e mente. [Pois] Tem sido tão óbvio que a mente surge da atividade dos neurônios que apenas se fala desses como se o seu funcionamento pudesse ser independente do funcionamento do resto do organismo."*[53]

Dessa forma, ao não concordar com o paradigma ainda vigente e muito forte dentro das neurociências, seu campo de estudo, defende que seja um erro considerar...

> *"...a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e inatingível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo."*[54]

Assume que a alma e o espírito, *"em toda sua dignidade e dimensão humana, são os estados complexos e únicos de um organismo."*[55] E ainda mais, passa a aceitar a perspectiva de que o corpo como um todo é também um sistema perceptivo e cognitivo, que constitui todo um quadro referencial para os processos que experenciamos e para as interpretações de tudo que nos rodeia, construindo, desse modo, nossa subjetividade. É o corpo que interage com o mundo, que o reconhece e o cria, e ao criá-lo o reconhece. Damásio, de maneira similar ao colocado por Assmann[56], reforça ainda mais o que foi comentado há pouco sobre os dizeres de Merleau-Ponty.[57]

> *"Encima do que nos advém 'de fora', construímos ativamente a nossa imagem do real. Somos criadores do 'nosso mundo', inventores do 'nosso mundo', fabuladores e sonhadores do 'nosso mundo',*

[53] DAMÁSIO, op. cit., p. 17.
[54] Ibid., p. 280.
[55] Ibid., p. 282.
[56] ASSMANN, op. cit.
[57] MERLEAU-PONTY, op. cit.

> *transformadores do mundo real porque, em primeira instância, transformadores do 'nosso mundo'... Não há mundo para nós a não ser mediante a 'nossa leitura' do mundo, corporalizada no sistema auto-organizativo que somos."*[58]

É dessa maneira, que a própria percepção contribui para sustentar o fenômeno da corporeidade enquanto um processo dinâmico, ordenador e desordenador ao mesmo tempo, pois somente percebemos a realidade desconstruindo e reconstruindo-a através das interações, através de nós mesmos, corporalizando-a, incorporando-a. A corporeidade se faz pela percepção, ao mesmo tempo que esta a faz. Assmann[59] ainda acrescenta que todas as necessidades, desejos, utopias e ideais somente se fazem reais, somente se cumprem enquanto ação ou esperança a partir da mediação dos corpos vivos, dos seres que habitam esse mundo.

Assim, esse novo olhar sobre o corpo, já aceito por alguns, desconsiderado ou desconhecido por outros, é um reflexo dos debates vinculados à problemática das situações vividas pelo homem de hoje nessa era das ciências e tecnologias, na qual a imagem sobre nós mesmos, sobre nossa humanidade, está comprometida pelos modelos referenciais de que dispomos. Ou seja, um repensar o corpo significa um reavaliar, enquanto elemento pertencente a determinada cultura e meio social, o nosso "projeto de humanidade"; o que significa, para nós, "ser" humano ou "ser mais" humano.

Desse modo, assumir um novo paradigma que oriente o nosso agir corporal, é também assumir seus valores e, com eles, os desafios de uma nova forma de ser, de ver a si e o mundo. Nesse caso, é respeitar seus desejos e necessidades dentro desse processo contínuo que é o corpo humano, é engajar-se em sua dinâmica.

Entendo que o comprometer-se, no que diz respeito a esse olhar que aqui defendo sobre o corpo, buscar esse "novo corpo" de que tanto falei até aqui, é mais que partilhar de um discurso, é partilhar de uma prática de vida que não tem espaço ou tempo definidos, pois ocupa todos os momentos e todos os lugares. É uma prática que se concretiza por atitudes que resgatam a alegria da participação, da criação, da contemplação; o prazer do

---

[58] ASSMANN, op. cit., p. 90
[59] Ibid.

fazer e do não fazer, do conhecer-se e expressar-se; é um exercício a que não estamos acostumados: ouvir o próprio corpo. Por isso, abordo ainda outro tema também muito debatido atualmente ao se pensar nos valores humanos, e que está profundamente relacionado ao corpo, ao viver: o lúdico.

De forma semelhante à questão corporal, também o lúdico é um termo cuja especificidade de seu significado não é algo objetivo nem simples de ser dado. Marcellino[60] chega a comparar a busca por uma conceituação do lúdico, com o participar em um "jogo de palavras", tal a dificuldade de precisão dos termos/palavras a ele relacionadas. A procura de esclarecimento, a partir de verbetes em dicionários, ou mesmo a tentativa de conseguir uma definição fechada através de estudos realizados sobre essa palavra na filosofia, ciências sociais ou psicologia, sempre acabam sendo infrutíferas. Não tenho aqui a pretensão de tentar tal feito, mas apenas levantar a questão de como esse aspecto do ser humano se encontra abandonado em nossos dias e o quanto pode contribuir para nossa própria humanidade.

Assim como alguns autores, procuro entendê-lo a partir de sua manifestação no jogo, na festa, no brincar etc., momentos privilegiados para que o lúdico se faça presente, o que não quer dizer que ele inexista – ou melhor, que não poderia existir, uma vez que está quase sempre ausente – em outras esferas da vida humana, tais como o trabalho, um culto religioso, a escola... O que há, na verdade, são condições mais ou menos favoráveis para uma atitude lúdica do homem, as quais são determinadas por nossa estrutura sociocultural. Aliás, acredito que todos os momentos, todos os lugares e atividades poderiam – e deveriam – possibilitar a manifestação lúdica. O fato é – e aqui há outra semelhança com o corpo – que ele foi e é negado em nossa sociedade, em nome da funcionalidade, da utilidade, da seriedade. Como se uma pessoa séria não pudesse ser alegre ou que isso atrapalhasse a produção, como se alegria e responsabilidade não pudessem habitar o mesmo indivíduo. Ocorre que, resolveu-se considerar a sisudez, o ar sombrio das pessoas como algo mais digno que um sorriso. Diria ainda que tal postura dá a impressão de um maior controle, pois o riso é expontâneo, deforma o rosto, mostra o que a pessoa está sentindo. É algo imprevisível. Uma gargalhada chega a ser incontrolável, e mais, contagiante, pode alterar todo um ambiente, toda uma situação. A alegria é subversiva.

---

[60] MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da animação*. Campinas : Papirus, 1995.

BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

No romance de Umberto Eco,[61] *O nome da rosa*, onde descreve a ocorrência de uma série de mortes misteriosas em um mosteiro beneditino do século XIV, descobre-se, no desenrolar da trama, que todas elas estavam associadas a um livro que tratava da comédia, da alegria, do riso. Um livro proibido, embora houvesse quem desejasse lê-lo, mesmo com o risco de ser excomungado ou morto. No romance, os assassinatos foram cometidos para proteger os homens de suas "próprias risadas", coisa proibida, pois somente as coisas sérias eram dignas dos homens tementes a Deus. O "Venerável Jorge", um dos monges mais antigos e respeitados do mosteiro dessa história, chega a comentar que o riso faz com que o rosto das pessoas se transfigure, deforme-se, fazendo-o ficar parecido com as faces de macacos; esquecendo, ele mesmo, que macacos não riem. O riso é próprio dos homens. *"O* ***animal ridens*** *de Aristóteles caracterizava o homem, em oposição aos animais, de maneira quase tão absoluta quanto o* ***homo sapiens.*** *"*[62] O fato é que rimos, alegramos-nos; sempre desejamos e buscamos a alegria, apesar de todos os possíveis "riscos" que a ela podem estar associados.

Segundo a lógica mecânica e determinista de nosso mundo, direcionada para a produção e consumo, o que não possui a linearidade, nem pode ser vendido ou comprado, acaba sendo descartado, como é o caso do riso, do lúdico. Mas hoje já existe quem tente vender alegria, de muitas maneiras: através de viagens, objetos, sensações... Esquece-se que o lúdico é um componente da cultura humana que se manifesta no indivíduo quando se envolve por inteiro no que realiza; doses homeopáticas adquiridas a "preços módicos" e sem o esforço que e a entrega que a ludicidade, de fato, exige, são sempre remendos compensatórios adquiridos para amenizar o cotidiano. Este cotidiano, muitas vezes, é marcado mais pela dor e desconforto do que pela alegria, uma vida que possui apenas intervalos – fins de semana, fins de tarde, final de ano... sempre no fim, sempre depois – para se poder "viver" de "verdade", para ser feliz. Primeiro tenta-se afastar a ludicidade, para depois resgatá-la como um bem de consumo. Mas, penso que não seja possível comprá-la, assim como não se compra liberdade, nem afeto, nem carinho... verdadeiros. Enquanto se estiver preso a essa lógica, o lúdico continuará sendo ocultado em nossa existência.

---

[61] ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro : Record, 1986.
[62] HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, 1996, p. 8.

> *"Do ponto de vista da concepção determinista de um mundo regido pela ação de forças cegas, o jogo seria inteiramente supérfluo. Só se torna possível, pensável e compreensível quando a presença do espírito destrói o determinismo absoluto do cosmos. A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana."*[63]

É por isso também o que lúdico tem seu existir vinculado ao jogo, ao brincar, à alegria, aos valores estéticos, à sensibilidade, às emoções... Porque eles são "supérfluos", porque escapam à lógica racional.

Como a corporeidade, também ele deve ser compreendido no seu fazer, também é um processo constante e inacabado. Por isso o lúdico deve ser vivenciado para ser compreendido. Seu entendimento só é possível em seu acontecer, seja em espaços privilegiados como o lazer, seja em outro qualquer. Ao se manifestar, ele o faz nas pessoas, de uma maneira própria em cada uma, em cada situação diferente, sendo sempre novo, nunca se repetindo. Cada ato lúdico é sempre original. Está a todo instante fazendo-se, desfazendo-se, refazendo-se, tudo ao mesmo tempo, assim como o corpo, assim como o próprio homem.

O lúdico se manifesta enquanto produto e também como processo em nossa sociedade, enquanto conteúdo e forma.[64] Huizinga, que defende sua importância dentro da cultura como fonte motora e vital para o seu próprio surgimento, aponta para o abandono referente à ludicidade em nossa sociedade, principalmente após a revolução industrial que consolidou nosso atual momento histórico quanto a forma de ser do homem, para o qual *"o utilitarismo, a eficiência prosaica e o ideal burguês de bem estar social"*[65] passaram a ser os valores máximos.

Ora! Muitos desejam hoje um reencontro com o lúdico. Está se falando bastante da importância da alegria para o homem, havendo até tratados científicos que falam da importância do riso para a saúde das pessoas, como fator de combate ao estresse. Rir é sinal de saúde, alguns devem dizer. Mas rir é só isso?! Um sinal de que se está bem, saudável ou

---

[63] Ibid., p. 6.
[64] MARCELLINO, op. cit.
[65] HUIZINGA, op. cit., p. 212.

coisa assim e mais nada?! Espero apenas que os cientistas não cheguem a conclusões sobre o número ideal de sorrisos e gargalhadas por dia – eles adoram números, como se isso resolvesse tudo. Se chegarem a isso, não terão entendido nada sobre o lúdico, sobre a alegria ou sobre o riso; uma risada existe apenas enquanto é feita e apenas porque é algo bom, só por isso e mais nada.

Mesmo o meio escolar, que tradicionalmente negligenciou a ludicidade reservando tempo e espaços delimitados para os jogos e brincadeiras de seus alunos, tenta hoje encontrar forma de inserir o lúdico como meio de melhorar o aprendizado. Utilizando-se de formas simplistas de inclusão dos elementos de uma cultura infantil, também a escola acaba por não compreender, nem a importância, nem o significado que seus "usuários", as próprias crianças, têm dos jogos. Faz-se, dessa forma, apenas mais um instrumento do brincar, dando-lhe um papel funcional e utilitarista que termina por descaracterizá-lo, por empobrecê-lo no que diz respeito aos seus aspectos originais. Talvez a escola consiga, dessa forma, resgatar jogos, brinquedos, brincadeiras para dentro de seus muros, mas não do lúdico. Certamente, levar o brincar para dentro da escola é algo positivo para a aprendizagem porque sempre estamos aprendendo com ele. Mas, ao cumprir o papel pedagógico como lhe é imposto, nem sempre pode ser chamado propriamente de brincar.

Para muitos, essas manifestações lúdicas são tidas apenas como um elemento para o descanso ou, então, para extravasar um excedente de energia que não se desgasta nas demais funções e atividades do dia a dia. Limitam-as a ser uma espécie de "catarse" para a vida produtiva já que eliminariam parte das tensões que recaem sobre as pessoas, permitindo um maior controle emocional por parte desse "homem mais relaxado". Esse papel desconsidera seus aspectos criativos quanto a ser formador de nós mesmos, do homem, da cultura, como expressão humana.

Embora muitas pessoas vejam a prática lúdica como o fazer qualquer coisa de qualquer jeito, basta observar as crianças – especialistas em brincar – para perceber que seus jogos e brincadeiras sempre possuem normas dentro de uma lógica própria, normalmente diferente do pensamento formal a que estamos acostumados. Por isso é que pode se tornar uma alternativa aos comportamentos estereotipados e padronizados; o lúdico do corpo diz respeito aos valores e emoções vividas. *"O corpo lúdico pensa, sonha, inventa, cria mundos, onde é capaz de assumir todas as responsabilidade de viver com*

amor e liberdade."[66] Não foi a toa que João Freire, ao procurar estudar sobre a não dissociação entre corpo e mente através das práticas corporais, propôs-se a observar crianças brincando, crianças que ao exercitarem sua ludicidade e sua corporalidade conseguiam apontar para uma nova forma de ver o novo do homem. Assim como a criança que surge do leão.[67]

Se realmente se desejar um ser humano que rompa com os modelos vigentes, faz-se necessária a busca de referências no sensível. O sensível, entendido não como o oposto a razão, mas sim como complementaridade; de maneira a que ambos, sensível e inteligível sejam coabitantes de um mesmo fenômeno que tem na ludicidade a dinâmica de sua harmonia.

Talvez devessemos observar mais as crianças, para aprender ou reaprender com elas o prazer do jogar e do brincar descompromissadamente, não como uma necessidade mercadológica, mas como uma satisfação ao envolver-se. Talvez devessemos observar mais as crianças e também participar mais com elas, para exercitarmos nossa imaginação, recriar nossos mundos imaginários e, quem sabe, ter mais belos sonhos para realizar, utopias para conquistar... Recolocando o lúdico em nosso meio, em nosso dia a dia.

Não se trata de um voltar a ser criança, mas de um romper com as barreiras que separam nossos "mundos", para que seja recuperado esse aspecto que considero importante em nossas vidas, por possuir um grande valor para nossa "humanidade", para nosso viver, para nossa felicidade, assim como o repensar o corpo.

Seja na educação, no trabalho, no lazer... para podermos falar desse corpo é preciso vive-lo. Régis de Morais diz que *"...belas e explicativas idéias em seqüência jamais substituirão as 'vivências' subjetivo-objetificantes da corporeidade."*[68] Ou seja, é preciso mais que palavras que surjam de um observador distante e alheio, é preciso um envolver-se.

Há um provérbio zen que diz algo mais ou menos assim: "Saber e não Fazer, ainda não é Saber". Para buscar, falar, ensinar esse corpo lúdico aqui proposto, é preciso conhecê-lo, o que somente parece possível através de seu vivenciar.

Por isso, desejo ouvir os corpos, saber o que dizem, o que pensam, o que sentem, o

---

[66] SANTIN, *Educação física*: da alegria do lúdico..., p. 90.
[67] NIETZSCHE, op. cit.
[68] MORAIS, J. F. Régis de. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, *Educação física & esportes...*, p. 71.

que fazem, de modo a contribuir nesse processo de "redescoberta" do corpo lúdico, realizando uma reflexão a partir do apresentado aqui em relação à vivência de uma atividade corporal que tem na ludicidade o elemento que a impulsiona. Essa atividade está crescendo bastante nos últimos tempos, estando relacionada a um dos grandes movimentos sociais desse final de século: a preocupação ecológica. Falo aqui das práticas corporais vinculadas à natureza, as quais têm sido pouco debatidas nos espaços da educação física: as trilhas, o montanhismo, canoagem etc.

Limitarei-me apenas às trilhas devido à sua simplicidade para ser realizada. Ela não requer equipamentos especiais ou técnicas apuradas; e, considerando-se os diferentes níveis de esforço que cada caminho requer e do tempo que se tem para realizá-lo, ela é possível a praticamente todas as pessoas. Dessa forma, estarei tratando de pessoas comuns, não de atletas. "Qualquer um" poderá então me auxiliar na tentativa de reconhecer as ausências e as manifestações possíveis do corpo e do lúdico em seu caminhar.

Sigamos então em direção aos "caminhantes" na natureza, pois muitos dizem encontrar elementos que poderiam ser entendidos como a manifestação da ludicidade e da corporeidade nessas trilhas. Acredito tanto na presença como na ausência deles nesse trilhar, pois cada trilha é única. No entanto, como já dito, deixarei que os corpos – os trilheiros – falem de si mesmos.

CAPÍTULO III – SOB O OLHAR: A TRILHA.

3.1 – Caminhando.

> *"Na era do virtual, em que o exercício de todos os prazeres sensoriais parece passar pela tela do computador, sair de casa em busca de natureza ganha, incrivelmente, contornos de contracultura. Mas não há nada de novo sob o sol: tudo já existia há milhões de anos e aguardava, apenas, quem se dispusesse a se aventurar, procurar e contemplar. E esse bando de nômades modernos, que se encaminham para cenários intocados atrás de visões do paraíso, [...] criou uma nova (?) forma de ver o mundo chamada ecoturismo. [...] Além de admirar a paisagem, reinventam o mais antigo esporte criado pela Humanidade: caminham."*[1]

É de manhã, bem cedo ainda, as pessoas já se levantaram e tomam seu café enquanto observam o nascer do sol no mar. Saúdam os primeiros raios de luz deste dia numa pequena praia de areia branca e limpa. Não há copos plásticos, canudinhos ou o resto de quaisquer outras coisas pelo chão, somente algumas pedras e conchas; é uma praia como muitos desejam visitar. Mas apenas alguns poucos estão ali ou já a visitaram alguma vez. Por trás, o lugar é cercado pela floresta e por rochas de ambos os lados; por um deles desce um pequenino rio que cai formando uma cachoeira, a qual fornece a água para beber, para o banho e também para este último café da manhã neste local antes da partida. A paisagem, emoldurada pelo céu azul, se constituiria em um cenário perfeito para algum cartão postal ou para a propaganda de alguma agência turística. O único problema – para algumas pessoas, mas não para estas – é que não há hotéis nem restaurantes ali, e a única forma de se chegar por terra é andando.

Mas eles chegaram, estão lá. Mais do que apenas olhar uma possível foto, podem ouvir o som dos pássaros, do vento e das ondas quebrando nas pedras; conversam sobre o próximo percurso que farão rumo a um novo local: outra praia, pois a viagem ainda não irá

[1] CAMINHOS DA TERRA. Ecoturismo. São Paulo : Abril, n. 2, nov. 1998. Edição Especial, p. 4.

chegar ao fim tão já.

Alguém comenta sobre o ar puro, outro sobre a beleza dali, outro ainda chama a atenção dos colegas para algum detalhe da paisagem, percebido apenas naquele instante. Têm a possibilidade de interagir com o meio, podem tocar, ouvir, cheirar, sentir, desfrutar de um ambiente diferente daquele em que habitualmente vivem e que, por isso, possa talvez proporcionar novas experiências para suas vidas. Mas não é só com o meio ambiente que parece haver um contato mais intenso; também entre as pessoas que participam dessa caminhada – pois ali é apenas um dos pontos de parada para descanso e deleite – as relações que se estabelecem parecem ser um pouco diferentes do usual. Todos estão atentos a todos, preocupam-se para que tudo esteja bem. Perguntam pelas bolhas nos pés, sobre o cansaço, se há algum mal estar, se estão contentes... Todos cuidam de todos e a idéia básica é se divertir. Talvez essa preocupação mútua ocorra porque não possuem a proteção de uma casa, a orientação de ruas ou quaisquer outras das coisas comuns a que têm acesso nas cidades de que saíram; estão distantes disso e, provavelmente, sintam-se mais receosos e vulneráveis a imprevistos e a qualquer tipo de incidentes. Ou talvez, ainda, porque se sintam como uma espécie de "família unida" e possuam um maior carinho entre si!! Quem sabe?! É difícil dizer.

Recolhem seu lixo – nenhum deles quer ser o responsável por estragar a beleza do lugar, sujando aqui ou ali – desmontam as barracas, enrolam os sacos de dormir e vão arrumando tudo na mochila – também "companheira" de viagem – para poderem partir. Seja como for, foram para lá a pé e é dessa forma que partirão para os outros destinos desta viagem; e é também desse modo que mais tarde chegarão a alguma cidade de onde retornarão aos seus lares, com novas vivências, novas recordações, novas coisas para se pensar e para contar. Para tanto, irão caminhar por entre as árvores da mata, cruzando rios e riachos, subindo e descendo morros; neste caminho, encontrarão flores, talvez outras cachoeiras para se refrescarem, ouvirão ainda outros sons, experimentarão outros cheiros, talvez algum fruto silvestre. Quem sabe, até encontrem uma escultura natural numa pedra que lhes lembre algo, ou à qual atribuam algum significado – coisa bem humana, dar significado às coisas da natureza – e partilharão de suas sensações e descobertas com os companheiros de viagem. É andando, passo a passo, que aprendem sobre e desfrutam da natureza que os cerca, de toda a paisagem, dos amigos que estão a andar juntos, de suas

conversas e sua atenção, e também de si mesmos, seus pensamentos, sentidos, sentimentos... Coisa que nem sempre é possível na correria do cotidiano de suas cidades.

Encontrarão, provavelmente, mais alguns pescadores em algum momento, como já aconteceu nesses dias. Pessoas que habitam aquele lugar, gente simples que já não se espanta, embora ainda achem curioso aquele pessoal da cidade grande, que vem para aquelas bandas com mochilas gigantescas nas costas, só para passear um pouco. Embora também achem belo o seu lugar, de tão acostumados que estão com ele provavelmente se perguntam: "o que será que esse povo vê, para vir para cá desse jeito?!"

É no gesto simples e tão "rotineiro" de caminhar que essas pessoas vão ao encontro, ou melhor, ao reencontro de coisas também simples, mas um tanto quanto ausentes nas vidas de muitos cidadãos hoje em dia: a natureza, o companheirismo, a solidariedade, o conhecimento sobre o próprio indivíduo, sobre o corpo, seus limites, potencialidades... Outros meios – ou, talvez fosse mais apropriado para dizer no momento, outros caminhos – poderiam ter sido escolhidos, como de fato ocorre com tantos outros indivíduos. Mas, atualmente, a opção de muitos é andar em meio a espaços naturais, pouco alterados pelo homem. É o caso desses de que falo.

Embora o ato de caminhar sobre duas pernas seja algo que sempre esteve presente na vida do homem enquanto espécie humana, inclusive e principalmente pelos caminhos que entrecortam o ambiente natural – as civilizações, obviamente, são muito mais recentes que o homem – essa forma, ou esse tipo de caminhada pelas áreas naturais preservadas, as trilhas, é algo um tanto quanto recente. A trilha que enfoco possui peculiaridades que a diferenciam das tantas outras vezes que o homem cruzou a natureza. Andar no mato já foi feito por razões de sobrevivência, em busca de crescimento econômico ou científico – como foi o caso dos colonizadores e dos naturalistas. Mas essas pessoas de que trato aqui caminham apenas pelo prazer de andar por ali. Prazer que está associado à paisagem, à companhia dos trilheiros, à fuga do caos urbano.

É por isso que andar é mais do que o simples alternar dos pés um frente ao outro, porque ganhou muitos papéis e significados ao longo da história humana.[2] Digo isso, por não estar interessado na mecânica pura e fria de tal movimento, e sim no fato de que o

[2] MINUZZO, Teresinha. *Andarilhos do bem alimentar*: o trabalho, a devoção e o lazer. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

homem sempre andou com uma intenção, motivado por objetivos que vão do sagrado ao profano, da necessidade ao desejo, carregando consigo sua própria cultura, orientadora de sua intencionalidade no caminhar, como também do porquê dos caminhos escolhidos e até mesmo – por que não? – da mecânica de tal gesto; quanto à isto, basta lembrar das já citadas "Técnicas Corporais" de Marcel Mauss.[3] Também Sérgio Buarque de Holanda[4] comenta sobre as diferenças no "jeito" de andar pelo mato entre os índios e os homens brancos no período da colonização; ele diz que a postura corporal dos nativos, habituada à mata, tornava o seu caminhar muito mais eficiente do que dos exploradores.

Os homens das muitas comunidades que existem ou existiram, em cada um dos momentos de sua história, mais do que andarem de um jeito seu, deram aos diferentes locais e paisagens trilhadas os mais variados usos e significados. Caminhou-se para se deslocar de uma área inóspita para uma região com mais abrigo e alimento, para colher e caçar, lutar e guerrear, orar e celebrar, pagar promessas, para manter a saúde ou se curar, por uma questão estética, para emagrecer, trabalhar, relaxar, mudar, ter prazer... Caminhar é mais do que apenas um meio de locomoção, tornou-se esporte, mania/moda, elemento de medicina preventiva, uma atitude de vida, até mesmo castigo entre outras tantas coisas, e também... trilha. Para tanto, muitas picadas, vias, estradas foram abertas, marcadas, construídas e, é claro, percorridas. Caminhos de terra, de pedra ou pavimentados, largos ou estreitos, inclinados ou planos, difíceis ou fáceis, longos ou curtos, para todos os gostos, motivos e necessidades.

Algumas das estradas destinadas a andarilhos religiosos ou a comerciantes ganharam fama no decorrer do tempo. É o caso do caminho para São Thiago de Compostela, na Espanha, ou a estrada para Juazeiro no interior do Ceará, para as romarias. Quanto aos roteiros mercantis, tornou-se célebre a "Rota da Seda", pela qual passou Marco Polo e que, durante a Idade Média, ligou a Europa à China para o comércio da própria seda e de outros produtos do Oriente.

Hoje, muitos caminhos são andados com um sentido próprio de nosso tempo. Nestes, o que se busca não é afirmar uma fé religiosa, como fazem os romeiros, ou para adquirir um saber científico, como fizeram os naturalistas europeus que no passado

---

[3] MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia.* São Paulo: EDUSP, v. 2., 1974.
[4] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras.* Rio de Janeiro : José Olympio, 1957.

excursionaram a pé pela América e África coletando informações sobre plantas, animais e rochas. No trilhar de hoje, arriscaria dizer que os caminhantes também estão a procura de uma espécie de celebração – um re-ligar do homem com a natureza – e também de conhecimento sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. O que diferencia a trilha de tantas outras formas de andar, este algo "novo" que possui, não se encontra no gesto em si de colocar um pé a frente do outro – uma vez que apresenta os mesmos aspectos biomecânicos e fisiológicos de qualquer caminhar – e sim porque ela se caracteriza,, inicialmente, por ser uma prática realizada junto à natureza. Mas não se trata das caminhadas feitas nos finais de tarde à sombra das árvores dos parques públicos urbanos, como um Taquaral em Campinas ou um Ibirapuera em São Paulo, entre tantos outros. Estas trilhas são feitas fora do perímetro urbano, onde não se tem as facilidades do asfalto, de hotéis, taxis e lanchonetes, num ambiente natural minimamente alterado pela presença humana, lugares como as áreas de proteção ambiental, reservas e parques, os chamados "paraísos ecológicos". Essas caminhadas, mais do que a queima de calorias, reivindicam para o seu praticante um maior envolvimento com a natureza, que se apresenta ao homem com toda a sua força e beleza.

Não é apenas o local onde o andar acontece que faz com que essa atividade seja a trilha aqui apresentada. Deve-se levar em conta quem é esse indivíduo que a pratica, suas intenções, seus desejos, seu envolvimento. Muitas pessoas fazem ou fizeram trilhas, até os mesmos caminhos, mas com características distintas daquelas que aqui são discutidas.

Essas trilhas são uma prática corporal realizada com o intuito de aproximar as pessoas à natureza; natureza um tanto desconhecida – ou um tanto esquecida – de muitas pessoas, uma vez que perderam o contato com ela ou, quando o mantém, é muito superficial. É uma atividade própria do morador das cidades, cujo dia a dia está marcado pela ausência do "verde", pela presença do relógio, do concreto, da correria, da poluição, do estresse... Fazer uma trilha é romper com o cotidiano e se lançar ao "novo", ao "desconhecido"; é algo que não faz parte da rotina de seus praticantes, pois são trilheiros apenas enquanto estão caminhando na natureza.

A trilha é ainda, algo desvinculado de obrigações para o trilheiro, uma opção dentro de um espaço de tempo em que é possível exercer o direito de escolha por aquilo que seja prazeroso, que possibilite descanso, ampliar relações e até mesmo conhecer mais sobre o

meio ambiente – não apenas sobre a natureza onde se faz o passeio/caminhada, mas até mesmo sobre o local em que vive, a partir da comparação de ambos os ambientes – sobre si mesmo, sobre o corpo etc.[5] É uma atividade de lazer, e nela os interesses estão voltados basicamente para as práticas corporais, a socialização, o turismo e o ambientalismo.[6]

É necessário deixar claro tal caráter das trilhas o que as torna em algo que é próprio do indivíduo de uma sociedade urbana, uma vez que não são os únicos a percorrer os caminhos que atravessam as áreas naturais. Eles, são constantemente utilizados pelos moradores destas localidades para irem de suas casas para a roça ou a um vizinho. Para estes, a trilha – enquanto caminho – é algo que está presente em seu dia a dia, sendo o contato com a natureza uma constante também, o que faz com que elas tenham então, um sentido particular que é diferente do que é dado pelo "trilheiro".

Terezinha Minuzzo,[7] que realizou um estudo com os trilheiros e a população das comunidades dos locais de prática de trilhas, a quem chamou de "roceiros" devido ao forte vínculo deles com suas roças, aponta como uma das diferenças na relação com a natureza a questão do conhecimento que se possui sobre o ambiente.

No caso dos roceiros, além do aprendizado de seu conhecimento se dar através do convívio constante com os elementos naturais, incluindo desde as características de uma determinada planta, hábitos de animais até a "leitura" do clima etc., difere-se, já nesse ponto, do cidadão cosmopolita que aprende basicamente na escola, através de literatura e/ou de pequenas incursões ao campo. Há também o papel que o saber representa na vida

---

[5] É interessante perceber que, embora seja uma atividade de lazer para o homem da cidade, ela também pode ser o trabalho de outras pessoas, como os guias, os quais tanto podem ser da própria localidade como também do próprio meio desses turistas. Enquanto atividade remunerada, ambos vêem na trilha o aspecto de rendimento financeiro, mas o "guia urbano", na grande maioria dos casos já foi um "turista" também, o que faz com que tenha ainda, além da questão comercial, a maioria dos valores e intenções que o levaram à trilha, uma vez que ele também carrega em si a cultura "urbana", que tem uma relação própria no que tange à natureza.

[6] O lazer é aqui considerado como "um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais" (DUMAZEDIER apud MARCELLINO 1995), o que não deve ser entendido como um aspecto reparador do trabalho ou em oposição a este, uma vez que ambos integram o todo humano. Além disso, a atividade física e as viagens, são apenas dois dos interesses do lazer elencados por esse autor, havendo também os artísticos, intelectuais, sociais e manuais.

[7] MINUZZO, op. cit. O estudo desta autora foi realizado em trilhas que se interligam na região da Serra da Mantiqueira, envolvendo, principalmente, os distritos de Joanópolis e São Francisco Xavier, no Estado de São Paulo, e de Monte Verde, Minas Gerais.

de cada uma daquelas pessoas da roça, o qual é utilizado quotidianamente, permitindo-lhes o domínio do meio ambiente. Não na forma de domesticação como o que é proposto pela ciência e pela tecnologia tradicionais, mas sim no sentido de conhecer e compreender para poder usufruir e desfrutar, pois possuem maior clareza de que sua sobrevivência está diretamente associada a manutenção do meio. De maneira similar aos roceiros descritos por Terezinha Minuzzo, as comunidades caiçaras do litoral norte paulista, que antes de se tornarem praticamente apenas pescadores também se dedicavam bastante às atividades agrícolas para sua subsistência, possuíam uma relação integrada e não destrutiva com o meio ambiente, não apenas ao que se refere à mata, mas inclusive com o mar, como nos coloca Maria Teresa Luchiari[8] Tais pessoas parecem saber algo que toda a humanidade civilizada demonstra ter esquecido, ou seja, que os recursos naturais, "as fontes de vida" em nosso planeta não são inesgotáveis. Isso faz com que suas práticas e atitudes não causem tanto impacto ao ambiente quanto as do homem civilizado que tem influenciado, de maneira muitas vezes trágica, na economia da natureza: mudanças muito bruscas, como a introdução de uma espécie totalmente estranha ao meio ambiente, a descarga de substâncias tóxicas em volumes gigantescos, a exploração desmedida de seus recursos...[9]

É claro que as populações locais também interferem no equilíbrio ambiental; seria ingênuo considerar que nenhuma de suas atitudes traria algum efeito negativo, ou que todas as suas ações são totalmente harmônicas com o meio. Deve-se considerar o fato de que todos os homens causam alterações danosas, embora nem todas na mesma escala; algumas possuem maiores conseqüências e outras menos. As autoras acima consideram que estsas comunidades não chegam a realizar ações que impeçam ao meio ambiente sua própria recuperação. Isso acontece, mas acaba se limitando a grupos bastante pequenos e/ou aqueles que não incorporaram totalmente valores relacionados à produtividade em escalas gigantescas, pois a pesca industrial ou a agroindústria e mesmo a agricultura de médios produtores, baseadas na monocultura, contribuem em muito, não só para o desequilíbrio das populações de espécies aquáticas ou para o desgaste do solo, mas também para uma série de outros problemas relacionados ao meio ambiente.

---

[8] LUCHIARI, Maria T. D. P. Turismo, natureza e cultura caiçara: um novo colonialismo? In. SERRANO, C. M. T., BRUHNS, H. T. (Orgs.) *Viagens à natureza*: turismo cultura e ambiente. Campinas : Papirus, 1997.

[9] LORENZ, Konrad. *Os oito pecados mortais do homem civilizado*. São Paulo : Brasiliense, 1988.

Tais questões, referentes à conservação ambiental são extremamente complexas, uma vez que envolvem não só os aspectos biológicos e geofísicos em sua totalidade, mas as múltiplas relações destes com as necessidades do homem contemporâneo. São problemas que abrangem muito mais do que a simples contagem do número de árvores derrubadas em um determinado setor; isso também é importante, mas não é só.

As populações locais acabam se educando para perceberem as mudanças que ocorrem na natureza em sua região, sejam elas grandes ou pequenas. Aliás, a questão da sensibilidade é outro dado discutido por Minuzzo[10] quanto à relação dos roceiros com o meio ambiente. Ela coloca que a população local normalmente está mais atenta e consegue perceber muitos movimentos e mesmo pequenas alterações que ocorrem na paisagem, as quais passam desapercebidas pelo indivíduo da cidade; não somente por estar todo o tempo por lá, mas porque tem os olhos educados para ver o que para nós passa desapercebido.

Os roceiros, os caiçaras e outros moradores dessas localidades, então, também fazem suas trilhas, mas elas são diferentes em seus significados, objetivos e comportamentos – apesar de muitas vezes serem os mesmos caminhos percorridos – daquelas dos trilheiros.

Mesmo observando o papel e a utilização das trilhas em nosso país, em outros momentos históricos, é possível perceber a especificidade delas na atualidade. Os primeiros a andar nos caminhos em meio a floresta foram os índios, que se utilizavam dos trilhos dos animais; em seguida, essas mesmas passagens pela mata foram usadas pelos bandeirantes e depois pelos tropeiros. As trilhas tiveram, assim, um papel importante no desbravamento das terras, na descoberta de riquezas naturais, no comércio e, inclusive, na fixação de vilas e povoados que mais tarde se tornaram cidades. Muitos desses caminhos acabaram sendo alargados em alguns trechos para facilitar a passagem das tropas de muares e outros transportes. Mais tarde foram pavimentados, incorporando-se a estradas e rodovias utilizadas ainda hoje. Mas muitas trilhas ainda mantêm suas características de caminhos estreitos – normalmente passa apenas uma pessoa por vez – no meio da mata ainda preservada.[11] Um exemplo interessante disso são as antigas trilhas da Graciosa, Itupava e do Arraial que ligam Curitiba ao litoral paranaense. Esses caminhos, a princípio, eram

[10] MINUZZO, op. cit.
[11] HOLANDA, op. cit.

utilizados pelos índios que alternavam parte do ano no litoral dedicando-se à pesca com outro período na região que hoje é a capital do estado para a coleta do pinhão. Depois, eles passaram a ser usados como rota de comércio pelos tropeiros, sendo parte deles calçados pelos escravos no século XVII e chegaram a ser percorridos por naturalistas como o francês Auguste de Saint-Hilaire para coletar material para estudos científicos. Hoje, é a rota de descida para milhares de turistas que preferem ir andando até o litoral, para as "montanhas" da Serra do Mar, ou para as cidades históricas de Morretes e Antonina.[12]

É possível, assim, perceber que, apesar do muito que se andou – e ainda se anda – no meio das matas e dos sertões, a atividade que aqui chamo de trilha, realizada pelo cidadão urbano/cosmopolita possui uma especificidade que a coloca como uma prática única, própria dessa sociedade e de um momento histórico particular.

Ainda sobre a conceituação dessa prática corporal, Paul Darst e George Armstrong,[13] ao discorrerem sobre as "atividades de aventura ao ar livre", das quais a trilha é uma delas, acrescentam dois outros elementos além da experiência ligada à natureza e da necessidade implícita de deslocamento/viagem já comentadas: o risco ou aventura e as questões referentes à cooperação e competição entre as pessoas envolvidas em tais práticas corporais.

> *"As atividades de aventura ao ar livre incluem todas aquelas que, de forma inerente a elas, possibilitam uma experiência humana significativa diretamente relacionada a um aspecto particular do meio ambiente natural – ar, vento, água, morros, montanhas, rochas, árvores, riachos, rios, lagos, gelo, neve ou cavernas. Envolve uma certa dose de risco, aventura, exploração e viagem, dependendo das habilidades de cada participante e da natureza da atividade. A competição entre indivíduos ou grupos é mínima, enquanto que a competição entre as pessoas e o meio ambiente é a regra. A ênfase não está na vitória ou na derrota, mas sim no*

[12] CAPELAS JÚNIOR, Afonso. Caminhos da serra. *Caminhos da Terra*, São Paulo, ano 4, n. 7, edição 39, pp. 10-17, julho de 1995.

[13] DARST, Paul W., ARMSTRONG, George P. *Outdoor adventure activities for school and recreation programs*. Illinois, USA : Waveland Press, 1991.

enfrentamento de desafios do meio ambiente natural."[14]

Inclui-se nas atividades acima mencionadas: a canoagem, a escalada, a trilha e muitas outras que possuam um grande grau de envolvimento entre o indivíduo e o meio ambiente, bem como entre os próprios participantes, havendo todo um risco e também um desafio entre o ser humano e o rio, entre ele e a montanha, isto sempre em lugares naturais. Os autores anteriormente referidos ressaltam o sentido de experiência significativa relacionada ao meio ambiente e ao companheirismo entre os membros, inclusive como forma de diferenciação com outras atividades que são realizadas ao ar livre e em ambientes "naturais" – ou que possuam aspectos ou elementos da natureza já trabalhados ou modificados pela ação humana –, mas cuja ênfase está na competição entre as pessoas envolvidas e não na exploração de um meio ambiente específico, como seria o caso do golfe, do vôlei de areia ou do futebol nas praias, entre outros.

Também Pierre Parlebas,[15] ao classificar as "práticas motrizes", elege uma categoria em que coloca as atividades que possuem interação entre companheiros e com o meio ambiente natural – caracterizado como sendo aquele que não permite informações precisas, apenas incertas, quanto a seus aspectos e variações – nas quais, no entanto, não há contato direto com adversários.

"Esta relación com el espacio es capital. Si el medio está acondicionado y estandartizado, como para el atletismo, la gimnasia y la natacion, la acción motriz se orienta hacia un automatismo repetido cuidadosamente en los entrenamientos y perfectamente puesto a punto. [...] sin que el actor tenga que recoger información ni tomar decisiones en el transcurso de la ación. Por el contrario,

[14] "Outdoor adventure activies include all pursuits that provide an meaningful human experience that relates directly to a particular outdoor environment – air, wind, water, hills, mountains, rocks, woods, streams, rivers, lakes, ice, snow, or caves. A certain amount of risk, adventure, exploration, and travel are involved, depending on the skills of the participants and the nature of the activity. Competition between individuals and groups is minimal, whereas competition between people and their environment is the norm. The emphasis is not on winning or losing, but rather on facing the challenges of a natural environment."
DARST, Paul W., ARMSTRONG, George P. op. cit., p. 3. Tradução minha.

[15] PARLEBAS, Pierre. *Perspectivas para una educacion fisica moderna.* Andalucia, Espanha : Unispot Andalucia – Cuadernos Tecnicos, [198?]

> *cuando el medio es "salvaje" y no estandartizado, [...] el praticante mantiene* ***un constante diálogo com el espacio****: percibe indicios, trata de adivinar los obstáculos de antemano, y está permanentemente alerta"*[16]

Sobre a interação entre companheiros, o autor referido comenta que se tratae de uma "interação motora de cooperação", verdadeiras "comunicações motoras". Ele exemplifica isto com o alpinismo e o "caving" – realização de percursos em cavernas. As comunicações motoras, como as trilhas, estão dentro de uma macro-categoria que é denominada por ele de "socio-motoras de cooperação", as quais constata possuir grande relevância para a coesão relacional entre os indivíduos envolvidos em tais práticas.[17]

É claro que não é possível falar de uma ação unicamente cooperativa ou unicamente competitiva, ambos os aspectos permeiam, em maior ou menor grau, todas as atividades. No caso das que são realizadas num meio natural, embora haja uma maior ênfase na cooperação entre os membros do grupo, a competição existente pode se dar em relação às barreiras e dificuldades impostas pela natureza (a montanha, o rio etc. – o que, de certa forma, não deixa de ser competir consigo mesmo) ou, então, contra outros adversários que tentam realizar as mesmas tarefas, melhor ou mais rapidamente. Competições de caiaque, escalada, entre outras, já são fatos comuns, sendo que já existem vários eventos dos chamados "esportes radicais" que misturam elementos naturais e aventura, como os "Jogos Mundiais da Natureza", realizados pela primeira vez no estado do Paraná em 1997, ou a "Eco-Challenge", existente há mais tempo e realizado em lugares diferentes a cada edição.

Além disso tudo, essas atividades também podem ter um caráter solitário, como os escaladores que "solam"[18] ou quem se arrisque a uma caminhada sozinho; no entanto, tais práticas são pouquíssimo recomendadas devido à questão de segurança. Isto impediria, obviamente, o aspecto de cooperação entre indivíduos; mesmo assim, poderia ser levantado o dado da cooperação entre ser humano e meio natural, o qual estaria vinculado a valores ecológicos e naturalistas, muitas vezes tidos como relevantes pelos praticantes de tais atividades. Alias, essa possível relação cooperativa entre o homem e a natureza, a qual está

---

[16] Ibid., pp. 15-16. Grifo meu.
[17] Ibid.
[18] O termo "solar", refere-se à fazer um solo, à realização de escaladas em montanhas sem a ajuda de companheiros ou de equipamentos como corda, mosquetões, cadeirinha etc.

associada às "experiências significativas", há pouco citadas, é um dos elementos privilegiados pelas pessoas que se envolvem em tais práticas. Isso pode fazer com que parte dessas atividades corporais deixem de ser consideradas como categorias ou modalidades que pertencem ao fenômeno esportivo, mesmo havendo a denominação "esportes de natureza". Esta nomenclatura, utilizada para categorizar tais atividades é um termo um tanto quanto provisório, uma vez que ainda não se localizou algum que dê conta de definir e delimitá-las de maneira conveniente.[19] Isso ocorre pelo fato do esporte, mesmo sendo entendido de forma ampla, pautar-se sobre o aspecto competitivo, quer seja contra outras pessoas, quer seja contra o meio, e por uma estrutura regimental institucionalizada, como é possível perceber na definição apresentada por Go Tani:

> *"O Esporte tem sido conceituado como uma ação social* ***institucionalizada****, convencional – mente* ***regrada****, que se desenvolve com base lúdica,* ***em forma de competição*** *entre duas ou mais partes* ***oponentes*** *ou* ***contra*** *a natureza, cujo objetivo é, através de uma* ***comparação de desempenhos****, designar o* ***vencedor*** *ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente."*[20]

Os elementos grifados na citação acima se fazem ausentes em várias das manifestações das atividades de natureza. O que acaba sendo priorizado, como quero destacar aqui, não é o domínio ou a supremacia sobre algo ou alguém, mas a relação que se estabelece entre os próprios atores e destes com o meio. O exemplo dado por Denise Sant'Anna sobre o surfe pode ilustrar bem a possibilidade de um encontro harmônico do

---

[19] Sobre o uso de um termo mais apropriado para se referir a esses tipos de atividades corporais, Javier O. Betrán comenta que várias nomenclaturas já foram apresentadas para nominá-las, e apresenta algumas delas: "novos esportes", "esportes de aventura", "esportes em liberdade", "atividades deslizantes de aventura e de sensações na natureza" e outros mais, ficando por fim com: "atividades físicas de aventura na natureza", inclusive por considerá-las como pertencentes à outra concepção de práticas corporais que não o esporte.
BETRÁN, Javier O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: anális sociocultural. In: *Apunts*: educacion fisica y deportes, Barcelona, n. 41, [1995?]

[20] TANI, Go. Aspectos básicos do esporte e a educação motora. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA (1. : 1998 : Foz do Iguaçu). *Anais*. Foz do Iguaçu : Faculdade de Educação Física – UNICAMP, 1998, p. 116. Grifos meus.

homem com o meio, no caso entre o mar e o surfista, mas que pode ser estendido ao montanhista e a montanha, ao trilheiro e todo ambiente que envolve o caminho trilhado, e assim por diante, pois o objetivo a ser atingido é mais que a conclusão do feito, é a ação, é o processo como um todo, que no exemplo é o surfar, pois...

> *"...a meta final coincide com o processo. Por isso, a relação entre o surfista e o mar tende a ser menos a de um domínio de um sobre o outro e mais a de uma composição de dois conjuntos de forças heterogêneas. Poderíamos até mesmo dizer que em diversos momentos de sua prática, o surfista surfa com o mar, sem tentar apoderar-se dele, e sem por ele ser tragado ou anulado [...] O surfista não surfa para respeitar regras e sim para surfar"* [21]

A impossibilidade de classificar, rigorosamente, essas atividades como esporte, segundo meu entendimento, não tira ou acrescenta méritos a essas manifestações. Penso apenas que isso pode colaborar para um melhor entendimento do que elas vem a ser. Além disso, esse assunto poderia se estender ao longo de todo um estudo, uma vez que é muito controverso, mesmo porque, já existem hoje federações e eventos, não apenas de surfe, mas de rafting, escalada e mesmo de trilha – ou trekking como muitas vezes é chamado. Seria a questão de nos perguntarmos se aqueles que realizam caminhadas nos parques urbanos, aos finais de tarde, também estão realizando atletismo dentro da prova de marcha atlética, ou se simplesmente estão caminhando?

Mas é fato também que boa parte das pessoas que praticam a trilha e outras dessas atividades, não o fazem vinculados a entidades, a eventos ou com caráter competitivo. Pois, na própria execução delas, o que menos importa é ser veloz. O ritmo é determinado pelas características dos participantes e do terreno. O ritmo mais adequado é aquele que permite desfrutar da melhor forma possível de todos os elementos que nela estão presentes: a paisagem, as pessoas, o clima... Sérgio Beck,[22] um especialista em caminhadas pela

---

[21] SANT'ANNA, Denise. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (11. : 1999 : Florianópolis). *Anais.* caderno 2. Florianópolis : Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. (Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 21, n. 1), p. 60.

[22] BECK, Sérgio. *A aventura de caminhar*: um guia para caminhadas e excursionismo. São Paulo : Ágora, 1989.

natureza, ao orientar os praticantes, novatos ou não, coloca que existem duas boas velocidades para tanto: "devagar" e mais "devagar". É dessa forma, sem pressa, que o trilheiro se insere na trilha, no ambiente, estando completamente atento a tudo o que o cerca nesse seu encontro com o meio, de maneira a habitar não apenas o espaço e o tempo, mas toda a ação, sem procurar ou se deixar destacar ou escapar, tomando parte integralmente numa totalidade, não de forma racional ou sensível, mas de corpo inteiro.

Não pretendo aqui dar respostas à questão da trilha ou outras práticas afins serem ou não esporte. Meu objetivo aqui é levantar o maior número possível de informações sobre o que caracteriza a trilha, para uma melhor compreensão dela. Voltando às questões da aventura e do risco que Darst e Armstrong[23] colocam como fatores que participam para qualificar as atividades corporais realizadas na natureza, e portanto à trilha, é interessante perceber que esses elementos estão presentes sempre sob a forma de algo controlado, seja em maior ou menor grau; o que, aliás, é a forma de categorização adotada por esses mesmos autores para tais atividades, colocando-as em grupos de baixo, médio, ou alto risco, o que é extremamente variável, não apenas pelo tipo de ação desenvolvida, mas também o tipo de ambiente e pelo conhecimento que os participantes possuem.

Em sua origem etimológica, a palavra aventura pode ser entendida como "coisas que estão por vir", ou seja, diz respeito ao inesperado, ao imprevisto, até mesmo ao que é fora do controle. Resulta daí sua fácil associação ao meio ambiente natural, uma vez que este está muito presente como algo a ser dominado, controlado através do muito que se tenta conhecer sobre ele; a história das ciências, principalmente as naturais, revela parte das tentativas de conquistas e também das derrotas do homem frente a natureza, a qual é sempre capaz de lançar novas incertezas, seja para o cientista, seja para o habitante do campo, seja para o viajante a pé sobre o qual estou a discorrer.

Darst e Armstrong[24] consideram que, além do aumento do tempo livre disponibilizado por uma menor carga horária de trabalho em vários setores, há um maior número de possibilidades no que se refere à mobilidade das pessoas devido ao aumento das estradas de rodagem e/ou linhas aéreas, uma base econômica mais estável de vários grupos sociais, o que acaba por possibilitar um maior envolvimento com atividades vinculadas ao

[23] DARST; ARMSTRONG, op. cit.
[24] Ibid.

lazer. O grande interesse atual por questões relacionadas ao ecologismo e ao ambientalismo e ainda os aspectos que dizem respeito ao risco e à aventura "controlados", também são fatores que estão diretamente ligados ao crescimento desse tipo de práticas na atualidade.

> *"Nós acreditamos que a popularidade das atividades ao ar livre também continuarão devido aos seus elementos inerentes de risco e aventura. Novos desafios, atividades e ambientes dão às pessoas uma variedade de novas e diferentes experiências que aumentam a excitação e a aventura em suas vidas. Esta última razão para o crescimento contínuo da popularidade das atividades ao ar livre pode ser o principal atrativo de uma programação."*[25]

Quando se fala em risco e aventura como fatores que atraem as pessoas para a trilha e/ou demais atividades vinculadas à natureza – "esportes de natureza" ou "ecoesporte", como também são chamados por alguns – é necessário ater-se ao fato de que ele é "controlado". Mesmo que pareça paradoxal, querer controlar ou saber sobre o incerto, há nestas situações, um maior conhecimento e mais informação sobre os possíveis perigos e contratempos que podem ocorrer nelas, embora sempre se tenha uma margem de erro e, é claro, imprevistos. Ora, situações de riscos estão presentes em todos os instantes da vida das pessoas; o trânsito, a violência das ruas, as transações financeiras, as provas escolares... são situações que também apresentam incertezas, possibilidades de vitória ou derrota, sucesso ou fracasso. Ocorre que na atividade aqui estudada, as situações de "perigo" muitas vezes aparecem apenas como "simulacros", um jogo em que se participa sabendo que, apesar das situações excitantes e do medo que possam advir, há um elemento de "algo novo", de diferente do cotidiano, além de uma sensação mista que oscila entre a segurança – por saber sobre as precauções que foram tomadas – e o medo. O medo subsiste porque, mesmo que se tenha previsto desde o maior até o mais comum dos incidentes que

[25] We believe that the popularity of outdoor activities will also continue because of the elements of risk and adventure inherent in them. New challenges, activities, and environments give people a variety of new and different experiences which increase the excitement and adventure in their lives. This final reason for the continuation of the growing popularity of outdoor activities may be one of the most attractive features of the program.
Ibid., p. 268. Tradução minha.

costumam ocorrer, nada está absolutamente sob controle. Essa sensação mista pode corresponder a uma espécie de "vertigem", de "instabilidade".

Roger Caillois, [26] ao realizar uma classificação dos jogos, propõe quatro grandes categorias fundamentais: "Agôn", relacionado às competições que possuem igualdade de condições e cuja vitória depende exclusivamente das capacidades e habilidades de cada participante; "Alca", os jogos de azar, nos quais impera a sorte; "Mimicry", que diz respeito àqueles em que o "faz de conta" predomina, uma vez que todo jogo envolve a aceitação temporária da ilusão; e o "Ilinx", o que mais interessa aqui, está justamente associado a essa sensação vertiginosa de êxtase.

> *"Un último tipo de juegos reúne a los que se basan en buscar el vértigo, y consisten en un intento de destruir por un instante la estabilidad de la percepción y de inflingir a la conciencia lúcida una especie de pánico voluptoso. En cualquier caso, se trata de alcanzar una especie de espasmo, de trance o de aturdimiento que provoca la aniquilación de la realidad con una brusquedad soberana"*[27]

É claro que, como toda classificação, essa também não é precisa, podendo um mesmo jogo constar em mais de uma classe ao mesmo tempo.

Ao considerar a trilha como jogo, uma vez que ela é livremente acolhida por quem a faz, o qual se deixa envolver completamente em seu mundo, numa dimensão lúdica que ocorre em um tempo e espaço definidos, sem interesse outro que não seja a sua própria execução, ou seja, uma vez que possui todas os elementos do jogo,[28] torna-se possível uma melhor compreensão desse fenômeno corporal de nossa sociedade atual, de nossa cultura.

A classificação que Caillois[29] apresenta, permite compreender um pouco mais a trilha a partir de seu aspecto de risco e aventura, ao considerá-la como possibilitadora de

---

[26] CAILLOIS, Roger. *Los juegos y los hombres*: la máscara y el vértigo. México : Fondo de Cultura Económica, 1994.
[27] Ibid., p. 58.
[28] HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, 1996. CAILLOIS, op. cit.
[29] CAILLOIS, op. cit.

sensações de instabilidade e vertigem. Certamente existem diversos níveis em que a vertigem, o estonteamento de que fala, fazem-se presentes. Muitos dos chamados "esportes radicais" – sejam urbanos ou de natureza – proporcionam essas sensações de diversas formas e gradações; a sensação da escalada não é a mesma do "bungee-jump", que não é a mesma de manobras num skate. Entendo que essa sensação nas trilhas provavelmente esteja associada muito mais aos aspectos que envolvem o meio em que ela se realiza, do que propriamente aos tipos de movimentos executados, é "apenas" um caminhar. Aliás, as questões referentes à natureza são as que mais são discutidas nos poucos textos existentes e que tratam dessa prática corporal. Além disso, é comum também sua associação ao turismo, mais especificamente, ao ecoturismo – turismo ecológico ou ambiental –, que é a vertente turística que se relaciona ao meio ambiente natural. Dessa forma, torna-se necessário discutir as trilhas enquanto atividade ecoturística, considerando, então, principalmente sua relação com a natureza, de maneira a melhor compreender, sobretudo, seus praticantes, os trilheiros.

UNICAMP

3.2 – Trilha e ecoturismo: caminhadas, viagens e natureza.

> *"Sem embargo, o desporto é um dos companheiros de viagem dos ambientalistas deste final de século. [...] Porém, o desporto também atua como vilão desta mesma natureza quando colabora para sua destruição."*[30]

Tentar desvendar a complexa trama existente sobre as diversas interações entre o ser humano e a natureza não é o objetivo deste estudo; busco apenas um pequeno recorte dessa relação, o que trata das pessoas que caminham pela natureza.

Embora possa parecer absurdo – para alguns – existir quem se disponha a abdicar dos confortos da vida moderna para ficar percorrendo caminhos cheios de subida, lama e mosquitos, tendo ainda que carregar a própria comida, quando não a "casa" – barraca, saco de dormir, fogareiro etc. – às vezes por um único dia, noutras vezes por semanas, constantemente cresce o número de praticantes, simpatizantes e curiosos dessa prática.

O que parece orientar ou impelir esses andarilhos, aponta para um desejo de "retorno à natureza", segundo Heloisa Bruhns.[31] Esse desejo se manifesta atualmente no cidadão urbano, o qual dá indícios de estar cansado do cotidiano das cidades – dos grandes centros principalmente – e de seus problemas tipicamente cosmopolitas: tumulto, correrias, estresse, violência, trânsito, distanciamento de espaços naturais, entre outras coisas.[32] Dessa forma, a "fuga" para o campo, praias, montanhas... para se relaxar, sentir-se livre, entrar em contato com a natureza, entre outras coisas, acaba se tornando uma das práticas sociais vinculadas ao interesse contemporâneo pelas temáticas ambientais. Esse interesse está presente na preocupação com a proteção das áreas naturais, numa melhor qualidade de vida e também, embora em menor escala, na valorização dos saberes de comunidades tradicionais, uma vez que tais conhecimentos são considerados como importantes para um repensar a relação entre o homem e a natureza de uma forma mais equilibrada e menos predatória. Hoje, já se considera com menor preconceito e prepotência – embora ainda

---

[30] DA COSTA, Lamartine P. (Ed.) *Meio ambiente e desporto*: uma perspectiva internacional. Porto : Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade do Porto, 1997, p. 27.

[31] BRUHNS, Heloisa T. O Corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In. SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.) op. cit.

[32] KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo*: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

estão presentes em nossos meios acadêmicos – o papel que um maior intercâmbio com as pessoas de populações locais possa ter para contribuir e ensinar – inclusive aos homens do saber – como agir com a vida da natureza.[33]

Toda a atenção que é dispensada ao meio ambiente nos dias de hoje, manifesta nos movimentos verdes, em encontros como a ECO-92, a busca pelo propalado desenvolvimento sustentado, entre outras coisas – a própria trilha – apenas reflete um novo olhar do homem sobre a natureza. Cada povo, em cada época, possuiu e possui formas particulares de se relacionar com a natureza; convivendo, explorando-a e entendendo-a segundo seus saberes, suas superstições, suas experiências. O conceito de natureza, bem como o papel que ela assume para uma certa sociedade, num dado momento histórico, é construído e determinado socialmente.

Embora pareça algo simples, até mesmo consensual, dizer o que é a natureza, é ao tentar defini-la ou conceituá-la que se percebe o quanto é abrangente tal termo. Os dicionários de filosofia gastam várias páginas para explicar o que ela é ou representa e podem se referir à qualidade ou ao caráter de algo, à totalidade dos elementos que compõem o universo, ser entendida em oposição ao que seja artificial, como na dicotomia entre natureza e cultura etc. Se para alguns ela é vista como recurso para a produção de bens, para outros pode ser a "mãe natureza", princípio de vida; para um outro ainda, ela pode ser fonte de inspiração estética ou religiosa, e assim por diante.

A atual relação entre homem e natureza no mundo ocidental, teve influência principalmente do cristianismo e também do saber científico, como nos é mostrado pelo historiador inglês Keith Thomas[34] e pelo filósofo francês Robert Lenoble.[35] Para estes autores, ela foi "artificialmente" separada em três aspectos: científico, moral e estético, tendo sido interpretada a partir da arte, da razão, da experiência cotidiana e da religião, ou seja, a partir de todas as formas do conhecer humano. A história da idéia que se tem sobre a natureza caminha conjuntamente com a própria história humana. Ela somente passa a ser percebida como outra que não o ser humano, quando este reconhece sua própria alteridade, assumindo-se como diferente e deixando de fazer parte dela de forma orgânica e edênica.

---

[33] DIEGUES, Antonio C. *O mito moderno da natureza intocada.* São Paulo : Hucitec, 1998., MINUZZO, op. cit.

[34] THOMAS, Keith. *O homem e o mundo* natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500- 1800. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

[35] LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza.* Lisboa : Edições 70, [1969?].

Relativamente à natureza, limito-me a destacar que a sensibilidade e a religiosidade, o conhecimento racional e "científico", com suas muitas nuanças e especificidades próprias em cada um dos momentos históricos, estabeleceram uma tensão entre si que está presente em todos os modelos que se estabeleceram para compreendê-la; isto, inclusive em nossos dias. Assim é que em cada época o homem atuou – e atua – sobre a natureza, considerando mais, ou então menos, cada um desses aspectos – o caráter moral, o estético, o científico – os quais estão sempre relacionados com todo contexto social, político, econômico e cultural de cada período e de cada grupo. Foi por isso que em certos momentos prevaleceu uma interpretação a partir de uma perspectiva mágico-religiosa, mítica, em que a natureza seria virtuosa, uma "guia divina" a ser seguida, reflexo da bondade, ira e dos desejos dos deuses; ou então, sendo dessacralizada, possível de ser conhecida através de um saber objetivo e sistematizado que a torna permeável ao homem, passível de ser manipulada, controlada, dominada.

Novas tendências e olhares portanto, vão se sucedendo e até mesmo coexistindo, de acordo com os princípios que as orientam. Isso pode colaborar tanto para modelos que se atenham a maiores cuidados como também para grandes abusos para com ela; momentos de proteção e predação para com a natureza vêm se alternando em toda nossa história.

Quanto ao nosso momento atual, para o entendimento da natureza é interessante perceber que embora o homem sempre tenha interagido com ela, é graças ao desenvolvimento tecnológico e a um contexto cultural e econômico favorável – a partir da Revolução Industrial – que a exploração do meio ambiente se intensificou, considerando-o, principalmente no início, como fonte de recursos para o manufaturamento. Mas, devido ao crescimento das cidades e a disposição de mais tempo e dinheiro pelas classes abastadas, gerados nesse e por esse mesmo processo, o cenário natural é retomado também como espaço para recreio, divertimento, contemplação... Também melhores condições relativamente ao transporte e a degradação do meio ambiente urbano influenciou nisso, estimulando um "pré-turismo" nos campos, que vão retomando uma conotação divina, boa, virtuosa. *"Deus fez os campos, o homem as cidades"*[36]. Da destruição, do medo em relação a natureza e de uma preocupação muito grande em conseguir controlá-la, passa-se também à contemplação dela como sendo algo belo.

---

[36] THOMAS, op. cit., p. 297.

Quando se vai ao campo, não são mais as plantações que são tidas como bonitas e apreciadas, não é mais a ação humana tão exaltada, mas sim a floresta selvagem. Aquilo que era rude, grosseiro, assustador, e mesmo negado, passa a ser apreciado; as montanhas, por exemplo, consideradas deformações da terra, passam a ter uma devoção quase religiosa, o que colabora até mesmo para mitificar o alpinismo.

> *"Quanto mais selvagem a cena, maior o seu poder de inspirar emoção. As montanhas que em meados do século XVII eram odiadas como estéreis 'deformidades', 'verrugas', 'furúnculos', 'monstruosas excrescências', 'refugo da terra', 'pudenda da Natureza', tinha-se transformado, cerca de um século depois, em objetos da mais elevada admiração estética."*[37]

> *"O notável nesse novo gosto era que o cenário mais admirado já não era a paisagem fértil e produtiva, porém a selvagem e romântica. Por isso haveria um interesse crescente em preservar a natureza inculta como uma indispensável fonte de riqueza espiritual"*[38]

As matas deixam de ser a habitação de criaturas mágicas e/ou perversas, deixam de ser sombrias e terríveis para passarem a ser consideradas como locais de grande beleza, equilíbrio e harmonia; o belo é deslocado das grandes áreas cultivadas com seu aspecto homogêneo para os espaços arborizados não trabalhados pelo homem.

Há ainda, principalmente no que diz respeito às florestas, um papel importante em relação a esse visitar e que está vinculado ao cultivo da História Natural enquanto "hobby". Muitas pessoas passam a ser "cientistas" amadores, o que tanto impulsiona as viagens à natureza como também uma maior compreensão, aproximação e carinho para com ela. Nesse mesmo caminho se destaca o desejo pelo cultivo da jardinagem, a intensificação do convívio com animais domésticos, não mais em função de sua utilidade como cães de

[37] Ibid., p. 307.
[38] Ibid., p. 317.

guarda, de caça etc., mas sobretudo pelo carinho a eles destinado, os quais se tornam mascotes.

Keith Thomas[39] fala ainda que, em meio a tudo isso, também o fato de se poder viver experiências que envolvem risco colabora para estimular esse "pré-turismo ambiental".

Não só os campos, florestas e montanhas passam a ser desmistificadas e descobertas como fonte de prazer, também as praias e os banhos de mar – outra forma de passeio na natureza – passam a ser valorizados e mais intensamente fruídos, mais ou menos no mesmo momento em que os outros cenários e ambientes naturais, anteriormente citados, também vão sendo "redescobertos". Alain Corbin[40] apresenta ainda, como elementos que estimulam essas visões sobre a natureza e essas práticas, além do que já fora citado, a produção de autores românticos exaltando a natureza. A arte, a literatura, a poesia não se cansaram de elogiar a natureza nesse período, colaborando para promover a existência de uma relação afetiva entre homem e meio, muito mais aceita no romantismo do que em períodos anteriores quando a natureza ainda era "má e perigosa". O pequeno trecho escrito por Thoreau, quando viveu nas florestas, é um exemplo desse impulso romântico pela natureza boa:

> *"Retirei-me aos bosques porque desejava viver deliberadamente, ver-me à frente, apenas, dos fatos essenciais da vida, ver se podia ficar sem aprender o que ela tinha para ensinar, e, quando morresse, não descobrir que não havia vivido. Não desejava viver senão a vida, viver é uma coisa preciosa; nem desejava eu acostumar-me à resignação a menos que fosse inteiramente necessário. Eu queria viver profundamente e extrair a essência da vida, queria viver como um espartano e firmemente expulsar tudo que não fosse apenas vida, cortá-la como a uma messe de trigo, recolhê-la e reduzi-la ao seu estado mais verdadeiro... [...] Vamos passar um dia*

[39] Ibid.

[40] CORBIN, Alain. *O território do vazio*: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

tão deliberadamente quanto a Natureza..."[41]

É interessante notar que a idealização dessa natureza, uma natureza pensada e vista a partir de certos conceitos e valores. Assim, da mesma forma que elaboramos conceitos que condicionam nossa perspectiva sobre o mundo, inclusive o natural, também nossos olhos – nosso olhar – acomodam-se de modo a ver e entender o que é belo ou não, segundo nossos padrões culturais.[42]

Um pouco antes do aumento de viagens à natureza, no período que se seguiu a Revolução Industrial, Claude Lorrain, francês radicado na Itália, conseguiu chamar a atenção das pessoas para a beleza sublime das paisagens naturais; mais do que isso, determinou em suas pinturas o que era ou não o belo a ser percebido no cenário. Muitas pessoas, ao viajarem, costumavam julgar partes das paisagens de seus caminhos segundo os padrões que ele havia fixado. Se tais lugares recordavam, de alguma forma, o que ele havia retratado, ai é que paravam para seus piqueniques e descansos. Os ingleses ricos foram ainda mais longe: chegaram a alterar a natureza, modelando a paisagem de seus jardins e propriedades, para aproximá-la dos sonhos de beleza de Lorrain. A natureza era observada sob um olhar mitificado, na busca do ideal, na busca do "Paraíso Perdido".[43]

Isso não é nada fora de moda, Yi-Fu Tuan[44] também descreve como, em uma de suas viagens a uma reserva florestal, todas as pessoas se aglomeravam para tirar fotos de um "geiser" conhecido naquele lugar através de inúmeros cartões postais, esperando o momento certo em que ele expelia água quente a vários metros de altura. No entanto, acabavam desconsiderando porque sequer se davam conta do belíssimo pôr de sol que ocorria as suas costas.

Diegues[45] afirma que não apenas as incursões são modeladas por uma natureza ideal, mas também as preocupações e muitos dos dizeres ambientalistas que se propõem a novas formas de gestão do meio ambiente e dos recursos naturais. É o que esse autor chama de "o mito moderno da natureza intocada", um dos modelos em que muitas pessoas se pautam para ver, reconhecer e agir; é uma visão de mundo natural deslocado de todos os

---

[41] THOREAU, Henry D. *Walden*. Rio de Janeiro : Ediouro, [?], p. 90-93.
[42] TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo : DIFEL, 1983.
[43] SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*: jardins no Brasil. São Paulo : Studio Nobel, 1996.
[44] TUAN, op. cit.
[45] DIEGUES, op. cit.

aspectos humanos que o permeiam. Ora, as questões ecológicas já não se restringem mais apenas aos tipos de interações entre a fauna, flora e os elementos geo-físicos de determinado ecossistema, mas também, do que o ambiente representa ao homem, aos grupos que vivem ou não ali, de quais são seus possíveis papeis tanto para as sociedades tradicionais como para as industrializadas. Esse autor considera que a visão romântica de uma natureza pura e boa se relaciona a um conceito naturalista/biocêntrico que está em oposição a uma perspectiva culturalista/antropocêntrica.

É em meio a tensão entre esses dois pontos extremos do pensamento que se localizam as diferentes formas de preocupações e posturas ecológicas; como as preservacionistas, que entendem que certos santuários ecológicos deveriam ser mantidos a todo custo, inclusive com a total ausência humana, uma vez que sua existência independe do uso que possa ter para o homem, constituindo-se numa espécie de culto à natureza através da preservação de "resíduos" dos muito tipos de ecossistemas que são autônomos, capazes de se manterem caso não haja a ação predatória do homem. Essa postura é o reflexo de uma linha ecológica chamada "ecologia profunda", centrada na natureza.

As visões vinculadas ao antropocentrimo e/ou ao culturalismo, entendem que .somente é possível a preservação do meio a partir de uma relação harmoniosa entre todos os elementos que dele fazem parte, inclusive o ser humano. É uma defesa da natureza embasada tanto pela razão do preservar da própria vida humana e do seu bem estar, como também por uma necessidade estética, sensível, espiritual da humanidade que cada homem possui. É dessa ala, denominada "ecologia social", que surgem os modelos de gestão racional de recursos naturais e o conceito de "desenvolvimento sustentável", o qual se baliza por uma intervenção junto ao meio ambiente, de maneira a que tanto as necessidades atuais do homem, como também das gerações futuras sejam possíveis de serem supridas, não apenas para um sobreviver, mas para um bem viver. Certamente essa posição é fonte de muitas controvérsias, mesmo porque, esses modelos se pautam, muitas vezes, em cientificismos e tecnologias que estão mais associadas historicamente a degradação do que a preservação; além disso, há toda a questão relativa a interesses econômicos, políticos e sociais sobre os recursos, ambientes e paisagens.

O que interessa aqui, entretanto, é que o fenômeno social do ecoturismo acaba por se tornar uma vertente turística ligada ao ambientalismo, apoiada nas idéias do

desenvolvimento sustentável. E é, justamente, nessa modalidade turística que reside a prática corporal das trilhas e também outras das atividades ligadas à natureza.

O turismo, enquanto uma viagem que, temporariamente, afasta o indivíduo de seu lar, ao incorporar o discurso de uma prática ambiental, acaba constituindo-se em mais um aliado da preservação. Sua definição oficial segundo The Ecoturism Society é: *"Ecoturismo é a viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local."*[46] Muitas discussões surgem quanto a essa definição, mesmo porque existem muitos tipos diferentes de turistas, inclusive dentro dessa linha turística, variando desde aqueles que optam por uma viagem "tradicional"[47], cuja única diferença é o tipo de local de destino – nesse caso seria uma área preservada –, até o chamado turista alternativo, nos quais se inserem os trilheiros e também os campistas, mochileiros e outros mais. Quaisquer dessas formas turísticas, e mesmo todas as outras intermediárias, contribuem tanto para a preservação quanto para o desgaste ambiental; é a categoria dos "turistas alternativos" que mais freqüentemente tem colaborado para o desgaste cênico e de todo o meio ambiente. Krippendorf[48] chega a chamá-los de "devoradores de paisagens".

Além disso, mais do que seu caráter educativo e lúdico, a grande ênfase que se consolida no meio turístico em nossos dias relaciona-se ao seu papel econômico, fazendo dele um produto comercial, o que em certos casos colabora para que várias das experiências a ele vinculadas sejam apenas superficiais e standartizadas, além ainda de desconsiderar seu papel pedagógico, preservacionista e até mesmo sua possibilidade enquanto prática de lazer autêntica, por mais paradoxal que isso possa parecer a princípio.

As trilhas, relacionadas ao turismo, não são fatos recentes; na verdade, o caminhar em meio a natureza é uma prática antiga, inclusive com fins recreativos. O prazer dos passeios ao ar livre – promenade – tornou-se uma das manias dos europeus no século

---

[46] LINDENBERG, K.; HAWKINS, D. E. (Edits.) *Ecoturismo*: um guia para planejamento e gestão. São Paulo : SENAC, 1995, p. 17.

[47] O termo "tradicional" empregado aqui refere-se à um dos pólos extremos das viagens ecoturísticas e não ao todo do turismo; estaria associado aos turistas que viajam apenas a lugares já conhecidos, utilizando-se de "pacotes" e esperando nos núcleos receptores familiaridades de seus locais de origem, o que poderia ser chamado também de "turistas de massa organizados", segundo Margarita Barretto (1995) ou de "turistas de gueto", segundo Jost Krippendorf (1989). Mesmo o ecoturismo, possuindo já um caráter mais "aventureiro" em que os viajantes seriam "mais" exploradores, há que ressaltar que nele há várias possibilidades no que diz respeito à forma com que é realizado.

[48] KRIPPENDORF, op. cit.

XVIII; o desejo de tomar ar e andar a pé marcou-se como um traço generalizado da vida social inglesa, e os parques públicos, juntamente com os bosques e campos, tornaram-se os cenários dessas ações.

Na atualidade, várias pessoas vêm realizando caminhadas no campo como forma de manter a saúde, o condicionamento físico ou então pelo simples prazer de estarem próximas à natureza. Segundo o Instituto de Ecoturismo Brasileiro – IEB –,[49] cerca de meio milhão de pessoas estão percorrendo as trilhas pelas florestas e campos que levam à cavernas, cachoeiras, praias desertas... E esse tipo de atividade está tendo uma procura cada vez maior pelas pessoas.

Há, a cada dia, um número cada vez maior de novas empresas especializadas em vender caminhadas ecológicas – trekking, trilhas –, ecoturismo e outros programas que envolvam natureza e aventura. Também o volume de informações sobre o tema vem aumentando; há no mercado revistas especializadas no que vem sendo chamado de turismo ecológico ou ambiental, como a "Caminhos da Terra"; também os cadernos de turismo dos jornais, bem como outros tipos de revistas que tratam de viagens estão sempre destacando roteiros que privilegiam o contato do homem com a natureza em estado "bruto" e apontando as possíveis práticas corporais para cada localidade, com ênfase principalmente para as trilhas. Muitas obras também vêm sendo lançadas sobre os relatos das viagens de pessoas aventureiras que passaram por desertos, montanhas, neve, florestas etc. A editora José Olympio recentemente colocou no mercado uma coleção intitulada "Ventos e Aventuras" que trata desse assunto; são histórias de viagens pitorescas por lugares sempre belos e onde existem culturas diferentes das nossas – as exóticas – com descrições de cenas e situações inusitadas, misturando riscos, emoções, o inesperado, mas sempre baseadas em fatos reais. Também a editora Record lançou uma série similar, "Viagens Radicais", tratando do mesmo assunto. Esse movimento mostra que, provavelmente, o mercado de interessados está em larga expansão.

Se muitas pessoas não realizam corporalmente seus sonhos de aventuras, talvez a literatura baseada em fatos reais vividos por outras seja uma compensação. Mas muitas se utilizam dessas aventuras como um modelo a ser seguido, como uma espécie de estudo

---

[49] SANTINATO, Ana Luiza. Profissionais entram na trilha do ecoturismo. *Correio popular*, Campinas, 6 set. 1998.

preparatório – impossível apenas pelos manuais do Guia Quatro Rodas – para o seu lançar-se à aventura de viagens rumo à natureza, ao desconhecido, ao incerto, a outras pessoas. Amir Klink, que já atravessou o Oceano Atlântico em um barco a remo entre outras aventuras náuticas, talvez seja uma espécie de "padroeiro" dessa turma de "loucos", pois é um dos nomes mais conhecidos nesse meio. Mas há, é claro, outras pessoas que são referências para tais "maluquices" e que não são prerrogativas de velejadores: alpinistas, ciclistas ou ecociclistas como alguns preferem, andarilhos, caronas... A cada dia que passa os jornais e a TV dão notícias de alguém que se lança a um novo desafio: a volta ao mundo em balão, atravessar a Transamazônica de bicicleta, o rio São Francisco num barco a remo ou o continente Antártico a pé... Enquanto isso, outras tantas pessoas se lançam a trilhar caminhos ou a outras aventuras sem tanto alvoroço, o que não significa, necessariamente, que sejam menos interessantes ou menos emocionantes.

É interessante notar que, para muitas pessoas, é importante, não apenas a realização dessas aventuras e/ou viagens, mas o exteriorizar dela, às vezes pelo fato de se conseguir patrocínio, ou então, até mesmo por uma necessidade de sair do anonimato.

Meu interesse em pensar questões sobre corpo e ludicidade em relação a essa prática reside no fato de que há, normalmente, no discurso das pessoas apaixonadas pelos chamados esportes de natureza, muito dos elementos vinculados à corporeidade e ao lúdico. Algumas vezes, elas falam de tal maneira de seus passeios e aventuras, das belezas que presenciaram e das sensações que tiveram, que chegam a dar a impressão de que a natureza poderia exercer um tal poder sobre o homem que por ela passa, que este se transformaria na melhor das pessoas do mundo. Isso é um reflexo dessa "nova" (?) relação entre homem e natureza, a qual comumente pode estar embasada em um anticulturalismo, que coloca a natureza/vida selvagem em oposição à sociedade urbana. À primeira são atribuídas apenas virtudes e à segunda apenas vícios. Por isso, no ambiente natural muitos procuram cumprir o desejo de vivenciar experiências que são quase impossíveis no cotidiano.

Tuija Kilpeläinen,[50] num estudo com guias de excursionismo em ambientes selvagens e com atletas de diferentes modalidades esportivas – que possuíam ou não relação direta com a natureza: corrida de orientação, cross country com esqui, voleibol – no intuito de descobrir a importância e os significados atribuídos ao meio natural relacionado

[50] KILPELÄINEN, Tuija. Recreation and sport in the natural environment. In: DA COSTA, op. cit.

às experiências nele vividas – fossem elas prazerosas ou desconfortáveis – coloca que a categoria encontrada mais significante para as pessoas entrevistadas foi a sensação de bem-estar existente nesses meios, ressaltando ainda a qualidade do ambiente, a possibilidade de auto-realização e de sociabilização.

Carlos Rodrigues Brandão[51] vai ainda além de um "simples" bem-estar, num envolver-se com o meio natural. Ao considerar o homem como parte integrante da natureza – embora isto seja ou tenha sido negado em certos momentos e em certos círculos culturais – e estando ele ainda ausente ou distante dela em nossa atualidade, esse autor entende que a plenitude humana passa, obrigatoriamente, por um "retornar" ou um "reconciliar" com ela. Para Brandão a natureza deixa de ser considerada em oposição ao mundo humano ou como apenas cenário para nossas ações, tornando-se "companheira" delas – como no exemplo dado sobre o surfe – e também como o elo que permite ao homem reconhecer-se como ser inteiro em todas as suas dimensões. Isso, portanto, não significa negar o mundo cultural por ele criado, mas integrá-lo num todo maior ao se perceber como ser que pensa, sente e age em concordância com um mundo de que participa – que lhe pertence e a que pertence –, em sua constante busca por superar-se, por transcender. Reintegrar-se a ela é tomar um "novo" local no mundo, compreendê-la e compreender-se, conhecendo-a e conhecendo-se; o crescer humano passa então por crescer com a natureza.[52]

Ainda sobre a exaltação das trilhas e do contato intenso com a natureza, deixo aqui as palavras do montanhista Reinhold Messner, utilizadas em um folheto de propaganda de uma das agências desse tipo de viagem/atividade, para melhor ilustrar a questão do prazer sobre as caminhadas – as montanhas em seu caso:

> *"Mas os dias que esses homens passam nas montanhas, são os dias em que realmente vivem. Quando as cabeças se limpam das teias de aranha, e o sangue corre com força pelas veias. Quando os cinco sentidos redobram a vitalidade, e o homem completo se torna mais sensível, e então já pode ouvir as vozes da natureza, e ver as belezas que estavam ao*

[51] BRANDÃO, Carlos R. Outros olhares, outros afetos, outras idéias: homem, saber e natureza. In: _____. *Somos as águas puras.* Campinas : Papirus, 1994.
[52] Ibid.

alcance dos mais ousados." [53]

Para melhor compreender esse fenômeno, que possui hoje as características de nosso próprio tempo e cultura, os próprios trilheiros falarão, dando sua contribuição e acredito que seus depoimentos serão muito reveladores quanto à relações existentes entre o corpo e a ludicidade no trilhar pela natureza.

[53] Este texto do alpinista Reinold Messner foi retirado do folheto de divulgação do "Clube de Aventuras GRADE VI" que trazia a programação dos eventos previstos desse grupo para o segundo semestre de 1995.

CAPÍTULO IV – SOB O OLHAR: O MÉTODO.

4.1 – Na trilha dos trilheiros: os caminhos desta pesquisa.

> *"...é preciso não esquecer de uma coisa: ciência é coisa humilde, pois se sabe que a verdade é inatingível. Nunca lidamos com a coisa mesma, que sempre nos escapa. Aquilo que temos são apenas modelos provisórios, coisas que construímos por meio de símbolos, para entrar um pouco no desconhecido. [...] É por isto que, além da ciência, é preciso a 'sapiência', ciência saborosa, sabedoria, que tem a ver com a arte de viver. Porque toda a ciência seria inútil se, por detrás de tudo aquilo que faz os homens conhecer, eles não se tornassem mais sábios, mais tolerantes, mais mansos, mais felizes, mais bonitos..."*[1]

Sempre que ouvia falar em ciência, ficava a imaginar os cientistas – os homens que trabalham com ela. Pensava neles como sendo senhores já velhos e de óculos grossos, o tempo todo descabelados ou então já carecas, usando sempre jalecos brancos – nem sempre impecáveis, devido às substâncias químicas que caíam acidentalmente sobre si durante algum de seus experimentos. Imaginava-os em seus laboratórios: salas repletas de vasilhas e tubos de vidro com líquidos coloridos e borbulhantes fumegando sem parar; salas cheias de estantes forradas de livros grossos, velhos e complicados; cheias de computadores e outras máquinas especiais ocupando todas as paredes e com um monte de luzes piscando. Tinha para mim que eram seres incomuns, meio feiticeiros talvez, um pouco loucos até, mas que conseguiam descobrir coisas, segredos, mistérios nos quais o mundo em que vivemos estava mergulhado; que eram capazes de criar substâncias, equipamentos, máquinas e fórmulas que podiam ter efeitos fantásticos sobre o homem e a natureza.

Fui instruído que ciência é conhecimento e sabedoria, a verdade sobre as coisas do mundo, e que os homens da ciência, eram os sábios a serem ouvidos, seguidos, obedecidos no que diziam. Afinal, o que eles falam, eles provam. Suas descobertas, leis e teorias são

---

[1] ALVES, Rubem. Ciência, coisa boa... In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.) *Introdução às ciências sociais*. 2. ed. Campinas : Papirus, 1988, p. 17.

testadas, postas à prova para mostrar que são corretas. Mais ainda, através de suas fórmulas – uma espécie de receita – conseguem fazer e refazer quantas vezes desejarem os seus testes comprobatórios, para – "como queriam demonstrar" – deixar esclarecido que mais uma vez estão certos no que afirmam.

Aprendi também que há muitos tipos diferentes de cientistas: alguns são especialistas em bichos, outros em estrelas, outros em gente e assim por diante. E todos os especialistas sabem muito sobre o que sabem, mas somente sobre uma única coisa, sabem quase nada sobre áreas de que não tratam, beiram a ignorância nos outros campos do conhecimento. Um biólogo em seu laboratório, por exemplo, conheceria sobre plantas e peixes – desde que essa fosse sua especialidade – mais do que qualquer agricultor ou qualquer pescador que passou toda sua vida, desde pequeno, nestes ofícios. Mas um biólogo saberia quase nada sobre a sociedade ou estrelas.

Coisas que o homem comum considera corretas, às vezes são demonstradas pela ciência como sendo erradas. É ela que consegue explicar o clima, as máquinas, os animais, as pessoas... Sabe sobre cada uma dessas coisas, quais suas partes, seus papéis, como funcionam... tudo. Por isso, logo concluí que nada sabia. Para saber, seria preciso aprender sua arte, adentrar seu mundo, ser "iniciado", o que significa incorporar sua linguagem para poder compreender esta forma do conhecimento humano.

Um dos riscos que se corre ao adentrar o mundo do conhecimento científico é o de acabar por se fechar exclusivamente nesta forma de olhar o mundo, nesta linguagem, aceitando, consequentemente, apenas a ciência como certa, real e verdadeira, tornando-se difícil, quando não impossível, compreender e até aceitar qualquer outra forma de saber – a arte, por exemplo. Desconsidera-se, assim, outras formas de conhecimento, tomando-as como falsas, erradas, imperfeitas... Essa postura nos faz esquecer que a *"ciência nunca nos dará todas as respostas"*,[2] embora realmente contribua para aumentar o número e a qualidade delas.

Sob tal olhar, até mesmo presunçoso e arrogante algumas vezes, é que é feita grande parte de nossa produção científica hoje em dia, validando apenas a razão – ligada a um rigor metodológico, o "porto seguro" – em oposição ao sensível. Isto ainda ocorre apesar das muitas mudanças que hoje já estão influenciando a investigação científica. Há mesmo

[2] LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa : Edições 70, 1981, p. 25.

um esforço em aproximar, ao invés de cindir, abordagens e análises quantitativas e qualitativas; mais ainda, de aceitar o valor e o papel da subjetividade e também de nossos sentidos para a compreensão de nosso mundo. Levi-Strauss[3] diz ter *"...a impressão de que [...] a ciência contemporânea está no caminho para superar este fosso e que os dados dos sentidos estão a ser cada vez mais integrados na explicação científica como uma coisa que tem um significado, que tem uma verdade e que pode ser explicada."* Também no que se refere à "fé cega" sobre a ciência, muito se vem discutindo dentro dos meios acadêmicos, como nos coloca John Ziman:

> *"...o tema da **confiabilidade** do conhecimento científico tornou-se uma séria questão intelectual. [...] De maneira bem prática, em questões de vida e de morte, nossas bases de decisão e de ação podem vir a depender da compreensão do que a ciência pode nos dizer e de quanto podemos acreditar nisso."*[4]

Mesmo assim, pois não tinha "ciência" de todos esses fatos acima, passei a aceitar seus dizeres sem restrições ou crítica. Por exemplo, que H_2O era água, embora nunca tenha visto nenhum "H" e nenhum "O" naquela que eu bebia ou me banhava. Sabia que H_2O era água, pois, era isso que havia aprendido nas aulas de ciências. Aprendi que a ciência vê para além do que nossos olhos conseguem ver, para poder dizer e esclarecer o que são as coisas em seu íntimo – de verdade – e como elas funcionam; ela é quase uma espécie de "hipertrofia" de nossos sentidos "limitados" e "falhos". Mas só muito mais tarde vim a aprender que este modelo com que tomava contato era apenas um dos "tipos" possíveis de ciência: a positivista.

No caso dos corpos humanos aceitei, de início, que eram como as máquinas. Seu "funcionamento" era perfeitamente explicável através de comparações feitas entre coração e motor, alimento e combustível, ferimento e peça quebrada, curativo e conserto etc. No meio esportivo do qual fiz parte e em que cresci pude "comprovar" tal fato, pois, era assim que todos os atletas – como eu – eram tratados: como máquinas. Um fundista deveria correr

---

[3] Ibid., p. 18.

[4] ZIMAN, John M. *O conhecimento confiável*: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. Campinas : Papirus, 1996, p. 13.

como um relógio, ser exato e preciso em seu ritmo. Aliás, o "homem-relógio" foi – ou ainda é?! – o modelo que definiu o ser humano e as formas de estudo e intervenção sobre ele.

Sempre ouvia que não treinávamos de qualquer jeito, da forma como era feito antigamente ou como alguns menos preparados ainda faziam, treinávamos com "embasamento científico", o que nos deixava aliviados e seguros. Para tanto, tudo era medido: freqüência cardíaca, VO_2 máximo – fosse o que fosse isto – tempos, distâncias, pesos... Admirava os números e a força que possuíam em nos auxiliar. Os números explicavam nossos sucessos e fracassos, eles sim é que eram científicos, permitindo que nos apoiássemos no principal, senão o único, saber com credibilidade em nossa sociedade.

É esse o modelo de ciência a que fui apresentado – assim como tantas outras pessoas – e no qual todos confiamos como sendo o meio de conhecer e dominar a natureza de nosso mundo para melhor viver nele. Um modelo pautado na matematização da realidade para torná-la cognoscível e explicável. Um modelo que possibilita uma tecnologia apta a manipular o que é estudado, graças ao entendimento e a estipulação de leis e fórmulas. Um modelo que se assume como constituído única e exclusivamente por afirmações "verdadeiras" e comprovadas – pelo rigor metodológico e pelo embasamento teórico. Por isso é que ela se fez capaz de recriar em laboratório muitos dos fenômenos pesquisados, repetindo os fatos, controlando as variáveis, de maneira a permitir que qualquer cientista, de qualquer lugar do mundo, pudesse reproduzir suas provas, demonstrando, mais uma vez, seu saber e sua força sobre a natureza.

Embora os números conseguissem representar muitas coisas, havia tantas outras que não eram possíveis de serem mensuradas fidedignamente, sequer com um mínimo de precisão que fosse, como aprendi que deveria ser feito para ser "correto" – nem mesmo há instrumentos para tal. Não era possível medir o porquê corríamos, nem os desejos ou as esperanças que tínhamos nesse tipo de atividade que realizávamos quotidianamente. Também não se media o que sentíamos durante as provas ou o que elas significavam para cada um de nós. Tudo isto podia ser descrito, comentado, sentido... mas não medido. Portanto, essas "coisas" não interessavam à ciência – pelo menos a este tipo – embora me parecessem ser importantes também. Mas é fato que não havia espaço para elas, talvez pertencessem a um outro tipo de conhecimento, diferente deste.

Os saltos que alguns faziam, eram observados apenas em função da distância ou da altura atingida – conforme o caso –, não se levando em conta a beleza, a leveza ou a plasticidade do movimento executado; quando se prestava a atenção a esses últimos aspectos era apenas com vista a "correções" para uma possível melhora nas metragens. Não se buscava a beleza ou a alegria do movimento, só seu rendimento. É claro que entendo a importância disso para um atleta que disputa uma prova de saltos, mas será que as outras qualidades presentes na vida humana não são dignas de serem estudadas seriamente para serem melhor compreendidas?

Além disso, as bases científicas que eram aplicadas em nossos treinos, as quais usavam fórmulas/receitas para explicar, manipular, permitir a repetição de certas "experiências" e resultados, referiam-se a pessoas que deveriam ser iguais, ou pelo menos quase iguais. Mas não era bem assim que acontecia: bastava olhar para nós mesmos para vermos quão diferentes éramos uns dos outros. Quando se explicou como se dá a contração muscular, considerou-se que todos os músculos de um mesmo tipo deveriam agir exatamente da mesma forma, para ser possível elaborar os treinamentos. Mas nenhum treino servia de maneira igual a dois atletas, nenhum músculo meu se contraía exatamente igual ao de outra pessoa, nenhum coração batia como o meu, não tínhamos os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos, nem mesmo corríamos da mesma maneira, apenas juntos. E pareceu-me que o elo de amizade que nos fazia estar juntos não era tão importante, ao menos nesse modelo científico.

É por isso que nesse estudo em que apresento uma discussão sobre pessoas que realizam caminhadas em meio a natureza e distantes do meio urbano onde vivem, acabei optando pela pesquisa qualitativa, uma forma de investigação um tanto quanto diferente do padrão a que normalmente se está acostumado, porque o que me interessa aqui não se presta aos tipos de análises referendadas por números, medidas e equações vinculadas a um modelo de ciência já consolidado e ainda tido como o mais conceituado. Não pretendo avaliar os dados referentes ao biotipo – altura, peso, idade... – dos praticantes, nem sobre a freqüência cardíaca ou o tempo em que cumprem determinada quilometragem – dados mais adequados para análises que se utilizam também de recursos e métodos quantitativos. Não busco fórmulas que expliquem ou permitam a repetição de algo, **busco a compreensão sobre algo: trilhas e trilheiros. Busco os valores e significados que tal prática possua**

para essas pessoas, tendo por referência o corpo; um entendimento sobre as relações corporais dos trilheiros a partir de sua prática: o que é este corpo que caminha na natureza? É óbvio que falo aqui de um corpo entendido enquanto totalidade humana e não apenas biológico ou apenas cultural. Assim, questões sobre saúde, prazer, sociabilidade, estresse, entre outras, surgirão a partir de depoimentos dos trilheiros.

Não nego o valor de análises quantitativas, apenas tento esclarecer sua inviabilidade para o estudo em questão. Mas bem sei que para alguns pesquisadores esse tipo de enfoque, escolhido por mim, ainda é considerado irrelevante, ingênuo, leviano até, devido aos elementos subjetivos que dele participam. Como sei também que para que uma idéia possa ser aceita como científica, pertencente ao rol das idéias respeitáveis, é preciso que tenha um método como "pai" e uma teoria como "mãe". Ou seja, é preciso que seja de boa linhagem e não uma filha "bastarda", surgida não se sabe muito bem como. [5] Um pensamento não pode simplesmente aparecer, surgir do nada, pois nega-se o papel que o saber intuitivo possua. Entretanto, muitos estudiosos reconhecem que várias de suas idéias surgem, não se sabe de onde ou de que forma... Há mesmo a história de que Werner Heisenberg teve alguns dos pensamentos que fundamentaram a física quântica – eles lhe ocorreram – quando estava atravessando uma das ruas da cidade em que vivia. Mesmo Gauss já afirmou certa vez, possuir soluções para várias questões sem saber como as havia tido; percebeu ter chegado a certo ponto sem percorrer qualquer caminho premeditado, sem saber qual fora o "método" que o conduzira.[6] A rigor, talvez ele nem mesmo tivesse um para seguir no que se referia a certos assuntos, fato esse que até poderia Ter comprometido algum de seus estudos. É curioso como a imaginação parece ter de estar, necessariamente, subordinada ao rigor metodológico para ser validada. Parece-me que se esquece do fato de que toda história do desenvolvimento do saber científico é recheada de grandes momentos marcados por novas teorias, leis descobertas etc, que somente foram possíveis graças aos mesmos aspectos que são negados. Paul Feyerabend fala sobre isto, ao colocar que houve momentos em nossa história em que...

> *"...nossos juízos mais liberais, e as mais liberais de nossas regras teriam eliminado*

[5] ALVES, Rubem. A aula e o seminário. *Correio popular*, Campinas, 23 mai. 1999.
[6] ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência.* São Paulo : Ars Poetica, !996.

> *uma idéia ou um ponto de vista que, hoje, consideramos essencial para a ciência [...] As idéias sobreviveram e* ***agora*** *podemos dizer que estão em harmonia com a razão. Sobreviveram graças ao preconceito, à paixão, à presunção, aos erros, à pura teimosia; em suma, graças ao fato de todos os elementos que caracterizaram o contexto da descoberta* ***se haverem oposto aos ditames da razão e graças ao fato de se haver permitido que esses elementos irracionais atuassem.*** *Em outras palavras:* ***a teoria copernicana e outras concepções 'racionais' só existem hoje porque, em seu passado, a razão, em algumas ocasiões, foi posta em segundo plano.*** *"*[7]

Esse autor chega mesmo a dizer que o empreendimento científico é essencialmente anárquico e orientado por um "tudo vale", contrariando muito do que se disse até um passado recente e que ainda é sustentado por alguns. Às vezes, tenho a impressão de que a ciência sabedora de tanto, não conhece a si mesma. Ora, ela mesma não chega a ser necessariamente científica, embora tente negar isto a partir das regras metodológicas que impõe como critério para ser reconhecida enquanto verdade última. Edgar Morin diz que...

> *"O espírito científico é incapaz de se pensar de tanto crer que o conhecimento científico é o reflexo do real. [...] O que é elucidativo, não precisa ser elucidado. [...] as teorias científicas, como os* icebergs, *têm enorme parte imersa não científica, mas indispensável ao desenvolvimento da ciência. "*[8]

Pode parecer que estou a falar contra a ciência e/ou o seu método, mas entendo que talvez fosse mais correto dizer que falo contra uma das formas de pesquisa, ou melhor dizendo, contra um modelo de visão de ciência, cujos padrões não possibilitam estudar o fenômeno humano de forma mais ampla como desejo. Pois, segundo entendo, não é observável, objetivo, diretamente mensurável. Não é minha intenção desconsiderar a importância que todo saber oriundo da ciência possui no que se refere às muitas respostas

---

[7] FEYERABEND, Paul. *Contra o método.* Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1977, p. 239.
[8] MORIN, Edgar. *Ciência com consciência.* Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1996, p. 21.

satisfatórias dadas aos nossos questionamentos ou aos muitos benefícios que nossa sociedade desfruta hoje. Entendo, entretanto, que se faz necessário um repensar sobre esta forma do conhecimento humano, pois, se num dado instante histórico foi preciso que se renunciasse ao nosso mundo dos sentidos para poder se firmar e contribuir em tudo o que já favoreceu o homem, hoje tal modelo talvez não seja mais tão adequado para tudo o que se deseja aprender.

Como poderia quantificar adequadamente o grau de alegria ou frustração de uma pessoa ao fazer a trilha? Diria: fulano está cinco "feliz" enquanto outro está apenas quatro "feliz"?! Nem mesmo há uma unidade de medida para isso. Ou: o sujeito "a" fez, comprovadamente, dois novos amigos?! Alguém melhorou em 7,34% o relacionamento com alguém?! Ou ainda, propor uma equação sobre coleguismo, uma fórmula na qual se indicasse que o grau de amizade é diretamente proporcional à quilometragem percorrida e inversamente proporcional ao seu número de participantes?! Parece-me um tanto absurdo, tais coisas, embora talvez alguém pudesse querer estabelecer uma relação entre a alegria e os níveis de variação de determinado hormônio; ou ainda, usar ou criar algum tipo de protocolo em que se avaliasse a socialização através dos números e do tempo – cronometrado – das conversas entre as pessoas.

Penso que poderia até mesmo me propor a realizar um tratamento estatístico acerca das categorias localizadas nos discursos dos sujeitos que falam das trilhas, e concluir que tantos por cento a vêem como meio de contato com a natureza, enquanto outros tantos por cento destacam a possibilidade de integração com as pessoas e assim por diante. Dessa maneira, tentaria realizar uma generalização dos significados vinculados a esse tipo de atividade. Embora reconheça a possibilidade disso ser feito, bem como sua importância para outros tipos de pesquisa que possam vir a ocorrer, nessa em específico, interessa-me o indivíduo, o fenômeno da corporeidade em relação a essa prática, as múltiplas interseções do homem com a natureza, com a trilha, com os outros, consigo mesmo e não teorias explicativas e generalizações. Por isso o uso da pesquisa qualitativa, porque ela põe em dúvida o valor dessas generalizações, o que a diferencia

> *"...da pesquisa comum feita em ciência, ou seja, da pesquisa realizada em moldes científicos tradicionais, que é quantitativa e*

> *que tem como alvo chegar a princípios explicativos e a generalizações sobre o estudado. [...] Diferentemente da pesquisa quantitativa, a qualitativa busca uma* compreensão *particular daquilo que estuda. Uma idéia mais geral sobre tal pesquisa é que ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis. A generalização é abandonada e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados."*[9]

Desconsiderando os aspectos quantitativos priorizados em outros modelos, neste estudo recorro à pesquisa qualitativa, prendendo-me à um caminho metodológico que me permita considerar as inúmeras novas trilhas que surgem, as que estão a sua margem, seus atalhos, desvios e paisagens... enfim, o que está no "trilhar". Não me encaminho para mostrar o que pode haver em seu final, como se tivesse uma hipótese a ser comprovada ou demonstrada, uma vez que nem mesmo sei se há fim nesse trilhar. Tenho por intenção conhecer e mostrar o melhor possível, o que é, como é essa trilha que me propus percorrer em direção ao corpo. Não tenho a pretensão de chegar ao que poderia ser considerado uma verdade absoluta, pois, em meu entender, ela é um eterno devir. Antonio Rezende destaca que *"...a experiência da verdade é antes a de sua busca, em meio às contradições e às limitações do conhecimento"*,[10] embora saiba que, para alguns, as verdades são passíveis de serem atingidas, uma vez que não são "inventadas" a partir de suas interpretações, mas apenas descobertas. Isto se apoia na crença, *"...expressa em diferentes formas, de que o mundo – e o Ser como tal – é um sistema inteiramente passível de conhecimento, governado por um número finito de leis universais que o homem pode compreender e controlar racionalmente em seu próprio benefício."*[11] Os defensores desta posição se esquecem que as verdades científicas, e a história da ciência mostra isto, são sempre

---

[9] MARTINS, Joel., BICUDO, Maria A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*: fundamentos e recursos básicos. São Paulo : Moraes, 1989, pp. 22-23.

[10] REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1990, p. 94.

[11] HAVEL, Václav. apud. HORGAN, John. *O fim da ciência*: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo : Companhia das Letras, 1996, p. 38.

provisórias, substituídas por outras tidas como mais certas.

Ainda sobre a verdade, Drummond,[12] num de seus poemas – chamado Verdade –, fala de homens que arrebentam portas para alcançá-la, mas quando a vêem, cada um o faz segundo seu capricho, segundo sua ilusão: ela é uma para cada um.

Talvez ocorra isso mesmo com a verdade. Não importa quantas portas a ciência derrube em sua busca, ela sempre estará incompleta. A minha, é apenas uma das possíveis: o meu modelo sobre a minha realidade. Reconhece-se, hoje, os limites para se conhecer o objeto estudado em si. Joel Martins diz que *"...hoje, na análise científica, o objeto de investigação não é o acontecimento em si, mas a natureza subordinada à maneira humana de pôr o problema. O homem se encontra só frente a si próprio."*[13] Criam-se modelos explicativos, os quais somente possuem sentido em nosso contexto cultural, que os criou e os usa. Pois é impossível a explicação descolada de nossa realidade social, política, cultural... ou seja, ela não é algo neutro, como queriam alguns.

Vivemos num mundo que está o tempo todo a se transformar, o que implica que também a ciência, fruto da cultura da qual faço parte – criando e sendo criado por ela – também é transformada. Hoje, em vários setores, faz-se uma nova ciência, na qual estão sendo superadas as clássicas divisões entre sujeito/objeto, objetividade/subjetividade, corpo/alma. Também busco esta ciência que novamente tenha um significado humano, em que o observador se reconheça com valores e desejos, uma vez que se sabe não neutro; que saiba que interfere no objeto estudado – pessoas – que também são sujeitos, assim como o inverso também ocorre, ou seja, sou influenciado pelo que observo.

Quero saber, quero falar de seres humanos, de corpos humanos que possuem qualidades, sentimentos, intencionalidade, este último um conceito caro à fenomenologia. Por isso, trabalharei aqui com a modalidade de pesquisa: Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, que tem na fenomenologia seus fundamentos. Nesse tipo de estudo, trabalho com o fenômeno da corporeidade localizado em uma situação específica, o que me permite somente falar de sujeitos que estejam vivenciando o fenômeno estudado. Não posso dizer de corpos na natureza, se eles não lá estão, assim como não posso falar de alegria se não houver quem a sinta. O trilheiro só existe na trilha.

---

[12] ANDRADE, Carlos Drumond. *Corpo.* 14. ed. Rio de Janeiro : Record, 1998.
[13] MARTINS, BICUDO, op. cit., p. 75.

A trilha não é o solo batido em meio a mata, como não é trilheiro aquele que está na cidade a andar por ruas e calçadas. Trilha e trilheiro se fazem ao mesmo tempo, quando se encontram, quando se tocam. Um não há sem o outro, o caminho se faz ao caminhá-lo. Como tantas outras coisas, também esse caminhar, essa trilha, são uma construção humana, fruto de desejos e necessidades. Elas fazem parte da história de pessoas que fogem de algo e que buscam algo. Tentam se afastar das pressões que a vida moderna lhes impõe, muitas vezes pesadas demais, para irem em busca de alegria e afeto, do mundo e de outras pessoas, e que querem caminhar juntas.

Já há algum tempo me interessam as práticas corporais relacionadas à natureza. Houve mesmo um período no qual em inúmeras vezes participei de caminhadas, de trilhas com bicicleta e pequenas escaladas, tanto como companheiro de outros, como também no papel de guia de grupos, em alguns momentos. Devido ao rumo que minha vida tomou, deixei de realizar as trilhas com freqüência como pudera fazer em certo período. Compromissos com o trabalho, o desencontro com os companheiros de andanças, foram fatores que contribuíram para tanto. Mesmo assim não me afastei de todo; férias e outros momentos foram reservados às trilhas sempre que possível.

Pelo convívio com outros praticantes, não apenas nas caminhadas mas também fora delas, sei que esta atividade passou por períodos de modismo chegando mesmo a um tipo de "compulsividade" para alguns. Para estes não havia outro assunto, nem coisa mais importante a ser feita, tudo girava em torno da trilha. Mas isso também passou.

No entanto, não conhecia, mais profundamente, o que eram as trilhas. Sabia de questões técnicas – montar barracas, ler mapas, estabelecer ritmos de caminhada, por exemplo –, mas me faltava uma compreensão maior desse fenômeno. Assim, procurei me aproximar mais uma vez dos caminhos da natureza, dessa vez, como observador. Também quis seguir os passos desses andarilhos e, para isto, os interroguei.

4.1.1 – A questão.

Desejei neste estudo, investigar o corpo enquanto fenômeno nos praticantes de trilha. Como já dito anteriormente, esta atividade é procurada de várias formas e por muitas pessoas que vivem principalmente nos grandes centros urbanos. Interessou-me o fato de

que, apesar das cidades representarem o espaço civilizado, estarem associadas a desenvolvimento, serem o "nicho" do homem enquanto ser cultural, há o desejo de abandoná-las – quase uma fuga, se não o for, de fato – para buscar a natureza, algo que se faz ausente em suas vidas e da qual também fazemos parte, embora normalmente nos esqueçamos disto.

Questionar diretamente sobre como cada trilheiro entendia-se enquanto corpo, ou mesmo que a pergunta fosse: como entendia o próprio corpo – o que seria negar a compreensão que possuo de corpo e de homem – pareceu-me que poderia levar a um deslocamento do indivíduo para fora da trilha por ele realizada. Desse modo, optei por interrogar sobre a própria trilha e, a partir dela, localizar o fenômeno da corporeidade e suas múltiplas inter-relações: com o ambiente, com os outros, consigo mesmo. Assim, coloquei-lhes a seguinte pergunta: **"Que significa isto, a trilha, para você?"**

A partir desta interrogação, esperava conseguir descrições dos sujeitos, de modo a obter um caminho a seguir, o qual me levasse rumo ao fenômeno em foco, tornando-o visível para mim pelo seu manifestar nas experiências de tais pessoas. Assim, não parto de um problema – enquanto elemento gerador de um processo de pesquisa científico clássico – , não tenho hipóteses, mas sim dúvidas a respeito de um fenômeno. Foram essas inquietações que me levaram a realizar este estudo. Há um desejo sobre sua compreensão e, quem sabe, a partir disso poder partilhá-la com outras pessoas que poderão ter novas e velhas experiências nessa forma de vivenciar o ambiente natural; a partir de seu próprio caminhar. O que é, o que significa, o que representa esta "coisa" de andar em meio a natureza? O que é ser trilheiro ao invés de fazer cooper nas lagoas e parques da cidade? O que é o corpo nesse envolver-se com a natureza?

Ao interrogar o fenômeno, estabelece-se a possibilidade de fazê-lo presente pela verbalização de quem o vivencia, de quem o tem como parte de seu próprio mundo existencial. Tento fazê-lo visível a mim pela linguagem, que pode me apresentá-lo de modo inteligível.

> *"O significado de um objeto visto no seu mundo, no seu modo próprio de ser, por aquele que o olha atentamente, consiste na sua realização essencial que ocorre a partir de sua natureza. As palavras, presentes em uma*

> *expressão, indicam que a relação entre o objeto, visto na sua completeza, e a intenção, que o anima, é recíproca e dinâmica. A expressão articula, ou seja, expressa o significado de modo inteligível. Esse característico da inteligência com os objetos no mundo relaciona-se com a linguagem."*[14]

Busco, dessa forma, uma trajetória que me leve ao fenômeno, mas devo ir ao seu encontro despido de teorias, hipóteses, preconceitos..., colocando-o "em suspensão" para eliminar qualquer tipo de idealização a priori. Assim, permaneço aberto ao fenômeno, permitindo-me ser tocado por ele, podendo me dirigir aos aspectos presentes na descrição que me "chamam a atenção", que me "impresionam" por ter uma "tendência afetiva" sobre eles.[15] O que não significa tratá-los de forma isolada, pois todos se interligam numa rede de relações.

> *"No conjunto total da descrição, nenhum aspecto se apresenta como algo isolado, mas, desde o início, como um objeto dentro de um horizonte que é de trato direto prévio típico. Até mesmo uma experiência nova se refere a esse horizonte contra o qual se apresenta como uma experiência nova."*[16]

Como disse à pouco, o que colocarei aqui são as minhas verdades, uma vez que me apoio num ponto de vista, o meu ponto de vista. Voltando à Horgan,[17] quando comenta que as críticas literárias acabam por destacar um dos muitos significados possíveis devido ao enfoque dado por quem as faz, se a analogia é possível, diria que os significados que apresento mais adiante sobre os "textos" – discursos dos trilheiros –, é apenas um dos possíveis, o meu. Portanto, não é definitivo, mas passível de ser refeito a partir de outros olhares, de outros pressupostos. Por isso, apreendo o fenômeno segundo um determinado ângulo que me propicia visões parciais dele, apesar de se mostrarem em sua integração com

---

[14] Ibid., p. 86.
[15] Ibid.
[16] Ibid., p. 97.
[17] HORGAN, op. cit.

o todo. Também por isso ouvi os trilheiros, para conhecer tal fenômeno, a partir de várias perspectivas.

4.1.2 – Os trilheiros.

Este estudo foi realizado com os praticantes de trilhas que já possuíam uma certa história neste tipo de atividade, que já participaram algumas vezes, tanto de passeios de um dia – com retorno à própria casa ou ao local de hospedagem – como também de caminhadas mais longas que levam dias a serem cumpridas, exigindo o transporte de alimento, barracas..., as quais são chamadas de travessias.

São pessoas comuns que vivem em grandes cidades. Neste caso, especificamente, são habitantes de São Paulo, Curitiba e Campinas. Quero deixar claro no entanto que, apesar de todos os treze entrevistados já residirem nessas cidades há pelo menos cinco anos – já completos – sete deles são naturais de outras localidades, onde, inclusive, passaram parte da infância e, em alguns casos, também a adolescência; destes sete, três são do interior paulista e um do interior do estado de Minas Gerais. Os outros três são de capitais: um de Natal e os dois últimos naturais de São Paulo, residindo atualmente em Campinas.

São profissionais e estudantes cujas áreas de atuação estão relacionadas principalmente a informática, computação e engenharias, havendo também uma pessoa ligada ao comércio e três professores – dois deles de Educação Física. A idade dos entrevistados varia dos dezenove aos cinqüenta e quatro anos, sendo que a maioria – nove – possui entre vinte e trinta anos. Todos eles, exceto um, haviam concluído curso superior ou estavam ainda em fase de estudo nas áreas já mencionadas.

Não se trata de atletas que cumprem programas de treinamento e participam de competições, embora possuam uma prática regular de atividades físicas – principalmente corridas e caminhadas – e também musculação, escalada bem como jogos coletivos – basquete, vôlei e futebol – e ainda as próprias trilhas que são feitas com certa regularidade durante vários momentos do ano todo.

Os discursos foram coletados, gravados por mim em fitas magnéticas (K7) durante a realização das próprias trilhas ou logo após seu término. Foi solicitada autorização de todos os entrevistados, tanto para a entrevista, na qual lhes colocava a interrogação: **"Que**

significa isto, a trilha, para você?"; como também eram avisados para autorizarem ou não minha presença, como pesquisador, junto deles nas caminhadas.

A coleta de dados aconteceu em quatro momentos diferentes:

- Uma travessia na Ponta da Joatinga, área localizada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, nas proximidades de Parati. Acompanhei um grupo organizado por uma empresa especializada em ecoturismo. O caminho percorrido em quatro dias, foi feito tanto dentro da mata, como em trechos de praia. Naquela oportunidade, seis dos trilheiros concordarem em participar da pesquisa.

- Acompanhei duas trilhas realizadas por campistas no "Parque Estadual do Pico do Marumbi", localizado no estado do Paraná, próximo a Morretes. O parque recebe, em todos os finais de semana do ano, muitos trilheiros que se interessam por áreas montanhosas. Acampam na base do pico e usam caminhos variados que permitem, sem escaladas, chegar ao "Olimpo", apelido do cume do Marumbi. Caminhei junto de duas duplas de "marumbistas" – nome dado a quem chega ao topo – que concordaram em participar do estudo.

- Uma trilha pelas cachoeiras da cidade de Brotas, cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Acompanhei um grupo organizado por uma empresa especializada em ecoturismo naquela localidade. Aárea possui muitas cachoeiras e está se tornando muito famosa como área para realização de "Canyoing" – descida de cachoeira em corda, usando técnicas de rapel. Os caminhos usados atravessavam fazendas e boa parte deles era feito dentro dos rios. Duas pessoas participaram da pesquisa.

- Um último discurso foi coletado com um trilheiro que regressava de uma viajem feita à Ilha Grande, no Rio de janeiro.

Treze, foram os discursos utilizados para a pesquisa, sendo oito destes o depoimento de mulheres e os outro cinco de homens. Devo acrescentar ainda, que dois dos discursos coletados durante as trilhas em Brotas foram descartados devido à péssima qualidade da gravação, o que inviabilizou a transcrição e o posterior uso das mesmas. Também foram desconsiderados três discursos coletados fora da realização da caminhada.

4.1.3 – Sobre a interpretação dos discursos.

A análise engloba quatro momentos: a descrição, a redução, a análise ideográfica e a análise nomotética.[18]

O primeiro momento consiste no processo de colocar ao sujeito a interrogação, a partir da qual ele fornecerá uma descrição concreta e expontânea do que vivencia nas trilhas. A descrição tem seu mérito por possibilitar ao ouvinte, ou no caso o leitor, uma reprodução, a mais clara possível, do fenômeno em estudo.

Nem todo o conteúdo dos discursos coletados podiam ser aproveitados, dado que parte dele escapa às questões colocadas pela situação de pesquisa. Por isso, realizei a sua redução num segundo momento, que trata de selecionar as partes consideradas essenciais para o entendimento do fenômeno de cada uma das descrições. Busca-se, assim, isolar o objeto a partir da chamada "variação imaginativa", que consiste na reflexão sobre que partes do discurso possuem significados dentro da experiência vivenciada, sejam eles de ordem afetiva ou cognitiva. Isso passa por imaginar cada um dos pontos tomados, como estando ou não presentes nela, a partir da interrogação colocada, para qual se volta o tempo todo. Assim, são especificadas as unidades de significado, que são as unidades selecionadas a partir do exposto acima.

O terceiro passo dado, consiste na análise ideográfica. Ela trata de colocar a linguagem das descrições ingênuas dos sujeitos em expressões que me aproximem do objeto, numa linguagem que me seja inteligível, uma vez que o depoimento dado nem sempre está suficientemente claro. Isso não significa um afastar-me dos discursos, pois a eles, devo retornar todo instante que se faça necessário, de maneira a não me perder da interrogação feita e do que me fora mostrado como essencial. É exatamente isto que me possibilitará tomar conhecimento, ser-me revelada a consciência que o sujeito possui do fenômeno estudado. A análise ideográfica é o processo que permite o reconhecimento da ligação que se faz entre sujeito pesquisado e pesquisador, entre a experiência do trilheiro e meu universo conceitual. É a partir daqui que se faz possível a síntese final da pesquisa sobre o fenômeno estudado, o entendimento sobre o que há de ordem geral representado por tais experiências.

---

[18] MARTINS; BICUDO, op. cit.

O último passo é feito pela análise nomotética. Esta é a busca de um enfoque mais geral sobre o fenômeno, saindo de um nível individual para o coletivo. Busca-se os aspectos que se manifestaram como sendo verdades gerais, o que não significa a estipulação de leis ou a generalização, universalização do que fora revelado. É uma passagem, um movimento do individual para o geral, dos aspectos que se mostraram comuns.

CAPÍTULO V – SOB O OLHAR: AS FALAS DOS TRILHEIROS.

Apresento aqui as descrições, ideografias e o quadro de análise nomotética, a partir da pergunta interrogadora: **"O que significa isto, a trilha para você?"**

DESCRIÇÃO 1.

Bom, eu acho que tem vários objetivos, né?. Um, **[1 é sair da cidade,]** né? **[2 Procurar um ambiente mais calmo que... que eu possa pensar em outras coisas,]** né? Ah... **[3 Fazer exercício também, que é uma forma de tá se exercitando, né? A gente anda bastante, carrega peso.] [4 Também eu gosto de me relacionar com outras pessoas, né? Porque, no acampamento, você sempre convive com outras pessoas, faz amizades,]** né? Conversa. Outro motivo é que **[5 quando eu viajo, em geral, eu esqueço da minha vida, eu não penso em trabalho, eu não penso em nada, eu só penso no momento.]** Por exemplo, nessa viagem, eu não me lembro de ter pensado o que que eu deixei pra fazer lá em São Paulo ou o que que eu tenho pra fazer na segunda-feira, não me preocupo com isso. E... e eu acho que é isso. **[6 É muito bom pra mim.]** Também **[7 conheço novos lugares, né? Lugares bonitos.]** Ah... também... Nessa viagem nem tanto, mas em outras **[8 tem também o desafio, você tá vencendo obstáculos, né? Às vezes, a gente passa por situações perigosas e a gente tem que ter muito bom humor, muita coragem pra enfrentar chuva, frio, o que tiver pelo caminho,]** né? E também... isso também é bom. Acho que é isso.

Unidades de Significado	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...*é sair da cidade*	1) *Sair da cidade.*	1. (1) *Sair da cidade.*	*SAIR DA CIDADE* 1) Sair da cidade.
2) Procurar um ambiente mais calmo, que... que eu *possa pensar em* outras coisas	2) Procurar um ambiente calmo para pensar outras coisas.	2. (2) Buscar ambiente calmo para reflexão.	AMBIENTE TRANQÜILO PARA REFLEXÃO 2) *Buscar ambiente* calmo para reflexão.

3) Fazer exercícios também, que é uma forma de tá se exercitando, né? A gente anda bastante, carrega peso.	3) É uma forma de estar se exercitando.	3. (3) É uma forma de estar se exercitando.	EXERCITAR-SE 3) Uma forma de estar se exercitando.
4) Também eu gosto de me relacionar com outras pessoas, né? Porque, no acampamento, você sempre convive com outras pessoas, faz amizades	4) Gosta de se relacionar com outras pessoas, e o acampamento é um local de convívio e de fazer amigos.	4. (4) Gosta de se relacionar com outras pessoas, e o acampamento é um local de convívio e de fazer amigos.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 4) Um espaço para relacionar-se com outras pessoas.
5) ...Quando eu viajo, em geral, eu esqueço da minha vida, eu não penso em trabalho, eu não penso em nada, eu só penso no momento.	5) Esquece da própria vida, do trabalho. Só pensa no momento.	5. (5) Esquece da própria vida, do trabalho. Só pensa no momento.	FUGIR DAS ROTINAS 5) Abandona suas rotinas para atentar-se ao momento.
6) É muito bom pra mim.	6) Algo muito bom	6. (6) Algo prazeroso.	ATIVIDADE PRAZEROSA 6) Algo prazeroso.
7) ...conheço novos lugares, né? Lugares bonitos.	7) Conhecer lugares novos e bonitos	7. (7) Conhecer lugares novos e bonitos.	CONHECER LUGARES 7) Conhecer lugares novos e bonitos.
8) ...tem também o desafio, você tá vencendo obstáculos, né? Às vezes, a gente passa por situações perigosas e a gente tem que ter muito bom humor, muita coragem pra enfrentar chuva, frio, o que tiver pelo caminho	8) Enfrentar desafios, obstáculos, situações que são perigosas com bom humor e coragem.	8. (8) Enfrentar desafios, obstáculos, situações que são perigosas com bom humor e coragem.	ENFRENTAR DESAFIOS 8) Enfrentar desafios, obstáculos, situações que são perigosas com bom humor e coragem.

Análise Ideográfica.

Sujeito 1.

O sujeito explica o que é a trilha a partir de elementos que explicitam as motivações que o levam a tal atividade. A trilha se caracteriza basicamente pelo abandono de algo – no caso, a fuga da cidade, da vida cotidiana e do trabalho – e pela busca a alguma coisa diferente – de um ambiente calmo. A trilha representa um novo ambiente e as atividades a ele inerentes – o caminhar e o acampamento – possibilitam dar atenção ao momento do agora para se exercitar, relacionar-se com pessoas e fazer amigos, conhecer novos lugares, enfrentar desafios. Tanto a fuga como essa busca se traduz na procura de um bem-estar, de um prazer.

DESCRIÇÃO 2.

As trilhas? É... Eu fiz trilha uma vez com uma turma que não tava nem aí. Então, foi a maior frustração, largaram a gente lá no meio do caminho... e... Era uma coisa que eu achava que nunca mais ia voltar a fazer. E **[1 acho que tá muito ligado com as pessoas com quem a gente faz a trilha. A gente vê esse pessoal aqui... Essa aqui... Fora a relação de amizade, há uma confiança muito grande em todo mundo; todo mundo se ajuda]** e isso eu acho que é... é legal. Aí tem outra parte também, né? Que é aquela coisa um pouco batida assim, né? **[2 Curtir um pouco a natureza...]** A primeira vez que eu fiz com esse pessoal, a gente foi até Itatiaia. Eu subi... A gente subiu no... no Agulhas Negras. Aí, a gente vê que **[3 dá pra sentir... que a gente tá conseguindo fazer alguma coisa, da gente ter conseguido chegar lá é muito... é muito legal.]** Eu acho que é por isso.

Unidades de Significado	Redução I	Redução II	Categorias
1 ...acho que tá muito ligado com as pessoas com quem a gente faz a trilha. A gente vê esse pessoal aqui... Essa aqui... Fora a relação de amizade, há uma confiança muito grande em todo mundo; todo mundo se ajuda	1) Relaciona-se às pessoas com quem se faz as trilhas. Há uma grande amizade, confiança e solidariedade entre todos participantes.	1. (1) Relaciona-se às pessoas com quem se faz as trilhas. Há uma grande amizade, confiança e solidariedade entre todos participantes.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 1) Grande relação de amizade entre os participantes.
2 Curtir um pouco a *natureza*	2) Desfrutar da *natureza.*	2. (2) Desfrutar da *natureza.*	DESFRUTAR DO *CONTATO COM* A NATUREZA 2) Desfrutar da natureza.
3) ...dá pra sentir... *que a gente tá* conseguindo fazer alguma coisa, da gente ter conseguido chegar lá é muito... é muito legal.	3) Sensação de *conseguir realizar* algo.	3. (3) Sensação de *conseguir realizar* algo.	REALIZAR CONQUISTAS 3) Conseguir realizações.

Análise Ideográfica.

Sujeito 2.

Coloca o relacionamento entre os participantes de uma trilha como o principal elemento da atividade; a confiança, a solidariedade e o coleguismo possuem um papel de grande importância para a sua boa realização. A trilha é então o desfrutar da natureza e a conquista de objetivos, possíveis graças aos companheiros, sendo isso muito gratificante. No entanto, o desprazer causado pelo abandono e a falta de companheirismo pode ser extremamente frustrante.

DESCRIÇÃO 3.

Olha... **[1 a trilha é uma coisa muito legal,]** sabe? Porque **[2 é uma coisa que não se faz todo dia, é... é aquela escapada das coisas chatas do dia-a-dia, da... daquela coisa de fazer sempre todo dia as mesmas coisas.]** Então a trilha **[3 é quando a gente muda essa rotina,] [4 sai dessa... da cidade... muda de ambiente...] [5 A gente entra em contato com a natureza, se envolve com tudo isso aqui que é muito bonito. Ah... Porque a trilha tem que ser numa mata, montanha...] [6 É um exercício também, só que diferente de andar num Ibirapuera... Não tem prédio, não tem fumaça, não tem barulho, só tem as coisas da natureza,]** sabe? **[7 Rola uma integração muito forte entre a gente e a natureza.]** Tem também uma outra coisa que é **[8 a coisa dos amigos. Você não faz uma trilha sozinho, porque é muito perigoso... você pode se machucar, se perder.]** Ah... E tem o lance de que eu comecei porque os amigos que faziam me chamaram, então **[9 tem essa coisa muito forte do companheirismo,]** né? Eu acho também que **[10 tem essa coisa de você ter de manter a forma, senão você não agüenta... Não é assim difícil não, mas tem que ter o mínimo,]** né? Agora... **[11 é uma coisa maravilhosa,]** sabe? **[12 Sempre que eu faço, eu me sinto renovada.] [13 É muito bom...]** Sem falar dos **[14 lugares que você acaba conhecendo.] [15 Vale muito a pena.]** Recomendo pra todo mundo. Acho que é isso... **[16 é amizade,] [17 é natureza...] [18 é uma coisa que é muito bom.]**

Unidades de Significado	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...a trilha é uma coisa muito legal	1) É uma coisa muito legal.	1. (1) É uma coisa muito legal. (11) É uma coisa maravilhosa. (13) É muito bom. (15) Vale muito a pena. (18) É uma coisa muito boa.	ATIVIDADE PRAZEROSA 1) É algo muito bom.
2) ...é uma coisa que não se faz todo dia, é... aquela escapada das coisas chatas do dia-a-dia, da... daquela coisa de *fazer sempre todo dia* as mesmas coisas.	2) É algo que não se faz todo dia, uma fuga das rotinas.	2. (2) É algo que não se faz todo dia, uma fuga das rotinas. (3) Mudar a rotina.	FUGIR DAS ROTINAS 2) É algo que foge ao rotineiro.
3) ...é quando a gente muda essa rotina	3) Mudar a rotina.		
4) ...sai dessa... da cidade... *muda de ambiente*	4) Sair da cidade, *mudar de ambiente*	3. (4) Sair do *ambiente da cidade.*	SAIR DA CIDADE 3) *Sair do ambiente* da cidade.
5) A gente entra em contato com a natureza, se envolve com tudo isso aqui que é muito bonito. Ah... Porque a trilha tem que ser numa mata, montanha	5) Entrar em contato com a natureza que é muito bonita, porque a trilha ocorre na natureza.	4. (5) Entrar em contato com a natureza que é muito bonita, porque a trilha ocorre na natureza. (7) Há uma forte integração com a natureza. (17) É natureza.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA 4) Contato intenso com a natureza.
6) É um exercício também, só que diferente de andar num Ibirapuera... Não tem prédio, não tem fumaça, não tem barulho, só tem as coisas da natureza	6) É um exercício diferente de andar na cidade, uma vez que há apenas a natureza, e não prédios, fumaça, barulho.	5. (6) É um exercício diferente de andar na cidade, uma vez que há apenas a natureza, e não prédios, fumaça, barulho. (10) É preciso ter uma certa forma física apesar de não ser tão difícil.	EXERCITAR-SE 5) É um exercício diferente do que é feito na cidade, o qual não é tão difícil.
7) *Rola* uma integração muito forte entre a gente e a natureza.	7) *Há* uma forte integração com a natureza.		

8) ...a coisa dos amigos. Você não faz uma trilha sozinho, porque é muito perigoso... você pode se machucar, se perder.	8) Não se faz uma trilha sozinho, porque é muito perigoso.	6. (8) Não se faz uma trilha sozinho, porque é muito perigoso. (9) Há um grande companheirismo. (16) É amizade.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 6) A trilha não é solitária, há um grande companheirismo.
9) ...tem essa coisa muito forte do companheirismo	9) Há um grande companheirismo.		
10) ...tem essa coisa de você ter de manter a forma, senão você não agüenta... Não é assim difícil não, mas *tem que ter o mínimo*	10) É preciso ter uma certa forma física apesar de não ser tão difícil.		
11) ...é uma coisa maravilhosa	11) É uma coisa maravilhosa.		
12) Sempre que eu faço, eu me sinto *renovada.*	12) Sente-se renovada sempre que *faz trilhas.*	7. (12) Sente-se renovada sempre que *faz trilhas.*	BEM-ESTAR 7) Sente-se bem ao *fazer as trilhas.*
13) É muito bom	13) É muito bom.		
14) ...lugares que você acaba conhecendo.	14) Conhecer lugares.	8. (14) Conhecer lugares.	CONHECER LUGARES 8) Conhecer lugares.
15) Vale muito a pena.	15) Vale muito a pena.		
16) ...é amizade	16) É amizade.		
17) ...é natureza	17) É natureza.		
18) ...é uma coisa que é muito bom.	18) É uma coisa muito boa.		

Análise Ideográfica.

Sujeito 3.

O sujeito apresenta vários elementos para caracterizar a trilha: o contato com a natureza, a relação com os companheiros, o exercício físico da caminhada, inclusive, como base para sua própria realização. Ele a identifica basicamente em oposição ao ambiente e demais elementos pertencentes ao seu dia-a-dia, no caso: a cidade com sua fumaça, barulho, rotinas e outras obrigações e coisas desagradáveis. Assim, a trilha é uma mudança de ambiente e da maioria dos afazeres cotidianos, onde há uma atividade física diferente e um encontro com a natureza e as pessoas, que são muito agradáveis, provavelmente para "renovar-se" e poder voltar e suportar as coisas "chatas" de seu mundo.

DESCRIÇÃO 4.

Ai, o que é trilha??!! Deixa eu pensa um pouco... Ó, não sei dizer direito... Mas **[1 é uma coisa que eu gosto muito de fazer...] [2 Me faz muito bem...]** Então... Ah... **[3 Eu acho que é legal, muito... por causa das pessoas que vão com você...]** Quem faz trilha, normalmente, é gente legal, que gosta de natureza, que gosta de andar... de uma aventurazinha. É claro que sempre tem uma galera que às vezes quer puxar... Fazer um caminho muito difícil ou ir no gás até a próxima parada, mas é só não encanar... Você tem que escolher as pessoas com quem você vai viajar pra fazer um negócio desse... Porque o legal **[4 é você ir curtindo a natureza, os barulhos, sons... o vento... toda paisagem. A gente, normalmente, consegue ver um monte de coisas muito bonitas quando anda no meio do mato... E é isso que é legal na trilha.] [5 É essa coisa de você conhecer os lugares...]** Ah... **[6 do pessoal também...] [7 é muito jóia...] [8 As pessoas ficam amigas de verdade, não só na hora que tá aqui, mas... Quando a gente volta, todo mundo continua se encontrando... acaba rolando uma amizade extra-trilha.]** Acho que é isso.

Não sei falar mais... **[9 É uma coisa que tem que se sentir, tem que se fazer pra saber o que é.]** É isso.

Unidades de Significado	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...*é uma coisa que* eu gosto muito de fazer	1) *Algo que gosta* muito de fazer.	1. (1) *Algo que gosta* muito de fazer. (8) É muito jóia.	*ATIVIDADE* PRAZEROSA 1) Algo gostoso de se fazer.
2) Me faz muito bem	2) Faz muito bem.	2. (2) Faz muito bem.	BEM-ESTAR 2) *Faz muito bem.*
3) Eu acho que é legal, muito... por causa das pessoas que vão com você	3) É legal por causa das pessoas que estão juntas na trilha.	3. (3) É legal por causa das pessoas que estão juntas na trilha (6) É conhecer pessoas. (8) As pessoas ficam amigas de verdade. A amizade continua além da trilha.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 3) É bom devido às pessoas que estão juntas na trilha, as quais se tornam amigas.

4) ...é você ir curtindo a natureza, os barulhos, sons... o vento... toda paisagem. A gente, normalmente, consegue ver um monte de coisas muito bonitas Quando anda no meio do mato... E é isso que é legal na trilha.	4) É conseguir ver e desfrutar das coisas boas da natureza: sons, vento, toda a paisagem.	4. (4) É conseguir ver e desfrutar das coisas boas da natureza: sons, vento, toda a paisagem.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA 4) É desfrutar das coisas boas da natureza.
5) É essa coisa de você conhecer os *lugares*	5) Conhecer lugares.	5. (5) Conhecer lugares.	CONHECER LUGARES *5) Conhecer lugares.*
6) ...do pessoal também	6) É conhecer pessoas.		
7) ...é muito jóia	7) É muito jóia.		
8) As pessoas ficam *amigas de verdade*, não só na hora que tá aqui, mas... Quando a gente volta, todo mundo continua se encontrando... acaba rolando uma amizade extra-trilha.	8) As pessoas ficam *amigas de verdade*. A amizade continua além da trilha.		
9) É uma coisa que tem que se sentir, tem que se fazer pra saber o que é.	9) É preciso experimentar para tomar conhecimento sobre o que é a trilha.	6. (9) É preciso experimentar para tomar conhecimento sobre o que é a trilha.	VIVÊNCIAS 6) É preciso experimentar para tomar conhecimento sobre o que é a trilha.

Análise Ideográfica.

Sujeito 4.

Para o sujeito a atividade está muito relacionada com as pessoas com quem ela é realizada, pois o prazer de conhecer novos lugares e do contato com a natureza depende da relação existente entre os participantes. Para ele, a trilha é uma atividade que permite um relacionamento intenso com as pessoas, possibilitando o florescimento de amizades; no entanto, seu total entendimento, somente é possível a partir da experimentação, de sua prática.

DESCRIÇÃO 5.

Eu sou péssimo pra dar respostas pra esse tipo de pergunta genérica. Bom, pra mim é meio... **[1 um jeito de fugir da zona do dia-a-dia,]** né,? A gente sempre trabalhou em cidade e... Assim, **[2 pela tranqüilidade também fazer uma reflexão um pouco.]** Você tá na cidade, lá você não tem tempo pra nada, você vive escravo do relógio, principalmente o pessoal da área de exatas, né? Aí, você vai pra um lugar desse aqui, **[3 você vai pra um lugar bonito e fica... longe de problemas, então assim.. pra fugir do dia-a-dia]** isso aqui é excelente. E também **[4 é meio que um desafio. Outra parte que também é interessante para mim é o desafio de você tá, por exemplo, indo pra um lugar cada vez mais difícil, fazendo uma atividade diferente que você nunca fez,]** esse é... é o segundo ponto. E é isso aí.

Unidades de Significado	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...um jeito de fugir da zona do dia-a-dia	1) Fugir da bagunça do dia-a-dia.	1. (1) Fugir da bagunça do dia-a-dia.	FUGIR DAS ROTINAS 1) Fugir da bagunça do dia-a-dia.
2) ...pela tranqüilidade também fazer uma reflexão um pouco.	2) Refletir graças à tranqüilidade.	2. (2) Refletir graças à tranqüilidade.	REFLEXÃO 2) Refletir graças à tranqüilidade.
3) ...você vai pra um lugar bonito e fica... longe de problemas, então assim.. pra fugir do dia-a-dia	3) Ir para um lugar bonito para fugir dos problemas dia-a-dia.	3. (3) Ir para um lugar bonito para fugir dos problemas dia-a-dia.	IR A LUGARES BONITOS 3) Ir para um lugar bonito para fugir dos problemas do cotidiano.
4) ...é meio que um desafio. Outra parte que também é interessante para *mim é o desafio de* você tá, por exemplo, indo pra um lugar cada vez mais difícil, fazendo uma atividade diferente que você nunca fez	4) É interessante o desafio, de ir para lugares cada vez mais difíceis e fazer *atividades novas.*	4. (4) É interessante o desafio, de ir para lugares cada vez mais difíceis e fazer *atividades novas.*	ENFRENTAR DESAFIOS 4) O desafio de fazer uma atividade nova e *difícil.*

Análise Ideográfica.

Sujeito 5.

O sujeito coloca a trilha a partir de dois pontos: a fuga de algo e a busca de outras coisas. Aqui, a fuga é das atividades rotineiras, principalmente o trabalho. A busca é por novos espaços que sejam tranqüilos e bonitos, possibilitando assim realizar reflexões e participar de tarefas que o colocam à prova pela sua dificuldade. A trilha é fuga para a procura de lugares que comportam tais fazeres.

DESCRIÇÃO 6.

Ah! Pra mim... **[1 As trilhas pra mim significa o momento que... que eu me encontro,]** que **[2 eu tô de bem]** assim, **[3 fazendo o que eu gosto, é uma coisa que eu gosto muito de fazer.]** E principalmente as montanhas, **[4 é onde eu me sinto assim... em plena liberdade.] [5 Eu encontro... não sei... uma paz, e me sinto muito bem comigo mesma.]** Ah! Sei lá ... e significa também assim, **[6 uma eliminação do stress do dia-a-dia...]** e ao mesmo tempo assim, **[7 um contato com os amigos...] [8 Fazer uma coisa num grupo onde a gente tem a mesma coisa em comum, que seria todo mundo gostar de caminhada, gostar de aventuras,]** é muito legal.

Ah! E também tem mais uma coisa assim, dependendo da trilha, quando a trilha é mais difícil é uma... **[9 é como se fosse uma prova pra mim,] [10 eu tô me conhecendo, até onde que eu posso, qual é o meu limite,]** né? **[11 É uma maneira de tá me testando também. E eu gosto disso, eu gosto dessas barreiras que vão aparecendo, dessa aventura, entre aspas.]**

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) As trilhas pra mim significa o momento que... que eu me encontro	1) A trilha é o momento de encontro consigo mesmo.	1. (1) A trilha é o momento de encontro consigo mesmo.	REFLEXÃO 1) É um momento de introspecção, encontrando a si mesmo.
2) ...eu tô de bem	2) Estar bem .	2. (2) Estar bem. (5) Encontra a paz, sentindo-se bem consigo mesmo.	BEM-ESTAR 2) Estar em paz, sentindo-se bem consigo mesmo.
3) ...fazendo o que eu gosto, é uma coisa que eu gosto muito de fazer.	3) Fazer uma coisa que se gosta muito.	3. (3) Fazer uma coisa que se gosta muito.	ATIVIDADE PRAZEROSA 3) Fazer uma coisa que se gosta muito.
4) ...é onde eu me sinto assim... em plena liberdade.	4) Sentir-se em liberdade.	4. (4) Sentir-se em liberdade.	LIBERDADE 4) Sentir-se em liberdade.
5) Eu encontro... não sei... uma paz, e me *sinto muito bem* comigo mesma.	5) Encontra a paz, sentindo-se bem *consigo mesmo.*		

6) ...uma eliminação do stress do dia-a-dia	6) Eliminar o estresse do dia-a-dia.	5. (6) Eliminar o estresse do dia-a-dia.	RELAXAMENTO 5) Eliminar o estresse do dia-a-dia.
7) ...um contato com os amigos	7) Contato com os amigos.	6. (7) Contato com os amigos. (8) Fazer algo num grupo, que possui coisas em comum: o gosto pela caminhada, pela aventura.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 6) Envolver-se num grupo de pessoas de interesse comum.
8) Fazer uma coisa num grupo onde a gente tem a mesma coisa em comum, que seria todo mundo gostar de caminhada, gostar de aventuras	8) Fazer algo num grupo que possui coisas em comum: o gosto pela caminhada, pela aventura.		
9) ...é como se fosse uma prova pra mim	9) É como uma prova.	7. (9) É como uma prova. (11) É uma maneira de testar-se. *Gosta da aventura da* trilha.	ENFRENTAR DESAFIOS 7) É uma maneira de *se testar.*
10) ...eu tô me conhecendo, até onde que eu posso, qual é o meu limite	10) Conhecer os próprios limites.	8. (10) Conhecer os próprios limites.	CONHECER-SE 8) Conhecer os próprios limites.
12) É uma maneira de tá me testando também. E eu gosto disso, eu gosto dessas barreiras que vão aparecendo, dessa aventura, entre aspas.	12) É uma maneira de testar-se. Gosta da aventura da trilha.		

Análise Ideográfica.

Sujeito 6.

A trilha é um momento de profundo bem-estar para o sujeito. Estado este que está associado à liberdade, ao relacionamento com os amigos que possuem coisas em comum, o relaxamento e a possibilidade de se conhecer a partir de reflexões e da superação dos desafios que se fazem presentes.

DESCRIÇÃO 7.

Normalmente, quando eu resolvo fazer uma trilha, tem várias coisas envolvidas. Uma das coisas, eu acho que termina sendo a principal de todas, **[1 é esquecer... o mais que eu puder o dia-a-dia, esquecer o trabalho, esquecer que eu tenho casa, esquecer que eu tenho carro... esquecer completamente toda essa rotina que a gente tem.]** Acho que isso **[2 é uma maneira que eu encontro de... de desestressar um pouco.]** Outra coisa **[3 é sair com os amigos. É um momento que você consegue tá convivendo bem... convivendo bastante, intensamente com todo mundo; é conhecer pessoas novas, é conhecer melhor as pessoas que você já conhece.]** Pois eu comecei a fazer trilha assim: o D. uma vez me chamou e eu resolvi ir, e nessa viagem eu terminei conhecendo mais o D., mais do que eu já conhecia. Era colega de turma, só que... a gente se encontrava na faculdade só. Aí, depois, daí eu gostei da experiência e resolvi continuar, é isso!!

Assim, a razão principal é essa. Ah! **[4 E estar em contato com a natureza, que é uma coisa que parece óbvia, mas pode não ser.]** E... **[5 é uma coisa que eu gosto: andar no meio do mato, sair da cidade, ficar longe do concreto,]** todas essas coisas.

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...é esquecer... o mais que eu puder o dia-a-dia, esquecer o trabalho, esquecer que eu tenho casa, esquecer que eu tenho carro... esquecer completamente toda essa rotina que a gente tem.	1) Esquecer toda a rotina do dia-a-dia que se tem.	1. (1) Esquecer toda a rotina do dia-a-dia que se tem.	FUGIR DAS ROTINAS 1) Esquecer toda a rotina do dia-a-dia que se tem.
2) ...é uma maneira que eu encontro de... de desestressar um pouco.	2) Maneira de eliminar o estresse.	2. (2) Maneira de eliminar o estresse.	RELAXAMENTO 2) Maneira de eliminar o estresse.

3) ...é sair com os amigos. É um momento que você consegue tá convivendo bem... convivendo bastante, intensamente com todo mundo; é conhecer pessoas novas, é conhecer melhor as pessoas que você já conhece.	3) Momento de convívio intenso com todas as pessoas, conhecendo os amigos e novas pessoas.	3. (3) Momento de convívio intenso com todas as pessoas, conhecendo os amigos e novas pessoas.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 3) Momento de convívio intenso com as pessoas.
4) E estar em contato com a natureza, que é uma coisa que parece *óbvia, mas* pode não ser	4) Estar em contato com a natureza.	4. (4) Estar em contato com a natureza.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA *4) Estar em contato* com a natureza.
5) ...é uma coisa que eu gosto: andar no meio do mato, sair da cidade, ficar longe do concreto	5) Algo que gosta de fazer: andar no mato, longe do ambiente urbano.	5. (5) Algo que gosta de fazer: andar no mato, longe do ambiente urbano.	ATIVIDADE PRAZEROSA 5) Algo gostoso de fazer: andar na mata, longe do ambiente urbano.

Análise Ideográfica.

Sujeito 7.

O sujeito deseja na trilha o esquecimento de tudo que diz respeito ao seu cotidiano, para poder caminhar em meio à natureza, relaxar e conviver mais intensamente com as pessoas, fazendo e reforçando as amizades. A trilha é algo que lhe é prazeroso e relaxante; pela fuga do ambiente urbano e pelo encontro com a natureza e com os amigos.

DESCRIÇÃO 8.

Bem, fazer esse tipo de trilha, de caminhada, esse contato... Acho que é o mais importante, **[1 é o contato com a natureza.]** Acho que... **[2 principalmente essas trilhas mais difíceis, acho que é um desafio que você tem, assim... com você mesma;]** com **[3 quebrar a rotina do seu dia-a-dia e... não sei.] [4 Poder curtir o que eu acho que tem de bom fora de quatro paredes, escritório,]** ou de... **[5 dessas viagens certinhas, de turismo formal assim, turismo com tudo bonitinho, coisas muito fáceis.]** Acho que é muito bom **[6 você tá desafiando o que... as coisas que... a natureza te coloca.] [7 Você pode curtir... curtir coisas simples.]** É... **[8 Nessa viagem em especial, os amigos que você faz,]** muito bom. Essas coisas que eu acho que motivam a gente a fazer esse tipo de coisa, esse tipo de caminhada, esse tipo de trilha. Essas aventuras meio masoquistas assim, que a gente faz.

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...é o contato com a natureza.	1) Contato com a natureza.	1. (1) Contato com a natureza.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA 1) Contato com a natureza.
2) ...*principalmente* essas trilhas mais difíceis, acho que é um desafio que você tem, assim... com você mesma	2) *Principalmente as* trilhas mais difíceis, são um desafio consigo mesmo, contra a rotina do dia-a-dia.	2. (2) *Principalmente* as trilhas mais difíceis, são um desafio consigo mesmo. (6) Desafiar os obstáculos postos pela natureza.	ENFRENTAR DESAFIOS 2) Desafiar os obstáculos postos pela natureza.
3) ...quebrar a rotina do seu dia-a-dia; e... não sei.	3) Quebrar a rotina do dia-a-dia.	3. (3) Quebrar a rotina do dia-a-dia.	FUGIR DAS ROTINAS 3) Quebrar as rotinas.
4) Poder curtir o que eu acho que tem de bom fora de quatro paredes, escritório	4) Desfrutar o que há de bom fora do ambiente das rotinas.	4. (4) Desfrutar o que há de bom fora do ambiente das rotinas.	SAIR DA CIDADE 4) Desfrutar de coisas boas fora da cidade.

5) ...dessas viagens certinhas, de turismo formal assim, turismo com tudo bonitinho, coisas muito fáceis.	5) Desfrutar o que há de bom fora das viagens convencionais.	5. (5) Desfrutar o que há de bom fora das viagens convencionais.	VIAJAR 5) Desfrutar de viagens não convencionais.
6) ...você tá desafiando o que... as coisas que... a natureza te coloca.	6) Desafiar os obstáculos postos pela natureza.		
7) Você pode curtir... curtir coisas simples.	7) Desfrutar de coisas simples.	6. (7) Desfrutar de coisas simples.	SIMPLICIDADE 6) Desfrutar de coisas simples.
8) Nessa viagem em especial, os amigos que você faz	8) Relacionar-se com os amigos que se faz.	7. (8) Relacionar-se com os amigos que se faz.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 7) Relacionar-se com novos amigos.

Análise Ideográfica.

Sujeito 8.

O sujeito identifica a trilha a partir de um rompimento com os elementos componentes de seu cotidiano, ou o que poderia representá-lo – trabalho, as "viagens certinhas". A trilha é a possibilidade de desfrutar de elementos diferentes dos existentes em seu dia-a-dia: o contato com a natureza, com os amigos, com coisas simples e o desejo de se colocar à prova, superando/vencendo desafios.

DESCRIÇÃO 9.

O que significa? Pra mim **[1 é uma conquista, né? Você conseguir uma coisa que não é qualquer um que consegue.]** Além do que, **[2 a recompensa; você "rala pra caramba" numa caminhada aí... numa escalada, daí você chega, tem aquele visual maravilhoso. Você tá cansado... acho até pela exaustão, você tem aquela recompensa maravilhosa de ver a natureza tudo junto.]** É isso cara, **[3 conquista,]** e... **[4 o visual, você chegar no paraíso,]** dizemos assim, entre aspas. **[5 Tem também um pouco de adrenalina,] [6 um pouco de curtição do pessoal de se... Você, sempre que tá numa aventura dessa, você sempre encontra um monte de gente interessante, assim, legal, muito bacana.]** Nada de...**[7 nada daquela rotina. Completamente fora da rotina, é sair da rotina também,]** é isso. Acho que não tem muita coisa não.

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...é uma conquista, né? Você conseguir uma coisa que não é qualquer um que consegue.	1) Conquistar algo que não são todas as pessoas que conseguem.	1. (1) Conquistar algo que não são todas as pessoas que conseguem. (3) Conquista.	REALIZAR CONQUISTAS 1) Conquistar algo que poucos conseguem.
2) ...a recompensa; você "rala pra caramba" numa caminhada aí... numa escalada, daí você chega, tem aquele visual maravilhoso. Você tá cansado... acho até pela exaustão, você tem aquela recompensa maravilhosa de ver a natureza tudo junto.	2) Após realizar um grande esforço numa caminhada, há a recompensa de se chegar a um lugar com uma vista maravilhosa da natureza.	2. (2) Após realizar um grande esforço numa caminhada, há a recompensa de se chegar a um lugar com uma vista maravilhosa da natureza.	RECOMPENSAS DO CAMINHAR 2) Ser recompensado pelo esforço da caminhada com as maravilhas da natureza.
3) ...conquista	*3) Conquista.*		
4) ...o visual, você chegar no paraíso	4) Chegar ao paraíso.	3. (4) Chegar ao paraíso.	IR A LUGARES BONITOS 3) Chegar ao paraíso.

5) Tem também um pouco de adrenalina	5) É algo muito emocionante, extasiante.	4. (5) É algo muito emocionante, extasiante.	ATIVIDADE PRAZEROSA 4) É algo muito emocionante, extasiante.
6) ...um pouco de curtição do pessoal, de se... Você, sempre que tá numa aventura dessa, você sempre encontra um monte de gente interessante, assim, legal, muito bacana.	6) Desfrutar do convívio com as pessoas, sempre se encontra pessoas interessantes nessas viagens.	5. (6) Desfrutar do convívio com as pessoas, sempre se encontra pessoas interessantes nessas viagens.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 5) Desfrutar do convívio com as pessoas nessas viagens.
7) ...nada daquela rotina. Completamente fora da rotina, é sair da rotina também	7) Sair completamente fora da rotina.	6. (7) Sair completamente fora da rotina.	FUGIR DAS ROTINAS 6) Sair completamente fora da rotina.

Análise Ideográfica.

Sujeito 9.

A trilha para o sujeito é caracterizada como algo de grande esforço e que tem, portanto, uma recompensa ao final de tudo pelo que se passa. Esse prêmio final é bastante prazeroso, devido às emoções envolvidas em sua realização, à beleza das paisagens naturais que se apresentam, ao distanciamento do rotineiro, ao envolvimento com outros participantes e, principalmente, à satisfação de conseguir realizar algo. A trilha é a possibilidade de superação de si mesmo em diferentes tipos de dificuldades para se chegar à conquista de algo, normalmente, a contemplação da natureza.

DESCRIÇÃO 10.

Bem, pra mim... Quando eu sinto... **[1 é uma coisa assim de muita aproximação com a natureza,]** muito gostoso. Ah... Sinto **[2 importante ter esse tipo de atividade. Quando eu fico muito tempo sem fazer, eu sinto falta.]** E **[3 a trilha permite que você vá penetrando, vá conhecendo a mata vá... Gosto muito de trilha na mata, né? E você vai... reparando nas coisas, ouvindo sons...]** E **[4 acho que é uma coisa assim... que faz muito bem.]** E, de repente, descobre uma cachoeira, é uma coisa... sabe é... é muito legal. Agora, **[5 acho também que é uma atividade gostosa de fazer em grupo, com outras pessoas. Sinto que é um momento de contato com as pessoas, onde existe muita colaboração, muita... É um tipo de relação diferente que acontece... nesse... nessa atividade,]** né? Então, acho que é uma coisa... Sei lá, **[6 é meio fora do usual, do que a gente encontra no dia-a-dia, na vida;]** pra mim vale muito nesse outro sentido também. **[7 Tem também o lado do desafio, com certeza. Essa caminhada pra mim, em particular, foi um grande desafio. Era uma coisa que eu tinha muita vontade e ao mesmo tempo muito medo, muito receio.]** E, eu achava que... não estaria em condições, e aí... Uma vez, duas, eu... vou tentar passar... e chega uma hora que você diz: espera um pouco. Então, se eu for ficar esperando essa condição tão especial, talvez eu nunca faça, então é melhor fazer do jeito que tá. Aí, foi mesmo um tremendo desafio, eu tava com medo e tal...quer dizer, ao mesmo tempo querendo e ao mesmo tempo com medo. E... e foi super legal. Então **[8 é uma coisa assim, de você também conhecer o teu próprio corpo, ah... testar os seus limites, testar e conhecer.]** Por exemplo, eu lembro na... no PETAR, uma cachoeira que a gente só conseguiria ver se conseguisse ultrapassar. Ah... Havia uma rocha. Cê teve lá, você deve conhecer... É um lugar que você vai indo... Bom, não precisa dizer todas as dificuldades pra chegar nesse ponto, mas todas transponíveis. Só que chega nesse ponto, tem uma parede aqui, né? E você tem que segurar desse lado, e jogar o corpo pro outro lado, onde você não tá vendo que você vai alcançar; cê sabe que é possível porque outras pessoas foram, tão lá e tão falando pra você: vem. Só que assim... Meu Deus, né? E foi super legal, foi uma coisa assim.. De que... De repente, ali, eu consegui acreditar que eu ia conseguir segurar naquela rocha e que eu ia passar aquele obstáculo. E quando eu cheguei do outro lado.. a cachoeira que tinha... era inacreditável, é assim... belíssima, e num

lugar que você.... que dizer, dentro da caverna, você não espera encontrar cachoeira. É uma coisa maravilhosa, então, aquilo foi super gratificante. E aí, uma vez que você foi, agora você tem que voltar e você vai conseguir... Então, **[9 saber esse ponto de limite seu, até onde você agüenta; e avançar um pouquinho cada vez, mas que não seja demais, pra que você também não se... arrebente,]** né? Porque essa não é a idéia. Quer dizer, a idéia **[10 é curtir, é ter prazer,] [11 é descobrir e se descobrindo, é descobrindo a natureza e as pessoas também.]** Eu acho que **[12 é todo um movimento assim, né? De... de crescimento, de contato,]** muito legal.

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...é uma coisa assim, de muita aproximação com a natureza	1) É algo de muita aproximação com a natureza.	1. (1) É algo de muita aproximação com a natureza.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA 1) Grande aproximação com a natureza.
2) Sinto importante ter esse tipo de atividade. Quando eu fico muito tempo sem fazer, eu sinto falta.	2) Uma atividade importante, que faz falta quando se fica muito tempo sem fazer.	2. (2) Uma atividade importante, que faz falta quando se fica muito tempo sem fazer.	NECESSIDADE 2) Uma atividade importante, que faz falta quando se fica muito tempo sem fazer.
3) ...a trilha permite que você vá penetrando, vá conhecendo a mata vá... Gosto muito de trilha na mata, né? E *você vai... reparando* nas coisas, ouvindo sons	3) Permite penetrar na mata e conhecê-la, reparando nas coisas, ouvindo sons.	3. (3) Permite penetrar na mata e conhecê-la, reparando nas coisas, ouvindo sons.	CONHECER *LUGARES* 3) Permite penetrar na mata e conhecê-la, reparando nas coisas, ouvindo sons.
4) ...acho que é uma coisa assim... que faz muito bem.	4) É algo que faz muito bem.	4. (4) É algo que faz muito bem.	BEM-ESTAR 4) É algo que faz muito bem.
5) ...acho também que é uma atividade gostosa de fazer em grupo, com outras pessoas. Sinto que é um momento de contato com as pessoas, onde existe muita colaboração, muita... É um tipo de relação diferente que acontece... nesse... nessa atividade	5) É uma atividade gostosa de ser feita em grupo. É um momento onde existe um contato de muita colaboração, uma relação diferente, entre as pessoas.	5. (5) É uma atividade gostosa de ser feita em grupo. É um momento onde existe um contato de muita colaboração, uma relação diferente, entre as pessoas.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 5) Momento de contato e de muita colaboração entre as pessoas.
6) ...é meio fora do usual, do que a gente encontra no dia-a-dia, na vida	6) É algo diferente do usual, do dia-a-dia.	6. (6) É algo diferente do usual, do dia-a-dia.	FUGIR DAS ROTINAS 6) É algo diferente do usual.

7) Tem também o lado do desafio, com certeza. Essa caminhada pra mim, em particular, foi um grande desafio. Era uma coisa que eu tinha muita vontade e ao mesmo tempo muito medo, muito receio.	7) A caminhada é um grande desafio, onde se tem muita vontade e, ao mesmo tempo, muito medo e muito receio.	7. (7) A caminhada é um grande desafio, onde se tem muita vontade e, ao mesmo tempo, muito medo e muito receio.	ENFRENTAR DESAFIOS 7) Um grande desafio, onde há vontade e medo ao mesmo tempo.
8) ...é uma coisa assim, de você também conhecer o teu próprio corpo. Ah... *testar os seus* limites, testar e conhecer.	8) Conhecer o próprio corpo testando os seus limites.	8. (8) Conhecer o próprio corpo testando os seus limites. (9) Saber dos *próprios limites, até* onde agüenta, para poder avançar dentro deles, de modo a não se machucar.	CONHECER-SE 8) Conhecer o próprio corpo e seus limites para saber *agir sem* se machucar.
9) ...saber esse ponto de limite seu, até onde você agüenta; e avançar um pouquinho cada vez, mas que não seja demais, pra que você também não se... arrebente	9) Saber dos próprios limites, até onde agüenta, para poder avançar dentro deles, de modo a não se machucar.		
10) ...é curtir, é ter prazer	10) Desfrutar, ter prazer.	9. (10) Desfrutar, ter prazer.	ATIVIDADE PRAZEROSA 9) Desfrutar, ter prazer.
11) ...é descobrir e se descobrindo, é descobrindo a natureza e as pessoas também.	11) Descobrir sobre si mesmo, a natureza e as pessoas.	10. (11) Descobrir sobre si mesmo, a natureza e as pessoas.	APRENDIZADO 10) Descobrir sobre si mesmo, a natureza e as pessoas.
12) ...é todo um movimento assim, né? De... de crescimento, de contato	12) É um processo de crescimento pessoal, de desenvolvimento.	11. (12) É um processo de crescimento pessoal, de desenvolvimento.	CRESCIMENTO PESSOAL 11) É um processo de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Análise Ideográfica.

Sujeito 10.

A trilha está caracterizada em oposição ao dia-a-dia a partir de dois elementos: o contato com o meio ambiente natural e o contato mais intenso com as pessoas. É a partir desses dois pontos que a trilha se torna um processo de descoberta e aprendizado sobre a natureza, sobre as pessoas e sobre o próprio corpo.

DESCRIÇÃO 11.

Bom, o que todo mundo deve falar, assim basicamente, **[1 é contato com a natureza,]** né? Pegar trilha, tal... **[2 andando você pode chegar em muitos lugares que você não chega de bike, você não chega... muito menos de carro]** e coisa e tal. Mas acho que, além disso, para mim, por exemplo, tem um significado assim... **[3 O andar em meio à natureza como uma forma de meditação assim... Você meditar caminhando, meditar... num ambiente legal assim em meio à natureza, paz... Principalmente quando você está sozinho,]** né? Acho que tem uma série de diferenças de você fazer uma caminhada sozinho e você fazer uma caminhada com um grupo. Quando você está **[4 sozinho você pode... voltar suas atenções mais para você mesmo e ficar meditando com relação a um monte de coisas e não só ao que você está fazendo ali, naquele momento.]** Então eu acho que **[5 é um momento legal para você avaliar várias coisas a respeito de você mesmo.]** E além disso, pô... **[6 é um "puta" exercício assim de... anti-stress. Você não tem horário,]** você não tem... **[7 O legal é você caminhar sem nenhuma meta, assim... não ter que fazer. Ah!... Tem que chegar tal hora em tal lugar. Você vai andando, sabendo onde você pode parar, onde você não pode; para sair um pouco dessa rotina do horário, sair da rotina de ter de chegar em tal lugar... você vai, anda no ritmo que você quiser, sem ninguém estar te obrigando, sem ter nenhuma obrigação; assim, para sair totalmente oposto do que a gente vive no dia-a-dia de empresa, faculdade, trabalho, tudo.]** Ah... bom, além disso, **[8 em grupos... no caso eu acho que é um ótimo momento de integração e você conhecer as pessoas também...]** Que você está acostumado a conhecer as pessoas num determinado ambiente e... Por experiência própria... Você acha que as pessoas... Você só conhece mesmo as pessoas depois de você vivenciar com elas diversas situações, das mais variadas possíveis. Então... sei lá, a situação de você estar andando e dá tudo errado, e ver como as pessoas se comportam, ver... Ah!... Sei lá, alguma coisa dá errado, alguém esqueceu alguma coisa e o pessoal ser solidário, ver realmente quem é amigo, ver quem ajuda, quem não ajuda, quem atrapalha, quem não atrapalha e... Pessoal fica bem amigo mesmo fazendo essas coisas. Por causa disso, existe um espírito de cooperação. Existe aquela coisa de ajudar, aquela coisa de todo mundo se preocupar com todo mundo. Porque, se você está numa caminhada, num

lugar onde não tem nada, não tem ninguém, se um se machuca... vai dar trabalho para todo mundo. Então, tem uma preocupação geral, assim... Todo mundo se ajuda, todo mundo tenta entrar no ritmo, ninguém fica tentando impor uma coisa para o outro, como quando você trabalha... Falam que é melhor fazer assim ou melhor fazer assado. Você, andando simplesmente, todo mundo consegue achar um ritmo comum e o que serve melhor para todo mundo, porque é como eu acho que deveria ser em todos os ambientes, mas não é assim que acontece. Então, **[9 é mais um exercício assim, contra a correria do dia-a-dia, do caos das cidades.]** E fora isso, **[10 você conhece... putz... uns lugares assim que te fazem pensar sobre muita coisa, sobre... ecologia, sobre o que está acontecendo... Você conhece lugares que logo podem não estar mais lá do jeito que você viu, do jeito que você sentiu.] [11 Não só ver, mas sentir o lugar... Cada lugar tem a sua energia própria... tem a sua... energia mesmo.]** Cada lugar transmite uma energia legal, seja montanha, seja um lago, seja uma cachoeira, todos transmitem energia, assim... Cada pessoa sente do jeito que achar melhor. Até uma vez eu vi um cego indo... Eu estava numa viagem da Empresa X, e o ceguinho indo para uma cachoeira lá na Serra da Canastra. Daí, o grupo todo se perguntou assim... Pô, mas o que que ele veio fazer aqui? Ele não vai ver nada, mas... Eles não pararam... Provavelmente eles não apreciaram do jeito como eu apreciei a cachoeira... **[12 Chegar lá e poder sentir a energia que está fluindo daquela cachoeira, o vento, o vapor de água, aquele barulho, a força da natureza naquele lugar ali.]** O pessoal se limitou meio... no campo de visão e a pessoa, por ser cega, deve sentir isso muito mais fundo, muito mais forte. Então eu acho que **[13 é uma coisa que o pessoal tinha que parar e sentir. Não é só o prazer visual, não é só o prazer de estar fazendo alguma coisa diferente; é sentir mesmo uma coisa assim mais profunda de energia.]** Acho que é isso.

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) ...é contato com a natureza	1) É contato com a natureza	1. (1) Contato com a natureza.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA 1) Contato com a natureza.
2) ...andando você pode chegar em muitos lugares que você não chega de bike, você não chega... muito menos de carro	2) Através do caminhar, chegar em muitos lugares não acessíveis de outra forma.	2. (2) Através do caminhar, chegar em muitos lugares não acessíveis de outra forma. (3) Caminhar em meio a natureza, um ambiente tranqüilo, como forma de meditação, principalmente quando se está sozinho. (7) Caminhar sem ter horários determinados, saindo da rotina. Caminha-se no ritmo que se quer, sem obrigações, ao contrário do que se vive no dia-a-dia da empresa, da faculdade e do trabalho.	CAMINHAR 2) Caminhar como único acesso a alguns lugares, para meditar em ambientes tranqüilos e fugir de qualquer rotina.
3) O andar em meio a natureza como uma forma de meditação assim... Você meditar caminhando, meditar... num ambiente legal assim em meio à natureza, paz... principalmente quando você está sozinho	3) Caminhar em meio à natureza, um ambiente tranqüilo, como forma de meditação, principalmente quando se está sozinho.		
4) ...sozinho você pode... voltar suas atenções mais para você mesmo e ficar meditando com	4) Quando .sozinho, pode-se estar mais atento a si mesmo e meditar sobre muitas coisas.	3. (4) Quando .sozinho, pode-se estar mais atento a si mesmo e meditar sobre muitas coisas.	REFLEXÃO 3) Quando .sozinho, pode-se estar mais atento a si mesmo, se auto-avaliar e

relação a um monte de coisas e não só ao que você está fazendo ali, naquele momento.		(5) Momento para se auto-avaliar.	meditar sobre muitas coisas.
5) ...é um momento legal para você avaliar várias coisas a respeito de você mesmo.	5) Momento para se auto-avaliar.		
6) ...é um "puta" exercício assim de... anti-stress, você não tem horário	6) É um grande exercício contra o estresse.	4. (6) É um grande exercício contra o estresse. (9) É um exercício contra a correria do dia-a-dia e do caos das cidades.	RELAXAMENTO 4) Um grande exercício contra o estresse do dia-a-dia das cidades.
7) O legal é você caminhar sem nenhuma meta, assim... não ter que *fazer. Ah!... Tem que* chegar tal hora em tal lugar. Você vai andando, sabendo onde você pode parar, onde você não pode; para sair um pouco dessa rotina do horário, sair da rotina de ter de chegar em tal lugar... você vai, anda no ritmo que você quiser, sem ninguém estar te obrigando, sem ter nenhuma obrigação; assim, para sair totalmente oposto do que a gente vive no dia-a-dia de empresa, faculdade, trabalho, *tudo.*	7) Caminhar sem ter horários determinados, saindo da rotina. Caminha-*se no ritmo que se* quer, sem obrigações, ao contrário do que se vive no dia-a-dia da empresa, da faculdade e do trabalho.		
8) ...em grupos... no caso eu acho que é um ótimo momento de integração e você	8) Quando em grupos, é um ótimo momento para se integrar e conhecer	5. (8) Quando em grupos, é um ótimo momento para se integrar e conhecer as	RELACIONAR-SE COM AS PESSAS 5) Em grupo, é um ótimo momento para

conhecer as pessoas também	as pessoas.	pessoas.	se integrar e conhecer as pessoas.
9) ...é mais um exercício assim, contra a correria do dia-a-dia, do caos das cidades.	9) É um exercício contra a correria do dia-a-dia e do caos das cidades.		
10) ...você conhece... putz... uns lugares assim que te fazem pensar sobre muita coisa, sobre... ecologia, sobre o que está acontecendo... você conhece lugares que logo podem não estar mais lá do jeito que você viu, do jeito que você sentiu.	10) É possível conhecer lugares que fazem pensar sobre muitas coisas, lugares que logo poderão não ser mais do jeito que se viu, que se sentiu.	6. (10) É possível conhecer lugares que fazem pensar sobre muitas coisas, lugares que logo poderão não ser mais do jeito que se viu, que se sentiu.	CONHECER LUGARES 6) Conhecer lugares que irão se modificar e que fazem pensar sobre muitas coisas.
11) Não só ver, mas sentir o lugar... cada lugar tem a sua energia própria... tem a sua... energia mesmo.	11) Não apenas ver, mas também sentir a energia dos lugares. Cada lugar tem a sua energia própria.	7. (11) Não apenas ver, mas também sentir a energia dos lugares. Cada lugar tem a sua energia própria. (12) Não apenas ver, mas sentir a energia existente na natureza. (13) Não é só o prazer visual, não é só o prazer de estar fazendo alguma coisa diferente, é sentir algo profundo.	SENSAÇÕES 7) Não se prender apenas ao campo visual, mas também sentir a energia própria da natureza, de cada lugar, algo profundo.
12) ...chegar lá e poder sentir a energia que está fluindo daquela cachoeira, o vento, o vapor de água, aquele barulho, a força da natureza naquele lugar ali.	12) Não apenas ver, mas sentir a energia existente na natureza.		
13) ...é uma coisa que o pessoal tinha que parar e sentir. Não é só o prazer visual, não é só o prazer de	13) Não é só o prazer visual, não é só o prazer de estar fazendo alguma coisa diferente, é sentir		

estar fazendo alguma coisa diferente, é sentir mesmo uma coisa assim mais profunda de energia.	algo profundo.		

Análise Ideográfica.

Sujeito 11.

O sujeito coloca a atividade a partir de duas perspectivas distintas: quando sozinho e quando em grupo. Sozinho, ela é basicamente um momento de grande reflexão e um exercício contra o estresse do cotidiano nas cidades, graças ao ambiente tranqüilo propiciado pela natureza e suas belezas e, também, devido à atividade do caminhar sem maiores compromissos; a totalidade desses fatores estimulam toda a sensibilidade da pessoa. Em grupo, coloca a possibilidade de se conhecer verdadeiramente as pessoas. Embora faça essa divisão, os elementos de quando está só aparecem também em grupo. Assim, a trilha é um grande estímulo à reflexão e à sensibilidade, graças ao meio e à atividade nele realizada.

DESCRIÇÃO 12.

Nossa, falar de trilha?! Tem muita coisa pra se falar. Ah... Sabe? **[1 A trilha é a minha vida, ela faz parte da minha vida porque eu não me imagino sem fazer.]** Tem muita coisa legal numa trilha, sabe? Ah... Pra começar tem as pessoas. **[2 A trilha tem essa... força de atrair as pessoas pra perto umas das outras. A trilha aproxima muito todo mundo.]** Não sei o que é... Se é o lugar... Porque **[3 é sempre lugares maravilhosos,]** sabe? Cachoeiras, praias, serras... são sempre paisagens maravilhosas. Ah... Ou às vezes pode ser a coisa do medo... **[4 A gente tá sempre correndo um pouco de risco no meio do mato]** assim, né? Mas eu acho que é mesmo o ambiente... a natureza... Ela faz as pessoas sentirem diferente... **[5 Eu acho que a gente consegue escapar de... Ah... dessa coisa que tem na cidade, de todo mundo querer passar por cima de todo mundo... dessa obsessão pelo trabalho... Essa coisa da rotina, do tudo igual...] [8 A trilha me faz muito bem.]** Ela **[7 é muito boa pra se fazer amigos... todo mundo ajuda todo mundo... todo mundo cuida dos outros.] [9 Pra muita gente a trilha também é um teste,]** sabe? Não é fácil passar o dia inteiro andando. E quando tem de acampar então... carregar a mochila. Nossa, a comida pesa tanto, você sabe como é que é, né? A gente já andou junto... Mas eu acho que o maior desafio não é o físico, porque o corpo você... A gente sempre anda no ritmo do que tá mais lento pra poder andar todo mundo junto; sem essa coisa de um lá na frente e outro lá atrás. Até porque... o legal **[9 é andar devagar pra aproveitar o "visu".]** Ah... Mas... **[10 O desafio mesmo é... ter coragem de sair, de deixar uns dias, ou uma tarde o... Deixar o conforto mesmo do sofá e sair um pouquinho, vir pra cá e curtir isso aqui. O desafio de verdade é correr o risco... de ver que isso aqui é melhor do que... quem tá em casa às vezes imagina.]** Não sou masoquista não, também gosto de conforto... banho quente, cama macia... Mas eu acho que... tem muita **[11 coisa legal que precisa ser feita sem essas coisas... A trilha é uma delas.] [12 É uma coisa muito bonita.]** Acho que já falei demais, né?

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) A trilha é a minha vida, ela faz parte da minha vida porque eu não me imagino sem fazer.	1) É parte de sua vida.	1. (1) É parte de sua vida.	ESSENCIAL PARA O VIVER 1) É parte de sua vida.
2) A trilha tem essa... força de atrair as pessoas pra perto umas das outras. A trilha aproxima muito todo mundo.	2) Aproxima as pessoas umas das outras.	2. (2) Aproxima as pessoas umas das outras. (7) A trilha facilita fazer amigos, porque todos se ajudam e se cuidam.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 2) Aproxima as pessoas umas das outras, facilitando fazer amigos.
3) ...é sempre lugares maravilhosos	3) Lugares maravilhosos.	3. (3) Lugares maravilhosos.	IR PARA LUGARES *BONITOS* 3) Lugares maravilhosos.
4) ...a gente tá sempre correndo um pouco de risco no meio do mato	4) Há sempre um certo risco na mata.	4. (4) Há sempre um certo risco na mata. (8) Para muitas pessoas a trilha é um teste. (10) O desafio de ter coragem para sair um pouco do conforto da casa para aproveitar a trilha e ver o que há de bom nela.	ENFRENTAR DESAFIOS 4) A trilha é um desafio, porque tem que se deixar o conforto da cidade para correr os riscos da mata.
5) Eu acho que a gente consegue escapar de... Ah... dessa coisa que tem na cidade, de todo mundo querer passar por cima de todo mundo... dessa obsessão pelo trabalho... Essa coisa da rotina, do tudo igual	5) Escapar das coisas da cidade: da agressividade, do trabalho, da rotina.	5. (5) Escapar das coisas da cidade: da agressividade, do trabalho, da rotina.	SAIR DA CIDADE 5) Escapar das coisas da cidade: da agressividade, do trabalho, da rotina.
6) A trilha me faz muito bem.	6) A trilha faz muito bem.	6. (6) A trilha faz muito bem.	*BEM-ESTAR* 6) A trilha faz muito bem.

7) ...é muito boa pra se fazer amigos... todo mundo ajuda todo mundo... todo mundo cuida dos outros.	7) A trilha facilita fazer amigos, porque todos se ajudam e se cuidam.		
8) Pra muita gente a trilha também é um teste	8) Para muitas pessoas a trilha é um teste.		
9) é andar devagar pra aproveitar o "visu".	9) Andar devagar para aproveitar a paisagem.	7. (9) Andar devagar para aproveitar a paisagem.	CAMINHAR 7) Andar devagar para aproveitar a paisagem.
10) O desafio mesmo é... ter coragem de sair, de deixar uns dias, ou uma tarde o... deixar o conforto mesmo do sofá e sair um pouquinho, vir pra cá e curtir isso aqui. O desafio de verdade é correr o risco... de ver que isso aqui é melhor do que... quem tá em casa às vezes imagina.	10) O desafio de ter coragem para sair um pouco do conforto da casa para aproveitar a trilha e ver o que há de bom nela.		
11) ...coisa legal que precisa ser feita sem essas coisas... A trilha é uma delas.	11) A trilha é algo legal de ser feito.	8. (11) A trilha é algo legal de ser feito. (12) É muito bonita.	ATIVIDADE PRAZEROSA 8) A trilha é algo legal, bonito de ser feito.
12) É uma coisa muito bonita.	12) É muito bonita.		

Análise Ideográfica.

Sujeito 12.

O sujeito tem a trilha, basicamente, como uma atividade que favorece a amizade entre as pessoas. Isso devido ao meio ambiente bonito e ao fato de existir a necessidade de colaboração entre todos para o bom andamento da atividade e a superação das dificuldades. Embora seja uma atividade que não tenha muitos confortos, ela é muito gratificante.

DESCRIÇÃO 13.

Ah! Então, as trilhas pra mim? É um lance meio... **[1 É a natureza, né? Contato com a natureza a princípio.] [2 É de explorar e de você tá conhecendo,] [3 tá andando,] [4 tá sentindo assim... A sensibilidade é muito grande ali. E eu percebo assim que... Por exemplo, a visão não é o principal; aliás, é esse... esse foi o meu primeiro obstáculo,]** porque... Se eu não fizesse trilha, no começo, com alguém, eu não ia fazer trilha, porque eu tinha medo de me perder... Eu tinha medo de me perder, tinha medo de... sei lá, de encontrar algum bicho. Eu tinha que fazer com uma turma no começo...] Assim... Principalmente... De **[5 fazer... com alguém confiável, com alguém que você confie,]** entendeu? Porque é um... Eu comecei a ver outras coisas que... eu tinha que aprender muitas outras coisas que ainda não sabia. Porque **[6 a visão eu acho que era... é fundamental também, mas você trabalha com outras coisas ali: a audição, a...]** Eu não tenho a audição muito refinada, tipo, eu não toco um instrumento... Eu toco o violão muito mal, entendeu? Eu não tenho uma audição refinada. Se eu tivesse uma audição refinada você... Você tem um negócio bem mais legal quando você tá numa trilha, você ouve os pássaros... você... eu... Eu preciso aprender muito mais, assim, quer dizer, eu tenho que fazer muito mais **[7 trilha pra aprender muito mais.]** Tanto é que eu fiz até... foram poucas assim, não foram muitas, foram poucas. Mas **[8 foram muito legais, foram muito boas, foram muito legais!!!]** Ah... Eu guardo, assim, momentos de trilha como inesquecíveis. Eu lembro muito, muito. Porque como eu falei assim já... Foi **[9 um negócio diferente do habitual, assim, que eu faço. Tipo, a gente anda muito no cimento. Por exemplo de bicicleta: eu, da faculdade até a minha casa, eu sempre vou no cimento,]** entendeu? A minha bicicleta é uma mountainbike, mas eu tenho que passar pelo cimento. Se eu quiser andar com a minha bicicleta legal, assim, em um trecho legal, eu tenho que procurar uma trilha também pra andar de bicicleta. Eu tenho que sair do meu... dos meus... Pegar um tempo, um horário e falar assim ah... Agora eu vou fazer uma trilha. E eu vou lá e faço a trilha.

Bem... Então, **[10 trilha pra mim é... é vida!]** Nossa, romântico não? Filosófico?! Então, **[11 é um negócio também muito introspectivo, eu acho. É um negócio bem introspectivo a trilha, o caminhar, o pedalar.]** Nossa, é um negócio, bem... bem assim

que... **[12 Depois que eu faço, "puta"!!! Sabe, dá uma... uma sensação assim... que eu... que eu refleti,]** não sei! **[13 De bem-estar comigo mesmo.]** Já a capoeira não, já a capoeira é um lance muito social, cara. Capoeira, se não tiver um pra jogar com você, você não vai jogar nunca. Você... Não tem graça... Você chegar no seu quintal e, fazer capoeira, não tem graça. Agora, bicicleta, puta!!! Eu já fiz várias vezes... Pegar minha bicicleta e sair de rolê. Pegar e sair de cooper, no cooper tal, é um negócio bem legal, assim.

Não é "hard". Todo mundo falava assim: puta, você faz trilha. Ah... Não sei o quê... **[14 É muito gostoso, tranqüilo, sossegado.] [15 É legal quando você vai com pessoas legais também, né? Não pessoas que tão encanada]** com... "Vamo, vamo, eh..." Senão... Se é assim, trilha pro sentido ecológico e pro sentido de lazer, é nessa perspectiva que eu vejo.

Unidades de Significados	Redução I	Redução II	Categorias
1) É a natureza, né? Contato com a natureza a princípio.	1) Contato com a natureza.	1. (1) Contato com a natureza.	DESFRUTAR DO CONTATO COM A NATUREZA 1) Contato com a natureza.
2) É de explorar e de você tá conhecendo	2) Explorar e conhecer.	2. (2) Explorar e conhecer. (7) Fazer trilhas para aprender coisas.	APRENDIZADO 2) Fazer a trilha para explorar e conhecer, para aprender coisas.
3) ...tá andando	3) Andar.	3. (3) Andar.	CAMINHAR 3) Andar.
4) ...tá sentindo assim... A sensibilidade é muito grande ali. E eu percebo assim que... Por exemplo, a visão, não é o principal, aliás, é esse... Esse foi o meu primeiro obstáculo	4) Estar sentindo, não apenas com a visão.	4. (4) Estar sentindo, não apenas com a visão. (6) Trabalhar todos os sentidos e não apenas a visão.	SENSAÇÕES 4) Estar sentindo, não apenas com a visão, mas trabalhar todos os sentidos.
5) ...fazer... com alguém confiável, com alguém que você confie	5) Fazer com alguém de confiança.	5. (5) Fazer com alguém de confiança. 15) É legal com pessoas legais.	RELACIONAR-SE COM AS PESSOAS 5) Fazer com alguém de confiança, com pessoas legais.
6) ...a visão eu acho que era... é fundamental também, mas você trabalha com outras coisas ali: a audição...	6) Trabalhar todos os sentidos e não apenas a visão.		
7) ...trilha pra aprender muito mais.	7) Fazer trilhas para aprender coisas.		
8) ...foram muito legais, foram muito boas, foram muito legais!	8) Muito legais.	6. (8) Muito legais. (14} Gostoso, tranqüilo, sossegado.	ATIVIDADE PRAZEROSA 6) É muito legal, gostoso, tranqüilo, sossegado.
9) ...um negócio diferente do habitual, assim, que eu faço. Tipo, a gente anda muito no cimento.	9) Diferente do habitual, do contato constante com o "concreto".	7. (9) Diferente do habitual, do contato constante com o "concreto".	FUGIR DAS ROTINAS 7) Diferente do habitual, do contato constante com o

Por exemplo de bicicleta: eu, da faculdade até a minha casa, eu sempre vou no cimento.			"concreto".
10) ...trilha pra mim é... é vida!!!	10) É vida.	8. (10) É vida.	ESSENCIAL PARA O VIVER 8) É vida.
11) ...é um negócio também muito introspectivo, eu acho. É um negócio bem introspectivo a trilha, o caminhar, o pedalar.	11) É algo muito introspectivo: a trilha, o caminhar, o pedalar.	9. (11) É algo muito introspectivo: a trilha, o caminhar, o pedalar. (12) Após fazer, sente que refletiu.	REFLEXÃO 9) A trilha, é algo muito introspectivo. Após fazer, sente que refletiu.
12) Depois que eu faço, "puta"! Sabe, dá uma... uma sensação assim... que eu... que eu refleti	12) Após fazer, sente que refletiu.		
13} De bem-estar comigo mesmo.	13} Sensação de bem-estar consigo mesmo.	10. (13} Sensação de bem-estar consigo mesmo.	BEM-ESTAR 10} Sensação de bem-estar consigo mesmo.
14} É muito gostoso, tranqüilo, sossegado.	14} Gostoso, tranqüilo, sossegado.		
15) É legal quando você vai com pessoas legais também, né? Não pessoas que tão encanada	15) É legal com pessoas legais.		

Análise Ideográfica.

Sujeito 13.

A trilha é um processo de aprendizado diferente do usual, devido ao meio em que se realiza, longe do "concreto". Isso é possibilitado pela oportunidade de reflexão e pelo estímulo a toda sensibilidade da pessoa. Todo esse processo é favorecido pela companhia com quem se faz a atividade, sendo necessário que não se tente torná-la difícil.

5.1 – Quadro Nomotético.

Categorias Unidades de Significado Interpretadas	DISCURSOS													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	T
1. Sair Da Cidade. 1) Sair da cidade. (S1.1) 2) Sair do ambiente da cidade. (S3.3) 3) Desfrutar de coisas boas fora da cidade. (S8.4) 4) Escapar das coisas da cidade: da agressividade, do trabalho, da rotina. (S12.5)	X		X					X				X		4
2. Ambiente Tranqüilo para Reflexão. 5) Buscar ambiente calmo para reflexão. (S1.2)	X													1
3. Exercitar-se. 6) Uma forma de estar se exercitando. (S1.3) 7) É um exercício diferente do que é feito na cidade, o qual não é tão difícil. (S3.5)	X		X											2
4. Relacionar-se com as Pessoas. 8) Um espaço para relacionar-se com outras pessoas. (S1.4) 9) Grande relação de amizade entre os participantes. (S2.1) 10) A trilha não é solitária, há um grande companheirismo. (S3.6) 11) É bom devido às pessoas que estão juntas na trilha, as quais se tornam amigas. (S4.3) 12) Envolver-se num	X	X	X	X										

BIBLIOTECA CENTRA
SEÇÃO CIRCULANTI

grupo de pessoas de interesse comum. (S6.6) 13) Momento de convívio intenso com as pessoas. (S7.3) 14) Relacionar-se com novos amigos. (S8.7) 15) Desfrutar do convívio com as pessoas nessas viagens. (S9.5) 16) Momento de contato e de muita colaboração entre as pessoas. (S10.5) 17) Em grupo, é um ótimo momento para se integrar e conhecer as pessoas. (S11.5) 18) Aproxima as pessoas umas das outras, facilitando fazer amigos. (S12.2) 19) Fazer com alguém de confiança, com pessoas legais. (S13.5)						X	X	X	X	X	X	X	X	12
5. Fugir das Rotinas. 20) Abandona suas rotinas para atentar-se ao momento. (S1.5) 21) É algo que foge ao rotineiro. (S3.2) 22) Fugir da bagunça do dia-a-dia. (S5.1) 23) Esquecer toda a rotina do dia-a-dia que se tem. (S7.1) 24) Quebrar as rotinas. (S8.3) 25) Sair completamente fora da rotina. (S9.6) 26) É algo diferente do usual. (S10.6) 27) Diferente do habitual, do contato constante com o "concreto". (S13.7)	X		X		X		X	X	X	X			X	8

6. Atividade Prazerosa. 28) Algo prazeroso. (S1.6) 29) É algo muito bom. (S3.1) 30) Algo gostoso de se fazer. (S4.1) 31) Fazer uma coisa de que se gosta muito. (S6.3) 32) Algo gostoso de fazer: andar na mata, longe do ambiente urbano. (S7.5) 33) É algo muito emocionante, extasiante. (S9.4) 34) Desfrutar, ter prazer. (S10.9) 35) A trilha é algo legal, bonito de ser feito. (S12.8) 36) É muito legal, gostoso, tranqüilo, sossegado. (S13.6)	X		X	X		X	X		X	X		X	X	9
7. Conhecer Lugares. 37) Conhecer lugares novos e bonitos. (S1.7) 38) Conhecer lugares. (S3.8) 39) Conhecer lugares. (S4.5) 40) Permite penetrar na mata e conhecê-la, reparando nas coisas, ouvindo sons. (S10.3) 41) Conhecer lugares que irão se modificar e que fazem pensar sobre muitas coisas. (S11.6)	X		X	X						X	X			5
8. Enfrentar Desafios. 42) Enfrentar desafios, obstáculos, situações que são perigosas com bom humor e coragem. (S1.8) 43) O desafio de fazer uma atividade nova e difícil. (S5.4)	X				X									

44) É uma maneira de se testar. (S6.7) 45) Desafiar os obstáculos postos pela natureza. (S8.2) 46) Um grande desafio, onde há vontade e medo ao mesmo tempo. (S10.7) 47) A trilha é um desafio, porque tem que se deixar o conforto da cidade para correr os riscos da mata. (S12.4)						X		X		X		X		6
9. Desfrutar do Contato com a Natureza. 48) Desfrutar da natureza. (S2.2) 49) Contato intenso com a natureza. (S3.4) 50) É desfrutar das coisas boas da natureza. (S4.4) 51) Estar em contato com a natureza. (S7.4) 52) Contato com a natureza. (S8.1) 53) Grande aproximação com a natureza. (S10.1) 54) Contato com a natureza. (S11.1) 55) Contato com a natureza. (S13.1)		X	X	X			X	X		X	X		X	8
10. Realizar Conquistas. 56) Conseguir realizações. (S2.3) 57) Conquistar algo que poucos conseguem. (S9.1)		X							X					2
11. Bem-Estar. 58) Sente-se bem ao fazer as trilhas. (S3.7) 59) Faz muito bem. (S4.2) 60) Estar em paz, sentindo-se bem consigo mesmo. (S6.2)			X	X		X								

61) É algo que faz muito bem. (S10.4) 62) A trilha faz muito bem. (S12.6) 63} Sensação de bem-estar consigo mesmo. (S13.10)										X		X	X	6
12. Vivências. 64) É preciso experimentar para tomar conhecimento sobre o que é a trilha. (S4.6)				X										1
13. Reflexão. 65) Refletir graças a tranqüilidade. (S5.2) 66) É um momento de introspecção, encontrando a si mesmo. (S6.1) 67) Quando .sozinho, pode-se estar mais atento a si mesmo, se auto-avaliar e meditar sobre muitas coisas. (S11.3) 68) A trilha, é algo muito introspectivo. Após fazer, sente que refletiu. (S13.9)					X	X					X		X	4
14. Ir para Lugares Bonitos. 69) Ir para um lugar bonito para fugir dos problemas do cotidiano. (S5.3) 70) Chegar ao paraíso. (S9.3) 71) Lugares maravilhosos. (S12.3)					X				X			X		3
15. Liberdade. 72) Sentir-se em liberdade.(S6.4)						X								1
16. Relaxamento. 73) Eliminar o estresse do dia a dia. (S6.5) 74) Maneira de eliminar o						X								

estresse. (S7.2) 75) Um grande exercício contra o estresse do dia a dia das cidades. (S11.4)							X				X			3
17. Conhecer-se. 76) Conhecer os próprios limites. (S6.8) 77) Conhecer o próprio corpo e seus limites para saber agir sem se machucar. (S10.8)						X				X				2
18. Viajar. 78) Desfrutar de viagens não convencionais. (S8.5)								X						1
19. Simplicidade. 79) Desfrutar de coisas simples. (S8.6)								X						1
20. Recompensas do Caminhar. 80) Ser recompensado pelo esforço da caminhada com as maravilhas da natureza. (S9.2)									X					1
21. Necessidade. 81) Uma atividade importante, que faz falta quando se fica muito tempo sem fazer. (S10.2)										X				1
22. Aprendizado. 82) Descobrir sobre si mesmo, a natureza e as pessoas.(S10.10) 83) Fazer a trilha para explorar e conhecer, para aprender coisas. (S13.2)										X			X	2
23. Crescimento Pessoal. 84) É um processo de crescimento e desenvolvimento pessoal. (S10.11)										X				1

24. Caminhar. 85) Caminhar como único acesso a alguns lugares, para meditar em ambientes tranqüilos e fugir de qualquer rotina. (S11.2) 86) Andar devagar para aproveitar a paisagem. (S12.7) 87) Andar. (S13.3)											X	X	X	3
25. Sensações. 88) Não se prender apenas ao campo visual, mas também sentir a energia própria da natureza, de cada lugar, algo profundo. (S11.7) 89) Estar sentindo, não apenas com a visão, mas trabalhar todos os sentidos. (S13.4)											X		X	2
26. Essencial para o Viver. 90) É parte de sua vida. (S12.1) 92) É vida. (S13.8)												X	X	2

CAPÍTULO VI – DISCUTINDO OS DISCURSOS.

Observando as várias categorias que se constituíram a partir das unidades de significado identificadas nas descrições dos trilheiros, aparece-me a possibilidade de aproximá-las, umas das outras, de maneira a formarem novos grupos que se traduzem em elementos representativos mais amplos. Apoiando-me deles, busco discorrer sobre o fenômeno aqui enfocado, entrelaçando tais categorias e tais grupos, que a mim se apresentam, com os discursos aqui transcritos. Isso os mantêm em seu contexto e me possibilita elaborar uma teia que se compõe e mostra os significados presentes na trilha a partir do **espaço**: sair da cidade, ambiente tranqüilo para reflexão, fugir das rotinas, conhecer lugares, ir para lugares bonitos, desfrutar do contato com a natureza, viajar, simplicidade; da **aventura**: enfrentar desafios, realizar conquistas, recompensas do caminhar; do **saber**: vivências, reflexão, conhecer-se, aprendizado, crescimento pessoal; **da relação com os outros**: relacionar-se com as pessoas; do **sentir**: atividade prazerosa, liberdade, sensações, essencial para viver, bem-estar, relaxamento, necessidade; do **exercício do caminhar**: exercitar-se, caminhar.

6.1 – O espaço e a trilha.

Assim como o espaço é mais do que uma área geograficamente delimitada, também a trilha é mais do que apenas a atividade motora do caminhar ou andar, ou ainda da marcha, como preferem alguns. O espaço é mais que uma região onde se encontram ou estão instalados os dados físicos, uma vez que envolve os muitos aspectos da dinâmica das relações humanas; diz respeito ao arranjo, ao entrelaçamento existente entre os vários elementos naturais e artificiais a ele pertencentes e os usos, valores e significados atribuídos pelos seres humanos em seu habitar. Os cenários, as experiências vividas ganham e dão, colaboram em criar e recriar sentidos diferentes aos espaços pelas pessoas que com ele interagem. Um ambiente ou localidade promovem múltiplas sensações ou estão associados a histórias significativas, devido a tudo que representam ou aos fatos neles ocorridos; tornam-se referenciais ao homem.

A trilha está profundamente vinculada ao espaço, não apenas à natureza, que é onde ela se faz, mas também ao ambiente que é deixado para trás quando de sua realização: a cidade, o centro urbano e, é claro, os muitos elementos que a este pertencem, bem como os significados com os quais estão associados – fumaça, rotina, concreto, obrigações, correria, monotonia, desgaste, insegurança, progresso, trabalho, divertimento, proteção... É necessário ainda que fique claro que o todo, tanto do ambiente natural quanto do urbano, é visto, pensado, sentido, fruído de maneira não necessariamente igual para as diferentes pessoas, como também, não necessariamente de forma cristalizada e estática, pois assim como o ser humano é um constante processo em transformação, também o é o espaço e os significados que possui.

É por isso que a trilha é mais do que a ação motora a ela inerente. Ela associa-se a um desejo, um desejo de mudança, uma transformação nas formas de sentir, agir, pensar... enfim, de ser, através da troca dos espaços e suas dinâmicas, o que contribui para possibilitar vivências diferentes em relação ao meio, com as pessoas, para consigo mesmo. Diria que essa troca é um dos elementos principais que caracterizam o trilhar sobre o qual falo aqui, uma permuta que consiste tanto em uma fuga quanto em uma busca de espaços. Afinal, como já colocado nas páginas anteriores deste trabalho, o espaço é um condicionante na maneira de ser, do viver humano.

Já afirmei também que os dizeres dos próprios trilheiros podem colaborar para a compreensão de tal fenômeno, as trilhas, melhor do que muitas de minhas palavras. Assim, deixo que falem por si aqui:

> *"...a trilha é uma coisa muito legal... porque é uma coisa que não se faz todo dia, é aquela escapada das coisas chatas do dia, daquela coisa de fazer sempre todo dia as mesmas coisas... é quando a gente muda essa rotina, sai da cidade, muda de ambiente. A gente entra em contato com a natureza, se envolve com tudo isso aqui que é muito bonito. Porque a trilha tem que ser numa mata, montanha..."*[1]
>
> *"...é sair da cidade... Procurar um ambiente*

[1] Fragmento da descrição do sujeito 3.

mais calmo que eu possa pensar em outras coisas [...] quando eu viajo, em geral, eu esqueço da minha vida, eu não penso em trabalho, eu não penso em nada, eu só penso no momento. [...] conheço novos lugares... lugares bonitos"[2]

Por ser o espaço, não apenas a região física ocupada, mas o fruto de uma construção social com o meio, sair do ambiente urbano em que se vive – em que se trabalha, mora, diverte, aprende, relaciona-se etc. – é também sair e deixar para longe de si, principalmente, os elementos negativos a ele associados. Ao ir à natureza, é significativo o desejo de se afastar de certos "enclausuramentos" a que se está sujeito: *"...é o contato com a natureza [...] quebrar a rotina do seu dia a dia e... Poder curtir o que eu acho que tem de bom fora de quatro paredes...escritório."*[3] Não é apenas se afastar ou romper com limitações de ordem física, mas ao que a ela se vincula. Não irei me repetir sobre questões referentes ao estresse, às pressões quanto ao trabalho, às restrições quanto ao uso e à fruição do tempo, ao distanciamento humano que, muitas vezes, ocorrem nos grandes centros. Prefiro a voz dos que trilham para dizer do "libertar-se" de seu espaço cotidiano: *"Eu acho que a gente consegue escapar dessa coisa que tem na cidade; de todo mundo querer passar por cima de todo mundo, dessa obsessão pelo trabalho. Essa coisa da rotina, do tudo igual..."*[4]; *"...é meio um jeito de fugir da 'zona' do dia a dia [...] Você tá na cidade, lá você não tem tempo pra nada, você vive escravo do relógio [...] Ai, você vem pra um lugar desse aqui, você vai pra um lugar bonito e fica longe de problemas... pra fugir do dia a dia, isso aqui é excelente."*[5]

O peso das rotinas, seja dos lares, seja do trabalho, seja das ruas... oprime em demasia o cidadão metropolitano, em certos momentos e em certas situações. Tais fatos podem chegar a extremos, de maneira que as pessoas não mais encontrem sentido neles para a sua vida; muitas coisas afastam-se ou abandonam totalmente a esfera do prazer. Esses momentos, eventos, fatos tornam-se obrigações – em seu pior sentido – chegando mesmo a serem um estorvo, um martírio para o dia a dia. Alias, os termos rotina e cotidiano

[2] Fragmento da descrição do sujeito 1.
[3] Fragmento da descrição do sujeito 8.
[4] Fragmento da descrição do sujeito 12.
[5] Fragmento da descrição do sujeito 5.

são, normalmente, associados a coisas ruins, tristes ou cinzentas. Assim, não é a toa que se queira fugir, abandonar, esquecer delas, ao menos por um tempo. Isso ocorre pela mudança de espaços e do seu agir nele: *"...é esquecer o mais que eu puder o dia a dia, esquecer o trabalho, esquecer que eu tenho casa, esquecer que eu tenho carro, esquecer completamente essa rotina que a gente tem"*[6]; *"...nada daquela rotina. Completamente fora da rotina. É sair da rotina também."*[7]

Foge-se de algo, para ir ao encontro de outra coisa. O desejo de fuga é também o desejo do diferente, do novo, o qual se expressa já no próprio viajar, e não só no querer outro ambiente: *"Poder curtir o que eu acho que tem de bom fora [...] dessas viagens certinhas, de turismo formal assim, turismo com tudo bonitinho, coisas muito fáceis."*[8] Não é só o lugar ou o ambiente, é o que ele possibilita e o que nele ocorre, é o espaço.

O "novo" que se procura também se refere ao ausente. Nesse caso é a natureza, o verde que é tido em oposição, em contraste ao "concreto" urbano e cotidiano: *"...um negócio diferente do habitual, assim que eu faço. Tipo a gente, anda muito no cimento, por exemplo de bicicleta: eu, da faculdade até minha casa, eu sempre vou no cimento..."*[9]; *"E estar em contato com a natureza, que é uma coisa que parece óbvia, mas pode não ser... é uma coisa que eu gosto: andar no meio do mato, sair da cidade, ficar longe do concreto, todas essas coisas."*[10]

Buscar a natureza é buscar beleza, harmonia, simplicidade... coisas que em certos instantes escapam ao ambiente urbano em que se vinculam o feio ou decadente, o caótico, o complexo, o rápido demais para assimilar... Às vezes, talvez se deixe de perceber certas passagens do cotidiano, como um meio de não mais "ferir-se"; cenas de violência – em suas múltiplas formas – acabam sendo relevadas ou esquecidas como uma espécie de "proteção" contra tais fatos, para não ficar remoendo certos acontecimentos. Ou ainda, porque se acaba acostumando com os mesmos cenários e acontecimentos diários, até mesmo de maneira relacionada com os elementos citados, pois nada está dissociado. Nos percursos e nos locais comuns a que sempre se tem acesso, não é raro certas coisas tornarem-se ou passarem desapercebidas.

---

[6] Fragmento da descrição do sujeito 7.
[7] Fragmento da descrição do sujeito 9.
[8] Fragmento da descrição do sujeito 8.
[9] Fragmento da descrição do sujeito 13.
[10] Fragmento da descrição do sujeito 7.

O meio ambiente natural é então, a possibilidade de uma nova – ou outra – relação com o belo, talvez uma real experiência estética com o mundo que cerca o trilheiro, em que se permite sentir – sem grandes preocupações com racionalizar –, estando aberto a todas as paisagens, a todos os contatos que ali ocorrem, inclusive porque as pessoas se permitem isso. Essa nova relação talvez se deva ao fato de ser diferente, ou novo, ou "exótico", ou mesmo pela beleza intrínseca ao meio ambiente, ou ainda pela comparação feita com o ambiente cotidiano.

O que há é o desejo, não só de um fugir, mas principalmente, acredito, de se ir ao encontro, conhecer e interagir com novos e belos lugares e também com os valores e significados a eles inerentes, como a simplicidade, a tranquilidade... *"Você pode curtir coisas simples."*[11]; *"Procurar um ambiente mais calmo..."*[12];é *"...você chegar no paraíso."*[13] É desfrutar de todo esse contato:

> *"...é você ir curtindo a natureza, os barulhos, sons, o vento, toda a paisagem. A gente normalmente, consegue ver um monte de coisas muito bonitas quando anda no meio do mato. E é isso que é legal na trilha. É essa coisa de você conhecer os lugares"*[14];

> *"...você conhece... "putz", uns lugares assim que te fazem pensar sobre muita coisa, sobre ecologia, sobre o que está acontecendo... você conhece lugares que logo podem não estar mais lá do jeito que você viu, do jeito que você sentiu."*[15]

A natureza torna-se, em meio a tudo isso, a possibilidade do bem-estar, de reconciliação consigo mesmo, "recosmicizar-se" como diz Brandão,[16] assumindo-se e entendendo-se como parte integrante do mundo, não somente com a natureza, mas com o

---

[11] Fragmento da descrição do sujeito 8.
[12] Fragmento da descrição do sujeito 1.
[13] Fragmento da descrição do sujeito 9.
[14] Fragmento da descrição do sujeito 4.
[15] Fragmento da descrição do sujeito 11.
[16] BRANDÃO, Carlos R. Outros olhares, outros afetos, outras idéias: homem, saber e natureza. In: *Somos as águas puras*. Campinas : Papirus, 1994.

próprio sentido de "ser" humano, pois, nesse meio, as pessoas estão atentas, abertas a tudo o que está em seu entorno. O desejo de conhecer e saber sobre esse universo é perceptível nas falas que destacam a necessidade desse reencontrar, o qual é marcado pelo prazer que se manifesta em cada passo, em cada conversa, em cada contemplação, em cada sentir... Esse prazer somente é possível num ato de plena entrega a tal encontro, que se compõe do convívio, da reflexão, das sensações, dos gestos, do esforço.

Ao caminhar por entre as matas, nas serras, praias... essas pessoas se completam com o espaço, o qual não é o mesmo de seu dia a dia. Pois, somente assim, a trilha pode ganhar os sentidos e significados que lhes são atribuídos por aquelas com quem tive o prazer de conversar e que me cederam suas falas, seus pensamentos, suas emoções. Somente dessa forma, é que o ato de caminhar, só ou com outros, pode "recriar" a natureza, de maneira a ser possibilitadora de tantas aproximações – encontros ou reencontros – em que cada um adquira, na alegria do que faz, novos saberes sobre o partilhar com companheiros, sobre os próprios limites e, assim, poder desafiar os próprios espaços e a si mesmo, crescendo com isso, superando-se.

É por isso que a natureza das trilhas vai além de limites ecológicos que tratam apenas dos aspectos ambientais, dos dados físicos naturais; esse elemento é simplesmente essencial, mas o trilhar, em meu entender, tenta passos mais longos, aproximando-se da articulação dos três registros ecológicos que Felix Guatarri[17] apresenta como complementos de um único todo: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. É esse enfoque amplo, abordando uma totalidade complexa, que permitirá novos olhares, novos valores sobre nosso próprio mundo humano – natural e cultural, se é correto ainda dizer assim – e as trilhas, acredito, são suas facilitadoras. Afinal, a *"..trilha é sempre em lugares maravilhosos."*[18]

Penso que, após tanto caminhar por estas páginas, encontro o corpo andando pelas trilhas da natureza. Ele é o próprio trilheiro, o que é possível perceber pelos depoimentos deles. Mas quero ainda caminhar ainda mais, ir além, aproveitando-me de outras categorias – além do espaço – que se mostram para mim sobre a trilha e os trilheiros: o que se propõe, o que sentem, o que aprendem...

---

[17] GUATARRI, Felix. *As três ecologias*. 5. ed. Campinas : Papirus, 1995.
[18] Fragmento da descrição do sujeito 12.

6.2 – Trilhar: uma aventura.

Buscar outro ambiente, neste caso a natureza, é mais do que simplesmente ir ao encontro do verde ou de elementos não artificiais, de entrar em matas ou cachoeiras, é ir a procura do ausente, do novo e, consequentemente, também do desconhecido, do incerto, até mesmo do obscuro me arrisco a dizer, é, portanto, ousar, aceitar correr perigo, é, enfim, aventurar-se.

A palavra aventura tem sua origem no latim "adventura", que poderia ser traduzida por: "coisas que estão por vir". Esse termo relaciona-se com o inesperado, com o incomum, com o risco, o enfrentar desafios, o testar-se.... E a trilha trata disso.

Trilhar é romper com o cotidiano e com o que trata do comum, ou seja, é deixar as rotinas que, por si só, já representam o "sempre tudo igual". Mas é também buscar o diferente, o que não é comum, o que não é costumeiro ou "de todo dia"; no limite, é ir ao encontro do desconhecido, do que não se sabe com clareza o que está por vir. É por isso que, ao se proporem ir à natureza, mais especificamente à trilha, as pessoas estão também aceitando o incerto, a dúvida inerente ao que é diferente e que raramente está presente no dia a dia rotineiro. Mais do que um aceite, é um desejo de colocar-se a prova, enfrentar limites, superar dificuldades – internas ou externas. Desejo esse que caminha lado a lado com o prazer, seja da descoberta, seja do vencer que tais enfrentamentos e superações contribuem para aflorar nos trilheiros.

Ora, o ser humano constantemente tenta se superar, transcender; como isso pode se dar num viver em que tudo já está, de certa forma, previsto, demarcado, estipulado? A trilha é a possibilidade que se apresenta para as pessoas viverem uma aventura, o desafio que o mundo natural lhes coloca enquanto seres humanos: *"...tem também o desafio, você tá vencendo obstáculos... As vezes, a gente passa por situações perigosas; e a gente tem que ter muito bom humor, muita coragem pra enfrentar chuva, frio, o que tiver pelo caminho... isso também é bom."*[19]

Desafiar é mais do que provocar ou afrontar algo ou alguém, é instigar, excitar, tentar... O desafio é também uma espécie de "tempero" para a vida. Buscamos o tempo todo escapar da monotonia, estamos sempre querendo saber e fazer coisas novas com

[19] Fragmento da descrição do sujeito 1.

relação a lugares, a eventos, com relação a nós mesmos. O ser humano é um "eterno inconformado" com sua própria situação, há sempre novos desejos, há sempre a vontade de novas experiências, de novas perspectivas, de se estabelecer e realizar novas metas. E a trilha se apresenta a isto porque uma nunca é igual a outra. A natureza e também o homem estão sempre mudando. Até o mesmo trajeto é diferente quando feito no sentido contrário; o conjunto dos elementos que forma a paisagem e que se localiza às costas de quem passa, chega, muitas vezes, a enganar o viajante desprevenido que não se preocupou em também ver o caminho em que já andou.

A aventura não é uma exclusividade do mundo natural: riscos e incertezas também estão sempre presentes nas cidades. A diferença talvez esteja na existência de algo diferente, do algo "novo" que é a natureza; por não ser uma constante no dia a dia das pessoas, ela pode representar isso para o trilheiro. É como se houvesse uma espécie de "conhecimento" sobre o que o meio urbano oferece, enquanto que a natureza é algo ainda inédito. Isso talvez colabore para criar um ambiente estimulante para ousar; o ambiente de um jogo entre homem e natureza, em que as "regras' a serem seguidas e os objetivos pretendidos pelo trilheiro são claros, mas sempre na expectativa das possíveis surpresas, favoráveis ou não, que podem surgir. A referência dessas pessoas ainda é o espaço citadino; é muito diferente, por exemplo, ser alcançadas por uma tempestade nas ruas de sua cidade onde sempre há a chance de proteção em alguma casa comercial, no carro ou na própria casa quando se está próximo dela, do que quando se está em uma floresta sem abrigo aparente e em que a necessidade de localizar segurança é mais do que apenas tentar evitar se molhar, é uma questão de sobrevivência que exige rapidez, criatividade até. Enfrentar a fúria da natureza longe dos espaços construídos é sempre desafiador, uma vez que é nesses últimos que se sabe, por costume inclusive, como melhor agir.

De certa forma, embora pareça paradoxal, é um risco controlado, só que de forma reduzida, ou melhor, menos conhecido, uma vez que tenta-se prever o melhor possível os "imprevistos", para poder sair-se vencedor.

O caminhar em meio à natureza sempre oferece novas possibilidades: *"é meio que um desafio; outra parte que também é interessante pra mim é o desafio de você tá, por exemplo, indo pra um lugar cada vez mais difícil, fazendo uma atividade que você nunca*

fez..."[20]; *"...você tá desafiando as coisas que a natureza te coloca."*[21] *"...a gente tá sempre correndo um pouco de risco no meio do mato..."*[22]

O que se coloca como desafiador ao trilheiro, podem ser coisas simples, uma chuva ou o frio, como exposto há pouco. Pode ser também a distância que é um pouco longa, as subidas, mesmo os mosquitos e demais insetos, a própria "falta de conforto"; alias, a aventura não está apenas nos obstáculos naturais do caminho, ela começa no desejo e no ato de coragem de se lançar nesse caminhar: *"...principalmente essas trilhas mais difíceis, acho que é um desafio que você tem com você mesma; com quebrar a rotina do seu dia a dia..."*[23];

> *"O desafio mesmo é ter coragem de sair, de deixar uns dias, ou uma tarde o conforto mesmo do sofá e sair um pouquinho, vir pra cá e curtir isso aqui. O desafio de verdade é correr o risco de ver que isso aqui é melhor do que... quem tá em casa às vezes imagina."*[24]

Mas há ainda elementos mais difíceis que exigem um maior esforço e atenção, além de melhor preparação – física, tática e técnica – para serem superados: orientar-se em locais cujos caminhos não estão bem marcados; solucionar problemas decorrentes de acidentes – como uma queda ou o encontro com algum animal –; cumprir percursos demasiados longos ou em condições especiais – altitude, temperaturas extremas. O teste que a trilha impõe está relacionado tanto às características do meio como também às condições do próprio trilheiro: o que é fácil para um, pode não ser para o outro. *"Nessa viagem nem tanto, mas em outras, tem também o desafio, você tá vencendo obstáculos..."*[25]; *"Tem também o lado do desafio, com certeza. Essa caminhada pra mim, em particular, foi um grande desafio. Era uma coisa que eu tinha muita vontade e ao mesmo tempo muito medo, muito receio... eu achava que não estaria em condições..."*[26]

---

[20] Fragmento da descrição do sujeito 5.
[21] Fragmento da descrição do sujeito 8.
[22] Fragmento da descrição do sujeito 12.
[23] Fragmento da descrição do sujeito 8.
[24] Fragmento da descrição do sujeito 12.
[25] Fragmento da descrição do sujeito 1.
[26] Fragmento da descrição do sujeito 10.

Os depoimentos acima foram registrados ao final da mesma viagem, em que se atravessou parte da serra no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, em junho de 1998. O primeiro deles é de um jovem de menos de vinte e cinco anos e o segundo, de uma senhora de mais de cinqüenta.

A aventura não consiste apenas no embate, mas também em seu resultado, seja a vitória ou a derrota. A aventura envolve a "vontade" e o "medo", já referidos. Vontade pelo prazer da conquista e de todo o caminhar; medo pela possibilidade da derrota e pelo sofrimento que pode ocorrer no mesmo caminhar, no mesmo processo que pode ser prazeroso. Mas muitos entendem que vale a pena tentar, e a trilha significa, assim, possibilidade de realizar conquistas, de se sentir capaz:

> *"De repente ali, eu consegui acreditar que eu ia conseguir segurar naquela rocha e que eu ia passar aquele obstáculo; e quando eu cheguei do outro lado... a cachoeira que tinha, é assim...belíssima, e num lugar que você... quer dizer, dentro da caverna, você não espera encontrar cachoeira. É uma coisa maravilhosa, então, aquilo foi super gratificante."*[27]

> *"Pra mim é uma conquista, né? Você conseguir uma coisa que não é qualquer um que consegue. Além do que a recompensa, você "rala pra caramba" numa caminhada, ai... numa escalada, daí você chega, tem aquele visual maravilhoso. Você tá cansado... acho até pela exaustão, você tem aquela recompensa maravilhosa de ver a natureza tudo junto. É isso ai cara... conquista..."*[28]

Mas a realização não consiste em conquistar a natureza, ela impõe as limitações e as barreiras, requer esforço, exige respeito, é o cenário... mas não é a adversária a ser vencida, ela é a companheira de todo o percurso. Mais do que caminhar na trilha, é caminhar com a

[27] Fragmento da descrição do sujeito 10. Neste texto, o sujeito refere-se a outra trilha realizada anteriormente no PETAR – Parque Estadual do Alto Ribeira, localizado entre os estados de São Paulo e Paraná, bastante conhecido por suas cavernas.
[28] Fragmento da descrição do sujeito 9.

trilha e tudo o que a envolve. E lembrando que não é só do meio que depende o grau da dificuldade a ser vencida, mas também do próprio indivíduo, o ato de conquistar acaba por ser a conquista de si mesmo, é descobrir-se como capaz, como possuidor de dons que permitem extrapolar o que se pensava ser seu limite: *"A gente subiu no Agulhas Negras. Ai, a gente vê que dá pra senti... que a gente tá conseguindo fazer alguma coisa; da gente ter conseguido chegar lá... é muito legal."*[29] *"É uma maneira de tá me testando também. E eu gosto disso, eu gosto dessas barreiras que vão aparecendo, dessa aventura, entre aspas."*[30]

Realizar um feito é sempre motivo de alegria, contentamento, satisfação, orgulho. Entre outros elementos existentes nesse caminhar, o caráter de aventura colabora para uma espécie de êxtase, *"Tem também um pouco de 'adrenalina'."*[31] O termo adrenalina é comum nos meios envolvidos com práticas de aventura, natureza ou as chamadas "radicais" e refere-se a uma emoção forte, a uma espécie de euforia pelo ato realizado.

Mas além das sensações de prazer, da "adrenalina", o desafio existente na trilha implica também em conhecer-se, e não só o meio em que a trilha acontece. Conhecer-se para poder vencer, conquistar-se.

O caráter de aventura – desafio, teste – colabora para gerar, juntamente com tudo o mais que participa da trilha, novos conhecimentos sobre tudo o que envolve, ou o que está envolto por tal fenômeno, o próprio trilheiro inclusive. A aventura na – ou da - trilha pode propiciar sensações de bem-estar, ser agradável, divertida... mas também é uma forma de crescimento humano num sentido amplo, em que há novos aprendizados, novos saberes.

6.3 – Os saberes no trilhar.

Conhecer os limites corporais é um pré-requisito para o trilhar, para poder cumprir com sucesso todo o percurso aproveitando-o, desfrutando dele e ainda para conseguir vencer os desafios, já supostos ou totalmente imprevistos. A aventura requer o conhecer: *"Então é uma coisa assim, de você também conhecer o teu próprio corpo, ah... testar os seus limites, testar e conhecer."*[32] *"...eu tô me conhecendo, até onde eu posso, qual é o meu*

[29] Fragmento da descrição do sujeito 2. O comentário refere-se a outra viagem; o Agulhas Negras a que ele alude é o ponto mais alto do Parque Nacional do Itatiaia, com 2.787 metros de altitude.
[30] Fragmento da descrição do sujeito 6.
[31] Fragmento da descrição do sujeito 9.
[32] Fragmento da descrição do sujeito 10.

limite... "[33];

> *"Então, saber esse ponto de limite seu, até onde você agüenta; e avançar um pouquinho cada vez, mas que não seja demais, pra que você também não se arrebente... Porque essa não é a idéia."*[34]

Mas esse caminhar não se limita a um aprendizado restrito apenas ao corpo. O ambiente natural e as atividades nele desenvolvidas, o andar, acampar, orientar-se... são encarados como um momento muito especial para a reflexão sobre o momento vivido e sobre tantas outras coisas:

> *"Quando você está sozinho você pode... volta suas atenções mais para você mesmo e ficar meditando com relação a um monte de coisas e não só ao que você está fazendo ali, naquele momento. Então eu acho que é um momento legal para você avaliar várias coisas a respeito de você mesmo."*[35]

O voltar-se para si mesmo para questionar, avaliar, ponderar... se faz presente, mas não apenas numa trilha solitária. Mesmo em grupo, é levantada a possibilidade, o desejo e a realização dessa interiorização: *"...é um negócio também muito introspectivo, eu acho. É um negócio bem introspectivo a trilha, o caminhar, o pedalar. [...] depois que eu faço, 'puta'!!! Sabe, dá uma... uma sensação assim... que eu refleti..."*[36] Um pensar que se relaciona ao ato de percorrer caminhos e ao próprio espaço em que ele ocorre: *"Assim, pela tranqüilidade também fazer uma reflexão um pouco."*[37]

Trilhar é uma possibilidade de aprender sobre o meio e sobre o próprio ser humano, não somente na forma como foi colocada acima, numa espécie de encerrar-se em si, mas também através de uma atitude inversa, num abrir-se para as muitas trocas que ocorrem no interagir com a natureza e com as pessoas com quem se partilha o caminhar, o comer, o

[33] Fragmento da descrição do sujeito 6.
[34] Fragmento da descrição do sujeito 10.
[35] Fragmento da descrição do sujeito 11.
[36] Fragmento da descrição do sujeito 13.
[37] Fragmento da descrição do sujeito 5.

dormir, as histórias... Há, em meio a tudo isso, uma série de experiências vivenciadas na ação corporal, no que se ouve, no que se vê... em tudo que se sente. Na própria conceituação desse tipo de prática corporal, há a intenção, como já visto anteriormente, do indivíduo viver experiências significativas num meio ambiente natural e tudo o que se relaciona a ele num determinado momento: *"É de explorar e de você tá conhecendo, tá andando, tá sentindo assim... A sensibilidade é muito grande ali."*[38]

O sujeito acima, cujas palavras acabo de utilizar para ilustrar o conhecer juntamente ao explorar e ao sentir, comenta sobre as possibilidades e as limitações do olhar sobre a trilha. Ao mesmo tempo em que os olhos permitem a contemplação do que há ao redor, eles também favorecem com que o caminhante se limite demais ao plano visual, o que dificultaria aprender e saber mais amplamente o que há ao redor e mais, onde se está:

> *"Por exemplo, a visão, não é o principal, aliás, é esse... esse foi o meu primeiro obstáculo, porque... se eu não fizesse trilha, no começo, com alguém, eu não ia fazer trilha, porque eu tinha medo de me perder [...] Eu tinha que fazer com uma turma no começo [...] Eu comecei a ver outras coisas que... eu tinha que aprender muitas outras coisas que ainda não sabia. Porque a visão eu acho que era... é fundamental também, mas você trabalha com outras coisas ali: a audição, a..."*[39]

Trilhar talvez seja, além de tudo o que já foi dito, aprender sobre os próprios sentidos e também com eles; reeducar-se a ouvir, conseguir identificar quais são os sons, de onde vêm, seus porquês, as mensagens que podem trazer... aprender a ouvir não só os sons, mas também o silêncio que, às vezes, há na natureza quando o vento e os animais se ausentam momentaneamente. Recuperar o olfato para perceber certas minúcias do ambiente. Aprender sobre perceber as sensações táteis mais sutis e, assim, conhecer melhor o caminho, não só quanto à direção em que se está, mas como ele é, suas características, reconhecer o momento em que se está nele e com ele, o entardecer ou o amanhecer, o clima... Não é possível conhecer e compreender o mundo sem detectá-lo por nossos

[38] Fragmento da descrição do sujeito 13.
[39] Fragmento da descrição do sujeito 13.

sentidos; é essa a nossa forma de explorar o que está ao nosso redor para saber sobre e para nos deliciar com. Diana Ackerman[40] coloca ainda que nossa sociedade atual sempre se esforçou para deixar de sentir essas muitas texturas da vida que passam por nossos narizes, bocas, olhos... e chama a atenção para a necessidade de retomarmos essa dimensão de nossa existência. Penso que as trilhas sejam um dos caminhos para isso, pois Heloisa Bruhns[41] diz da "festa para os sentidos" que é a aventura de penetrar, de incorporar-se à natureza; é um novo mundo que se abre para ser descoberto, aprendido, compreendido, sentido, experenciado... vivido. Não esqueço aqui do olhar, nesse processo, reaprender a olhar o meio com o seu auxilio. Aliás, penso que talvez seja preciso ter vários tipos de olhares para esse passeio: olhar "distante", para ver ao longe e também porque é nele que nos voltamos para nós mesmos, para nosso interior, para o mais próximo possível; um olhar "nítido", que traz o dado objetivo sobre por onde se vai e passa, um olhar que é saber porque se vê sem que se pense no que se vê porque "pensar é estar doente dos olhos", como diria Fernando Pessoa[42], mas sabe o que se vê e só; um olhar "caleidoscópico", que permite desmontar e montar o que se olha, imaginar de outras formas, criar e recriar o mundo ao redor, pois a natureza, esse mundo novo a esse indivíduo, podem não respeitar as mesmas regras dos locais de origem, criar um espetáculo. Olhar como olharia, ou melhor, sentir como sentiria um crente, um cientista, um artista... como um ser humano. A trilha pode ser uma das formas para se abrir todos os canais da percepção para o mundo, do qual também se é parte.

Mais do que informações, o trilheiro pode adquirir um novo saber, pois é um corpo unido ao mundo – "cosmicizado" talvez fosse um bom termo, lembrando aqui mais uma vez Brandão.[43]

Nesse caminhar em que o mundo se abre, porque parece-me que o indivíduo também se encontra aberto a ele, sem pressa para aprender o que lhe chega, porque também *"...é andar devagar para aproveitar o 'visu'"*,[44] penso que a trilha se torna uma possível pedagogia prazerosa sobre o meio ambiente, sobre as relações humanas, sobre o mover-se,

---

[40] ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos.* Bertrand Brasil : Rio de Janeiro, 1992.

[41] BRUHNS, Heloisa T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia M. T., BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.) *Viagens à natureza*: turismo, cultura e ambiente. Campinas : Papirus, 1997.

[42] PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos II – 207. In: _____. *Obra poética.* Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1997.

[43] BRANDÃO, op. cit.

[44] Fragmento da descrição do sujeito 12.

sobre a subjetividade... sobre o viver que, acredito, estão sintetizados nos dizeres de três trilheiros que pude acompanhar: *"As trilhas pra mim significam o momento que eu me encontro, que eu tô bem assim, fazendo o que eu gosto..."*[45]; *"...a idéia é curtir, é ter prazer, é descobrir se descobrindo, é descobrindo a natureza e as pessoas também. Eu acho que é todo um movimento, assim né? De... de crescimento, de contato, muito legal."*[46]; *"...é uma coisa que tem que sentir, tem que se fazer pra saber o que é."*[47]

Sentir, pensar, mover-se; aprender através das muitas situações que se desenrolam nesse espaço e nesse tempo. Quem sabe, adquirir um pouco mais de informações e um pouco mais de conhecimento... Talvez, tornar-se um pouco mais sábio sobre o viver.

6.4 – O convívio entre as pessoas nos caminhos da natureza.

Poderia dizer que o conviver é uma das lições presente nas muitas "aulas" que a trilha ministra; que, de certa forma, esse aspecto já está contemplado nos dizeres acima: aprender a conviver, ou seja, a ouvir, a ajudar, a partilhar... Entretanto, na forma como as relações entre os membros de uma caminhada me chegam através dos discursos coletados, penso que mereçam atenção diferenciada. Na verdade, na pouca literatura que encontrei sobre as práticas corporais na natureza, embora comumente houvesse uma abordagem sobre tal fato, o principal enfoque sempre esteve centrado na relação homem e meio ambiente. Neste estudo, ao observar os depoimentos, aparece a mim o grande valor que é dado pelos praticantes à relação entre o ser humano e o outro ser humano. Alguns falaram da aventura, outros do contato com a natureza, alguém citou o bem-estar ou o prazer da atividade ou do meio e assim por diante, mas nada se mostrou tão presente como as relações humanas, o contato com o outro, a possibilidade da amizade, do companheirismo, da solidariedade, tão marcantes no conjunto dos dizeres dos trilheiros.

Curiosamente, parece-me, em certos momentos, que um dos grandes valores da trilha está em aproximar o indivíduo de seu igual, mais do que de um meio ambiente diferente. É claro que tudo que cerca as pessoas, como o próprio meio, mesmo os companheiros, e ainda as expectativas, ansiedades, todo estado emocional etc., contribuem

[45] Fragmento da descrição do sujeito 6.
[46] Fragmento da descrição do sujeito 10.
[47] Fragmento da descrição do sujeito 4.

para gerar condições para que as relações sociais entre os trilheiros se dêem como são. Mas o papel dos companheiros de viagem é tão importante, que pode determinar todo o andamento dela: seu sucesso ou fracasso, seu prazer ou frustração, o desejo de participar ou não...

> *"Eu fiz uma trilha uma vez, com uma turma que não tava nem aí. Então, foi a maior frustração, largaram a gente lá no meio do caminho... Era uma coisa que eu achava que nunca mais ia voltar a fazer. E acho que tá muito ligado com as pessoas com quem a gente faz a trilha. A gente vê esse pessoal aqui... Fora a relação de amizade, há uma confiança muito grande em todo mundo; todo mundo se ajuda, e isso eu acho que é... é legal."*[48]

Ao se pensar a trilha, o ambiente muitas vezes inóspito em que ela ocorre, as muitas dificuldades que podem acontecer, parece ser fácil compreender que o coleguismo é uma necessidade para que tudo aconteça bem, pois, no limite, é até mesmo questão de sobrevivência um cuidar do outro. O maior auxílio que alguém pode receber na trilha é o próprio companheiro de viagem e aventura e vice-versa. Assim, cuidar do outro é também cuidar de si: *"...é muito boa pra se fazer amigos... todo mundo ajuda todo mundo... todo mundo cuida dos outros."*[49] *"Tem também uma outra coisa que é a coisa dos amigos. Você não faz uma trilha sozinho, porque é muito perigoso... você pode se machucar, se perder."*[50]

Observando todo o conjunto dos depoimentos, é fácil perceber que a aproximação das pessoas, o convívio das trilhas vai muito além de um apoiar-se no outro por medo ou insegurança; penso que de forma alguma esse convívio ocorra como uma forma de um aproveitar-se do outro, de usá-lo até.

A aproximação entre os trilheiros se dá, não somente por ser necessário, mas por ser desejado. É a possibilidade de travar contato com pessoas muito semelhantes: *"...um contato com os amigos... Fazer uma coisa num grupo onde a gente tem a mesma coisa em*

[48] Fragmento da descrição do sujeito 2.
[49] Fragmento da descrição do sujeito 12.
[50] Fragmento da descrição do sujeito 3.

comum, que seria todo mundo gostar de caminhada, gostar de aventuras..."[51]; *"eu acho que é legal, muito... por causa das pessoas que vão com você... Quem faz trilha, normalmente, é gente legal, que gosta de natureza, que gosta de andar... de uma aventurazinha.*"[52] Além disso, caminhar com outro não significa, necessariamente, segurança. A falta de respeito também pode existir na trilha, apesar de rara:

> *"É claro que sempre tem uma galera que às vezes quer puxar... fazer um caminho muito difícil ou ir no gás até a próxima parada, mas é só não encarar... Você tem que escolher as pessoas com quem você vai viajar pra fazer um negócio desse... porque o legal é você ir curtindo a natureza...*"[53]

O companheirismo presente na trilha é muito mais do que um recurso para auxiliar no desenrolar do caminho, mesmo porque há quem prefira trilhar sozinho algumas vezes para meditar, para ficar consigo mesmo. O apoio de quem está junto também é importante, e muito, até porque ele é um motivo para a aproximação entre os membros de uma caminhada desse tipo, mas é mais do que apenas isso; esse elemento é apenas parte do conviver na trilha. As relações se ampliam, estendem-se e se mantêm para além da natureza:

> *"É essa coisa de você conhecer novos lugares... Ah... do pessoal também... é muito jóia... As pessoas ficam amigas de verdade, não só na hora que tá aqui, mas... quando a gente volta, todo mundo continua se encontrando... acaba rolando uma amizade extra trilha*"[54]

> *"Outra coisa, é sair com os amigos. É um momento que você consegue tá convivendo bem... convivendo bastante, intensamente com todo mundo; é conhecer pessoas novas, é*

[51] Fragmento da descrição do sujeito 6.
[52] Fragmento da descrição do sujeito 4.
[53] Fragmento da descrição do sujeito 4.
[54] Fragmento da descrição do sujeito 4.

> *conhecer melhor as pessoas que você já conhece. Pois eu comecei a fazer trilha assim, o D. uma vez me chamou e eu resolvi ir; e nessa viagem eu terminei conhecendo mais o D., mais do que eu já conhecia; era colega de turma, só que... a gente se encontrava na faculdade só. Aí, depois, daí eu gostei da experiência e resolvi continuar...* "[55]

Penso que a possibilidade de se relacionar com pessoas com quem se tem algo em comum é um grande motivador, inclusive, para se lançar a tal atividade. A chance de se aproximar de outras pessoas com quem se pode partilhar algo, com quem se pode aprender coisas de seu interesse, com quem se tem prazer em fazer coisas juntos etc. é um dado que colabora para estimular a prática da trilha: *"E tem o lance de que eu comecei porque os amigos que faziam me chamaram, então tem essa coisa muito forte do companheirismo..."*[56]; *"...um pouco de curtição do pessoal de se... Você encontra gente interessante, assim legal, muito bacana."*[57]

Há, de fato, uma demonstração de grande carinho e afeto por quem está envolvido nesse caminhar. Todo contato que a trilha "impõe", seja por necessidade da ajuda do outro, seja pelo desejo da amizade simples e sincera, é um referencial. Diria que o "convívio intenso" ou a "amizade" que faz parte dela é tanto conseqüência como causa dessa atividade na natureza: *"Agora, acho também que é uma atividade gostosa de fazer em grupo, com outras pessoas. Sinto que é um momento de contato com as pessoas, onde existe muita colaboração, muita... É um tipo de relação diferente que acontece... nessa atividade..."*[58]; *"Nessa viagem em especial, os amigos que você faz, muito bom. Essas coisas que eu acho que motivam a gente a fazer esse tipo de coisa, esse tipo de caminhada esse tipo de trilha."*[59]

Se essa característica da trilha é motivada pelo meio, pelas próprias pessoas, pela atividade física ou por qualquer outro aspecto é difícil dizer; provavelmente, seja por tudo isso atuando em conjunto sobre os trilheiros e sobre tudo ao redor: *"A trilha tem essa força*

[55] Fragmento da descrição do sujeito 7.
[56] Fragmento da descrição do sujeito 3.
[57] Fragmento da descrição do sujeito 9.
[58] Fragmento da descrição do sujeito 10.
[59] Fragmento da descrição do sujeito 8.

de atrair as pessoas pra perto umas das outras. A trilha aproxima mais todo mundo. Não sei o que é... Se é o lugar... Porque são sempre lugares maravilhosos..."[60]

A trilha talvez se mostre como um elemento possível para um real conhecer das pessoas, criar, recriar, solidificar afeto entre elas e em todo o grupo, pois dentro do coletivo que caminha junto, é impossível manter-se anônimo ou impessoal; as pessoas são obrigadas a revelarem-se, a mostrarem-se, exporem-se aos outros, suas virtudes e defeitos, medos e coragem, erros e acertos, o que sabem ou o que ignoram. A coesão é construída na participação de todos, em mútuas trocas e não na imposição de um sobre o outro. Há, é certo, lideranças, mas não de uma forma impositiva ou hierárquica, mas como um meio organizacional, pois o envolvimento de todos é o que realmente caracteriza essa prática, a possibilidade de andarem juntos, não apenas lado a lado, mas como pessoas unidas. Talvez no fato de romper as distâncias – não apenas físicas – entre cada um, resida a força integradora do trilhar:

> "*...em grupos... no caso eu acho que é um ótimo momento de integração e você conhecer as pessoas também... que você está acostumado a conhecer as pessoas num determinado ambiente [...] Você só conhece mesmo as pessoas depois de você vivenciar com elas diversas situações, das mais variadas possíveis. [...] Sei lá, alguma coisa dá errado, alguém esqueceu alguma coisa e o pessoal ser solidário, ver realmente quem é amigo, ver quem ajuda, quem não ajuda, quem atrapalha, quem não atrapalha e... Pessoal fica bem amigo mesmo fazendo essas coisas. Por causa disso, existe um espírito de cooperação, existe aquela coisa de ajudar, aquela coisa de todo mundo se preocupar com todo mundo. [...] Todo mundo se ajuda, todo mundo tenta entrar no ritmo, ninguém fica tentando impor uma coisa para o outro como quando você trabalha... falam que é melhor fazer assim ou melhor fazer assado. Você, andando simplesmente, todo mundo consegue achar um ritmo comum; e o que serve melhor para todo mundo porque é como eu acho que deveria ser*

[60] Fragmento da descrição do sujeito 12.

em todos os ambientes, mas não é assim que acontece."[61]

Seja por causa dessa aproximação, seja como conseqüência dela, há um espírito de alegria geral no trilhar; na verdade, penso que tal sensação atua como causa e efeito ao mesmo tempo, é as duas coisas juntas. O prazer que aparece nas falas dos trilheiros não se prende apenas aos relacionamentos, embora esteja também presentes neles; a trilha é motivo e causa de alegria.

6.5 – O sentir quando do trilhar.

Além das muitas sensações, os cheiros, sons, frescores etc., que fazem parte dessas caminhadas, nas falas desses "nômades modernos", como alguns os chamam, ainda são valorizados, e muito, as sensações de prazer e bem-estar que marcam a trilha. Resulta, também disso, sua importância, sua relevância como prática que se consolida como algo constante na vida dos trilheiros. Esse "constante" que aqui coloco não se refere a mais um fato dentro da já complexa rotina diária, semanal ou mesmo mensal do cidadão; trata-se, de inserir essa prática como algo que acontece sempre que possível, justamente como o "diferente". Isso não significa viver essa experiência apenas uma única vez, embora cada vez seja única.

As palavras que qualificam a trilha têm sempre conotações positivas, indicando que ela é algo bom: *"...a trilha é uma coisa muito legal..."*[62]; *"...é uma coisa que eu gosto muito de fazer.. Me faz muito bem..."*[63]; *"... as trilhas pra mim significa o momento que... que eu me encontro, que eu to de bem assim, fazendo o que eu gosto, é uma coisa que eu gosto muito de fazer."*[64]

É interessante observar que a lembrança do bem-estar é um dado que aparece primeiro em boa parte dos discursos. Ou então vem ao final, como uma espécie de desfecho a sintetizar tudo o que fora expresso inicialmente. Antes de falar sobre o espaço, a aventura, os companheiros, destaca-se o prazer relacionado à essa atividade, colocado para dizer o

[61] Fragmento da descrição do sujeito 11.
[62] Fragmento da descrição do sujeito 3.
[63] Fragmento da descrição do sujeito 4.
[64] Fragmento da descrição do sujeito 6.

que ela é para essas pessoas, as quais, para mim, são os especialistas em trilhar. Esse prazer, da forma como aparece, pode ser interpretado, ao meu ver, de duas formas distintas. Uma delas, refere-se à possibilidade de descanso e divertimento que favorece ou facilita o voltar ao cotidiano de que se saiu. É como se fosse um "recarregar a bateria" para enfrentar os problemas, dificuldades ou mesmo o estresse do dia-a-dia: *"...é uma coisa maravilhosa, sabe? Sempre que eu faço, eu me sinto renovada. É muito bom... [...] é uma coisa que é muito bom."*[65]; *"...é um 'puta' exercício assim de... anti-stress..."*[66]; *"...esquecer completamente toda essa rotina que a gente tem. Acho que isso é uma maneira que eu encontro de... de desestressar um pouco."*[67]

O sentir-se bem com esse tipo de atividade é algo comum entre os participantes. O que, no entanto, acaba por ser um diferencial no bem-estar de que trato aqui é o sentido atribuído a essa sensação. Alguns, como esses que citei acima, parecem localizar essa forma de sentir-se bem a partir de uma recuperação, cujo fim último não se encontra na trilha em si, mas na volta aos centros urbanos, ao trabalho, às rotinas, às obrigações diárias. A trilha, bem como o estado emocional a que se chega ou se consegue com ela, acabaria tendo apenas um papel funcional, utilitarista poderia ser dito, no sentido em que a meta e o que está sendo priorizado estaria localizado fora da própria trilha, longe desse momento que é vivido, caso ela se limitasse a apenas cumprir tal papel. Teria, portanto, uma função, um uso que somente possuiria valor para o retorno à civilização e ao mundo social que a envolve; ou seja, caso não houvesse o trabalho, ou o estresse cotidiano, as pressões profissionais e outras coisas mais dessa mesma gama de significados, a trilha simplesmente não teria razão de ser. Mas o prazer e o bem-estar vinculados ao trilhar é mais do que apenas recuperação para o cotidiano urbano. Este aspecto é somente parte do que se passa ou se apreende na trilha.

Não há nada de mal em se sentir melhor com a trilha para poder desempenhar bem funções ou cumprir obrigações. Penso apenas que limitá-la a esse aspecto é reduzi-la e destituí-la de algo mais que possui, o valor que há nela mesma, o prazer de simplesmente caminhar por caminhar na natureza. E esse prazer é a outra forma pela qual a trilha pode ser interpretada.

---

[65] Fragmento da descrição do sujeito 3.
[66] Fragmento da descrição do sujeito 11.
[67] Fragmento da descrição do sujeito 7.

A trilha pode ser legal, simplesmente porque há um prazer intrínseco a ela, que começa e termina com o trilhar, que dura o tempo que ela dura: *"Não sou masoquista não, também gosto de conforto... banho quente, cama macia... Mas eu acho que... tem muita coisa legal que precisa ser feita sem essas coisas... A trilha é uma delas. É uma coisa muito bonita."*[68]; *"...gosto muito de trilha na mata, né? E você vai reparando nas coisas, ouvindo sons... e acho que é uma coisa assim... que faz muito bem."*[69]

Isso não quer dizer que nada fique após seu término; pelo contrário, há uma série de recordações que seguem marcadas no corpo do trilheiro. Fatos engraçados, curiosos, tristes, alegres, pitorescos... passam a compor a história de vida das pessoas, gerando um novo quadro de sensações e alegrias referentes a trilha, mas que são diferentes daquele que fora vivido no ato em si realizado do trilhar: *"...foram muito legais, foram muito boas, foram muito legais! Ah... eu guardo assim, momentos de trilha como inesquecíveis. Eu lembro muito, muito."*[70]

Há toda uma série de momentos, de situações, de sensações que possibilitam essa alegria do trilhar. Penso que é a própria manifestação do componente lúdico presente em tal fenômeno que participa nisso tudo. É uma atividade construída por essas pessoas, que a realizam intensamente por sua livre escolha.

Um dos trilheiros chama a atenção para a necessidade de se entregar a esse prazer presente, um permitir-se sentir que envolva tudo ao redor, para poder realmente desfrutar do instante que se vive na natureza.

> *"...chegar lá e poder sentir a energia que está fluindo daquela cachoeira, o vento, o vapor de água, aquele barulho, a força da natureza naquele lugar, ali. [...] ...é uma coisa que o pessoal tinha que parar e sentir. Não é só o prazer visual, não é só o prazer de estar fazendo alguma coisa diferente, é sentir mesmo uma coisa assim mais profunda de energia."*[71]

É permitir-se aproximar e viver o êxtase que a trilha oferece a quem nela se

[68] Fragmento da descrição do sujeito 12.
[69] Fragmento da descrição do sujeito 10.
[70] Fragmento da descrição do sujeito 13.
[71] Fragmento da descrição do sujeito 11.

aventura.

Assim, a alegria e o bem-estar da trilha, tanto nessa sensação que se encerra nela mesma do prazer em fazer pelo fazer, como também o relaxamento, a "desestressada" que dela resultam, fundem-se num mesmo sentir, numa mesma sensação, cujo nome talvez seja felicidade: *"...é onde eu me sinto assim... em plena liberdade. Eu encontro... não sei... uma paz, e me sinto muito bem comigo mesma. Ah! Sei lá... e significa também assim, uma eliminação do stress do dia a dia..."*[72]

É por isso que essa atividade se torna parte integrante da vida dessas pessoas, fazendo com que o desejo de repeti-la mais uma vez seja maior a cada trilha que se cumpra. Não é algo que se esgota em sua realização, ao contrário, ela se alimenta dela mesma. Por isso que não se trata apenas de recuperação para voltar a cidade, porque também não é apenas fuga delas; é também o prazer do ato enquanto ele se faz, enquanto ele se concretiza, porque há muito que somente ali e naquele momento é possível de ser vivenciado, possível de ser sentido.

É dessa forma que a trilha se insere como uma necessidade, ou melhor, como um dos elementos constitutivos da vida de alguns desses aventureiros, um componente essencial para a totalidade do próprio existir deles: *"...sinto importante ter esse tipo de atividade. Quando eu fico muito tempo sem fazer, eu sinto falta."*[73]; *"A trilha é a minha vida, ela faz parte da minha vida porque eu não me imagino sem fazer. Tem muita coisa legal numa trilha..."*[74]; *"...trilha pra mim é vida!"*[75]

6.6 – Exercitar-se.

Uma última grande categoria que surge ao observar os discursos é um tanto discreta, quase não aparece, quase não é citada; trata-se do exercício físico da trilha, cuja principal manifestação é o caminhar: *"...fazer exercício também, que é uma forma de tá se exercitando, né? A gente anda bastante, carrega peso."*[76] Quanto a isso, poderia se pensar num caminhar na trilha, ou sobre um caminhar da trilha ou ainda, caminhar como meio

[72] Fragmento da descrição do sujeito 6.
[73] Fragmento da descrição do sujeito 10.
[74] Fragmento da descrição do sujeito 12.
[75] Fragmento da descrição do sujeito 13.
[76] Fragmento da descrição do sujeito 1.

preparatório para a própria trilha.

Penso que não se trata apenas de andar num meio diferente; é algo específico dessa atividade, uma vez que implica em outros elementos que vão desde o próprio meio e os implementos usados – mochilas, normalmente botas ao invés dos tênis etc. – até, inclusive, aspectos socioculturais quanto as suas motivações e seus objetivos: *"É um exercício também, só que diferente de andar num Ibirapuera... Não tem prédio, não tem fumaça, não tem barulho; só tem coisas da natureza."*[77]; *"...é andar para aproveitar o 'visu'"*.[78]

Embora a trilha seja uma atividade física, um exercício corporal, ela é pouco considerada a partir dessa perspectiva. Para muitas pessoas, o exercício é aquele que se faz nas academias, nas praças de esporte e coisas desse tipo. Mesmo as principais intenções e sensações que advém de um ou de outro são diferentes. Nas cidades, os exercícios estão voltados principalmente para questões de saúde, estéticas ou de condicionamento, enquanto o trilhar está muito associado ao meio, ao companheirismo... Mesmo o bem-estar e o prazer resultantes parecem-me diferentes em ambos os casos. A gama de elementos que compõe a trilha colabora para uma vivência, uma experiência de vida que é muito particular em relação às caminhadas de fim de tarde. Com isso, não digo que preocupações quanto ao espaço ou o desejo de contato e aproximação com outras pessoas não estejam presentes e não sejam relevantes para essa outra forma de manifestação corporal, apenas que possuem um outro sentido e um outro grau de envolvimento e importância que são diferentes para a trilha. Melhorias na saúde, no condicionamento físico, são uma conseqüência na trilha, enquanto que em outras formas de exercício, eles são o objetivo.

Os demais aspectos que envolvem a trilha são, comumente, mais destacados pela maior parte dos trilheiros, o que faz restar pouco espaço e/ou atenção para a atividade física que participa em construir esse fenômeno. Mesmo assim, é inegável que também ela é uma possibilidade ao condicionamento físico. Tanto é assim que é fácil perceber a necessidade de um certo preparo físico para a execução ou participação em uma caminhada como essa. Esse preparo que varia em função das características de cada trilha, não apenas do terreno, mas de tudo o mais, do clima, do tempo de duração etc.

A condição física é uma base indispensável para o trilhar, sendo que o nível de

[77] Fragmento da descrição do sujeito 3.
[78] Fragmento da descrição do sujeito 12.

preparação necessário é específico para cada trilha: *"Eu acho também que tem essa coisa de se manter a forma, senão você não aguenta... Não é assim difícil não, mas tem que ter o mínimo..."*[79]

A preparação, entretanto, normalmente se dá anteriormente a realização do evento previsto, pois não se pode ficar na dependência de que a própria trilha gere toda condição física necessária para o seu cumprimento; pois na natureza, poucas são as oportunidades em que se pode esperar auxílio, caso alguma coisa não esteja de acordo com as necessidades exigidas. Além disso, a trilha não é um espaço ou um momento de preparo, ela é a execução para o que se preparou – e não apenas fisicamente, mas também no que tange a aspectos emocionais, de organização e planejamento... – e também o teste desse preparar-se, ela é o desafio a ser enfrentado. Assim, fica claro que, apesar de ser uma atividade física, um exercício, todo o seu contexto é diferente.

O ato de andar é um dos elementos básicos em meio a tudo que forma a trilha: *"andando você pode chegar em muitos lugares que você não chega de bike, você não chega... muito menos de carro e coisa e tal."*[80] Se, numa analogia, o meio natural fosse uma tela a ser pintada pelo trilheiro, talvez o ato corporal de andar fosse o pincel utilizado para realizar a obra.

[79] Fragmento da descrição do sujeito 3.
[80] Fragmento da descrição do sujeito 11.

Finalizando.

> *"...e o fim de nossa viagem será chegar ao lugar de onde partimos. E conhecê-lo então pela primeira vez."*[1]

O desejo manifesto de várias pessoas quanto a um "retorno à natureza" está associado tanto a uma fuga das cidades e de tudo de ruim que ela, às vezes, significa, como também a uma busca por espaços que representem uma melhor qualidade de vida, uma busca por aventura, novas experiências, companheirismo... concretizando-se nas muitas atividades realizadas na natureza, as quais se apresentam de múltiplas formas, seja na terra, na água ou no ar: escaladas, rafting, canoagem, canyoning, vôo livre, trilhas entre tantas outras e nos mais variados tipos de espaços naturais – florestas, praias, rios, cavernas, montanhas etc.

São essas experiências corporais em um meio ambiente natural que possibilitam, para muitas pessoas, um encontro muito particular para consigo mesmo, um descobrir-se e um repensar-se sobre si próprio e sobre a sua relação com o mundo, com a natureza, com a cidade, com o outro que está ao seu lado. Mas é preciso, para tanto, que o indivíduo participe todo, inteiramente, nesse ir à natureza, sentindo, movendo-se, pensando, partilhando, estando aberto a vivenciar intensamente as inúmeras experiências que se fazem presentes ao ser humano, as quais o envolvem de maneira a abraçá-lo em todas as suas dimensões; é preciso que o "corpo" vá à natureza, pois é o corpo que experimenta o mundo, estabelecendo, através de suas ações, um diálogo entre o homem e o meio que permite conhecer a natureza e, por ela, aprender sobre seu próprio ambiente, sobre as pessoas, conhecer-se. O desejo de visitar a natureza através das muitas práticas corporais que se colocam atualmente é também o desejo de estar aberto para viver profundas experiências que resultam em novos saberes, em novas alegrias, em novas amizades, em novas histórias, em um novo indivíduo!

Nesse estudo procurei aprender sobre e com os trilheiros, esses cidadãos urbanos que, além de caminharem na natureza, caminham rumo a ela e com ela, e conhecer também

---

[1] Fragmento de um poema de T. S. Eliot citado como epígrafe em: ALVES, Rubem. *O retorno e terno*. 5. ed. Campinas : Speculum, 1995, p. 5.

sobre sua prática: a trilha, que não é algo para ser feito sem deixar marcas em si; que não é apenas a ligação entre dois pontos, entre partida e chegada. Ela é enquanto se faz, ela é enquanto um processo que deve ser desfrutado em toda a sua extensão o que, já nesse ponto, representa uma mudança interessante na forma de nosso pensar cotidiano. Este centra-se, quase sempre e quase exclusivamente, nos resultados que são obtidos com algo. Se a trilha fosse considerada a partir dessa última perspectiva, tudo o que se vive em seu percurso seria descartável, sendo relevante apenas o fato de se ter chegado ou não ao fim inicialmente previsto. Mas ela é mais do que o caminho, o percurso que interliga início e fim, ela é uma passagem que deve ser vivida a cada passo, a cada respirar, a cada conversa, a cada sensação, a cada sentimento... Não se pode passar por uma trilha sem se permitir ver, sentir, ouvir, saborear o que ela oferece e proporciona... Se não é assim, não se fez trilha, apenas um trajeto como tantos outros que se faz no dia a dia, de casa ao trabalho, do trabalho para casa e assim por diante. Não que esses trajetos também não possam ou não devam ser apreciados, mas o significado dela está em tudo pelo que se passa e não só nos locais que ela permite ligar, conectar. Aliás, a trilha não é apenas o caminhar e tampouco apenas o caminho, ela é também o contato do indivíduo com o meio e com os outros trilheiros. É por isso que uma das regras básicas, é interessante frisar, diz respeito ao ritmo, havendo apenas duas velocidades a serem devidamente respeitadas nas trilhas: "devagar" e "mais devagar", pois, se não, a trilha perde a possibilidade de mostrar muito do que é possível. Considerações sobre ser veloz ou sobre o tempo perdido talvez sejam interessantes para as rotinas das obrigações cotidianas, mas não no trilhar.

Fugir do cotidiano, buscar a natureza "desconhecida" e "intocada", desafiar-se, alegrar-se, sentir-se bem, saber de si, do outro e do mundo a nossa volta. Além de aprender ou recuperar o prazer da/na contemplação, seja de belas paisagens, seja de um pôr-do-sol – coisas ainda tão menosprezadas em nossa sociedade do negócio, que nega o ócio – os trilheiros aprendem sobre suas próprias sensações, seus sentimentos, seus limites e potencialidades e descobrem a si mesmos e aos outros, não apenas como fazedores de tarefas para a "tão necessária" e exaltada produção, mas como pessoas sensíveis que possuem sonhos e desejos, que são companheiras, solidárias, amigas...

Os trilheiros foram convidados por mim para ensinar sobre tudo isso, uma vez que seus dizeres falam sobre esse assunto bem melhor do que eu. Por isso, a palavra foi deles

nessas páginas. Além do mais, as perguntas para as quais procurava esclarecimentos somente podiam ser respondidas na fala de quem vive o fenômeno e não de outra forma, pois o significado e os valores de algo para alguém somente podem ser apreendidos na exteriorização da experiência vivida e por quem a vive.

A trilha é uma possibilidade pouco explorada até agora pela Educação Física no que diz respeito ao resgate do corpo e do lúdico em nossa sociedade. Penso, ao final de tudo isso que foi dito aqui, que a forma como ela se realiza, o interesse que move seus praticantes, mesmo as expectativas em relação a ela, colaboram em muito para tanto. Existe um conjunto de hábitos, de intenções, de maneiras de ser e agir, uma mentalidade própria, enfim, uma cultura dentro desses grupos que favorece viver – ou ser – um corpo lúdico.

Entendo que outras vivências também favoreçam isso, ou seja, não é apenas a atividade por si só que possui o "dom" de resgatar o humano, um tanto abandonado em nossa sociedade, há que se ter em conta o indivíduo que a realiza: sua história, seus desejos, sua intencionalidade... Não é minha intenção apresentar a trilha como a redenção para o humano, mas mostrar como ela é, o que ela significa para os trilheiros e, conseqüentemente, toda sua beleza e tudo que oferece ao homem.

Os discursos aqui resgatados são de pessoas que já há algum tempo se dedicam a essas caminhadas, e que conseguiram, ou estão a procura de, além de ir à natureza, trazer para seu cotidiano os viveres, o aprendizado desses caminhos. Há, certamente, todos os tipos de indivíduos se envolvendo com tais práticas, até mesmo por uma questão de modismo que pode, inclusive, interferir no vivenciar intenso e autêntico dessa prática. Mas considero que o meio onde essas caminhadas se realizam, a natureza, por ser novo, diferente, imprevisível, tem a possibilidade de sensibilizar as pessoas a estarem mais receptivas, mais atentas a tudo que está a sua volta. Ao se entregar à trilha, não há como ficar alheio às múltiplas sensações, às múltiplas experiências que ela impõe.

As trilhas são uma possibilidade à corporeidade que não podem ser desprezadas. Foi o que encontrei ao procurar entender o porquê de tantas pessoas buscarem-se nesse tipo de prática corporal e não em outras mais tradicionais, bem como ao considerar a importância que ela tem para esse reencontro do homem, a partir de uma reflexão que procurou se pautar no corpo e na ludicidade, aspectos que somente consigo entender como interligados.

Penso que a Educação Física poderia se envolver mais profundamente em todo esse

processo, aproveitando o fato de que é a atividade corporal que se apresenta como a grande companheira das pessoas nas viagens à natureza nesse final de século. É recente a preocupação da Educação Física com o movimento de esportes e demais práticas corporais vinculados ao meio ambiente natural, não apenas no aspecto do rendimento, mas quanto ao seu realizar de maneira geral. Penso que o momento é importante para aprendermos sobre essas novas "modalidades", que podem, talvez, levar-nos a novas visões de homem e de mundo.

Pelo fato dessas práticas estarem relacionadas a uma preocupação atual – o ecologismo, o cuidado com o mundo, o qual se reflete em novas posturas sociais – talvez novas atitudes em que a sensibilidade para com a vida, para consigo, com o outro e com o mundo se façam presentes, uma vez que tal movimento não se limita apenas à preservação de áreas naturais, mas requer uma nova postura do homem em relação a si, ao planeta como um todo, à vida... Busca-se pois, um saber sobre uma natureza em que o ser humano se reconheça como parte integrante dela, não vendo-a somente como uma instância de dominação, estrangeira, estranha e hostil.

Há, em meio a tudo isso, o desejo manifesto de uma vida mais feliz, com melhor qualidade pode-se dizer, para o cidadão do mundo de hoje. Uma vida melhor que se expressa no desejo de recuperar certos valores humanos um tanto abandonados, como a solidariedade, o companheirismo, a amizade, o amor para com o homem, o mundo, a vida. Desbravar a mata, a montanha, os rios... é desbravar a si mesmo, o próprio viver. Curiosamente, a trilha está sempre requerendo de seus participantes novos desafios, caminhos mais difíceis, mais distantes..., para mostrar não só o mundo, mas o homem ao próprio homem. Sempre se vai ao longe para poder retornar e retornar diferente, mudado, para, quem sabe, mudar também o próprio viver onde se vive, e assim fazer com que a alegria exista também, e muito, no dia a dia de que tantos querem ou precisam tanto abandonar, ao menos provisoriamente.

Apesar do muito que disse até aqui, sei que não trago grandes respostas para o nosso agitado mundo "civilizado", onde corremos tanto de lá para cá, onde fazemos tantas coisas sem saber ao certo para quê, onde não conseguimos mais parar para contemplar, sentir... Não é simples mudar, um pouco que seja, a descrição do início desse texto e sei também que o homem ainda tem muito a caminhar para chegar a si mesmo. Mas, talvez, alguns

desses caminhos passem longe das cidades e próximos aos bosques, montanhas, praias... ou lugares mais distantes até. Drummond já pensara isso quando, em sua poesia, vê o homem lançar-se rumo a viagens ainda mais longas e distantes, a outros planetas, colonizando, humanizando todos os espaços exteriores, até restar somente o próprio ser humano para ser tocado por si mesmo. Assim, deixo a ele as últimas palavras:

"[...] restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
Só resta ao homem
(estará preparado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de conviver.[2]

[2] ANDRADE, Carlos Drummond de. O homem, as viagens. In: *As impurezas do branco.* 8. ed. Rio de Janeiro : Record, 1998, p. 27-28.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos.* Bertrand Brasil : Rio de Janeiro, 1992.

ALVES, Rubem. *A gestação do futuro.* 2. ed. Campinas : Papirus, 1987.

_____. Ciência, coisa boa... In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.) *Introdução às ciências* sociais. 2. ed. Campinas : Papirus, 1988.

_____. *Estórias de quem gosta de ensinar*: o fim dos vestibulares. São Paulo : Ars Poética : Speculum, 1995.

_____. *O retorno e terno.* 5. ed. Campinas : Speculum, 1995.

_____. *Filosofia da ciência.* São Paulo : Ars Poética, !996.

_____. A aula e o seminário. *Correio popular*, Campinas, 23 mai. 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo.* 14. ed. Rio de Janeiro : Record, 1998.

_____. *As impurezas do branco.* 8. ed. Rio de Janeiro : Record, 1998.

ANDRADE. Marcelo. *Um desafio no Kilimanjaro*: magia e lições da montanha e do velho continente. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

ANTUNES, A., FROMER, M., BRITTO, S. *Comida.* Paulo Miklos. Rio de Janeiro : Acústico MTV/WEA, 1997. 1 disco compacto (68 min) : digital, estéreo. 5511 852.6295/883.0505.

ARENDT, Hannah. *A condição humana.* Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1983.

ASSMANN, Hugo. *Paradigmas educacionais e corporeidade.* 3. ed. Piracicaba : Unimep, 1995.

AZNAR, Guy. *Trabalhar menos para trabalharem todos.* São Paulo : Scritta, 1995.

BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo.* Campinas : Papirus, 1995.

BECK, Sérgio. *A aventura de caminhar*: um guia para caminhadas e excursionismo. São Paulo : Ágora, 1989.

BETRÁN, Javier O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: anális sociocultural. In: *Apunts*: educacion fisica y deportes, Barcelona, n. 41, [1995?].

BRANDÃO, Carlos R. Outros olhares, outros afetos, outras idéias: homem, saber e natureza. In: *Somos as águas puras.* Campinas : Papirus, 1994.

BRESSAN, Delmar. *Gestão racional da natureza.* São Paulo : Hucitec, 1996.

BRUHNS, Heloisa T. *Conversando sobre o corpo.* 4. ed. Campinas : Papirus, 1991.

_____. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. In: *Revista brasileira de ciências do esporte,* Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 86-91, jan. 1997.

CAILLOIS, Roger. *Los juegos y los hombres*: la máscara y el vértigo. México : Fondo de Cultura Económica, 1994.

CAMINHOS DA TERRA. Ecoturismo. São Paulo : Abril, n. 2, nov. 1998. Edição Especial.

CAPELAS JÚNIOR, Afonso. Caminhos da serra. *Caminhos da Terra*, São Paulo, n. 7, ed. 39, pp. 10-17, jul. 1995.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação.* 18. ed. São Paulo : Cultrix, 1996.

CARDOSO, Adauto L. O urbanismo de Lúcio Costa: contribuição brasileira ao concerto das nações. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

CARROLL, Lewis [Charles Lutwidge Dodgson]. *Aventuras de Alice.* 3. ed. São Paulo : Summus, 1980.

CARVALHO, Yara Maria de. *O "mito" da atividade física e saúde.* São Paulo : Hucitec, 1995.

CHRISTOFOLETTI, J. F. Lazer e educação física: uma reflexão do corpo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER (9. : 1997 : Belo Horizonte). *Anais.* Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

CHRISTOFOLETTI, J. F., VENÂNCIO, S. Natureza; um caminho para o corpo lúdico. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA (1. : 1998 : Foz do Iguaçu). *Anais.* Foz do Iguaçu : FEF – UNICAMP, 1998.

CORBIN, Alain. *O território do vazio*: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Roberto L. *O espaço urbano.* São Paulo : Ática, 1989.

DA COSTA, Lamartine P. da. (Ed.). *Meio ambiente e desporto:* uma perspectiva internacional. Porto : Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade do Porto, 1997.

DAMÁSIO, Antônio R. *O erro de Descartes*: razão, emoção e o cérebro humano. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo.* Campinas : Papirus, 1995.

DARST, Paul W., ARMSTRONG, George P. *Outdoor adventure activities for school and recreation programs.* Illinois, USA : Waveland Press, 1991.

DELEAGE, Jean-Paul. *História da ecologia*: uma ciência do homem e da natureza. Lisboa : Dom Quixote, 1993.

DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. 2. ed. Campinas : Papirus, 1995.

DIEGUES, Antônio C. *O mito moderno da natureza intocada.* São Paulo : Hucitec, 1998.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Fundamentos estéticos da educação.* 2. ed. Campinas : Papirus, 1988.

DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre.* São Paulo : Studio Nobel : SESC, 1994.

ECO, Umberto. *O nome da rosa.* Rio de Janeiro : Record, 1986.

ELIAS, Norbert., DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el processo de la civilización.* México : Fondo de Cultura Económica, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernidade.* São Paulo : Studio Nobel, 1995.

FERRAZ, Janete Leão. Projeto sossego: a boa-vida de quem deixou a confusão das grandes cidades para montar pousadas no campo ou na praia. *ISTOÉ*, São Paulo, n. 1534, p. 54-55, 24 fev. 1999.

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica*: a árvore, o animal e o homem. São Paulo : Ensaio, 1994.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método.* Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 13. ed. Petrópolis : Vozes, 1996.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*: teoria e prática de uma educação física. São Paulo : Scipione, 1989.

_____. *De corpo e alma:* o discurso da motricidade. São Paulo : Summus, 1991.

FROMM, Erich. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro : Zahar, 1980.

GIONGO, Giuliano. *Tekenika*: setenta dias sozinho em uma canoa no mar do cabo Horn. Rio de Janeiro : José Olympio, 1995.

GRADE VI – CLUBE DE AVENTURAS. *Calendário de aventuras ago/dez. 1995.* Campinas, 1995. Folheto de divulgação dos eventos previstos para o segundo semestre de 1995.

GONÇALVES, Aguinaldo. (Org.) *Saúde coletiva e urgência em educação física.* Campinas : Papirus, 1997.

GONÇALVES, Carlos W. Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente.* 5. ed. São Paulo : Contexto, 1996.

GONÇALVES, Maria A. Salin. *Sentir, pensar e agir*: corporeidade e educação. Campinas : Papirus, 1994.

GUATARRI, Felix. *As três ecologias.* 5 ed. Campinas : Papirus, 1995.

GUEDES, Cláudia Maria. *Corpo*: tradição, valores, possibilidades do desvelar. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

_____. O corpo desvelado. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.) *Corpo pressente.* Campinas : Papirus, 1995.

GUIMARÃES, Berenice M. A concepção e o projeto de Belo Horizonte: a utopia de Aarão Reis. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna.* São Paulo : Loyola, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras.* Rio de Janeiro : José Olympio, 1957.

HORGAN, John. *O fim da ciência*: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, 1996.

HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia.* Lisboa : Edições 70, [?].

INÁCIO, Humberto L. de Deus. Educação física e ecologia: dois pontos de partida para o debate. In: *revista brasileira de ciências do esporte,* Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 133-136, jan. 1997.

JONSON, Paul. *Lazer no século XXI.* Texto da conferência proferida na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 05 mai. 1999.

KLINK, Amyr. *Paratii*: entre dois pólos. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo:* para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.

KURZ, Robert. *O colapso da modernização*: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo : Paz e Terra, 1992.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça.* São Paulo : Hucitec : Unesp, 1999.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. *Fundamentos de metodologia científica.* 3. ed. São Paulo : Atlas, 1991.

LEAL, Ondina Fachel. (Org.) *Corpo e significado*: ensaios de antropologia social. Porto Alegre : Editora da Universidade - UFRGS, 1995.

LEIS, Héctor R. (Org.) *Ecologia e política mundial.* Rio de Janeiro : Vozes, 1991.

LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza.* Lisboa : Edições 70, [1969?].

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado.* Lisboa : Edições 70, 1981.

_____. A obra de Marcel Mauss. (introdução) In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia.* São Paulo : EDUSP, v. 2, 1974.

LINDENBERG, K., HAWKINS, D. E. (Ed.) *Ecoturismo*: um guia para planejamento e gestão. São Paulo : SENAC, 1995.

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem*: crítica à falsa religião do progresso. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

_____. *Os oito pecados mortais do homem civilizado.* São Paulo : Brasiliense, 1988.

LUCHIARI, Maria Tereza. (Org.) *Turismo e meio ambiente.* Campinas : IFCH-UNICAMP, nov. 1997, v. 1 e v. 2, textos Didáticos.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno.* Rio de Janeiro : José Olympio, 1986.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências.* Petrópolis : Vozes, 1996.

_____. *Elogio da razão sensível.* Petrópolis : Vozes, 1998.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da animação.* Campinas : Papirus, 1990.

_____. *Lazer e humanização.* 2. ed. Campinas : Papirus, 1995.

_____. *Estudos do lazer*: uma introdução. Campinas : Autores Associados, 1996.

_____. *Para tirar os pés do chão*: corrida e associativismo. São Paulo : Hucitec, 1999.

MARTINS, Joel., BICUDO, Maria A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*: fundamentos e recursos básicos. São Paulo : Moraes, 1989.

MATIELLO JÚNIOR, E., GONÇALVES, A. A corrida para a saúde: poluição ambiental no coração do problema. In: *Revista brasileira de ciências do esporte,* Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 111-117, jan. 1997.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia.* São Paulo : EDUSP, v. 2, 1974.

MAY, Rollo. *O homem a procura de si mesmo.* 13. ed. Petrópolis : Vozes, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção.* Rio de Janeiro : Livraria Freitas Bastos, 1971.

MINUZZO, Teresinha. *Andarilhos do bem alimentar*: o trabalho, a devoção e o lazer. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

MORAIS, J. F. Regis de. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.) *Educação física & esportes*: perspectivas para o século XXI. Campinas : Papirus, 1993.

MOREIRA, Wagner Wey. Corpo presente num olhar panorâmico. In: _____. (Org.) *Corpo pressente.* Campinas : Papirus, 1995.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência.* Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. 7. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1994.

PARLEBAS, Pierre. *Perspectivas para una educacion fisica moderna.* Andalucia, Espanha : Unispot Andalucia [198?]. Cuadernos Tecnicos.

PELLEGRINE, Américo. *Ecologia, cultura e turismo.* Campinas : Papirus, 1993.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pensar é estar doente dos olhos. In: NOVAES, Adauto. *O olhar.* São Paulo : Companhia das Letras, 1988

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos II – 207. In: _____. *Obra poética.* Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1997.

REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação.* São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1990.

RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz. Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

RIBEIRO, Luiz C. Q., Cardoso, Lúcio A. Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

ROJAS, Enrique. *O homem moderno*: a luta contra o vazio. São Paulo : Mandarim, 1996.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e planejamento sustentável*: A proteção do meio ambiente. Campinas : Papirus, 1997.

SAMPAIO, Maria R. A. de. Christiano Stockler das Neves: o opositor do "Futurismo" em São Paulo. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

SANT'ANNA, Denise. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (11. : 1999 : Florianópolis). *Anais.* caderno 2. Florianópolis, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. (Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 21., n. 1., set. 1999.)

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.) *Educação física & esportes*: perspectivas para o século XXI. Campinas : Papirus, 1993.

_____. *Educação Física*: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre : EST : ESEF-EFRGS, 1994.

_____. *Educação física*: ética, estética, saúde. Porto Alegre : EST, 1995.

SANTINATO, Ana Luiza. Profissionais entram na trilha do ecoturismo. *Correio popular*, Campinas, 6 set. 1998.

SANTOS, Milton. *A cidade e o espaço para o lazer do cidadão"*. Notas da conferência proferida no VIII Encontro Nacional de Recreação e Lazer, Porto Alegre, 31 nov. 1996.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 4. ed. São Paulo : Hucitec, 1996.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*: jardins no Brasil. São Paulo : Studio Nobel, 1996.

SERRANO, C. M. T., BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.) *Viagens à natureza*: turismo, cultura e ambiente. Campinas : Papirus, 1997.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1991.

SILVA, Ana Márcia. A dominação da natureza: o intento humano. In: *Revista brasileira de ciências do esporte,* Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 119-125, jan. 1997.

SOLOMON, Henry A. *O mito do exercício.* São Paulo : Summus, 1991.

TANI, Go. Aspectos básicos do esporte e a educação motora. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA (1. : 1998 : Foz do Iguaçu). *Anais.* Foz do Iguaçu : Faculdade de Educação Física – UNICAMP, 1998.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500- 1800. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

THOREAU, Henry D. *Walden.* Rio de Janeiro : Ediouro, [?].

TOPALOV, Christian. Da questão social aos problemas urbanos: os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, PECHMAN, Robert. (Orgs.) *Cidade, povo e nação:* gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

TRIGO, Luiz G. G. *Turismo e qualidade*: tendências contemporâneas. Campinas : Papirus, 1993.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo : Difel, 1983.

URRY, John. *O olhar do turista*: viagens e lazer na sociedade contemporânea. São Paulo : Studio Nobel/SESC, 1996.

VENÂNCIO, Silvana. *Educação física para portadores de HIV.* Campinas, 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

ZIMAN, John M. *O conhecimento confiável*: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. Campinas : Papirus, 1996.